

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EVERTON LUIZ RENAUD DE PAULA

MÍDIA E ESCOLA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DE REPORTAGENS DE
TELEJORNAL EM SALA DE AULA

CURITIBA
2015

EVERTON LUIZ RENAUD DE PAULA

MÍDIA E ESCOLA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DE REPORTAGENS DE
TELEJORNAL EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Cultura, Escola e Ensino

Candidato: Everton Luiz Renaud de Paula

Orientador: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

CURITIBA
2015



CERTIDÃO

CERTIFICO ainda, que a Dissertação de Everton Luiz Renaud de Paula, intitulada "MÍDIA E ESCOLA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO TELEJORNAL EM SALA DE AULA" foi aprovado em arguição pública pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros: Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, Prof.^a Dr.^a Gláucia da Silva Brito, Prof.^a Dr.^a Nilda Aparecida Jacks (Por Skype), Prof. Dr. Fábio Hansen, os quais conferiram, respectivamente, os resultados abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. ^a Dr. ^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa		Aprovado
Prof. ^a Dr. ^a Gláucia da Silva Brito		Aprovado
Prof. ^a Dr. ^a Nilda Aparecida Jacks (Por Skype)		
Prof. Dr. Fábio Hansen		APROVADO

CERTIFICO, finalmente, que, diante do disposto no Regimento do Programa, os resultados acima referidos, obtidos pelo interessado nomeado, resultam na Aprovação do mesmo como MESTRE EM EDUCAÇÃO.

Curitiba, 28 de setembro de 2015.

Prof.^a Dr.^a Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do PPGE

Prof.^a Dra. Monica Ribeiro da Silva
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
Matrícula: 125750

Ata (1152) um mil cento e cinquenta e dois referente a sessão pública de Defesa de Dissertação de Mestrado em Educação. Aos vinte e oito dias do mês de setembro do ano de dois mil e quinze, às oito horas e trinta minutos, nas dependências do Programa de Pós-graduação em Educação, instalou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação, intitulada **"MÍDIA E ESCOLA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO TELEJORNAL EM SALA DE AULA"**, desenvolvida pelo mestrando **Everton Luiz Renaud de Paula**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-graduação em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, que presidiu a Banca. A Banca Examinadora foi composta também pelos Professores Doutores Gláucia da Silva Brito, Nilda Aparecida Jacks (Por Skype) e Fábio Hansen. A Presidenta da Banca Examinadora declarou aberta a sessão e passou a palavra ao mestrando, que desenvolveu uma exposição oral de seu trabalho de Dissertação. Após a exposição, teve lugar o procedimento de arguição de cada membro da Banca, bem como a defesa, pelo mestrando, das questões arguidas. Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se sigilosamente e exarou Parecer Final de que o mestrando está Apto a receber o título de **MESTRE** em Educação. A Presidenta da Banca Examinadora declarou que o candidato foi APROVADO e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de MESTRE em Educação, Área de Concentração Educação, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias a contar desta data, a versão final da Dissertação, versão esta devidamente aprovada pela professora orientadora. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. Curitiba, vinte e oito de setembro de dois mil e quinze.

A banca sugere a publicação dos resultados.


Prof.ª Dr.ª Rosa Maria Cardoso Dalla Costa


Prof. Dr. Fábio Hansen


Prof.ª Dr.ª Gláucia da Silva Brito

Profa. Dra. Nilda Jacks


EVERTON LUIZ RENAUD DE PAULA

Catalogação na publicação
Vivian Castro Ockner – CRB 9ª/1697
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Paula, Everton Luiz Renaud de

Mídia e escola: um estudo de recepção de reportagens de telejornal em sala de aula. / Everton Luiz Renaud de Paula. – Curitiba, 2015.
330 f.

Orientadora: Profª Drª Rosa Maria Cardoso Dalla Costa
Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná

1. Educação – mídia – comunicação em massa.
2. Mídia – telejornal – escola. 3. Comunicação na educação – mídia – telejornal. I. Título.

CDD 370.981

Para Jociane, dona do meu coração.

Clara, que ilumina minha vida.

Augusto, que nasce em nosso ventre junto com este texto.

Vocês são estímulo e proteção para mim!

AGRADECIMENTOS

Obrigado!

Deus, pela energia e pela companhia nas maratonas diárias de cerca de vinte horas.
Mãe e Pai, suas mãos me permitiram chegar até aqui e ir além.

Obrigado!

Mestres especiais da minha vida que andaram ao meu lado para indicar o caminho desde o começo. E, grandes mestres que estiveram comigo nesta jornada em especial:

Professora Dra. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, orientadora, guia e inspiração.

Professora Dra. Tânia Maria F. Braga Garcia, seu exemplo ficará entranhado no meu fazer docente.

Professor Dr. Fábio Hansen, Professora Dra. Gláucia da Silva Britto e Professora Dra. Nilda Jacks, sua dedicação e ensinamentos na avaliação do trabalho sustentam minha produção a partir de agora.

Obrigado!

Aline Horn, amizade e parceria são grandes aliados para a pesquisa.

Aos amigos do mestrado, pelos muitos cafés teórico-críticos compartilhados

Elisandra, Estela, Franciane, Patrícia e Brisa.

Debora Zaze, amiga querida que leu cada uma das minhas vírgulas e expressões.

Obrigado!

Professora Eliane Hornes, profissional exemplar que abriu o santuário de sua profissão - a sala de aula - para me receber.

Meus sinceros agradecimentos ao Grupo Paranaense de Comunicação e Secretaria Municipal de Educação de Palmeira pelo apoio e colaboração com a pesquisa.

“...Sempre estamos na possibilidade de aprender, mas nem sempre estamos na possibilidade de ensinar. O ensino é restrito, a aprendizagem é ilimitada...”

Guillermo Orozco Gómez

RESUMO

Este trabalho é um estudo de recepção de reportagens de telejornal em sala de aula sob a perspectiva da teoria das mediações, sustentada por Jesus Martins Barbero e Guillermo Orozco Gomez. Na esteira das teorias de Paulo Freire, a educação é compreendida como prática de liberdade, criadora de sentidos e possibilidades. Desenvolvida sob a perspectiva da pesquisa qualitativa e sustentada nas sistematizações de Michelle Lessard-Hérbert, Gabriel Goyette e Geráld Boutin, a investigação objetiva compreender e explicar o processo de recepção de reportagens de telejornal que ocorre em sala de aula entre alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, mediado pela ação institucional da escola e pela ação pedagógica do professor. O trabalho empírico foi realizado no contexto do projeto de comunicação e educação Televisando o Futuro, tendo como mediadores o professor e a escola. A principal questão que orienta a pesquisa é: “como os alunos recebem as reportagens do telejornal quando mediados pela escola e pelo professor? ”. Dessa forma, a interface entre comunicação e educação se caracteriza como base epistemológica que permite conhecer o contexto e as características do emissor, das audiências e das mensagens. A análise da recepção que ocorre em sala de aula passa pela compreensão do processo mediador construído pela ação institucional da escola e pela ação pedagógica do professor. Nesta perspectiva, os estudantes são caracterizados como alunos-audiência e encontram-se condicionados individual e coletivamente aos processos adotados pela escola e pelo docente. Ainda assim, são receptores das reportagens do telejornal, contudo mais passivos do que ativos uma vez que a pela cultura escolar e cultura da escola é possível perceber que aos alunos é dada pouca possibilidade de escolha e influência no processo de exibição das reportagens e reinterpretação.

Palavras-chave: estudo de recepção, telejornal em sala de aula, escola, televisão e educação.

ABSTRACT

This research is a reception study of television news in the classroom from the perspective of the theory of mediations, supported by Jesus Martin Barbero and Guillermo Orozco Gomez. According to Paulo Freire theories, education is understood in this search as a practice of freedom, creator of meanings and possibilities. Developed from the perspective of qualitative and sustained on the research of Michelle Lessard-Herbert, Gabriel Goyette and Gerald Boutin, the objective is to understand and explain the reception process of television news that occurs in the classroom with students of 4th year of fundamentally education, mediated by institutional action of the school and the teacher's pedagogic action. The empirical work was carried out in the context of communication and education project called *Televisando o Futuro*, with the mediators of the teacher and the school. The main question guiding the research is: "how students receive television news reports when mediated by the school and the teacher? ". Thus, the interface between communication and education is characterized as an epistemological basis for knowing the context, the characteristics of audiences, the characteristics of the editor and the messages. The reception analysis that occurs in the classroom involves the understanding of the mediating process built by institutional action of the school and the teacher's pedagogic action. In this perspective, students are characterized as student-audience and are conditioned individually and collectively to the processes adopted by the school and by the teacher. Still, they are audiences of television news, but more passive than active since the scholar culture and the culture of the school is possible to see that students are given little choice possibilities and influence in the reception process.

Keywords: reception studies, television news in the classroom, school, television and education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Critérios para escola do perfil docente e número de perfis correspondentes por critério	40
Figura 2 - Localização da Escola do Rocio em Palmeira - Vista aérea	126

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações fornecidas pelo projeto a respeito das cidades selecionadas	35
Tabela 2 - Categorias de análise dos questionários de estudo exploratório.	38
Tabela 3 - Referência de alternativas de atividade pedagógica com uso da mídia...	51
Tabela 4 - Número de Emissoras Comerciais por Rede	76
Tabela 5 - Crescimento do Televisando o Futuro entre 2008 e 2010.....	108
Tabela 6 - Crescimento do Televisando o Futuro entre 2011 e 2014.....	109
Tabela 7 - Instituições de Ensino em Palmeira	121
Tabela 8 - IDEB das escolas municipais de Palmeira	123
Tabela 9 - Hábitos e Sonhos dos alunos.....	137

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 - Domicílios com TV no Brasil.....	77
Infográfico 2 - Brasileiros que usam regularmente a internet enquanto assistem TV	77
Infográfico 3 Perfil do Público do Paraná TV em Ponta Grossa	104
Infográfico 4 Abrangência do Projeto Televisando o Futuro 2014.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Divisão dos participantes por gênero.....	42
Gráfico 2 - Pirâmide Etária de Palmeira	43
Gráfico 3 - Distribuição etária dos participantes do estudo exploratório.....	43
Gráfico 4 - Distribuição etária dos participantes do estudo exploratório por município	44
Gráfico 5 - Região da escola dos participantes do estudo exploratório.....	44
Gráfico 6 - Região de residência dos participantes do estudo exploratório.....	44
Gráfico 7 - Relação entre o local de residência e de trabalho entre os participantes do estudo exploratório por cidade	45
Gráfico 8 - Escolaridade dos participantes do estudo exploratório - nível graduação	45
Gráfico 9 - Escolaridade dos participantes do estudo exploratório - nível especialização.....	45
Gráfico 10 - Universidades cursadas pelos participantes do estudo exploratório	46
Gráfico 11 - Tempo de docência dos participantes do estudo exploratório.....	46
Gráfico 12 - Predominância de acesso televisivo entre os participantes do estudo exploratório.....	47
Gráfico 13 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Tecnicidade	48
Gráfico 14 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Discursivo Linguística	49
Gráfico 15 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Midiacidade	49
Gráfico 16 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Institucionalidade.....	50
Gráfico 17 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Esteticidade.....	50

Gráfico 18 - Predominância do aporte pedagógico com a mídia em sala de aula - Castro.....	51
Gráfico 19 - Predominância do aporte pedagógico com a mídia em sala de aula - Palmeira	52
Gráfico 20 - Composição da Programação	89
Gráfico 21 - Domicílios palmeirenses com existência de alguns bens duráveis.....	120
Gráfico 22 - Acesso Televisivo entre os professores de Palmeira	121
Gráfico 23 - Predominância de acesso à programação de TV por professores	121
Gráfico 24 - Experiência em docência entre os Professores de Palmeira.....	123
Gráfico 25 - Evolução Comparada do IDEB da Escola do Rocio	124
Gráfico 26 Escolaridade dos pais.....	135
Gráfico 27 Bens de consumo presentes nos lares	136
Gráfico 28 - Hábitos de Lazer e Frequência - Por família	136
Gráfico 29 - Origem da programação.....	138
Gráfico 30 Período de consumo de TV	139
Gráfico 31 Programação preferida dos familiares	140
Gráfico 32 Emissora de TV mais assistida pelos familiares	140
Gráfico 33 Intensidade do consumo de TV por membro da família.....	141
Gráfico 34 Dimensões do audiovisual e escolha da programação.....	142

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
SUMÁRIO.....	16
INTRODUÇÃO.....	18
1. DELINEAMENTO DA PESQUISA	29
1.1 Percurso da pesquisa e procedimentos metodológicos	34
1.1.1 Seleção da instituição e do professor.....	39
1.1.2 Resultados da pesquisa exploratória	42
1.1.3 Instrumentos de coleta e análise dos materiais.....	52
1.2 Processo de observação no campo de pesquisa.....	59
2. COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E INTERCONEXÕES	63
2.1 OS CAMPOS E SUAS CONEXÕES: A CONSTRUÇÃO DA INTERFACE	64
2.2 TELEVISÃO E ESCOLA E A TV NÃO EDUCATIVA.....	70
2.2.1 A TV Não Educativa Que Educa – A Contribuição de Guillermo Orozco Gómez para a investigação televisiva	71
2.2.2 Presença da Televisão no Brasil: Do Meio ao Político	75
2.3 ESTUDOS DE RECEPÇÃO E AS MEDIAÇÕES MÚLTIPLAS	81
2.4 O TELEJORNAL EM DIREÇÃO À SALA DE AULA.....	87
2.4.1 Pesquisas sobre o Telejornal em Sala de Aula	91
2.5 ESCOLA E PROFESSOR COMO MEDIADORES	95
3. RECEPÇÃO DE REPORTAGENS EM SALA DE AULA	99
3.1 A televisão e ancoragem situacional do emissor	99
3.1.1 A TV no Paraná - RPC TV	99
3.1.2 O Jornalismo da RPC TV.....	103
3.1.3 Projeto Televisando o Futuro	104
3.2 Os alunos-audiência e sua comunidade de apropriação e interpretação	118
3.2.1 A cidade	119
3.2.2 A escola e a professora colaboradora	124
3.2.3 Os alunos e seus familiares.....	132
2.3 As reportagens no projeto Televisando o Futuro	143
4. RECEPÇÃO E MEDIAÇÃO NA ESCOLA	147
4.1 Reportagem 1 – Colheita e venda de pinhão movimentam o centro-sul do Paraná	147
4.1.1 Estrutura da reportagem	148

4.1.2	Análise da reportagem	154
4.1.3	Análise do processo de recepção e mediação	156
4.2	Reportagem 2 – Televisando 2015: Em Ponta Grossa escolas se conectam para interação entre alunos.....	159
4.2.1	Estrutura da reportagem	159
4.2.2	Análise da reportagem.....	163
4.2.3	Análise do processo de recepção	166
4.3	Reportagem 3 – Televisando: Crianças aprendem a cuidar de uma horta no computador e na vida real	169
4.3.1	Estrutura da reportagem.....	169
4.3.2	Análise da reportagem.....	175
4.3.3	Análise do processo de recepção	177
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
6.	Referências	188
	APÊNDICES.....	192
	ANEXOS	299

INTRODUÇÃO

A televisão chegou na escola, bateu. A escola abriu as portas, a recebeu!

Que mensagens ela traz? Que significados essas mensagens produzem dentro das salas de aula? Esta é uma união possível? As relações entre comunicação e educação despertam diversos questionamentos. Ao mesmo passo que uma apresenta grandes contribuições para a outra, cada uma delas defende sua própria identidade. Nem solução, nem desgraça; colaboração! Este é um trabalho a respeito desta união e coexistência que ocorre para além dos campos conceituais e para além dos bancos escolares, se dá na produção de sentidos do processo de recepção.

Nesta história, há uma relação entre o pesquisador e seu objeto de estudos, que já é de longa data. A infância e adolescência foram marcadas pela presença da televisão em casa, na ponta da mesa durante as refeições exibindo os noticiários. Na sala, esperando a volta da escola para exibir os seriados infantis e desenhos animados nos períodos de contra turno. E a noite, acompanhando os capítulos inéditos das novelas brasileiras que reuniam mãe e filho na frente da TV. Os anos de Ensino Médio, cursados em regime de internato em um seminário, foram um pouco mais cruéis, reduzindo o tempo e as possibilidades para somente trinta minutos de telejornal depois do jantar, dos quais o pesquisador não costumava se furtar.

Já na licenciatura em Filosofia, a teledramaturgia se tornou um laboratório para exemplificar conceitos. Os telejornais eram conexões com o concreto, prontos para serem analisados com olhos críticos e um afiado “bisturi filosófico” adquirido nas aulas. E a inserção profissional, não por acaso, se deu metade dentro da escola e outra metade dentro de um grupo de comunicação, em projetos educacionais de responsabilidade social, produzindo roteiros didáticos para o uso da mídia em sala de aula. Depois, a docência deixou de ser exercida nas escolas da educação básica e passou para as salas de formação de professores pelas cidades do Estado do Paraná. Foram três anos de assessoria pedagógica para prefeituras na implementação de projetos de comunicação e educação e formação de docentes para uso das mídias. Depois mais três anos como gestor de um projeto de televisão e educação realizado em diversas cidades paranaenses, agora cenário para análise desta investigação.

Este pesquisador é visceralmente um professor. Como professor, é um comunicador. E para descobrir tudo isso formou-se, antes, em Filosofia. Tendo lecionado na educação básica, nos níveis do Ensino Fundamental, Médio e Pré-vestibular e atuado com gestão em projetos educacionais, criou um caminho até a docência no Ensino Superior. Como explica António Nóvoa (1992), a pessoa é parte integrante do professor, e “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (NÓVOA, 1992, p. 17). Por isso, não tem como dissociar o investigador dos caminhos que o conduziram até esta investigação que começa a ser apresentada agora.

Da ousadia adolescente ao dizer que só faria pesquisa científica algum dia se pudesse pesquisar a televisão até o amadurecimento epistemológico para encontrar guarida na interface entre os campos da comunicação e da educação, vários impulsos investigativos apareceram. O primeiro projeto de pesquisa modelado se deu na direção da televisão e sua presença na escola, com a intenção de lançar um olhar para a formação necessária ao professor que abrisse sua sala de aula para este meio de comunicação. O amadurecimento epistemológico e o distanciamento da função de gestor do projeto de televisão, com o retorno para a sala de aula, embora desta vez na universidade, permitiram ver que pouco se sabe sobre como os alunos recebem as reportagens de telejornal em sala de aula no contexto de um projeto de televisão e educação. E a decisão, então, foi perseguir a resposta desta questão buscando entender que significados os alunos dão às mensagens do telejornal, considerando que o processo de recepção está situado no contexto escolar, mediado pela instituição e pelos professores.

Dessa forma, o trabalho que já foi batizado inicialmente de Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula, fixa seu nome, agora, em Mídia e Escola: um estudo de recepção de reportagens de telejornal em sala de aula. A escolha é fruto de uma busca por não estabelecer a primazia de um dos campos diante do outro. Pois os campos da comunicação e da educação, representados por suas instituições – mídia e escola –, tecem caminhos singulares em conjunto, sem sobreposições. Contudo, para tecer este conjunto, os componentes individuais de cada uma delas entram em jogo na formação de uma interface onde este estudo está situado. Não se trata de um uso da mídia feito pela escola, como se aquela fosse apenas um recurso, sem a força e a expressão que possui enquanto

instituição que está presente, influencia e é influenciada pela sociedade e demais instituições. Também não se trata de dizer de sua presença na escola, como se esta fosse neutra, descontextualizada, e tivesse a mídia como uma visitante. Há uma relação, uma circulação de valores e saberes e uma troca que confere legitimidade a esta relação.

A televisão exerce um papel impactante na sociedade. Desde o seu surgimento no Brasil ela sempre esteve à frente, e mesmo quando não passava muito de um rádio com imagens encontrou penetração na realidade social e passou a construir sua influência, que hoje é histórica e inegável. Diversas tradições de pesquisas, como a teoria dos usos e gratificações, ou teoria dos efeitos, passaram a fazer análises do papel da televisão. Contudo, suas considerações estavam ancoradas somente na perspectiva da produção da mensagem televisiva, deixando de lado a produção de sentido realizada pelo emissor.

Na perspectiva da educação, a escola como instituição social exerce e resguarda seu poder de influência. Ela recebe críticas de ser reprodutora do paradigma dominante, recebe impulso e crédito de ser libertadora e, responsabilizada pelo futuro, às vezes é esquecida no presente. Essa instituição também se transformou. Assim como as tradições de pesquisas em comunicação, as concepções de ensino também já consideraram apenas o lado da emissão, ou transmissão do conhecimento, negando o papel do aluno na produção da aprendizagem. Hoje o perfil é de um aprendiz ativo, que pode contribuir e construir seus conhecimentos.

Esta pesquisa se constrói no modelo circular de comunicação e libertador de educação. Nem a emissão, a mensagem ou a recepção; isoladas, serão incapazes de representar a verdade dos fatos e uma tradução inequívoca da realidade. Se por um lado se encontra a perspectiva de uma comunicação que não se faz em uma única direção e se sustenta a partir de diferentes paradigmas, e, por outro, uma educação libertadora e crítica, preocupada com a formação cidadã, tem-se o espaço profícuo para criação de laços entre os dois campos. E neste cenário, o espaço necessário para que a televisão esteja em sala de aula com o telejornal. Se existe uma emissão de mensagens que produz e atribui sentidos aos feitos, e por outro lado um receptor

capaz de ressignificar a mensagem a partir de diversos referenciais, é em busca de conhecer este processo de recepção que a pesquisa vai se dirigir.

Cabe, portanto, a apresentação de algumas hipóteses e problemáticas que contribuem para a construção da questão central da investigação. Em suas salas de aula, diversos professores optam por abordar a mídia. Em muitos casos usam a televisão, ou, quando a presença dos equipamentos necessários não é possível, acorrem à lembrança do que se assistiu em casa ou em algum outro local. As diretrizes e parâmetros curriculares que norteiam as atividades de ensino no Brasil e documentos internacionais, como da Unesco, por sua vez, não se furtam de indicar a mídia como uma possibilidade. Contudo, essas indicações ainda veem a mídia como um recurso para exemplificar ou demonstrar um assunto. Em algumas situações, a mídia entra na escola acolhida pela própria instituição, onde o papel é oficializado e os discursos, em geral, beiram a oportunidade de um olhar crítico, incentivando a atitude analítica. Neste caso são realizadas formações para que os professores promovam esta atitude inerente ao seu ofício, de estimular um pensamento estruturado acerca de um fenômeno.

Não faltam iniciativas, sejam institucionais, terceirizadas ou pessoais, de aproximação da mídia e da escola. No caso da televisão existem mais iniciativas pessoais do que institucionais. E, em geral, boa parte das que surgem por empresas, escolas ou redes de ensino estão focadas na TV educativa, aquela que é feita para ensinar. Pouco se vê em relação à TV comercial, que, embora não esteja voltada ao ensino, ensina muitas coisas. De projetos que aproximam o telejornal do estudante com uma proposta formativa existem apenas dois que são de conhecimento deste pesquisador no Brasil. Ambos promovidos por emissoras de televisão afiliadas à Rede Globo de Televisão. Um deles, EPTV na escola, desenvolvido em algumas cidades paulistas e no sul de Minas Gerais. Outro, o Televisando Futuro, desenvolvido em cidades do Paraná. Somente este último tem como foco a produção de reportagens que serão assistidas em sala de aula, ou pelo menos por estudantes no contexto de ensino, além de exibir as mesmas em sua programação normal. O outro projeto citado pode ter seu foco caracterizado na produção, já que ensina as partes do telejornal e

ajuda os alunos a transformarem textos em reportagens; as melhores são apresentadas na programação jornalística da emissora.

Contudo, não existem produções a respeito da forma como se dá o processo de recepção destas reportagens em sala de aula. São de conhecimento as características do telejornal e do programa educacional, a formação para que os professores desenvolvam tais atividades e até produções realizadas pelos estudantes depois da recepção. Porém, não há pesquisas e registros sobre como ocorre este processo em sala de aula, em que contexto, e quais sentidos são produzidos pelos estudantes a partir daquilo que veem e reveem mediados pelo seu espaço escolar e por seus professores. Por isso a questão central proposta neste estudo é: “como os alunos recebem as reportagens do telejornal quando mediados pela escola e pelo professor?”. Consoante a isso, o objetivo geral da pesquisa é compreender e explicar o processo de recepção de reportagens de telejornal que ocorre em sala de aula mediado pela ação institucional da escola e pela ação pedagógica do professor. Dessa maneira, o desenvolvimento da investigação se desdobra de acordo com três objetivos específicos, quais sejam:

- Evidenciar as características dos alunos e da escola como “comunidade de apropriação e significação” (OROZCO, 2014);
- Conhecer o contexto e as características do emissor e da mensagem;
- Identificar e discutir as mediações presentes no processo de recepção das reportagens entre as audiências.

O campo empírico da investigação é a sala de aula com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental que fazem parte do projeto Televisando o Futuro¹. O campo conceitual em que se insere a pesquisa é o da interface entre Educação e Comunicação, cujas relações estabelecidas em sala de aula são sustentadas pela perspectiva das mediações. Educação e Comunicação são dois campos onde circulam saberes, e seus efeitos e influências estão presentes nos mesmos espaços sociais. Escola e Mídia, enquanto instituições representantes dos campos Educação e Comunicação, são produtoras de sentidos, propagadoras de padrões e fazem parte

¹ O projeto, desenvolvido pela RPC TV e Instituto GRPCOM teve seu nome alterado para apenas “Televisando”, no início do ano de 2015. Na pesquisa optamos por manter o nome usado até o ano de 2014 pois sua alteração não representa interferência nas interpretações e observações.

da grande teia que compõe a sociedade. Ao longo da história, a sociedade se modificou. E com ela, Educação e Comunicação também.

A mensagem propagada pelos meios de comunicação não é entregue ao destinatário tal e qual foi produzida, sua compreensão perpassa a conjunção de diversos filtros que fazem a mediação. Não é uma flecha lançada que atinge o alvo sem desvios de rota. Aquilo que se vivencia na família, nas religiões, entre os amigos, em todo o contexto de vida, e em especial aquilo que se aprende na escola cria os pontos de mediação que influenciam na atribuição de significados.

Nesse cenário, o teórico colombiano Jesus Martín-Barbero e o mexicano Guillermo Orozco Gómez apresentam concepções fundamentais para todo o desenvolvimento desta pesquisa, que se sustenta essencialmente na perspectiva das mediações múltiplas. Além disso, a constituição da interface entre os campos também é construída a partir das sistematizações destes dois autores.

Se aquele que recebe as mensagens dos meios de comunicação é capaz de produzir sentidos para o que vê, não sendo uma massa amorfa e sem pensamento, então também não se pode caracterizar o aluno neste perfil destituído de capacidades. A escola não é a detentora magna do saber e o aluno não é a *tábula rasa*, que nada sabe e a quem será transmitido todo o conhecimento determinado por um currículo. A forma de pensar em relação ao desenvolvimento da autonomia, liberdade e formação cidadã difundida pelo educador Paulo Freire (1921-1997) é, em especial hoje, um imperativo no modelo de formação educacional. A escola reconhece que o estudante é um ser cheio de conhecimentos e possibilidades. É nesta esteira que é conduzido o aporte teórico desta pesquisa no que se refere à educação e à escola.

Para a constituição da pesquisa, é necessário identificar a trama cultural da escola para determinar a recepção realizada pelos alunos e por quais mediações ela se realiza. Dessa forma, segue-se o conceito de cultura como um sistema de significações, tal como expresso pelo escritor inglês e pensador da cultura Raymond Williams (1921-1988). A trama cultural da escola como espaço de ensino e produção de saberes e significados passa por suas características e seu cotidiano, e neste contexto a sistematização que fundamenta o olhar sobre este espaço provém das pesquisadoras mexicanas Elsie Rockwell e Justa Ezpeleta. A forma de observação

participante também encontrará inspiração nos textos produzidos pelas referidas autoras.

Além do aspecto cultural, é preciso direcionar um olhar para o papel dos professores, sua formação e atuação, pois são estes os grandes mediadores do processo em sala de aula. Neste cenário, também serão articuladas as contribuições do educador português António Nóvoa e do espanhol Carlos Marcelo Garcia. Suas sistematizações serão base para a análise do perfil dos professores e da relação entre suas histórias de vida com sua prática pedagógica, que por sua vez reflete no seu papel mediador. São análises básicas, pois a metodologia histórias de vida não é a condutora deste trabalho. As noções gerais é que foram utilizadas nas caracterizações.

A respeito da relação entre televisão e escola, que é base para a constituição do cenário de pesquisa, o trabalho caminha na esteira das reflexões de Maria Isabel Orofino, na perspectiva de mediação escolar e pedagogia crítica; Joan Ferrés e Rosa Maria Bueno Fischer, com a proposta de leitura crítica da televisão e sua abordagem pedagógica; e Geneviève Jacquinet, a partir da relação entre pedagogia e imagem. Neste cenário, para entender o principal produto que estará em sala de aula, o telejornal, sua história, contexto e categorias de análise, serão articuladas as contribuições de Mauro Wilton de Sousa, Eugênio Bucci, Iluska Coutinho, Nilton Hernandez e Rosa Maria Cardoso Dalla Costa.

Na articulação destes conceitos a pesquisa é de cunho qualitativo, cuja metodologia se sustenta nas contribuições de Michelle Lessard-Hébert, Gabriel Goyette e Gérald Boutin. Já o entendimento a respeito da constituição dos estudos de recepção e a orientação prática destes estudos estará ancorado a partir das sistematizações de Nilda Jacks, Ana Carolina Escosteguy e Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. A recepção é um processo, e com o estudo sustentado na perspectiva deste processo se busca compreender e explicar as relações entre comunicação e produção de sentido, entre sujeito-audiência e meio-mensagem. Jacks e Escosteguy, quando resgatam concepções a respeito dos estudos de recepção, apresentam em uma das abordagens que “o que caracteriza a análise da recepção são os procedimentos comparativos entre o discurso dos meios e o da audiência, e entre a estrutura do conteúdo e a estrutura da resposta da audiência em relação a este conteúdo” (JACKS

e ESCOSTEGUY, 2005, p. 42). Este é um desafio que instiga a busca deste pesquisador.

Assim, a abordagem qualitativa é pertinente e formadora de caminhos plausíveis para a compreensão das questões-chave da investigação. Foi o encontro com esta abordagem que abriu horizontes e sistematizou possibilidades antes não consideradas de forma organizada. Isso representou uma evolução no entendimento acerca da pesquisa e na propriedade para escolher os percursos do trabalho investigativo. Uma das primeiras ideias que ficou registrada e acompanhou as aprendizagens diz respeito à construção do objeto de pesquisa, vista como um processo, sendo que “o objeto não está dado de primeiro momento” (GARCIA, 2014. Apontamentos de aula). Embora o conhecimento tácito e a intuição tenham papel importante no processo para indicar que em um grande tema existe alguma inquietação a ser pesquisada, é no percurso da pesquisa e do estudo que o objeto vai sendo construído. O que se confirma com a perspectiva das mediações, onde os aspectos culturais e a trama do cotidiano e das relações é que revelam o processo de recepção e seus agentes. Não se pode dizer, previamente, quais sentidos serão atribuídos pela audiência, pois assim seria um retorno ao paradigma da agulha hipodérmica, já citado anteriormente a partir do exemplo da flecha.

Neste contexto, os conceitos apresentados por Gamboa (2000) são fundamentais para entender que este movimento faz parte das características da pesquisa qualitativa. Entende-se que a pesquisa se dá na articulação dos instrumentos de coletas de dados com visão de mundo e interesses do pesquisador em todo o processo de construção do conhecimento (GAMBOA, 2000, p. 90). Esta pesquisa em educação está mais pautada na tendência de entender a aproximação de todos os colaboradores da pesquisa na produção de seus resultados, relativizando uma visão construída sobre bases positivistas, pois “os objetos de estudo são também sujeitos, homens ou grupos sociais, não podendo ser tratados como coisas ou dados distantes e objetivos da forma como pretende o positivismo” (GAMBOA, 2000, p. 92).

Somada a esta concepção, a possibilidade de generalização científica, saindo do limite da própria experiência da pesquisa e levando para o olhar da teoria que sustenta aquela observação, dá segurança ao pesquisador (que antes acreditava, ainda com visão positivista), que a observação deveria considerar uma amostragem significativa no universo pesquisado. Da mesma forma, a orientação esclarecida por

Lessard-Hébert, Goyette, Boutin (2012) de que não há uma verdade absoluta que deve ser defendida pelo pesquisador sem equívocos, mas que a estrutura epistemológica formada na pesquisa será uma forma de dar uma resposta plausível para o fenômeno observado. Entende-se, também, que na pesquisa desenvolvida no contexto da educação, com a abordagem qualitativa, “ir ao micro, observar e conhecer o cotidiano escolar não tira do pesquisador a responsabilidade de explicar teoricamente aquilo que viu e ao mesmo tempo não significa abrir mão do macro” (GARCIA, 2014. Apontamentos de aula).

Cabe esclarecer, portanto, que a generalização nesta ótica é feita a partir da teorização dos fenômenos observados, sendo possível e válida e estabelecendo os sentidos que são construídos no processo. Contudo, pela ótica da recepção as análises realizadas não poderão ser uniformizadas, e tampouco generalizadas, com a ideia de reaplicar a mesma observação para chegar às mesmas conclusões. Assume-se, nesta pesquisa, que podem ser generalizadas como caminho percorrido para a compreensão da trama cultural, e esta sim, sofrerá alterações em cada contexto em que for investigada. Não é intenção desta pesquisa promover uma visão totalizante a respeito deste processo de recepção investigado.

Destas considerações, articuladas com os objetivos específicos da pesquisa, surge a organização geral do relatório, que se dá em cinco capítulos. O primeiro capítulo está focado no percurso metodológico da investigação. São apresentados os procedimentos teórico-metodológicos realizados e as escolhas feitas no decorrer da pesquisa. Ele contém explicações detalhadas a respeito da seleção da instituição e dos colaboradores da pesquisa, bem como os instrumentos de coleta de dados, sua natureza e finalidade em cada ponto da investigação. Os resultados do estudo exploratório, que promoveu clareza para o recurso do campo de pesquisa, são apresentados e articulados com a base epistemológica do trabalho.

O segundo capítulo caracteriza a interface entre educação e comunicação. É nele que o quadro epistemológico é constituído, apresentando as conexões e desconexões entre os dois campos e fenômenos que tecem sua coexistência. São apresentadas a escola e a mídia como instituições representativas dos campos, e também as principais possibilidades de abordagens dos meios de comunicação em sala de aula. A relação entre escola e televisão é esclarecida neste capítulo, bem como anunciada a diferenciação entre as abordagens educativas com a televisão

pensada e produzida com finalidades de ensino e a televisão comercial, que é feita para entreter e informar, cuja lógica interna de produção está voltada para o capital, e mesmo assim sua programação ensina. Esta perspectiva é articulada com as ideias de Orozco (2014) e levam à discussão sobre o estudo de recepção.

O conceito de estudo de recepção e sua sustentação teórico-metodológica é abordado neste capítulo, bem como o recorte sobre o gênero televisivo investigado, o telejornal, e os estudos de recepção já realizados com este gênero. O capítulo se encerra com a articulação entre o conceito de mediador e o papel da escola e do professor no processo de recepção.

O terceiro capítulo atende ao objetivo de conhecer o emissor, as audiências e a mensagem. Por isso, o capítulo terá três grandes partes, a análise do polo emissor, a análise da audiência e a análise das reportagens do projeto Televisando o Futuro, o produto da mensagem. A articulação se inicia pelo conhecimento do polo emissor, sendo ele a emissora paranaense de televisão RPC TV – Rede Paranaense de Comunicação. O capítulo busca apresentar a característica e personalidade da organização, expondo sua inserção social e contexto econômico, bem como sua linha editorial. Os dados para a análise são originados no livro histórico da RPC TV lançado em ocasião dos seus cinquenta anos de existência, no site da empresa, em entrevista com o diretor de jornalismo, bem como na articulação com artigos sobre a TV no Paraná.

Também neste espaço serão apresentadas as características do jornalismo produzido na emissora e sua forma articulação com o projeto Televisando o Futuro, com o público, seus sentidos principais e formas de produção, escolha e entendimento sobre a pauta que será incentivada a ser assistida em sala de aula. Isso será realizado por meio de entrevistas com os membros do jornalismo. Uma breve apresentação deste cenário também se encontrará no Guia de Orientação do Professor, oferecido pelo projeto Televisando o Futuro. E é no tópico a respeito do projeto que a primeira parte do capítulo se encerra, apresentando sua história, aquilo que faz e oferece, suas crenças e sua base epistemológica. Tais informações estão articuladas e são oriundas do Guia de Orientação do Professor - um guia oferecido pelo projeto aos seus participantes, pelo seu site, e documentos oferecidos pela coordenação do projeto.

A segunda parte, considerando essencial o olhar sobre quem é a audiência, apresenta inicialmente a cidade onde será desenvolvida a observação da recepção

em campo. São considerados fatores como as etnias dominantes, informações demográficas, consumo de mídia, dados educacionais e índices sociais. No percurso de caracterizar e explicar o cenário da pesquisa, será apresentado o contexto da escola, histórico e localização. Seu estilo, forma de organização e filosofia também são articulados com as informações oficiais disponibilizadas pela própria escola, site da prefeitura e dados de pesquisas nacionais. Na torrente da compreensão dos agentes de mediação em sala de aula é apresentado o perfil da professora colaboradora da pesquisa por meio de sua formação, tempo de docência, hábitos de consumo de mídia e crenças a respeito do processo de ensino.

Os alunos também serão apresentados neste espaço, considerando suas características na escola, seus principais interesses, seu contexto familiar e seu consumo de mídia. A apresentação a respeito do produto analisado e as reportagens do telejornal da RPC TV, produzidas no contexto do projeto Televisando o Futuro, encerram a terceira parte do capítulo. Sua estrutura, motivação e conjunto de crenças que sustentam a produção e edição dos materiais serão apresentados e articulados com o perfil da emissora por meio de entrevista com o diretor de jornalismo.

O quarto capítulo aplica as categorias de análise apresentadas no delineamento da pesquisa para a compreensão de três reportagens exibidas em sala de aula. Cada uma delas é caracterizada desde sua perspectiva técnica, depois a partir de uma análise baseada nas mediações e no contexto, e por fim terá seu processo de recepção articulado com as outras percepções. É neste capítulo que se pode perceber a mobilização das múltiplas mediações, desde o polo emissor até depois da recepção. E por fim, o capítulo cinco apresenta as considerações finais decorrentes da análise conjunta do percurso investigativo. Articula as bases construídas e as relações observada com a pergunta norteadora da pesquisa e estabelece questionamentos oriundos desta articulação.

1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

O conjunto de diretrizes que orienta esta investigação científica está sustentado pela perspectiva da pesquisa qualitativa. Esta é uma das tradições das pesquisas em educação, que coexiste com diversas outras, conforme explicam Lessard-Hérbert, Goyette e Boutin (2012). Dentro desta perspectiva, a investigação considera o termo “qualitativo” como aquele que “remete para o tipo de dados que uma investigação produz, quer para os modos de atuação ou postulados que lhe estão associados” (LESSARD-HÉRBERT, GOYETTE e BOUTIN, 2012, p. 10). Ainda que em diversos momentos esta investigação se utilize de dados produzidos nos paradigmas quantitativos, a base de sua análise leva em consideração como forma fundamental o seu contexto e os seus significados.

Esta postura é assumida sem a construção de dicotomias entre as tradições qualitativa e quantitativa. A partir das reflexões encontradas na obra de Lessard-Hérbert, Goyette e Boutin (2012), esta pesquisa segue a tese de um *continuum* metodológico possível de ser observado na conjunção dos procedimentos de produção dos dados e sua interpretação, tal como defendem Matthew Miles e Michael Huberman (LESSARD-HÉRBERT, GOYETTE e BOUTIN, 2012, p. 35). A investigação segue a perspectiva do etnógrafo Frederick Erickson (1986), cuja classificação qualitativa para a pesquisa se origina mais na sua orientação de base do que nas técnicas procedimentais que utiliza. Por isso é possível identificar que sua distinção entre as tradições de pesquisa está centrada na concepção do objeto de análise. Nesta pesquisa a perspectiva é, como se disse, qualitativa. Contudo, na conformação dos procedimentos, os paradigmas seguem a tendência da coexistência.

O fato de uma investigação poder ser classificada de interpretativa ou qualitativa provém mais da sua orientação fundamental do que dos procedimentos que ela utiliza. Uma técnica de pesquisa não pode constituir um método de investigação [...] o antigo e o novo terão a tendência de coexistir. [...] os paradigmas não morrem, particularmente nas ciências sociais (ERICKSON, 1986, p102 *apud* LESSARD-HÉRBERT, GOYETTE e BOUTIN, 2012, p. 33).

Desta forma, a produção dos dados se dá por meio de observação em campo, dentro das aulas com os alunos, em momentos de intervalo e interação entre estudantes, entre professores e entre ambos, além das interações com a comunidade escolar. Da mesma forma é feito o uso de entrevistas semiestruturadas, questionários com questões de múltipla escolha aplicados com a presença do pesquisador com os

componentes do polo emissor (RPC TV) e do polo receptor (estudantes, professora e familiares), além de formulários iniciais, aplicados via internet, para seleção dos professores colaboradores da pesquisa. A análise documental também está presente na pesquisa pelo tratamento do projeto político pedagógico da escola, dados oficiais da cidade, documentos históricos do bairro e da escola, documentos do projeto Televisando o Futuro cedidos pelos organizadores, bem como a análise das reportagens de telejornal produzidas pela RPC TV e exibidas pela professora em sala de aula aos estudantes.

Cabe ressaltar que será utilizada a concepção de produção dos dados no lugar de coleta. Isso reflete, também, um posicionamento metodológico que assume que “o conjunto do material compilado no campo não é, em si mesmo, um conjunto de dados, mas é sim, uma fonte de dados” (ERICKSON, 1986, p. 149 *apud* LESSARD-HÉRBERT, GOYETTE e BOUTIN, 2012, p.107). Os dados são constituídos pela análise desses materiais. E assim como se entende na teoria das mediações, onde os sujeitos colaboradores da pesquisa são produtores de sentido, também pela concepção metodológica esta investigação apresenta a interpretação dos dados como “criadora de sentido” (VAN DER MAREN, 1987, p.48 *apud* LESSARD-HÉRBERT, GOYETTE e BOUTIN, 2012, p.123).

Os dados produzidos, nesta perspectiva, serão analisados à luz da teoria das mediações, com as contribuições de Martín-Barbero e Orozco, a partir dos referenciais dos estudos de recepção. Estes autores sustentam as categorias de análise dos questionários, entrevistas e das matérias do telejornal. E em vista deste polo epistemológico, que considera essencialmente o contexto e a produção de sentidos envolvida, não serão realizadas análise de conteúdo – tal como apresentada por Laurence Bardin, ou análise do discurso que desconsiderem o contexto de produção dos sentidos. Assume-se que a perspectiva dos autores referência da pesquisa é suficiente para a análise proposta neste cenário.

O caminho da pesquisa na classificação qualitativa se faz para compreender e explicar os fenômenos que ocorrem no campo observado, promovendo, conforme afirma Erickson (1986), “uma demonstração da *plausibilidade* dos resultados” (ERICKSON, 1986, p. 149 *apud* LESSARD-HÉRBERT, GOYETTE e BOUTIN, 2012, p. 132). Estudar o processo de recepção, como já se afirmou nesta pesquisa, é buscar compreender e explicar as relações entre comunicação e produção de sentido, entre

sujeito-audiência e meio-mensagem. É ir em busca do sujeito, que é ativo e produtor de sentido, e compreender as relações que estabelece com os meios de comunicação que com ele interagem.

Estudar recepção, portanto, engloba o quantitativo e o qualitativo. O que se percebe desde as tendências internacionais nas diversas perspectivas, tais como ressaltam Jacks e Escosteguy (2005): dos efeitos, usos e gratificações, estudos literários, estudos culturais, análise de recepção; ou as tradições latino-americanas: consumo cultural, frentes culturais, uso social dos meios, multimediações. As pesquisas que consideram apenas o lado da emissão “partem do pressuposto de que o efeito é consequência do estímulo comunicativo” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 26). Esta investigação, por seguir o pressuposto qualitativo e se propor ao estudo de recepção, considera a interoperação entre os sujeitos, portanto segue diversos procedimentos que, juntos, podem construir os referenciais de análise do processo de recepção que os estudantes constroem ao assistirem as reportagens em sala de aula.

Dessa maneira, a questão central desta investigação “como os alunos recebem as reportagens do telejornal quando mediados pela escola e pelo professor?”, se desdobra na compreensão de que significados estes membros da audiência dão às mensagens do telejornal e como ocorre a mediação da escola e da professora nesse processo. Nesta perspectiva metodológica escolhida para guiar os procedimentos de produção e análise dos dados, a construção da resposta requer o entendimento de quem são, como agem e em que contexto recebem as reportagens tais membros da audiência. Sendo assim, a questão aborda três campos essenciais do estudo de recepção: o campo estrutural, comportamental e sócio cultural.

Ao buscar o referencial de quem são estas audiências, caracterizadas no perfil de estudantes, entram em discussão o gênero, faixa etária, renda, constituição familiar, desempenho escolar. O campo comportamental se reflete na forma de suas ações dentro e fora da sala de aula, seu relacionamento com os colegas e professora, suas atitudes diante das atividades de aprendizagem e a forma como reconhecem seu papel na escola e na comunidade. Seu contexto, por sua vez, expressa a realidade sócio cultural, que é capaz de apresentar grandes mediações no processo de recepção.

Por isso, Martín Barbero (1995, p. 58 *apud* JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 54), apresenta 4 pontos como chaves da trama conceitual da investigação de

recepção, dentre os quais estabelece: os estudos da vida cotidiana, os estudos sobre o consumo, os estudos sobre estética e semiótica da leitura e os estudos sobre a história social e cultural dos gêneros. Corroborando com o aprofundamento desta perspectiva de investigação, Jacks e Escosteguy (2005) reforçam o conceito de consumo cultural segundo a teoria de Néstor García Canclini.

O autor conceitua o consumo como “o conjunto de processos socioculturais nos quais se realiza a apropriação e os usos dos produtos” superando a noção de que o consumo é um ato individual, irracional, movido pelo desejo, no qual são exercitados apenas gostos pessoais. Apesar deste entendimento geral sobre o consumo, distingue-o do consumo cultural quando neste “o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso ou de troca, ou onde pelo menos estes últimos se configuram subordinados à dimensão simbólica” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 57).

García Canclini propõe, ainda, a “articulação de seis teorias, sob o argumento de que nenhuma é auto-suficiente para explicar o consumo” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 59). É necessário articular a racionalidade econômica, sócio política interativa, estética e simbólica, integrativa e comunicativa, de desejo e cultural. Todas expressam componentes de recepção dos bens simbólicos. Estas perspectivas não são objeto de análise desta pesquisa, mas norteadoras na produção dos dados.

Portanto, o estudo de recepção, por si, não pode se distanciar da perspectiva qualitativa em sua base fundamental, como já afirmamos, pois, sua análise considerará as diversas chaves conceituais que sistematizam a prática de vida dos sujeitos colaboradores da pesquisa para construir “as perspectivas que exploram e capturam a experiência do sujeito” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 37). E, da mesma maneira, seguirá os procedimentos qualitativos e quantitativos, pois a produção dos dados que refletem as categoriais citadas por Martín-Barbero e García Canclini passará, necessariamente, pelos dois paradigmas.

Orozco, assim como Martín-Barbero, considera primordial a mediação cultural, sendo o lugar onde as outras mediações se configuram, onde o sentido é produzido e a identidade se constrói. E é, portanto, no cotidiano de sala de aula, que a investigação encontrará seu espaço primordial de construção de respostas plausíveis. “A comunicação, segundo Barbero, assume o sentido de práticas sociais onde o receptor é considerado o produtor de sentidos e o cotidiano, espaço primordial da pesquisa” (JACKS, 2005, p. 65). O cotidiano desta investigação se faz no ambiente escolar e nesta perspectiva Elsie Rocwell e Justa Ezpeleta contribuem para a compreensão de que ele é mais do que aquilo que pode ser observado na escola pela simples

presença, representa um “conjunto de atividades caracteristicamente heterogêneas empreendidas e articuladas por sujeitos individuais [...] impregnadas de conteúdo histórico” (EZPELETA e ROCKWELL, 1989, p. 22). Por isso, a metodologia contempla o conhecimento da escola como um espaço onde ocorre a mediação, e especialmente a mediação escolar, que será abordada mais a frente. Contudo, para toda a compreensão que a metodologia requer, é necessário buscar as informações mais profundas e micro relações.

Porém, neste aspecto uma questão forte se apresenta na perspectiva metodológica: a possibilidade ou não de generalização. “O problema desta perspectiva, como das demais originadas nas humanidades, é a impossibilidade da generalização” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 45). Na mesma esteira, Lins da Silva (1985) afirma, ao apresentar seu estudo, que “prefere assumir a impossibilidade de generalização [...] ao risco de super simplificar o problema tão complexo quanto o da formação do espírito crítico em relação aos noticiários de TV no Brasil” (LINS DA SILVA, 1985, p. 69).

Todavia, o estudo do texto de Ezpeleta e Rockwell (1989) permite compreender que “ir ao micro não é abrir mão do macro, pois não tira do pesquisador a responsabilidade de explicar teoricamente o fenômeno observado” (GARCIA, 22/4/2014, nota de aula). Da mesma forma, nas considerações a respeito da investigação qualitativa é possível observar a diferença entre generalização e homogeneização. Estabelecer relações conceituais e de sentido não significa dizer que o que foi observado na realidade do campo será assim em todos os outros locais, o que se faria pela concepção de homogeneização. “Na pesquisa qualitativa podemos generalizar, pois a generalização se dá na análise conceitual, no momento em que explicamos o processo em estudo” (GARCIA, 13/5/2014, nota de aula).

Com esta base se entende nesta abordagem que a generalização feita a partir da teorização dos fenômenos observados é possível e válida, estabelecendo os sentidos que são construídos no processo. Contudo, pela ótica da recepção, as análises realizadas não poderão ser uniformizadas, e tampouco generalizadas, com a ideia de reaplicar a mesma observação para chegar às mesmas conclusões. Mas podem ser generalizadas como caminho percorrido para a compreensão da trama cultural, e esta sim, sofrerá alterações em cada contexto em que for investigada conforme as articulações teóricas tecidas anteriormente com base em Martín-Barbero,

García Canclini e Orozco. Não é intenção da pesquisa promover uma visão totalizante a respeito deste processo de recepção investigado.

Retomando a perspectiva de que este processo ocorre na escola, é essencial esclarecer que o aporte metodológico considera a escola como um local de encontro de muitas culturas (OROFINO, 2005, p. 40). E pela questão central desta pesquisa, é o local onde ocorre a mediação, portanto também se caracteriza como um espaço mediador. É uma perspectiva teórico-metodológica que retoma o conceito de enfoque integral da audiência, de Orozco (1995, 1996), e segundo Orofino (2005), apresenta alguns pressupostos para o trabalho da escola, quais sejam, abertura para indagar as condições de produção, os códigos de linguagem, questões ideológicas, socializar as interpretações dos estudantes e chegar a uma questão fundamental, que é “a produção e o endereçamento de respostas às mídias” (OROFINO, 2005, p. 42). Serão estes, portanto, os pressupostos para analisar o papel mediador da escola exercido no campo de observação desta investigação, além de sua caracterização social, histórica e cultural já iniciada.

1.1 Percurso da pesquisa e procedimentos metodológicos

Este tópico apresenta o caminho percorrido no delineamento da pesquisa desde sua gênese. São esclarecidos os passos para seleção dos colaboradores da pesquisa; a realização do estudo exploratório e seus resultados; e, a definição dos instrumentos de produção e análise dos dados. O processo de observação no campo também é caracterizado nesta etapa.

Conforme apresentado na introdução, a relação do pesquisador com o tema foi um ponto de estímulo para o início da pesquisa. O contexto profissional e a proximidade com o tema também apresentaram o cenário propício para início da investigação e produção dos dados. O primeiro passo, então, foi formalizar o interesse de pesquisa com a empresa responsável pelo projeto Televisando o Futuro por meio de carta de intenção de pesquisa (anexo III) respondida por um e-mail de autorização do setor responsável pelo acompanhamento de pesquisas acadêmicas e a elaboração de um contrato de colaboração para pesquisa (anexo III).

Em função do universo de cerca de quarenta cidades paranaenses participantes do projeto escolhido como cenário da análise foi necessário estabelecer

um recorte inicial para realização de um estudo exploratório. Portanto, foram escolhidas três cidades dos campos gerais, entre as quais já houve professores reconhecidos por seus trabalhos com o telejornal em sala de aula. Além disso, entre todas as cidades envolvidas com o Televisando o Futuro, estas três possuem também o projeto Ler e Pensar, com uso do jornal impresso, configurando um cenário representativo no que tange ao uso de mídia no contexto escolar. As cidades escolhidas foram Ponta Grossa, Castro e Palmeira. Sobre estas cidades, em função da solicitação do pesquisador, a coordenação do projeto disponibilizou informações e documentos cujos dados estão dispostos na tabela a seguir:

Item	Justificativa para a pesquisa	Ponta Grossa	Castro	Palmeira
Quantidade de escolas municipais no projeto em cada cidade.	Indica a capilaridade do projeto dentro da cidade	53 (65%)	10 (37%)	15 (100%)
Quantidade de professores no projeto em cada cidade.	Indica a capilaridade do projeto entre os professores	236 (16%)	25 (5%)	50 (20%)
Quantidade de professores no projeto em cada uma das escolas listadas.	Indica a concentração ou dispersão do número de inscritos	Anexo V		
Quantidade de escolas em cada cidade com trabalhos no concurso cultural.	Indica envolvimento e mobilização das escolas	24	10	8
Quantidade de trabalhos de prática pedagógica em cada cidade.	Indica envolvimento e mobilização dos professores	3	7	3
Dados de formação (conclusão de cursos do TF em cada uma das cidades).	Indica envolvimento na formação	10	2	15
Histórico do projeto em números ano a ano	Caracterização da trajetória do projeto	Anexo VI		
Lista de escolas municipais no projeto em cada cidade.	Para acesso às escolas em função do estudo exploratório	Anexo IV		

Tabela 1 - Informações fornecidas pelo projeto a respeito das cidades selecionadas

Com base nestas informações, foi possível desenvolver o estudo exploratório, cujo objetivo foi definir o local de realização da pesquisa, cidade e escola, e identificar perfis de professores que pudessem ser colaboradores da pesquisa com suas turmas. Os dados iniciais indicaram a cidade de Palmeira como possível campo de pesquisa

por ter maior capilaridade entre escolas e professores, distribuição equilibrada entre os participantes e bom envolvimento e participação na formação entre as analisadas. Mesmo assim a decisão foi manter o estudo exploratório recolhendo informações das três cidades.

Foram realizados contatos telefônicos com as coordenadoras de projetos nas respectivas Secretarias Municipais de Educação. Em nome dos respectivos órgãos todas aceitaram participar do estudo exploratório. Dessa forma, foi desenvolvido um formulário com questões sobre o campo (apêndice I) a ser repassado, em nome do pesquisador, pelas coordenadoras das Secretarias para os professores participantes do projeto Televisando o Futuro nas turmas de 4º e 5º ano. Além dos critérios anteriores, nesta etapa foram estabelecidos: disponibilidade da Secretaria, quantidade de respondentes e quantidade de perfis adequados às categorias estabelecidas, conforme a tabela a seguir.

Condutores para análise	Bloco	Tipo de questão	Questões utilizadas
Identificação e seleção da amostra	Perfil	Aberta	Nome; Cidade; Data de nascimento; Sexo; Nome da escola em que leciona; Turma(s) em que leciona.
Para verificar o possível vínculo do professor com aquela comunidade escolar e cultural local.	Perfil	Múltipla escolha	Escola em região urbana/campo; Residência em região urbana/campo
Para conhecer a escolaridade dos respondentes e a área de formação	Escolaridade	Múltipla escolha	Graduação? Se sim, em quê? Em qual instituição? Especialização? Em quê? Em qual instituição? Mestrado? Doutorado?
Para conhecer a condição de trabalho docente por sua carga horária, tempo dedicado, e também hábitos de lazer.	Sobre docência	Múltipla Escolha	Leciona há quanto tempo? Em mais de uma escola? Há quanto tempo dá aula na escola atual? Quantas horas semanais? Atividades fora da escola.
Saber a penetração da TV nos domicílios e vínculo permitido, pois TV e Ant. Parabólica geram outros vínculos que não os locais, em especial no telejornal. Indica a cultura com maior penetração.	Consumo de Mídia	Múltipla Escolha	Você tem TV em casa? Você tem TV a cabo? Você tem antena parabólica? Na maior parte das vezes você assiste:

Identificar a frequência (em dias) e a intensidade (em horas) do consumo de TV.	Consumo de Mídia	Múltipla Escolha	Com que frequência você assiste TV? Quantas horas você assiste TV? Qual é o período do dia em que você mais assiste TV?
Identificar os programas mais assistidos pelos professores. Filtrar aqueles que assistem na maioria telejornal.	Consumo de Mídia	Múltipla Escolha	O que você prefere ver na TV?
Identificar a linha editorial com que mais têm contato, e filtrar os professores que mais assistem o polo emissor que analisarei em função do campo escolhido para estudo.	Consumo de Mídia	Múltipla Escolha	Qual emissora você mais assiste? Qual telejornal você mais assiste?
Identificar as micromediações (recepção televisiva de primeira e segunda ordens) segundo o proposto por Guillermo Orozco.	Consumo de Mídia	Múltipla Escolha	Onde você costuma assistir ao telejornal? Como assiste?
Identificar, entre as cinco dimensões da TV que se apresentam como primeira mediação para a recepção, segundo Orozco, qual é predominante entre os respondentes.	Consumo de Mídia	Múltipla Escolha	Motivos que o levam a fazer esta escolha.
Identificar se o professor se reconhece como alguém que promove esta mediação ou não, e classificar os usos entre educação com a mídia (a,b,c), para a mídia (e) e através da mídia (f), conceitos de educomunicação.	Relação com a prática pedagógica	Múltipla Escolha	Você usa o telejornal em sala de aula?
Filtrar os professores atentos para este fato e as turmas com maior indicativo de aproximação com o telejornal.	Relação com a prática pedagógica	Múltipla Escolha	Seus alunos assistem telejornal em casa? Seus alunos comentam o que assistiram em casa em algum telejornal?
O projeto é uma iniciativa formal de educomunicação reconhecido na pesquisa como campo de estudo onde há incentivo para que a escola e o professor sejam mediadores no processo de recepção. Conhecer,	Relação com a prática pedagógica	Múltipla Escolha	Você conhece o Projeto Televisando o Futuro? Você desenvolve o Projeto Televisando o Futuro em sua escola? Desde quando você desenvolve o projeto? Como você ficou sabendo do projeto?

reconhecer-se parte (pois os respondentes serão escolhidos entre os cadastrados no projeto) e estar participando há pelo menos 2 anos serão critérios para escolher a turma. Disponibilidade para receber o pesquisador em sala.			O projeto Televisando o Futuro contribui com sua prática pedagógica? Se sua escola for escolhida para a pesquisa, você aceita receber o pesquisador em sua sala de aula para observação?
--	--	--	--

Tabela 2 - Categorias de análise dos questionários de estudo exploratório.

A cidade de Ponta Grossa, embora tenha aceitado participar inicialmente, não teve respondentes para o formulário enviado. Castro e Palmeira responderam, somando a participação de 13 e 29 professores, respectivamente. Os critérios para seleção dos perfis dos professores e da escola serão detalhados no tópico a seguir. As duas cidades receberam seus respectivos relatórios com as respostas e algumas análises para socialização entre os participantes. Os relatórios entregues para cada cidade podem ser vistos no apêndice II, de Castro, e apêndice III, de Palmeira. Em função dos perfis de professores selecionados, a cidade de Palmeira permaneceu no recorte do campo de pesquisa.

Foram realizadas duas entrevistas, a primeira com a professora colaboradora na pesquisa, conforme será detalhado no tópico a seguir. E a segunda, com o diretor de jornalismo da RPC TV, com quem foram abordados temas a respeito das características do telejornal, dos valores, linha editorial, modos de produção e desenvolvimento das matérias para o uso em sala de aula. A entrevista com a professora escolhida foi desenvolvida a partir de suas respostas ao questionário de estudo exploratório, conforme apêndice IV. A entrevista com o diretor de jornalismo foi desenvolvida com base nos itens que serão analisados na recepção, conforme apêndice V. As transcrições das entrevistas estão nos apêndices VI e VII, respectivamente.

A entrada no campo de pesquisa ocorreu depois de conversa com a Secretaria Municipal de Educação e se iniciou com uma reunião com os pais dos alunos da turma selecionada na escola e conversa com os alunos da turma escolhida. Depois desta fase, iniciou-se o período de observação das aulas semanalmente entre os meses de março e junho, em especial nos dias em que a professora fez apresentação de reportagens do telejornal.

1.1.1 Seleção da instituição e do professor

A escolha dos professores participantes ocorreu por meio do desenvolvimento do estudo exploratório. A escola foi eleita em função do perfil do docente, uma vez que todas as que estavam representadas no estudo poderiam participar sem restrições do campo de observação da pesquisa. Para a instituição, é necessário ter pelo menos um professor realizando o projeto há pelo menos dois anos e contar com turmas de 4º ou 5º ano participando do projeto. Neste caso, a forma como o projeto chegou na escola será indicativo do nível de mediação institucional, conforme proposto por Orozco, que se expressa claramente pelo fato da instituição ser cadastrada no Televisando o Futuro. Além disso, o processo institucional se inicia em contrato com a Prefeitura, para então formalizar adesão com a escola e em seguida apresentar a inscrição de seus professores.

Diante dos resultados, foram estabelecidos critérios para filtrar o perfil mais adequado para acompanhamento da recepção, que foram: aceitar o pesquisador em sala de aula para observação; apresentar consumo de mídia diário, com mais de 1h por dia; participar do projeto Televisando o Futuro há mais de dois anos; ser um professor experiente, com mais de 10 anos de docência, categoria apoiada nas definições do pesquisador espanhol Carlos Marcelo Garcia, e assistir predominantemente à programação da TV aberta, o que indica o contato com a linguagem, a produção e a emissão local mais próximas ao seu contexto, uma vez que a TV a cabo e a antena parabólica não mantêm o vínculo com a comunidade local.

Com base nestes critérios, foram encontrados três professores na cidade de Palmeira. A figura abaixo apresenta os critérios e o número de correspondências para eles conforme cada perfil.

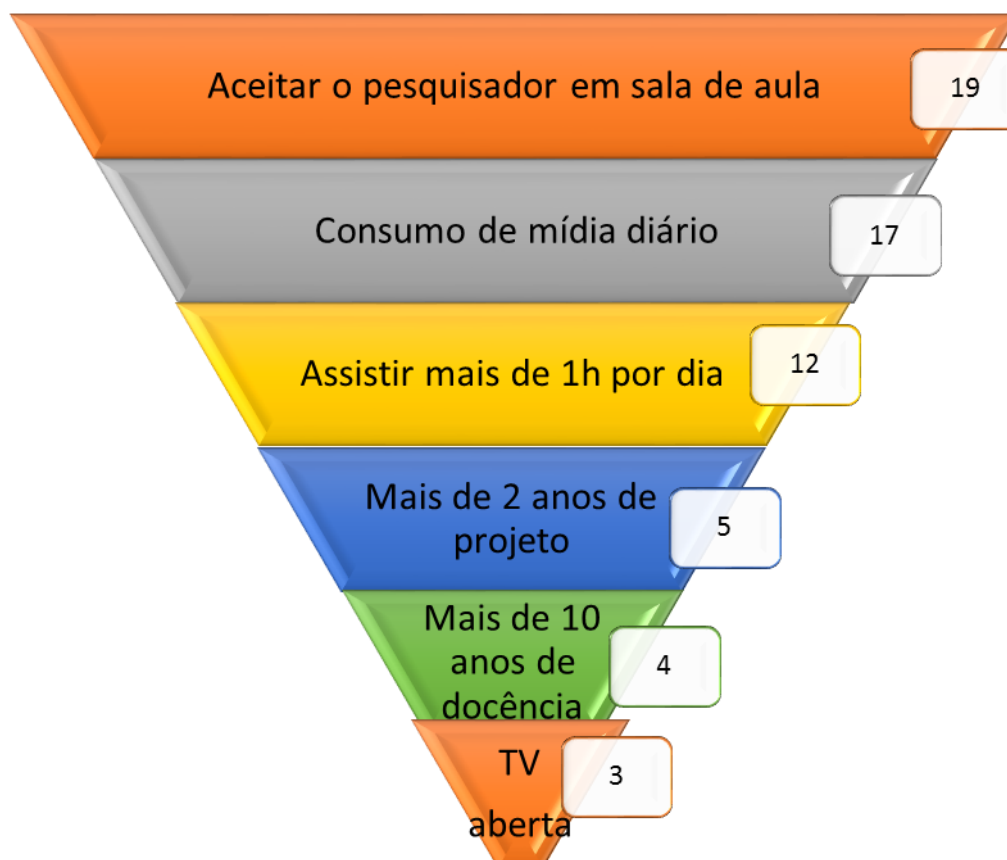


Figura 1 - Critérios para escola do perfil docente e número de perfis correspondentes por critério

Como já mencionado, na cidade de Castro um perfil atendeu aos critérios, contudo, considerando os dados preliminares que já conduziam as apostas para Palmeira e a quantidade de perfis adequados, optou-se por esta cidade. Além disso, a abordagem somente com um perfil para escolha representaria um risco para a pesquisa, pois o conhecimento seria complementado por entrevista, o que se confirmou em Palmeira, que mesmo com três, apenas um pôde ser escolhido. Os quatro perfis selecionados podem ser conhecidos no apêndice VIII. Dos perfis selecionados em Palmeira, o primeiro deles pareceu bastante adequado por apresentar os dados estabelecidos nos critérios. O segundo deles também chamou atenção, pois apresentava tempo diante da TV superior a 4 horas diárias, contudo, a preferência estava no filme e não no telejornal. O terceiro perfil também pareceu adequado, exceto por dizer que participava do projeto há mais de 2 anos por iniciativa própria – diferente dos demais, que foram por indicação da escola ou da Secretaria de Educação, mas não usou o telejornal em sala de aula em 2014.

Com dúvida entre os perfis, a decisão foi de fazer entrevistas com as duas primeiras professoras para aprofundar os resultados do formulário e escolher por aquela onde a continuidade do estudo pudesse ser realizada. As entrevistas foram agendadas, mas ocorreram situações divergentes que mudaram o que estava delineado.

O primeiro perfil selecionado não pôde se tornar colaborador da pesquisa, embora todos os critérios, pois teve sua aposentadoria realizada em 2014 e, portanto, estaria fora de sala de aula em 2015 – ano da observação. O segundo perfil também não pôde ser acompanhado, pois a professora assumiu o cargo de psicopedagoga em outra escola, ficando também fora de sala de aula. Neste cenário, com o apoio da coordenadora de projetos da Secretaria de Educação, foi realizado contato com a terceira professora selecionada, que estava disponível no momento e prontamente se dirigiu até o prédio da Secretaria para participar da conversa.

Ela professora apresentou todos os critérios estabelecidos, mas informou no formulário que não usou o telejornal em sala de aula. Portanto, a conversa começou por este item, sobre o qual ela esclareceu que sempre trabalhou com a mídia, jornal impresso e telejornal, exceto em 2014. Este foi um ano em que passou por várias transferências de escola para substituir professoras e isso a impediu de desenvolver um trabalho contínuo. Já foi premiada pelo trabalho com jornal impresso, em 2011, e finalista no prêmio pelo uso do telejornal, em 2012. A professora informou que ficaria na escola atual em 2015, sem transferência e retornaria com trabalho sistemático com a mídia em sala de aula.

Além de ter apresentado total disponibilidade e grande adequação ao perfil de mediadora para observação da recepção do telejornal em sua turma, é uma professora já conhecida pelo pesquisador. Pela entrevista, foi possível aprofundar os dados já produzidos com o formulário e conhecer um pouco mais sobre o perfil desta professora. E, assim, depois da entrevista e dos acordos estabelecidos para o acompanhamento em sala de aula, foi encerrada a primeira visita ao campo de pesquisa com a professora colaboradora e, em função do seu local de atuação, a escola e turma também se definiram.

1.1.2 Resultados da pesquisa exploratória

O estudo exploratório permitiu compreender algumas questões relevantes a respeito dos professores das cidades participantes no que tange ao seu perfil cultural e docente, consumo de mídia televisiva e relação da TV com suas atividades de ensino. Por isso, este tópico é dedicado a apresentar alguns resultados do estudo tecendo algumas análises. Todos os gráficos podem ser encontrados no apêndice IX. A pesquisa contou com a participação de 42 docentes, sendo 13 de Castro e 29 de Palmeira. Apenas um deles era homem, responsável pela disciplina de Geografia, e um participante não informou o gênero. A imagem reforça a percepção da presença massiva das mulheres no ofício do ensino, em especial nas séries iniciais.

Sexo

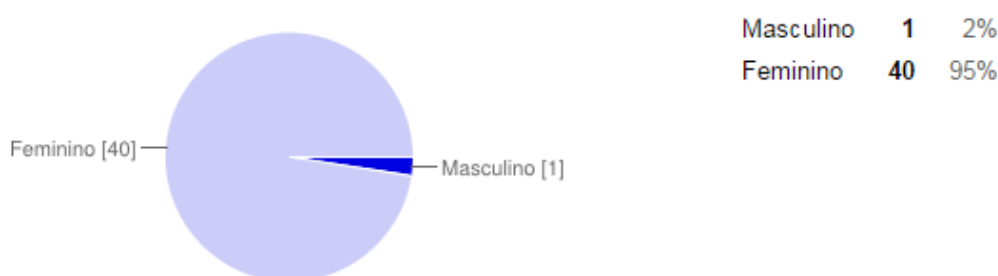


Gráfico 1 - Divisão dos participantes por gênero

Grande parte dos professores participantes estão situados na faixa etária acima dos 40 anos, e o índice é ainda mais expressivo no município de Palmeira. Isso se relaciona diretamente com a elevada expectativa de vida da cidade que pode ser percebida com base na pirâmide etária da população, passando dos 75 anos, com um grande grupo de jovens e adultos e natalidade controlada. Os dados mostram uma comunidade em desenvolvimento, com equilíbrio entre homens e mulheres e bom aparato de saúde, indicando que as políticas públicas devem estar voltadas para a juventude e idade adulta.

Pirâmide Etária de Palmeira

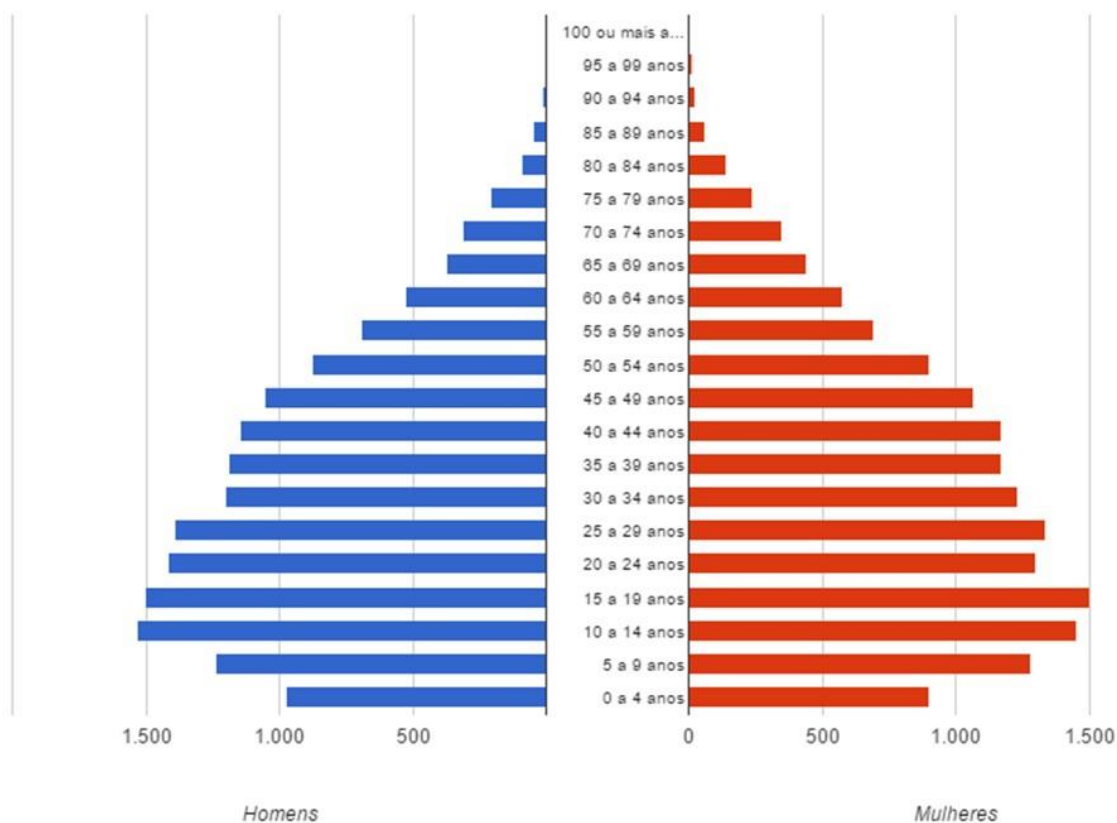


Gráfico 2 - Pirâmide Etária de Palmeira
Fonte: IBGE – Censo 2010

Além disso, requer a atenção de políticas voltadas para a atração e manutenção de docentes para a carreira pública, uma vez que há um grande número de professores próximos à fase de aposentadoria.

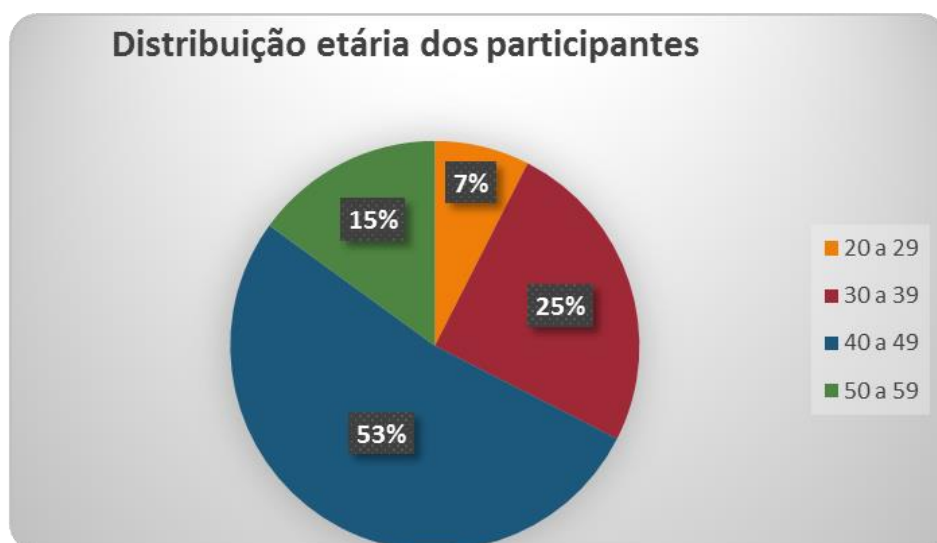


Gráfico 3 - Distribuição etária dos participantes do estudo exploratório

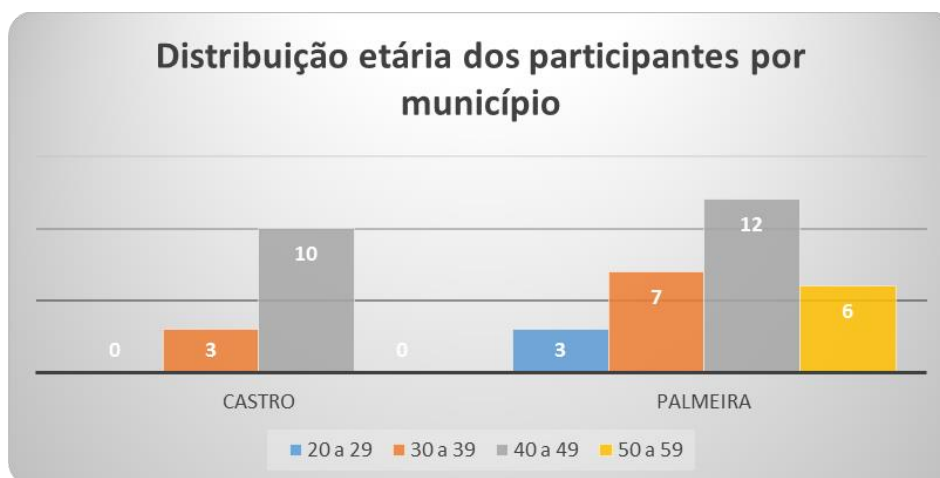


Gráfico 4 - Distribuição etária dos participantes do estudo exploratório por município

Em relação ao vínculo dos professores com a comunidade, não há uma ligação direta entre o local de residência e o local de docência. Em muitos casos, os docentes da área do campo são residentes na região urbana da cidade. O fato não impede a identificação do professor com os alunos e a comunidade em que estão inseridos, em especial no caso dos professores que estão há mais tempo numa mesma escola.

A escola está situada:

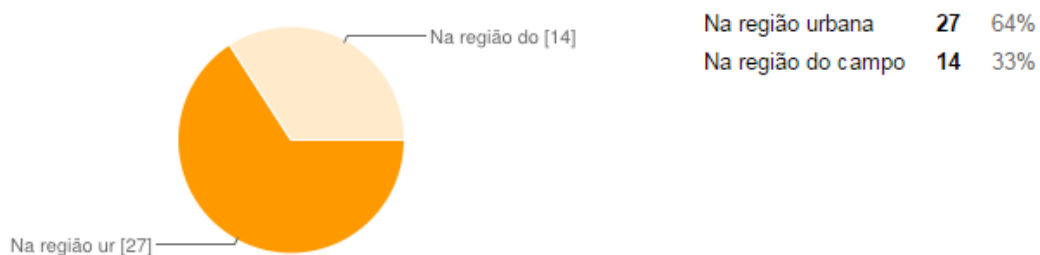


Gráfico 5 - Região da escola dos participantes do estudo exploratório

Sua residência está localizada:

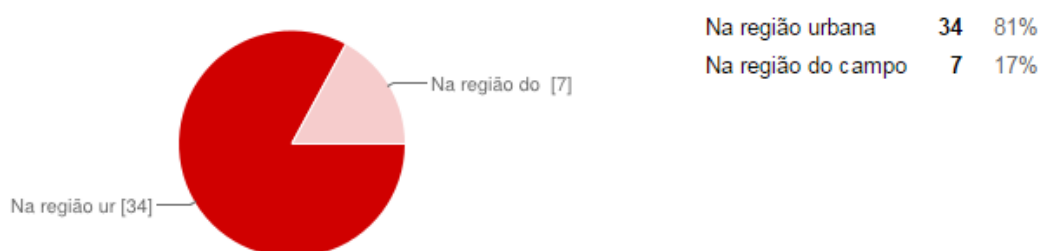


Gráfico 6 - Região de residência dos participantes do estudo exploratório

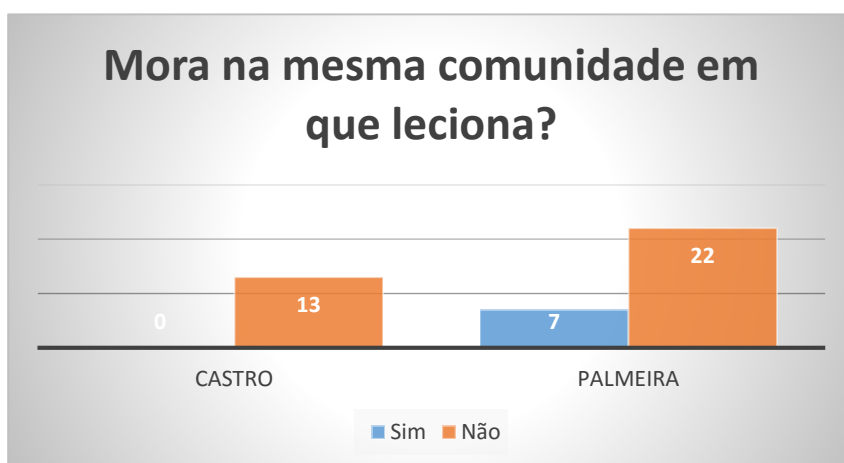


Gráfico 7 - Relação entre o local de residência e de trabalho entre os participantes do estudo exploratório por cidade

Além disso, os vínculos e mediações institucionais presentes na trajetória acadêmica dos professores podem ser verificados por meio dos gráficos que apontam a formação e a instituição de predominância, uma universidade estadual, cujo curso de maior penetração é pedagogia. Entre os participantes não se encontrou mestres e doutores.

Você possui Graduação?

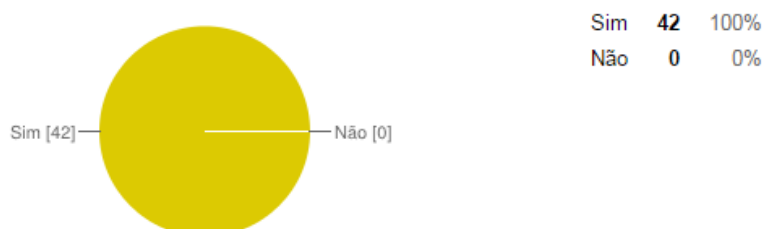


Gráfico 8 - Escolaridade dos participantes do estudo exploratório - nível graduação

Você possui Especialização?

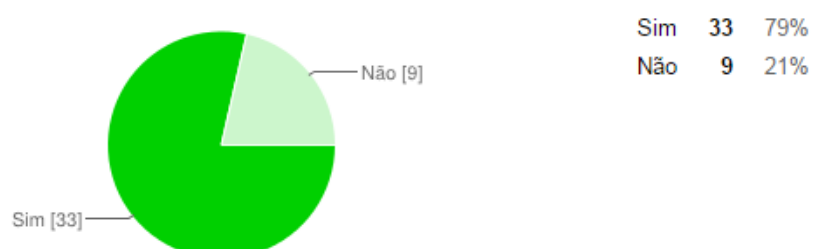


Gráfico 9 - Escolaridade dos participantes do estudo exploratório - nível especialização

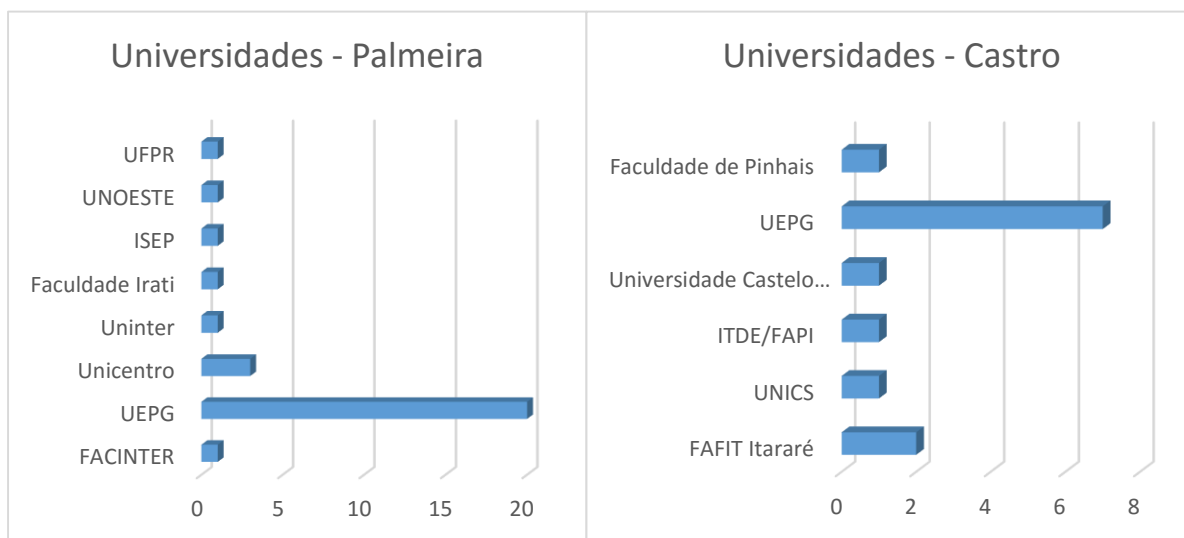
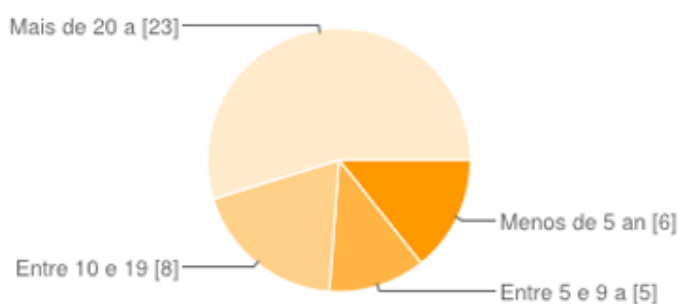


Gráfico 10 - Universidades cursadas pelos participantes do estudo exploratório

No que se refere à docência, 74% dos professores participantes do estudo exploratório possuem mais de 10 anos de experiência em sala de aula. 67% dos participantes leciona em média 20 horas semanais e 74% atua em uma única escola. Apenas 17% estão na escola atual há menos de um ano, os demais somam experiência de 2 a 20 anos na mesma instituição. Essa categoria permite identificar as condições de trabalho docente destes participantes, sua carga horária na escola e o tempo dedicado ao ensino.

Há quanto tempo dá aula?

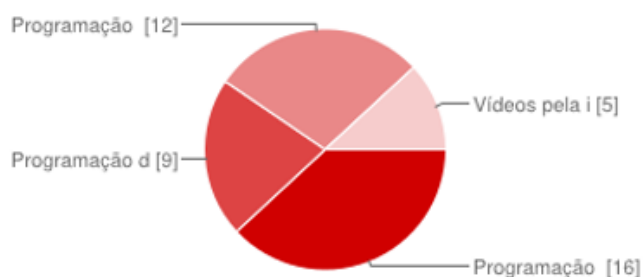


Menos de 5 anos	6	14%
Entre 5 e 9 anos	5	12%
Entre 10 e 19 anos	8	19%
Mais de 20 anos	23	55%

Gráfico 11 - Tempo de docência dos participantes do estudo exploratório

A respeito do consumo de mídia realizado em casa, a TV tem penetração em 100% dos domicílios. O vínculo estabelecido na maior parte dos casos é com TV aberta, já que todos recebem este sinal; 38% recebem sinal de TV a cabo e 57% possuem o sinal via antena parabólica. A cultura de maior penetração é a da TV aberta, onde 38% dos participantes se dizem audiência deste tipo de sinal. Em segundo lugar vem a audiência da TV a cabo, que é muito forte nas duas cidades analisadas, em especial na região do campo. Contudo, a programação desta TV, em geral, não rastreia a programação local. Dessa forma, uma TV que rastreie este sinal em Palmeira, por exemplo, no lugar de assistir ao telejornal ancorado em Ponta Grossa na hora do almoço pode receber a programação do telejornal de São Paulo ou Minas Gerais, dissipando, assim, o vínculo local.

Na maior parte das vezes você assiste:



Programação da TV aberta	16	38%
Programação da TV a cabo	9	21%
Programação de canais via antena parabólica	12	29%
Vídeos pela internet	5	12%

Gráfico 12 - Predominância de acesso televisivo entre os participantes do estudo exploratório

Dos participantes, 79% assiste TV diariamente, com uma média que sofre variação de 1h a 3h diárias, acompanhando a média brasileira, passando por um pequeno acréscimo de tempo durante os finais de semana. Já 88% assiste televisão no período da noite, depois do trabalho, enquanto jantam com a família em casa. Esta também é uma forma de mediação e ritualização, pois a TV faz parte de um momento importante do cotidiano familiar. É possível identificar as micromediações (recepção televisiva de primeira e segunda ordens) segundo o proposto por Orozco (2014). A

preferência de 50% deles é pelo telejornal, um pouco abaixo da média nacional, que está em torno de 70%, contudo ainda reforça a constatação de que a TV, hoje, é um meio de informação – mais do que entretenimento.

A linha editorial diante da qual os professores participantes do estudo exploratório estão com mais frequência é a da RPC TV, polo emissor analisado neste trabalho. Na pesquisa, para justificar os motivos que os levam a escolher a emissora e o programa que mais assistem, os participantes responderam a cinco tópicos categorizados de acordo com as cinco dimensões apresentadas por Orozco (2014): a tecnicidade, discursivo-linguística, midiacidade, institucionalidade e esteticidade.

A perspectiva de tecnicidade se mostra presente de forma expressiva na escolha dos professores. A concordância deles em relação ao motivo “as notícias mostram os fatos da forma mais fiel” representa 60% das respostas. 12% estão na zona de neutralidade e 24% expressam que este fator não é o mais importante para sua escolha. Disso percebe-se que a tecnicidade é um fator importante.

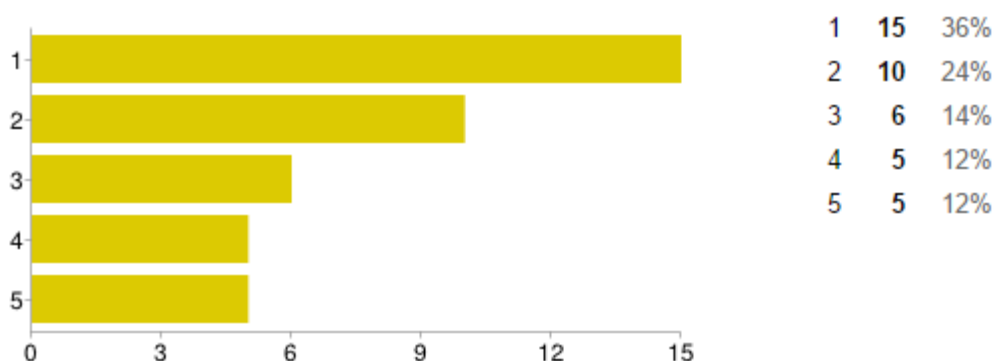


Gráfico 13 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Tecnicidade

A categoria que sustenta a questão “é mais fácil entender os assuntos quando se tem som, imagem e movimento” refere-se à dimensão discursivo-linguística. 50% dos respondentes indicam que a linguagem do audiovisual é um dos fatores que tem grande expressão na escolha realizada pelos professores.

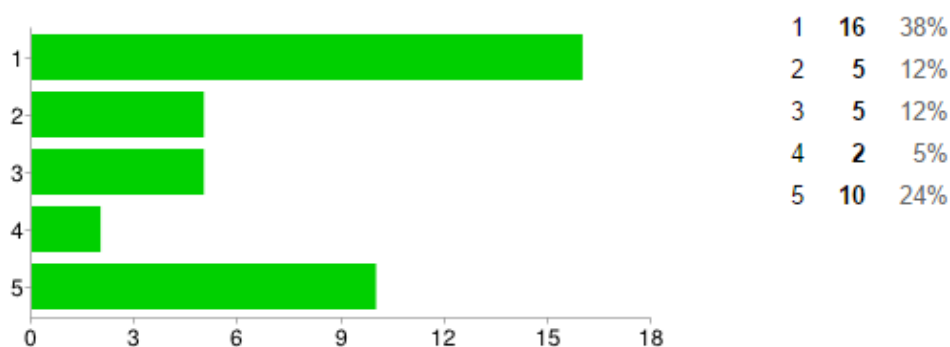


Gráfico 14 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Discursivo Linguística

A questão “a TV é mais atraente que outros meios, como jornal e rádio” é sustentada pela dimensão da midiacidade, apresentada por Orozco como uma característica própria do audiovisual, que o diferencia dos demais meios.

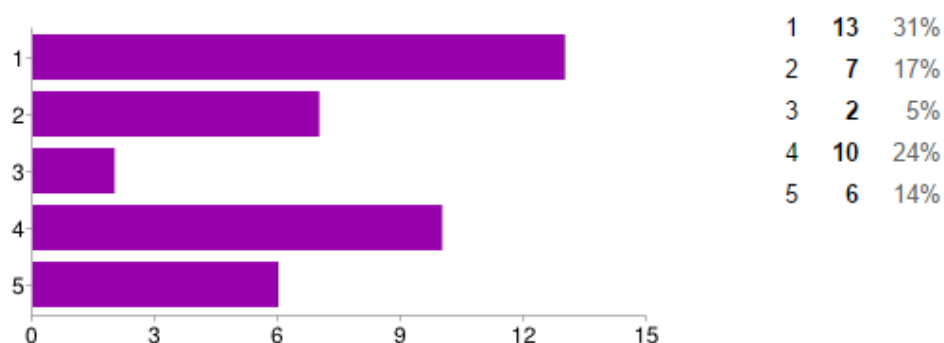


Gráfico 15 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Midiacidade

Em outra dimensão, fica forte a percepção dos valores da emissora. “Identifico-me com os valores sociais, culturais e políticos da emissora e programa que escolho” está relacionado com a dimensão de institucionalidade do meio. É a percepção do público em relação aos valores sociais, culturais e políticos da emissora e do programa escolhido. Para alguns docentes, o alinhamento destes valores é um fator importante para a escolha da programação, como mostra a concordância de 40% dos respondentes. Contudo, 31% de respostas voltadas para a pouca influência deste quesito são intrigantes, uma vez que se assume que não é necessariamente por identificação com a emissora que estes professores constituem sua audiência. Pode indicar um posicionamento crítico, capaz de se defrontar com programas variados e

deles formar seu conjunto de significações, não apenas com programas que estão alinhados com os valores pessoais dos docentes.

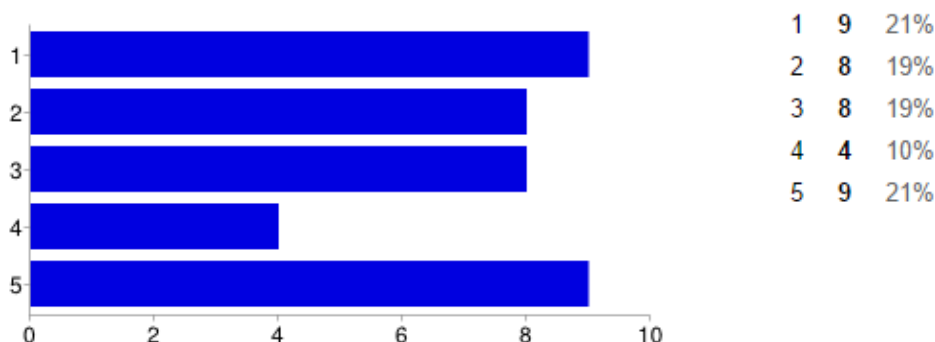


Gráfico 16 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Institucionalidade

E, por fim, a relação com a qualidade estética, relacionada à esteticidade do meio, “as imagens, o som e os efeitos são mais bonitos e têm alta qualidade visual”. É o que faz com que um meio tenha suas produções reconhecidas diante de outro meio. Este é um dos fatores que menos impactou na escolha realizada pelos professores. Isso pode ser um indicativo de que uma esteticidade mais baixa pode ser tolerada diante de um conteúdo relevante, com a linguagem bem aplicada e o potencial da tecnicidade expresso pelo meio.

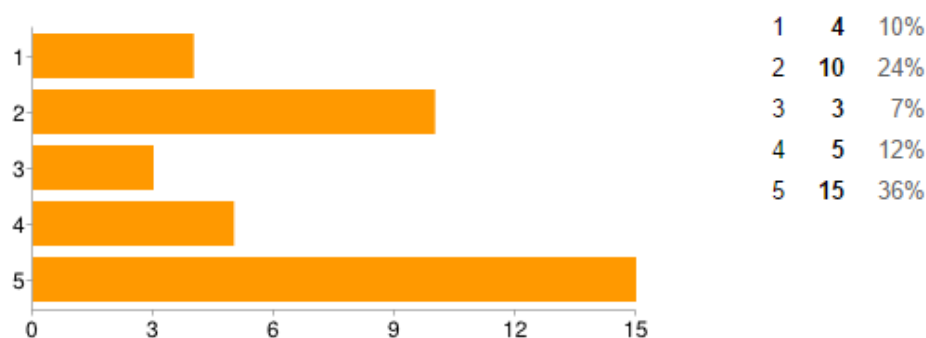


Gráfico 17 - Dimensões do audiovisual - estudos exploratório - categoria Esteticidade

A respeito dos aspectos de uso pedagógico da mídia, a perspectiva de trabalho dos professores ainda está centrada, em grande escala, na educação com a mídia, tendo o recurso midiático como um suporte didático. Contudo, existem diversas atividades apontadas pelos docentes que já podem ser consideradas na perspectiva

de leitura crítica dos meios ou produção de conteúdo na linguagem midiática e tecnológica. A seguir é apresentada uma tabela de referência com a alternativa a ser respondida pelo participante do estudo exploratório e ao lado, as respectivas categorias, onde: “COM”, significa educação com a mídia, ou seja, como pretexto para abordagem de conteúdo curricular; “PARA”, educação para a mídia, voltada ao desenvolvimento da leitura crítica; e, “PELA” educação pela mídia, em vista de atividades onde os alunos produzem suas próprias mensagens midiáticas.

Comento com a turma os assuntos que vi no telejornal.	COM
Falo de matérias que assisti para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	COM
Apresento matérias para que os alunos assistam para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	COM
Apresento matérias para desencadear discussão sobre assuntos importantes	PARA
Depois de fazer discussão sobre o assunto assistido, peço para que os alunos produzam algum conteúdo sobre o foi falado	PELA
Incentivo que os alunos produzam seu próprio material informativo	PELA

Tabela 3 - Referência de alternativas de atividade pedagógica com uso da mídia

A seguir é possível observar as predominâncias de uso da mídia de acordo com as categorias da tabela, separadas por município.

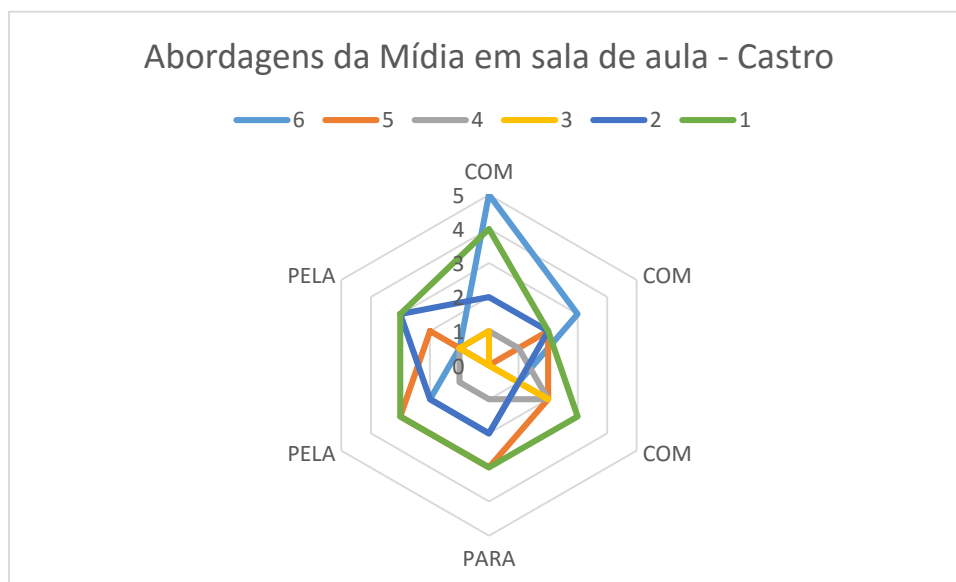


Gráfico 18 - Predominância do aporte pedagógico com a mídia em sala de aula - Castro

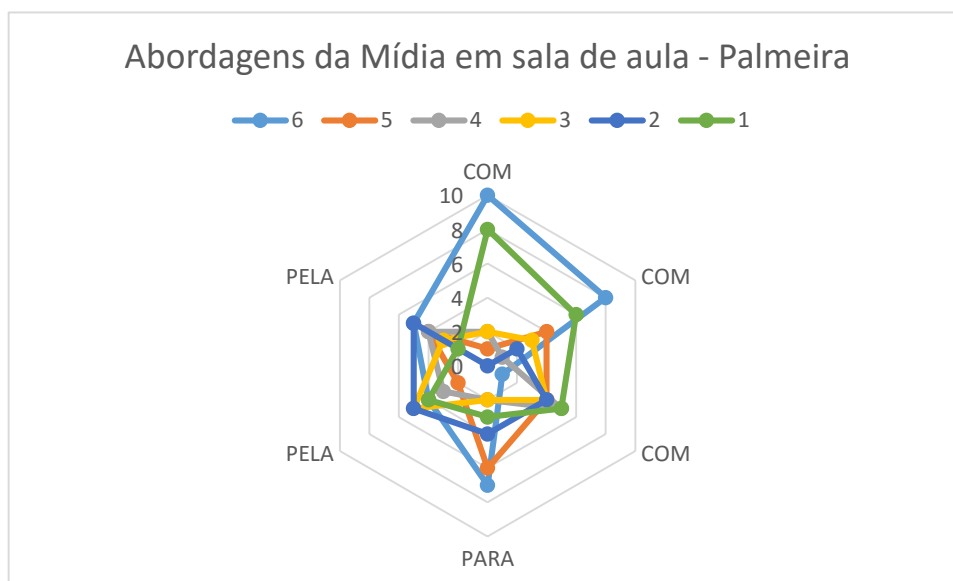


Gráfico 19 - Predominância do aporte pedagógico com a mídia em sala de aula - Palmeira

Estas são, pois, dimensões impactantes na mediação realizada pelos professores em sala de aula. Ao conhecer as predominâncias de acesso televisivo e demais atividades formativas, é possível acompanhar a recepção e perceber a mobilização de tais aspectos mediadores.

1.1.3 Instrumentos de coleta e análise dos materiais

Como já foi salientado anteriormente, os dados nesta pesquisa são produzidos a partir da análise dos materiais coletados, e essa é a justificativa do título deste tópico. O objetivo neste espaço é apresentar os instrumentos escolhidos para este processo e suas formas de analisar, tanto aquelas que já foram realizadas como as que ainda serão feitas.

O inquérito está presente como estratégia de campo por meio nos formulários, questionários e entrevistas. O modelo do estudo exploratório já apresentado esteve estruturado a partir de um formulário, com o máximo de alternativas de respostas já previamente estruturadas e categorias já definidas, como demonstrado na tabela 9 neste capítulo. O questionário estruturado também foi a opção para a etapa de

conhecimento e caracterização das famílias dos estudantes participantes da pesquisa. Houve uma diferença de técnica na realização dos inquéritos. No primeiro momento, do estudo exploratório, a aplicação se deu por meio eletrônico via internet, sem a presença do pesquisador, formulário. Com a presença do pesquisador e sob sua supervisão foi feito o questionário para os familiares aplicado durante a reunião de início de ano letivo com os pais e, impresso enviado para casa para os pais que não estiveram presentes na reunião. Nesta situação foram realizados ajustes para esclarecer os pontos de dificuldade para os respondentes que foram observados com o primeiro grupo. Os dados foram complementados ainda com conversa com alguns alunos cujos pais não devolveram o instrumento. A ausência das respostas também é reveladora de características do grupo familiar.

O ordenamento das questões não é ingênuo. É pensado considerando que cada pergunta desencadeia um processo de pensamento e reflexão no sujeito que responde ao questionário. Portanto, as perguntas são ordenadas de forma que seja despertado um processo de pensamento sobre o assunto de forma conectada com as categorias estabelecidas para a pesquisa. No caso das entrevistas, embora exista um ordenamento prévio de questões, a dinâmica é aberta e permite alterações durante a entrevista.

O quadro de análise da recepção das reportagens exibidas sob o selo do projeto *Televisando o Futuro* no telejornal da RPC TV é resultado de uma composição entre três outras propostas. Inicialmente, a base da análise está nas dimensões do audiovisual abordadas por Orozco (2014). A contribuição da pesquisadora Gabriela Borges (2013), da Universidade de Juiz de Fora, também é essencial, a partir do artigo publicado no livro *A informação na TV pública*, de Iluska Coutinho. O artigo apresenta um quadro de análise de programas jornalísticos da TV pública. Além destes, Nilton Hernandes (2012), em *A mídia e seus truques*, apresenta um modelo já utilizado por ele na análise do *Jornal Nacional*. Com base nestas concepções, o quadro analítico das reportagens segue parâmetros desenvolvidos em três dimensões: tema/pauta, aspectos da linguagem audiovisual e aspectos pedagógicos. Estão subdivididos e referenciados conforme segue.

Tema/pauta

Relevância – “Refere-se à pertinência da escolha e ao tratamento dos temas e dos pontos de vista apresentados no programa de televisão” (BORGES, 2013, p.298). É

por este parâmetro que se pode observar o posicionamento do emissor, as características do programa, o período e o tempo de exibição, ordenamento e aderência com os membros da audiência.

Diversidade – Este parâmetro avalia a pauta quanto à diversidade “em relação ao tema e também aos sujeitos representados nos programas” (BORGES, 2013, p. 298) abordando as vozes dos personagens da matéria, as concordâncias e discordâncias e a variedade de conteúdo na abordagem.

De que forma está estruturada – refere-se às estratégias de gerenciamento da atenção, percurso na notícia como uma unidade narrativa (HERNANDES, 2012, p. 50-51) e a estrutura do programa em sua apresentação e localização na grade de programação (HERNANDES, 2012, p. 124-125)

Qualidade, agenda e participação – analisa a qualidade das imagens do ponto de vista dos recursos de produção e edição (HERNANDES, 2012, p. 136-137), a agenda definida pela matéria diante do contexto de sua exibição e a participação de fontes e variação de argumentos.

Posição na edição e relação com outros temas – analisa o posicionamento da matéria dentro do programa em que foi exibida e o gancho com outros temas da edição que se relacionaram com a produção.

Nível de informação/entretenimento – Este parâmetro analisa a “relação entre informação e entretenimento aferindo o grau de informação dos assuntos [...] e o nível em que entretém o público” (BORGES, 2013, p. 298). Identifica a produção, também, no contexto de seu programa de origem e as características do referido programa.

Aspectos da Linguagem Audiovisual

Formato – diz respeito ao formato do material produzido e do programa onde foi exibido. São reportagens, com tempos maiores ou menores de produção, mais ou menos imagens. E estão situadas na programação jornalística, por princípio desta pesquisa, contudo é possível encontrar no uso de sala de aula materiais oriundos de outros programas, como de variedades ou de público segmentado. Este parâmetro identifica esta questão.

Recursos de edição usados – Analisa os recursos usados como: tempo (plano de expressão e plano de conteúdo) (HERNANDES, 2012, p. 87), enquadramento, ângulo de filmagem, movimento de câmera, efeitos ópticos, planos de câmera

(HERNANDES, 2012, p.136 e 137), estratégias de gerenciamento da atenção (HERNANDES, 2012, p.51), bem como seus respectivos efeitos na produção final.

Características do texto – além da percepção da imagem, há uma avaliação do texto jornalístico presente na matéria identificando se sua classificação é de cunho objetivo/factual, interpretativo ou opinativo (HERNANDES, 2012, p. 33). Essas características são preliminares. No decorrer da análise admite-se que sejam identificadas outras características específicas.

Atuação dos repórteres e fontes_– São analisados os sujeitos do discurso jornalístico quanto a suas funções na matéria. São considerados, inicialmente, na esteira do entendimento de Hernandez (2012, p. 44-45) quatro sujeitos. O “Sujeito 1” é o próprio jornal ou a emissora. Aqui está a identificação de quem assume o discurso, pois “é importante perceber que o consumidor se relaciona com marcas de veículos jornalísticos e se refere a elas quase como pessoas” (HERNANDES, 2012, p.45). Desta reflexão é importante analisar se na matéria esta personalidade de quem anuncia o tema também é confirmada. O “Sujeito 2” representa os profissionais que “se mostram claramente marcados nos textos” (HERNANDES, 2012, p.45), sendo importante analisar esta marca que ajuda a compor a própria marca do sujeito 1. O “Sujeito 3” representa os personagens da história que aparecem na matéria, e então se analisa seu papel como exemplificadores, vozes de confirmação ou de contradição. E por fim, o “Sujeito 4” que representa o público-alvo cuja imagem se constroi também na produção da matéria.

Presença de representações sociais – analisa a presença de representações sociais tais como relações de gênero, aspectos socioeconômicos, culturais e familiares.

Posicionamento do emissor – identificado na análise de relevância da pauta, neste parâmetro concentra a interpretação baseada na relevância e nos recursos de edição esclarecendo pontos de persuasão, contradição, aceitação e outros presentes no discurso do emissor.

Produção de sentido – São identificados os “instrumentos oferecidos que agregam valor ao ser produzida uma certa significação por parte do público” (BORGES ,2013, p. 299). Esta análise permite perceber quais elementos da mensagem mobilizam aspectos do contexto do receptor de maneira a aproximar o discurso do emissor e gerar determinadas percepções entre os receptores.

Aspectos pedagógicos

Conforme estabelece Borges (2013) o Estímulo ao pensamento, Estímulo ao debate de ideias e a Apresentação de desafios são componentes relacionados da análise e “se referem à apresentação de propostas que sejam, por natureza, polêmicas, contraditórias e férteis no sentido em que farão os telespectadores refletirem sobre aquilo que assistem num programa de televisão” (BORGES, 2013, p.298). Estes pontos oferecem oportunidades importantes para o trabalho pedagógico em sala de aula.

Ampliação do horizonte do público – “Refere-se à apresentação de temas e trabalhos que são pouco conhecidos e que podem contribuir para ampliar o repertório cultural do público” (BORGES, 2013, p.298).

Promoção da conscientização política e/ou social – é analisada “em função da escolha e abordagem dos temas, contribuindo para a construção de valores éticos” (BORGES, 2013, p.298). Da mesma como a análise do Estímulo à participação cívica está ancorada na identificação dos pontos de “estímulo à educação para a cidadania que podem estar presentes na forma em que os temas são abordados” (BORGES, 2013, p. 298)

Adequação ao público – Neste parâmetro se analisa a “medida em que as informações transmitidas são adequadas ao público-alvo” (BORGES, 2013, p. 299) tanto no contexto de sua programação quanto no uso pedagógico.

Para analisar adequadamente a reportagem, cada uma passa por uma *decoupage* dividida em cinco partes, tal como apresenta Hernandes (2012, p. 145) na análise que faz das reportagens do jornal nacional. As terminologias utilizadas na análise também são fruto da aproximação com a produção do referido autor. A opção foi manter a nomenclatura estabelecida pelo autor para ter referência na análise poder gerar dados para análise no instrumento descrito anteriormente. Dessa maneira, os cinco componentes se relacionam da seguinte maneira.

Fragmento – trecho da gravação onde não há um corte, pois “qualquer mudança – principalmente um corte – renova a atenção” (HERNANDES, 2012, p.145) do telespectador. É apresentada uma imagem representando a cena descrita no fragmento, ou um conjunto de imagens quando há uma movimentação de câmera que compõe o mesmo fragmento.

Momento de início de apresentação e recurso de câmera – o objetivo deste componente é descrever a cena, seu tempo de início e também esclarecer os recursos usados em cada trecho para compor a mensagem. Em seguida, o terceiro componente é a duração em segundos uma vez que o tempo é um dos principais recursos de hierarquização e destaque no jornalismo.

Narração – neste bloco são transcritas as narrações da reportagem para evidenciar o texto e suas características, bem como os efeitos sonoros que compõem a mensagem.

Observação – o último componente é reservado para analisar os demais. É neste espaço que se produz a análise de cada trecho em relação aos recursos utilizados, o tempo e a conformação de todos eles na criação da mensagem.

A análise do processo de recepção também foi estabelecida a partir da criação de um quadro com questões que categorizam a observação do processo. A sua constituição se deu a partir da primeira observação de exibição de reportagem. Foi depois da análise atenta dos registros da primeira exibição realizada com a turma e releitura das concepções de mediações de Orozco (2014) que as categorias emergiram da própria prática sistematizada. O quadro se estrutura em três dimensões articuladas entre si, a primeira delas verifica as características do processo desenvolvido a partir da proposta metodológica do *Televisando o Futuro* (GUIA DE ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR, 2014, p. 30-31), conforme já apresentado anteriormente; a segunda caracteriza o processo de recepção conforme as mediações descritas por Orozco (2014); e, a terceira organiza os dados produzidos em análises conduzidas pela pergunta de pesquisa que conduz esta investigação. Os parâmetros e suas referências são apresentados a seguir.

Na primeira dimensão de análise, oriunda do percurso metodológico proposto pelo próprio *Televisando o Futuro* são relacionados cinco itens. A primeira e a terceira perguntas estão voltadas para a investigação da produção de sentidos. A segunda questão se dirige para a caracterização do processo de recepção no aspecto da exibição. E as duas últimas estão voltadas para a produção de materiais e conhecimentos resultante do processo de recepção e produção de sentidos.

1	Caracterização do processo
1.1	Como foi a problematização?

1.2	Como foi feita a exibição da matéria?
1.3	Como foi a socialização e a troca de sentidos?
1.4	Como foi a atividade dirigida em sala de aula?
1.5	Produção e socialização final?

A segunda dimensão de análise, voltada para a caracterização do processo de recepção e da mediação realizada, aborda as dimensões do audiovisual, as micromediações, com recepção de primeira e segunda ordem, e também as macromediações. Estas concepções estão sustentadas pelos conceitos da sistematização de Orozco (2014, p. 35-52). A primeira questão investiga quais dimensões do audiovisual estiveram mais envolvidas no processo de recepção e também qual foi seu papel neste processo. Em seguida são analisadas as micromediações, desde o “contrato de recepção”, identificado pela interação dos aspectos da “comunidade de apropriação e interpretação” (OROZCO, 2014, p.37), até a recepção de primeira ordem, vista pela ritualidade do processo; e a recepção de segunda ordem, vista na ressonância do roteiro entre os sujeitos-audiência. Depois, são analisados os aspectos relacionados às macromediações, tais como a identificação, a percepção, a institucionalidade e a postura dos sujeitos diante da mensagem sustentada por suas vivências, experiências e conjunturas.

2	Caracterização da recepção e mediação
2.1	Como as 5 dimensões do audiovisual estiveram imbricadas?
2.2	Que aspectos individuais da comunidade de apropriação e interpretação foram colocados em jogo na recepção?
a.	Qual foi a ritualidade do processo de recepção?
b.	Até onde ressoou o assunto? Houve comentários posteriores? Que parte do roteiro marcou?
2.3	Macromediações
a.	Como se identificaram com a matéria? Mantiveram suas ideias ou mudaram de opinião?
b.	A matéria foi percebida como educativa? Os alunos perceberam que aprenderam algo pela matéria? Houve ressignificação conduzida pela professora?
c.	A agenda da TV com a matéria foi reconhecida e validada no contexto de sala de aula?
d.	Como a professora se posicionou diante da agenda da matéria?

2.4	Há um aspecto político mediatizado na matéria? Ele foi identificado pela turma?
2.5	Que aspectos da estrutura familiar podem ser percebidos nos comentários dos alunos ou posturas frente à matéria?

Com base na construção das caracterizações anteriores é possível conduzir a análise da terceira dimensão, que reflete propriamente sobre os significados produzidos pelos alunos, e o papel da escola e da professora na mediação. São análises que resultam da conformação de várias dimensões de análise, que podem ser chamadas de lentes do pesquisador. As concepções são resultadas dos autores lidos e das teorias que acompanham a pesquisa, além das experiências docentes e profissionais, somadas às percepções originadas em sala de aula no próprio momento da observação.

3	Análise final
3.1	Que significados os alunos atribuíram para a mensagem?
3.2	Como a escola mediu o processo?
3.3	Como a professora mediu o processo?

Com a descrição dos instrumentos desenvolvidos no decorrer da pesquisa se tem o cenário propício para fazer a descrição de observações que foi um condutor da criação dos instrumentos e das categorias de análise.

1.2 Processo de observação no campo de pesquisa

A observação é um momento oportuno para estabelecer os pontos de conexão com a realidade do colaborador da pesquisa. "Quando se observa é preciso lembrar que não se está vendo a verdade dos fatos, pois a observação se dá pelas lentes do pesquisador" (GARCIA, 2014, notas de aula). A observação desenvolvida é de caráter participante; e, em campo, vem ocorrendo semanalmente, no período de março a junho de 2015.

A entrada no campo de observação se deu por meio de uma reunião dos pais dos alunos que fazem parte dos colaboradores da pesquisa. Metade dos pais estiveram presentes neste dia. Foi uma oportunidade para que o pesquisador fosse

apresentado, assim como o motivo e a natureza da pesquisa. Na mesma ocasião, além dos representantes da escola e a professora colaboradora, também estiveram presentes membros da Secretaria Municipal de Educação reforçando aos pais a seriedade e idoneidade do processo. Depois do momento de apresentações e esclarecimentos foram feitas as assinaturas do termo de consentimento e preenchimento do questionário familiar.

Depois da reunião, no mesmo dia, foi a vez de encontrar e conversar com os alunos. Foi uma apresentação breve, com uma explicação simples do que seria feito e uma acolhida animada de toda turma que aceitou e concordou com a presença do pesquisador em seu meio. A observação em sala de se deu em dois grandes momentos. O primeiro deles, do início do mês de março até meados do mês de abril, foi dedicado a compreender a turma, sua dinâmica de relacionamento e as principais características da escola e sua trama cultural. O segundo momento é composto pela observação do processo de recepção das reportagens em sala de aula, cuja extensão é do final de abril até início do mês de junho.

O início se deu com uma observação com menores graus de sistematização. A presença do pesquisador na escola se deu orientada por perguntas, tais como: como vivem os alunos? Como se relacionam entre si? Como é a dinâmica geral da escola? Como é dinâmica de sala de aula com essa turma? Estas e outras questões estiveram presentes na mente do pesquisador que nos primeiros dias em campo tratou de registrar por diversos meios – escrita, filmagem e fotos – os comportamentos, as impressões, as falas e algumas narrativas que aconteciam na escola e em sala nos momentos de observação. Todas as questões se conformam na tentativa de compreender e explicar a trama cultural da escola.

No segundo momento, com categorias oriundas da sistematização da observação de sala de aula, foi feita a análise da recepção por meio da exibição das reportagens do telejornal já caracterizados previamente no campo de pesquisa. As perguntas que sustentam a observação e acompanham o pesquisador neste momento são: que significados os alunos dão ao que assistem? Como ocorre a mediação da escola? Como ocorre a mediação da professora?

As inferências da investigação são feitas depois da observação – feita em momentos de aula, sentado em diferentes lugares da sala; e, nos momentos de intervalo com os alunos ou com seus professores – com base nos registros e retomada

de leituras prévias. Como explica Alves-Mazzotti e Gewandsnajder (1999), a observação é participante e a ela é atribuída uma importância que se relaciona ao próprio instrumento humano como fonte de interpretação, pois o observador “deve aprender a usar sua própria pessoa como principal e mais confiável instrumento de observação, seleção, coordenação e interpretação” (SANDAY, 1984 p.20 *apud* ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 167). Os autores ressaltam ainda que em um estágio mais avançado da observação é feita uma combinação com outros instrumentos como, no caso deste trabalho, análise documental. Além do questionário preenchido pelos familiares, trabalhos realizados em sala, cartazes, textos e questionários desenvolvidos pela professora colaboradora com sua turma e cedidos ao pesquisador também compõe o material empírico para análise.

A vivência com turma se deu, na maior parte do tempo, em sua sala de aula com trinta carteiras novas, sem rabiscos, em tamanho adequado às crianças que é compartilhada no turno da manhã com os alunos do sexto ano. A sala é bem arejada, possui ventilador ao fundo, que é muito usado depois do recreio nos dias quentes. Há boa incidência de luz, proveniente das grandes janelas que ocupam uma das paredes da lateral da sala e das pequenas que ocupam o outro lado. A porta, frequentemente aberta, revela a paisagem verde e arborada da escola. Ao fundo da sala fica o mural onde a turma vai expondo seus trabalhos. Não é raro chegar para a aula e ser convidado por um dos alunos a olhar um desenho ou trabalho novo colocado no mural.

O período inicial de observação permitiu perceber que esta escola possui um caráter bastante disciplinador. São frequentes nos comentários das professoras, coordenadoras e diretora frases a respeito de bom comportamento, ordem, obediência e outros atributos que forma a disciplina da escola. A entrada é marcada por um sinal, seguido de uma fila – dividida por turmas, a partir de onde se faz uma oração antes de entrar na sala. O motivo é, segundo a direção da escola, acalmar as crianças e criar uma ordem até a entrada nas salas.

Em sala, as carteiras novas raramente saem de seus lugares dispostos linearmente e voltados para a lousa. O trânsito dos alunos em sala também é restrito, exceto quando autorizado pela professora a pegar algum material, cada aluno permanece em seu lugar. A professora conhece bem seus alunos, transita entre suas carteiras para dar atendimento individualizado em todas as aulas. O intervalo, no pátio, é um grande revelador dos interesses, afetos e desafetos, e características dos

alunos pois, é neste momento que eles tomam a posição de decisores de seus comportamentos. Mesmo neste cenário, em sala de aula, é frequente observar a tentativa dos alunos em trilhar um terceiro caminho, diferente do imposto pela ideologia do “certo e errado”, ou do “ou isto, ou aquilo”, que muitas vezes subjaz no discurso pedagógico.

Considerando a delimitação e percurso da pesquisa apresentado até este ponto, o capítulo seguinte desencadeia a sustentação epistemológica da investigação. Serão tecidas as conexões da interface educação e comunicação e estruturados os tópicos que conduzem para a análise caracterizada neste primeiro capítulo.

2. COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E INTERCONEXÕES

A aproximação entre os campos educação e comunicação apresenta um espaço profícuo de atuação para a pesquisa e para o desenvolvimento educacional. São dois campos onde circulam saberes. Em sua gênese, em suas instituições, cada um possui uma lógica própria de produção e existência. Contudo seus efeitos e influências estão presentes nos mesmos espaços sociais. Escola e Mídia são produtoras de sentidos, propagadoras de padrões e fazem parte da grande teia que compõe a sociedade. Ao longo da história, a sociedade se modificou. E com ela, educação e comunicação também.

A sociedade se encontra em um momento de novos paradigmas. A mensagem propagada pelos meios de comunicação não é entregue ao destinatário tal e qual foi produzida, estando este oprimido sob o julgo dominante dos produtores das mensagens. Existem diversos outros fatores, nomeados de acordo com Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez, de mediações que influenciam na recepção das mensagens. Com elas se reconhece uma postura ativa dos receptores das mensagens, especialmente na produção de sentidos. Dessa forma, defender a possibilidade autônoma e capaz das pessoas de decidir democraticamente os rumos de um país é incompatível com o discurso de manipulação alienante por parte exclusiva dos meios de comunicação. Mesmo diante da presença do massivo, é “preciso pensar a comunicação a partir da cultura [...] e isso significa compreender as múltiplas formas da cumplicidade” (MARTÍN-BARBERO, 2014) entre dominador e dominado. O receptor (OROZCO, 2014) é capaz de formar seus discursos, emissões e construir os sentidos das mensagens que recebe. Essa possibilidade se constrói na família, na igreja, na comunidade, mas em grande instância na escola. Trata-se da comunicação, diferente do paradigma da agulha hipodérmica, na veia das mediações múltiplas.

O ensino também vive a construção de um novo paradigma. Não é a escola a detentora magna do saber. Não é o aluno *tábula rasa* que nada sabe e a quem será transmitido todo o conhecimento determinado pelo currículo. A forma de pensar em relação ao desenvolvimento da autonomia, liberdade e formação cidadã difundida por Paulo Freire (1921-1997) é, em especial hoje, um imperativo no modelo de formação educacional. A escola reconhece que o estudante é um ser cheio de conhecimentos

e possibilidades. As sistematizações piagetianas (1869-1980) e vygotskianas (1896-1934) formam contribuições importantes na esteira do entendimento de um novo paradigma na educação. Frente a estas grandes construções, o pedagogo Célestin Freinet (1896-1966) promoveu a aproximação, a partir do contexto francês, entre comunicação e educação, ligando a comunicação de massa com a escola.

Compreendendo que comunicação e educação fazem parte de um mesmo contexto social e que ao mesmo tempo em que se fortalecem, nele interferem, é possível traçar suas principais conexões. E sua aproximação representa mais do que simples junção ou lógica de complementaridade. Ela se apresenta como uma interoperação que cria um novo espaço de diálogo, intervenção e produção, que mais do que somar dois conceitos, faz emergir novas concepções.

2.1 OS CAMPOS E SUAS CONEXÕES: A CONSTRUÇÃO DA INTERFACE

De acordo com a concepção de criação de novos conceitos, a interface entre educação e comunicação se constrói na articulação entre os dois campos, iniciada por suas conexões. Orozco (2014) reforça esta concepção quando revisita sua trajetória profissional e acadêmica e afirma que trabalhar nesta conjunção dos campos significa caminhar em um campo duplamente “minado”. Há, nesta relação, conquistas e utopias que se reforçam mutuamente.

De um lado, um cenário duplamente ‘minado’ por preconceitos e tradições de ambas as disciplinas, não somente ante si mesmas, mas principalmente cada uma ante a outra, o que às vezes dificulta ver as dimensões do território completo. Por outro lado, um percurso carregado de gratificações e descobertas, porque, como se sabe, esse território está repleto também de conquistas e utopias que se reforçam mutuamente (OROZCO, 2014, p. 12).

Isso ocorre porque falar de educação e de comunicação transversa a ideia de cultura. É esse “sistema de significações” (WILLIAMS, 1992, p. 13) que sustenta, também, a perspectiva da interface enquanto um espaço de produção de sentidos e apropriação das mútuas conquistas e utopias dos campos. Por isso é adequado, na construção da interface, considerar a perspectiva de trama cultural (MARTÍN-BARBERO, 2013) em que a cultura, ou a mudança cultural, enquanto cultura de massa, vai contra a tendência da Indústria Cultural de pensá-la como “mera estratégia de dominação” (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 114). Trata-se de entender a cultura

não como um espaço privilegiado para poucos, mas um espaço de legitimidade de vida e produção social. Ela está representada pelos complexos processos contemporâneos.

Assim, há certa convergência prática entre os sentidos antropológicos e sociológicos de cultura como 'modo de vida global' distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um 'sistema de significações' bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e com o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como 'atividades artísticas e intelectuais', embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas 'as práticas significativas' - desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade - que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 2000, p. 13).

Este é um cenário que, como entende Martín-Barbero (2013, p. 114-119), apresenta mudanças sociais que refletem tenazmente na relação com o conhecimento, iniciadas pela mudança do século XVI com o descentramento do local do saber. E vão promovendo transformações nos modelos de comunicação, uma vez que se investiga, com estas ideias, o que faz o popular. Tendo a cultura seu papel transformador e repleto de conexões e relações que dão a ela o caráter de complexidade, se constitui o espaço para a construção da interface comunicação-educação. Considera-se, nesta relação, a comunicação constituída por suas mediações, conforme Martín-Barbero e Orozco, e a educação libertadora e crítica, segundo Paulo Freire.

Dessa maneira, é possível esclarecer algumas das principais conexões entre os campos. Existem três importantes aspectos que costuram esta relação: o *modelo dialógico* (comunicação e educação se formam em movimento); o *aspecto sociocultural* (na esteira cultural e social em que se constituem influem e são influenciados) e o *aspecto histórico*.

Na perspectiva dialógica, a comunicação é circular. Não está na base da emissão, tampouco na ponta da recepção. É dada a partir da dialogicidade existente no processo de comunicar. Por isso, toda a *trama cultural* (MARTÍN-BARBERO, 2013) é importante para formar o processo de comunicação. A educação, por meio do processo de ensino, não está no professor, na escola ou exclusivamente no aluno. É nas relações e na reciprocidade da convivência entre sujeitos e conhecimento que ela

se constrói. Como expressão desta forte relação entre as duas – comunicação e educação, Martín-Barbero (2014) ressalta a contribuição de Paulo Freire:

A porta para a comunicação que nos abre Paulo Freire é basicamente para a sua estrutura dialógica. Pois há comunicação quando a linguagem dá forma à conflituosa experiência do conviver, quando se constitui em horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 29).

Pelo aspecto sociocultural, a conexão se expressa pelo modelo de sociedade. Sendo a educação a principal forma de prática da liberdade, ela atua no campo de tensões e opressões. Martín-Barbero (2014) exclama a necessidade de uma “outra educação”. Apoiado nas análises freireanas e gramscianas, enfatiza a reciprocidade existente no modelo de sociedade sustentada pelo paradigma dominador-dominado. Para o campo da comunicação fica a interpretação da alienação, enquanto para a educação, a submissão e a reprodução.

Mas a alienação nunca é total, nem a consciência dominada deixa de ser consciência, e a submissão é menos aceitação que impotência. De forma que se foi na ‘educação’ onde lentamente a situação de força se transformou em situação de fato, legítima e legitimada pelos mesmos oprimidos, será em outra educação a possibilidade de fazer explodir a situação ao subverter os códigos da humilhação e da submissão (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 24).

Dessa forma, a comunicação e a educação são ao mesmo tempo processos sociais e campos de batalha cultural (MARTÍN-BARBERO, 2014). Nesta perspectiva, os aspectos históricos de conexão se expressam como espelhos do desenvolvimento da educação e da comunicação.

Como apresentam José Marques de Melo e Sandra P. Tosta (2008), a comunicação passou por vários momentos históricos, assim como a educação, que quando relatados de maneira associada permitem ver as orientações teóricas, políticas e econômicas que estiveram presentes nos modelos sociais de cada época e invariavelmente influenciaram nestes campos. Os modelos tradicional, escola nova e pedagogia libertadora, elencados por Melo e Tosta (2008) subsidiam o entendimento da evolução do pensar da educação e do papel social da escola. O dualismo teórico da comunicação entre Funcionalismo e Teoria Crítica também faz parte do desenvolvimento histórico deste campo, bem como o dualismo político-econômico, entre capitalismo e socialismo, tal como afirma Dalla Costa (2008), e reforça que estes processos formam “o pano de fundo das propostas de comunicação e educação que

desenvolvem na América Latina” (DALLA COSTA, 2008, p. 99). Todas elas, como já anunciado, alicerçadas na leitura freireana do papel da educação na sociedade.

Neste ponto é válido ressaltar também as desconexões existentes. Pois o olhar não pode ser ingênuo. Como pontos de desconexão pode-se encontrar a reclusão da escola e da mídia, as temporalidades de cada uma e suas lógicas internas de produção. É verdade que mesmo esses pontos de desencontro podem se transformar em aspectos positivos em uma relação cuja interface esteja bem construída. Nesse sentido, é essencial reconhecer os aspectos que precisam e podem ser superados.

Quando se expressa o termo reclusão da escola e da mídia refere-se ao ponto em que cada uma deixa de perceber genuinamente a outra. Martín-Barbero (2004), defende a existência de um *ecossistema comunicativo*, que surge pelo cruzamento de dinâmicas que interferem na comunicação, expressam mudanças na sociedade e promovem a conexão de novas condições do saber. No entanto, na educação a visão ainda é de uma presença instrumental da mídia, o que é, de certa forma, ainda reforçado pela “própria visão da UNESCO [...]: as mídias devem servir, sobretudo, para expandir o auditório da escola ou para permitir que os alunos possam ver uma ameba em tamanho diretamente observável” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 60). E neste cenário, a “reação da escola é, quase sempre, de entrincheiramento” (2004, p. 59). Neste caso, fechada para essa nova ordem e nova maneira de estar no mundo, a escola se defende no lugar de aproveitar as oportunidades que este movimento oferece a ela.

A mídia, enquanto instituição, poucas vezes produz com a intenção de superar a resistência da escola ou oferecer novas oportunidades para a educação. Isso se dá, pois sua operação ocorre no que Martín-Barbero (2013, p. 16) expressa no seu mapa das mediações, como movimento diacrônico, em que os Formatos Industriais – mediados de um lado pela tecnicidade da produção e de outro pela ritualidade do consumo – impõem a ordem do modelo capitalista de sociedade. Neste caso, não será a agenda da escola, ou da educação, que estará pautada.

O que busco com esse mapa é reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o pensamento único que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o ‘grande mediador’ entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação

da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador da mundialização (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 20).

É na superação deste ponto, na “luta contra o pensamento único” mencionada por Martín-Barbero, que está a oportunidade da interface, pois a escola é uma das instituições de mediação sociocultural. Desta percepção é possível relacionar as diferenças em suas lógicas de produção. Ressalta-se três aspectos que são relacionados para compreender a lógica de produção midiática: a estrutura empresarial, competência comunicativa e competitividade tecnológica (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 18). Mesmo os meios de comunicação de massa classificados como veículos estatais estão sujeitos a estes aspectos que envolvem sua lógica de produção. Desta forma, estes são fatores que medeiam a emissão de suas mensagens, a construção de sua comunicação e a relação com suas finalidades.

A escola como instituição, seja pública ou privada, tem como objeto principal o conhecimento. Sua lógica está voltada para o ensino como atividade cotidiana e a regulação das experiências e aprendizagens se dá pelo currículo. Ainda que próxima da mídia, sua finalidade é diferente. Mesmo quando a mídia difunde saberes, as intencionalidades são divergentes. Além disso, a possibilidade de crítica presente na escola é maior. Contudo, sua ordem de atuação está determinada de acordo com o sistema do qual faz parte.

A oportunidade de ligação neste caso está no conhecimento dos modelos de cada uma das instituições. A mídia, por sua lógica interna, não pode dar conta do papel da escola, e tampouco é este seu interesse. Sua produção está direcionada para outro campo, e mesmo a recepção estará, em alguma instância, mediada pela atuação da escola. Esta, por sua vez, também não conduz sua atuação pela agenda dos meios de comunicação. A construção do conhecimento é complexa e estabelece diversas outras conexões com outras instituições sociais, dentre elas a mídia.

O último aspecto de desconexão é a temporalidade. Aqui a leitura pode ser conduzida para dois canais: o da matriz cultural do tempo e o da velocidade histórica. A respeito da temporalidade social, Martín-Barbero ressalta que existe um tempo medido em partes contáveis e outro separado em fragmentos:

Enquanto em nossa sociedade o tempo produtivo, valorizado pelo capital, é o tempo que ‘transcorre’ e é medido, o outro, constituinte da cotidianidade, é um tempo repetitivo, que começa e acaba para recomeçar, um tempo feito

não de unidades contáveis, mas sim de fragmentos (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 297).

O autor exemplifica pela televisão a relação do tempo fragmento com a ordem de mercado. É ao incluir o emaranhado de gêneros que a TV consegue sua forma de rentabilidade (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 298). A matriz cultural da escola, na esteira da reflexão iniciada por Martín-Barbero, pode ser entendida como aquela da repetição e do fragmento. Diferente da mídia, a escola caminha com menos velocidade na conjunção dos seus gêneros e ritualização do tempo, valorizado pelo capital. Isso faz com que as inovações, dadas na dimensão de competitividade técnica da mídia, sejam recebidas pela escola em segunda instância. Um movimento que por um lado possibilita para a escola a temporalidade necessária para o processo de aprendizagem, mas por outro a desafia com a “experiência cultural do novo público” (BENJAMIN *apud* MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 298), que vive no acelerado contexto apropriado pela mídia para o mercado.

Não é papel da interface dizer como a escola ou a mídia devem trabalhar, mas promover reflexões que permitam a compreensão das conexões entre as duas, gerando posicionamentos positivos e propositivos; e das desconexões, que permitam a afirmação de cada uma sem preconceitos ou guerras. É nesta nova criação, realizada não só por pontos de encontro, que a interface se conjuga e permite a construção de projetos educativos com os meios.

É oportuno, portanto, destacar as principais oportunidades de usos dos meios na educação. Existem iniciativas desde a perspectiva da recepção até a produção. O jornal impresso é um dos meios que mais encontra penetração na escola, em vista da grande aceitação do texto impresso no contexto educacional. Neste cenário, as atividades contemplam desde a leitura, releitura, análise crítica até a produção dos próprios jornais, com diversas técnicas, murais, *fanzines*, fotocópias e várias outras.

O rádio tem sua participação em projetos específicos, onde na maioria das vezes sua utilização está focada na ideia de os estudantes produzirem seu próprio programa de rádio. Promovendo, com estes, uma melhoria no coeficiente comunicativo, alargando os espaços de expressão e permitindo a construção de uma identidade de grupo, fundamentada nas demandas da classe e na realidade da escola e da comunidade.

Os projetos com uso de filme na escola também são oportunidades de trabalhar com a interface. Existem iniciativas em que os estudantes vão até o cinema, contudo esses projetos estão voltados mais para a formação de plateia. No caso do uso de filmes, completos ou em trechos, de intenção didática ou comercial, a penetração em sala de aula também é vasta. E a televisão, entre as linguagens audiovisuais, é o meio que será diretamente analisado nesta pesquisa, bem como sua relação com a escola.

2.2 TELEVISÃO E ESCOLA E A TV NÃO EDUCATIVA

A relação entre a Televisão e a Escola, na esteira da aproximação entre a comunicação e a educação, é desejável, possível e frutuosa. A respeito dessa relação, Paulo Freire afirmou que a escola não pode ter medo de *dialogar* com os meios de comunicação. Para ele, é necessária “uma escola sem medo de conviver com eles, chegando mesmo até, risonhamente, a dizer: ‘vem cá, televisão, me ajuda! Me ajuda a ensinar, me ajuda a aprender!’” (FREIRE e GUIMARÃES, 2003, p. 37). Portanto, a busca é por uma educação libertadora, pela qual seja possível a formação crítica e cidadã, conectada com o contexto vivido. A TV potencializa a realização desta proposta.

Presente, quase, na totalidade dos lares brasileiros, a televisão representa vários papéis para as pessoas. Ela emociona. Faz viajar. Dá a conhecer. Ela rompe autoridades e promove novas sensibilidades (MARTÍN-BARBERO, 2013). Transmite diversas mensagens a partir de uma linguagem complexa, que une imagem, som e movimento. E sua textualidade se dá expressa nas imagens e nas vozes que narram suas histórias. Desse ponto, é nítido que oferece uma forma diferente de informar ou entreter e requer uma competência diferente para compreender. Afinal, a mensagem é resultado da união precisa dos vários recursos de que dispõe, incluindo a edição.

Por sua característica, sofre certa desconfiança da escola, que ainda defende a hegemonia do texto impresso (MARTÍN-BARBERO, 2004) como detentor e único propagador do saber. Além disso, ela se insere nas mudanças culturais e rompe com determinadas ordens e hierarquias, descortinando o que antes era controlado pelo mundo letrado e traduzido pelos adultos alfabetizados. Para Martín-Barbero (2004),

ela catalisa as mudanças da sociedade e as coloca em pauta. Contudo, “a mídia não é a única responsável por todas estas mudanças culturais que enfrentamos hoje. Ela é coadjuvante em processos sócio-históricos mais amplos” (OROFINO, 2005, p. 49).

Esta questão transforma, claramente, a relação com o saber, pois inaugura novas formas de ler e de ver. Com Martín-Barbero (2004), se ressalta que não existe a intenção de que o audiovisual, representado principalmente pela televisão, assuma o lugar do texto impresso, do mundo letrado. Esse será o primeiro caminho para a alfabetização. Mas existe a necessidade de uma segunda alfabetização, que faça a conjunção de várias linguagens, entre elas o audiovisual.

Parece difícil entender se os fatos estão na TV porque acontecem na sociedade ou se acontecem porque estão na TV. Para Martín-Barbero não há dúvida: “é óbvio que a televisão não opera pelo seu próprio poder, mas catalisa e radicaliza movimentos que estavam na sociedade previamente” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 56). Quando se fala, portanto, da aproximação entre televisão e educação, não se refere aos programas de intenção didática, mas à televisão cotidiana, aberta e comercial que catalisa a sociedade.

2.2.1 A TV Não Educativa Que Educa – A Contribuição de Guillermo Orozco Gómez para a investigação televisiva

Grande parte dos estudos e obras que anunciam a aproximação entre a Televisão e a Escola pensam em um modelo de TV feita para educar. Aquela pertencente às redes educativas, cuja agenda é pautada pelo interesse público. Outra parte dirige o olhar para as produções, programas, desenhos e filmes, destinados ao ensino. É verdade que, nestes casos, as possibilidades de ensino são explícitas, pois está na concepção destas produções audiovisuais o currículo da escola e a agenda da educação. Isso porque, usar “televisivamente a televisão”, como ressalta Orozco (2014), é rico em possibilidades, mas nem sempre em resultado.

A pesquisadora francesa Geneviève Jacquinot, ao abordar o cinema educativo, o chama de “parente pobre do cinema de ficção” (JACQUINOT-DELAUNAY, 2006, p. 25). Essa característica estaria presente a partir de duas óticas: da distribuição e da produção técnica. De um lado, o número de materiais educativos em circulação é

muito menor do que os materiais comerciais. E por outro, a diferença entre os procedimentos técnicos e expressivos usados nos filmes se sobressai. As produções comerciais dão lições muito bem explicadas, com efeitos especiais bem aplicados e uma boa dose de realismo, ainda que tenham caráter ficcional. Já um documentário educativo, por exemplo, tende a não usar os mesmos recursos para se expressar. Aliás, os gêneros escolhidos, por si mesmos, já reduzem em grande parte as possibilidades de criação e atração.

Além disso, são produções de alto custo contra baixos orçamentos. Poucas se sustentam. Reforçamos que são pertinentes, oportunas e podem ser utilizadas. Mas decidimos apurar o olhar nesta pesquisa para o uso possível da produção que está na TV, fora da produção pedagógica. A discussão ganha uma ênfase diferente pela trajetória do pesquisador Guillermo Orozco Gómez.

Com uma grande experiência profissional e de pesquisa voltada para o campo da educação, Orozco buscou uma ponte com a comunicação olhando especialmente a recepção das audiências. O termo audiência é usado neste trabalho com o mesmo sentido cunhado por Orozco, para caracterizar os espectadores de televisão, que são entendidos como sujeitos potencialmente ativos no processo de recepção.

Ser audiência significou e significa interagir com a informação e com o mundo sempre mediados por telas [...]. Sua participação variável nessa interação mediada é que define hoje a audiência e, ao mesmo tempo, o ser e o estar como audiência é o status que mais caracteriza e continua a diferenciar os sujeitos sociais [...] (OROZCO, 2014, p. 53).

O autor partiu, então, para o seu doutorado em Harvard, “num programa que foi o divisor de águas da Televisão educativa mundial” (OROZCO, 2014, p. 20). Iniciou seu percurso focado em pesquisar os programas da “Vila Sésamo”. Logo se deu conta de que toda a eficácia do programa em “usar televisivamente a televisão para fins educativos era sempre uma proposta a partir da emissão e algo caríssimo” (OROZCO, 2014, p. 21). Depois de dois semestres de seu doutorado, teve acesso à tese de uma professora e ficou, como ele mesmo se classifica, “atônito”. A tese avaliava o movimento da pupila dos olhos das crianças telespectadoras diante de pontos opacos e luminosos na tela do televisor. O estudo foi muito bem aceito pela distribuidora americana da Vila Sésamo, pois se entendia que isso poderia aperfeiçoar tecnicamente a programação de forma que a mensagem seria passada inequívoca e

integralmente, possibilitando a real aprendizagem das crianças telespectadoras. Para Orozco, isso era o exemplo claro da hipótese da agulha hipodérmica.

Com isso, fica nítido que os estudos de expressão no período não estavam considerando a interlocução das audiências, e tampouco o restante da programação televisiva. Sendo assim, Orozco deixa de olhar para os programas educativos e passa a se perguntar: o que fazer com o resto da programação da TV? Pois era ali que “se manipulava, se incitava o consumismo, produziam-se e difundiam-se estereótipos (...)” (OROZCO, 2014, p. 22). Assim, lançou um novo olhar para as ideias que tinha no início de sua tese, com uma certa decepção por um lado – educativamente falando –, mas com libertação, por outro, já que o futuro dos programas educativos não parecia muito promissor no México – uma vez que eram muito caros para os cofres públicos das TVs estatais. Foi então que ajustou sua pesquisa para a formação de telespectadores críticos. “Seria ‘diante e não por trás’ das telas” (OROZCO, 2014, p. 22).

Desse ponto, com Orozco, este trabalho também direciona o olhar para a programação da TV não educativa, aquela que chega todos os dias nos lares de milhões de brasileiros. Sabendo que o movimento está diante e não por trás da produção, a investigação considerará o papel da escola e do professor na mediação da recepção de um gênero televisivo específico, o telejornal.

Tanto para Orozco quanto nesta investigação, partindo das constatações anteriores, é necessário tomar suas bases epistemológicas para se abrir a novas premissas que vão sustentar o pensamento. Assim, é preciso sair do modelo de conhecimento produzido no ensino para um processo que se modifica enquanto se faz e assumir que de qualquer programação se aprende algo, mesmo que não seja “educativa”.

Além disso, é necessário reforçar o próprio conceito de educação, fundamentado ainda mais no que é difundido pela obra de Paulo Freire. Assim, surgem algumas premissas que Orozco apresenta, dizendo que “sempre estamos na possibilidade de aprender, mas nem sempre na de ensinar” (OROZCO, 2014, p. 25), pois é preciso saber que se aprende de diversas maneiras, e que a escola não é o único lugar onde se produz aprendizagem:

O ensino é restrito, a aprendizagem é aberta, quase interminável. O aprender não depende unicamente do ensinar, pois se aprende de muitas maneiras: pela descoberta, pela tentativa e pelo erro, tanto ou mais do que como

resultado de algum ensinamento. (...) É preciso romper esse monopólio e crença generalizada de que educação só tem a ver com o escolar. Esse seria o caso dos meios de comunicação de massa e, hoje, das diversas tecnologias e das redes sociais que, sem reconhecer-se educadores, estão educando, e o produto de sua educação é o polêmico, pelo menos, e nem tudo o que conseguem vale a pena. Tampouco é essencial ou necessário, mas nem por isso inexistente (OROZCO, 2014, p. 25).

Segundo as reflexões e constatações do autor, as aprendizagens estão em concorrência e as instituições que ensinam também, e o resultado é uma luta para formar os cidadãos. Foi isso que apurou em sua tese, demonstrando a socialização partilhada e rivalizada de três instituições: televisão, família e escola na formação das crianças mexicanas.

Quebrando os paradigmas e construindo suas constatações Orozco desenvolve o modelo das Mediações Múltiplas, que é central em seu pensamento atualmente. Compreende as diversas características contextuais e instituições que estão envolvidas no processo de recepção, considerando também os fatores históricos. Citelli e Orofino confirmam:

Daí que as pesquisas implementadas por Orozco-Gómez acerca das audiências, do público, deixem de ser concebidas como mera relação com os meios de comunicação e passem a ser pensadas em dimensão maior, incluindo a família, o bairro, as ruas e seus múltiplos cenários, as instituições sociais e as regras, estruturas e formas de poder a elas relacionadas (CITELLI; OROFINO. In OROZCO, 2014, p.8).

Para Orozco Gómez trata-se de acompanhar o complexo processo no qual as mensagens que chegam às audiências sofrem interferências de uma série de mediações (etárias, de classe social, étnicas, de gênero, etc.), permitindo ao telespectador, ao leitor do jornal, ao aluno em sala de aula, significar, designificar ou ressignificar os campos de sentidos que lhes aportam através de variados meios e tipos de discursos (CITELLI; OROFINO. In OROZCO, 2014, p.10).

Portanto, mesmo que do ponto de vista da emissão, a produção não seja realizada com finalidade didática, o processo de interação da audiência lhe dá um papel ativo de produtor de sentido. “Não se preocupem com a forma como a mensagem é produzida nem o seu conteúdo, são os receptores que dão o significado final” (WOLTON, 1997 *apud* DALLA COSTA, 1999, p. 21. *Tradução livre*). Portanto, a aproximação da TV com a sala de aula faz ecoar essa premissa, usando este espaço genuíno de diálogo e produção sentidos para significar estas mensagens. E esta será, como já afirmamos em outros textos, “uma experiência verdadeiramente

transformadora. Ela será incompatível com a manutenção de qualquer *status quo* que possa existir” (PAULA, 2014). Superando o entrincheiramento histórico, a escola recebe hoje a televisão. Contudo, ainda de forma lenta e desconfiada, relegando à TV o papel ilustrativo do saber que não provém dela, e sim dos textos impressos e dos ensinamentos. Com sua presença a TV vai promovendo transformações. Como seu papel se constrói no cenário social e político, é válido conhecer a presença deste meio em nosso país, o Brasil.

2.2.2 Presença da Televisão no Brasil: Do Meio ao Político

Além das características do próprio meio, sua lógica de produção e sua institucionalidade (MARTÍN-BARBERO, 2013), a TV no Brasil precisa ser observada em seu caráter empresarial e seus aspectos carregados de influências sociais e políticas. No Brasil, a TV é, segundo Eugênio Bucci, mais do que produto de entretenimento de massa. “Ela consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros” (BUCCI, 1996, p. 9).

Está presente nos lares brasileiros e diante dela as pessoas se emocionam com jogos, ficam indignadas com temas políticos, se envolvem nas tramas da ficção e se informam. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 97% dos entrevistados assistem TV com frequência, sendo 65% deles telespectadores assíduos em frequência diária, numa intensidade média de 3h30 (SECOM, 2014).

A mesma pesquisa mostra, ainda, que 67% dos telespectadores têm acesso à TV aberta; 7% assiste somente à TV paga, e 24% assiste ambas. Entre os paranaenses os números são similares, pois 66% passa uma média de 3 horas diante da TV. Destes, 66% na TV aberta, 7% na paga e 26% em ambas (SECOM, 2014). A frequência e intensidade com que os brasileiros assistem à TV até hoje e a penetração da TV aberta renovam a ideia de Bucci, de que “foi a televisão que forneceu ao brasileiro sua autoimagem a partir dos anos 70” (BUCCI, 1996, p. 15). A análise de Bucci apresenta ainda que o desenvolvimento da televisão no Brasil caminhou tão lentamente quanto o desenvolvimento da própria democracia no país, havendo, portanto, forte ligação entre a televisão e a política.

Segundo a pesquisa Mídia Dados Brasil 2014, realizada pelo Grupo de Mídia São Paulo, o Brasil possui 732 geradoras e retransmissoras de TV com sinal aberto, divididas entre 9 redes, mais 24 vinculadas à rede educativa (GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO, 2014). Como afirma Bucci, “a TV é um desequilíbrio a mais num país de desequilíbrios” (BUCCI, 1996, p. 35). Assim, não é só pelo caráter atribuído à linguagem que usa que se dá seu poder, influência e penetração. Também pela distribuição de seu sinal, sua presença física e sua oferta aos espectadores.

EMISSORAS	GERADORAS	GERADORAS + RETRANSMISSORAS
REDE GLOBO	122	122
SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO (SBT)	98	114
REDE RECORD DE TELEVISÃO	54	108
REDETV!	52	
REDE BANDEIRANTES DE TELEVISÃO	43	101
REDE TV CULTURA	28	60
CENTRAL NACIONAL DE TELEVISÃO (CNT)	8	72
REDE RECORD NEWS	8	107
TV GAZETA S.PAULO	1	48
TOTAL	414	732
REDE TV EDUCATIVA (ABEPEC)	24	

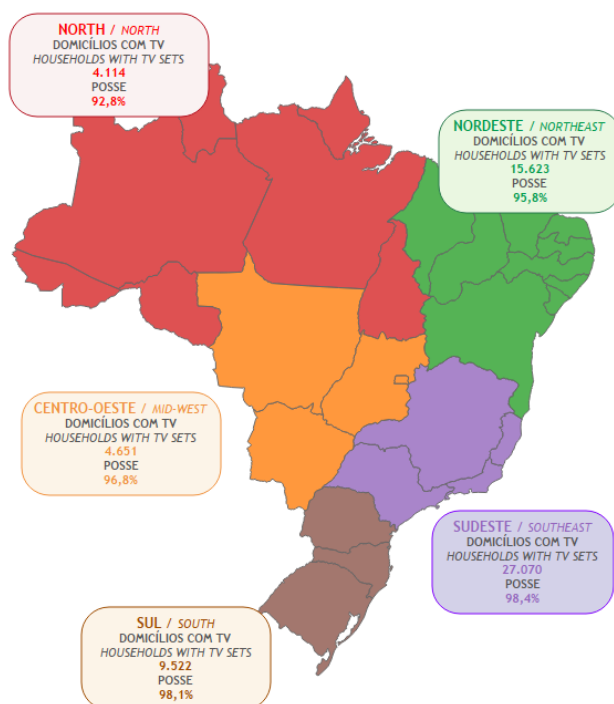
Tabela 4 - Número de Emissoras Comerciais por Rede

Fonte: Mídia Dados Brasil 2014

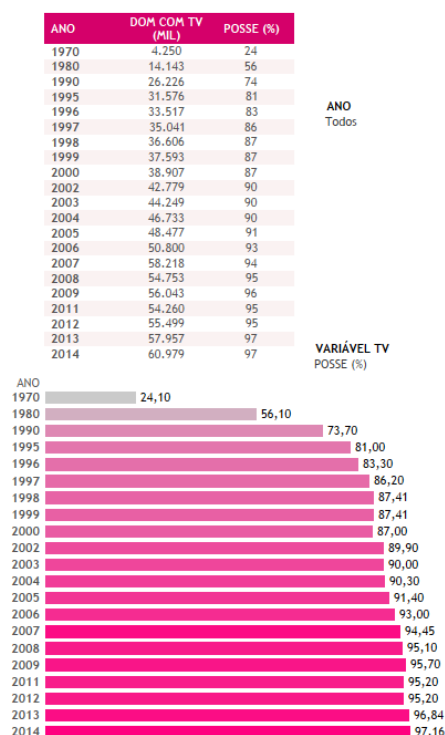
A pesquisa afirma também que a televisão está em 97,16% dos lares brasileiros. No Paraná, o número é de 97,3% e na Região Metropolitana de Curitiba, 98,2% dos lares possuem televisão (GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO, 2014). Desde as medições da década de 70 o número apresenta crescimento em todas as edições da pesquisa. Realidade que também se repete quando o assunto é a venda industrial de aparelhos de TV. Mesmo no cenário contemporâneo, em que a internet ganhou expressão maior que a televisão, ela continua dentro dos lares.

PROJEÇÃO DE DOMICÍLIOS COM TV PROJECTION OF HOUSEHOLDS WITH TV SETS

REGIÃO
Todos



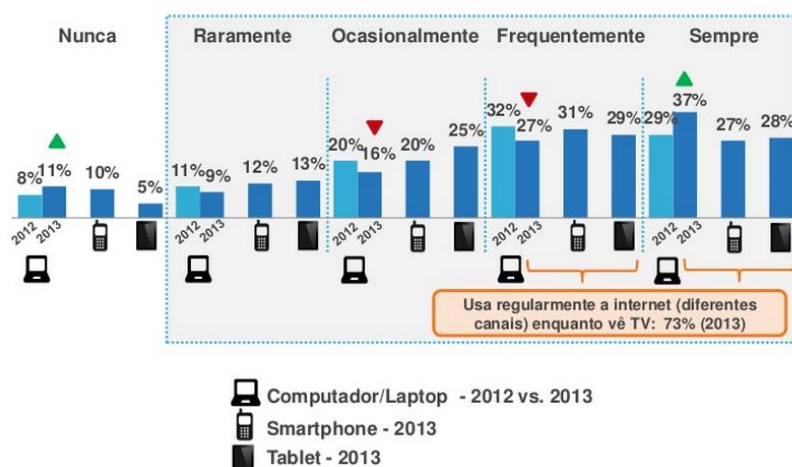
EVOLUÇÃO DOS DOMICÍLIOS COM TV EVOLUTION OF HOUSEHOLDS WITH TV SETS



Infográfico 1 - Domicílios com TV no Brasil

Fonte: Mídia Dados Brasil 2014

A pesquisa Brasil Conectado, da Rede Brasil Conectado, formada por pesquisadores de Universidades Federais e Privadas de todos os Estados do País, aponta que 73% dos brasileiros usam internet e assistem à TV ao mesmo tempo, em geral realizando atividades não relacionadas entre si (IAB BRASIL, 2013).



Infográfico 2 - Brasileiros que usam regularmente a internet enquanto assistem TV

Fonte: Pesquisa Brasil Conectado

As três pesquisas citadas apresentam participantes com características diferentes. Na Pesquisa Brasileira de Mídia, foi entrevistado um número maior de mulheres, com mais de 55 anos e aposentadas. A Brasil Conectado contou com a participação maior de jovens, solteiros, na faixa etária de 25 a 34 anos. Já a Mídia Dados é uma pesquisa de mercado que congrega dados dos principais institutos de pesquisa do ramo. Ainda assim, seus resultados permitem perceber o que Martín-Barbero (2004) chama de ampliação da paisagem televisiva.

Às formas de ver televisão aberta se uniram a televisão a cabo, a internet, as televisões comunitárias, os canais locais, a televisão por satélite. [...] Se os espectadores de televisão recebem atualmente mais mensagens televisivas, também variam as formas pelas quais se relacionam com elas, desde as maneiras como se selecionam até os modos como compõem autonomamente suas próprias fichas de programação ou desenham seus ritmos pessoais de recepção televisiva. Agora muito mais impactados pelas possibilidades de *zapping* (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 67).

O zapping hoje é multimodal e multiplataforma. Não se trata apenas de trocar de canal para deixar de lado os intervalos comerciais, mas sim de se relacionar ao mesmo tempo com mídias diferentes, juntando linguagens e conteúdos diferentes, que serão significados pela recepção de seu conjunto. Dessa forma, a TV se caracteriza no Brasil como um ator social que interage com suas identidades (MARTÍN-BARBERO, 2004). Assim como a escola, que figura entre as principais instituições formadoras da sociedade. Se quando se fala de educação e escola defronta-se com os modelos políticos e econômicos que regem a instituição, com a televisão não é diferente. A aproximação entre as duas não desconsiderará a base que sustenta cada uma, as institucionalidades pelas quais passam, mas superará estes aspectos em vista da formação crítica e cidadã, a partir da qual a tomada desta consciência é premissa para o exercício de sua função.

Retomando Orozco, é diante e não atrás das telas que o processo se dá. Portanto, não se pode fixar o olhar da pesquisa exclusivamente no ponto de vista do emissor, a TV e suas emissoras. Pois o receptor tem papel ativo. Portanto, cabe observar a construção de sentidos realizada diante das telas. Assim, o estudo de recepção se apresenta como melhor estrutura epistêmica e metodológica para a compreensão das significações construídas diante destas telas.

A televisão afeta em grande escala a realidade das pessoas, e isso foi forte desde o seu surgimento. Os apelos comerciais para que o novo invento fosse adquirido lançava mão de vários argumentos, entre eles a possibilidade de ver as imagens do mundo em movimento sem sair de casa, com a comodidade do lar. “A televisão era apresentada definitivamente como uma espécie de outro cinema” (BARBOSA, 2013, p. 268). A pesquisadora Marialva Barbosa destaca o impacto cultural, ancorando sua constatação no que Williams (1985) chama de “privatização móvel”, o que “facilita a disjunção de um comportamento privado e de um público e, ao mesmo tempo, obscurece a relação entre ambos” (BARBOSA, 2013, p. 270). A partir do isolamento, os comportamentos passaram a ser acionados, como o impulso consumidor. Novamente citando a perspectiva cultural de Williams (1979), Barbosa explica:

As tecnologias de comunicação que se desenvolvem, a partir de então, vêm suprir essas necessidades e dar resposta a “estruturas de sentimento” (WILLIAMS, 1979), que existem primeiramente como imaginação e que, gradativamente, transformam-se em possibilidade tecnológica real. O olhar pela janela, para fora ou ainda presumir que a televisão ocuparia lugar de destaque nas salas de visita, ou mais ainda, que possibilitaria a produção de rituais nos modos de ver e que se espelharia pelos lugares públicos [...] são estruturas de sentimento materializadas em práticas culturais que existem como possibilidade antes de serem práticas comunicacionais (BARBOSA, 2013, p. 269).

Mesmo tendo surgido em ações improvisadas, as marcas culturais que a TV foi capaz de estabelecer deixam heranças em todo o processo de construção social até os dias atuais. Fruto de iniciativa privada, a televisão exigia um alto investimento em equipamentos para produção de seus programas. Quase todos eram importados. Para dar início às operações de sua emissora, o dono do Diários Associados, Assis Chateaubriand, recorreu ao mercado de publicidade. Com foco no entretenimento, Chateaubriand via a TV como “máquina de influir na opinião das pessoas” e “máquina que dá asas à fantasia”, mais uma marca muito bem aproveitada pela televisão.

Atentai bem e verei como é mais fácil do que se pensa alcançar uma televisão: com prata Wolf, lãs Sams, bem quentinhas, Guaraná Champagne, borbulhante de bugre e tudo isto bem-amarrado e seguro na Sul América, faz-se um *bouquet* de aço e pendura-se no alto da torre do Banco do Estado um sinal da mais subversiva máquina de influir na opinião pública – uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos mais afastados (CHATEAUBRIAND, 1950 *apud* BARBOSA, 2013, p. 275).

Inicialmente instaladas no eixo Rio-São Paulo, as primeiras emissoras de TV exibiam entretenimento, com programas musicais e misturavam o comercial de

publicitários que pagavam para que seus produtos fossem citados, no incentivo à aquisição do próprio aparelho de TV, que foi se constituindo como “o brinquedo do século XX que tornava possível a apreensão de múltiplos sentidos e o aprisionamento do público” (BARBOSA, 2013, p. 281), que passou a ter necessidade de consumo deste novo bem.

Cabe ressaltar, na esteira do pensamento de Barbosa (2013) que a televisão contribuiu para o impacto cultural, influência de consumo e relações sociais a partir dos anos 1950, quando do seu surgimento, e 1960, quando de sua ampliação. Contudo, a preparação de um olhar para o público como massa sem rosto já vinha sendo realizada desde os anos 1920.

A chave para a compreensão dos processos comunicacionais que se instauram no Brasil a partir de 1960 é a percepção de que os meios se dirigem cada vez mais a uma multiplicidade de rostos que passam a ser vistos, sobretudo nas décadas seguintes, como público indiferenciado, qualificado e percebido como povo, massa, multidão. Há uma busca pela expansão do auditório onde múltiplos meios se movem e a presunção de que a eficácia da comunicação se faria pela aproximação de um leitor/espectador/ouvinte sem um rosto real, mas que assumia o seu lugar de público ao estar em contato com as indústrias midiáticas que se consolidam naquela sociedade (BARBOSA, 2013, p. 289).

Foi na década de 1970, com a expansão da presença da televisão nos lares brasileiros e mais de onze milhões de aparelhos de TV no Brasil (Barbosa, 2013, p. 323-333), que a consolidação da televisão brasileira teve seu início. Os programas de auditório com grandes nomes, como Silvio Santos, Dercy Gonçalves, Chacrinha; transmissões importantes como o primeiro homem na lua, a Copa do Mundo de futebol; todas estas alternativas de programação faziam muito sucesso e levaram as emissoras à criação de novos programas, investimentos e inovações. É neste período, também, que se estende para todo o território nacional o *Jornal Nacional*, da TV Globo, como será abordado mais detalhadamente no segundo capítulo deste estudo.

Desta breve história fica evidente que “o desenvolvimento da televisão está intimamente ligado à do capitalismo, ao surgimento da sociedade de consumo, à produção em massa de bens materiais e avanço tecnológico” (DALLA COSTA, 1999, p. 172. Tradução livre). Além disso, sempre houve uma forte vinculação política (BUCCI, 1996; Silva, 1985). As modificações e transformações encetadas pela televisão no Brasil não são exclusividade deste país, embora guardem suas devidas especificidades. Segundo Dalla Costa (1999), os países da Europa, em especial após a Segunda Guerra Mundial, passaram também pela constituição desta nova

linguagem que influenciou no seu desenvolvimento cultural. Diante de um meio de comunicação de massa que se caracteriza tão fortemente no Brasil e no mundo como presença influenciadora, cabe a reflexão sobre a produção de sentidos entre seus receptores, portanto um estudo de recepção.

2.3 ESTUDOS DE RECEPÇÃO E AS MEDIAÇÕES MÚLTIPLAS

A recepção é um processo. Nele se constroem os sentidos para as mensagens televisivas. Estudá-lo é uma busca por compreender e explicar as relações entre comunicação e produção de sentido, entre sujeito-audiência e meio-mensagem. É ir em busca do sujeito, como ressalta o pesquisador Mauro Wilton de Sousa (1995), e compreender as relações que estabelece com os meios.

Este tipo de estudo abandona a postura que analisa os efeitos da comunicação previamente estabelecidos sobre uma audiência sem forma, ou ainda que busca do receptor um sujeito de pesquisa de opinião (PAULINO, 2001). A pesquisadora Roselí Fígaro Paulino ressalta ainda, que diante da complexidade dos processos de comunicação:

“a problemática dos estudos de recepção está centrada em como se dão as inter-relações emissor/receptor e quais os fatores intervenientes nessa relação, bem como quais as formas de apropriação e ressignificação dos sentidos que circulam na pluralidade dos discursos sociais e que constituem o material simbólico tanto de emissores quanto de receptores” (PAULINO, 2001, p. 31).

Os estudos de recepção representam uma ruptura na forma de entender e analisar a comunicação. Ao longo história, estes estudos promovem um descentramento epistemológico da própria comunicação. Significa que “não é somente uma etapa do processo de comunicar, mas sim um novo lugar de onde devemos repensar os estudos e pesquisa em comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 40).

São importantes, pois permitem considerar a comunicação em seu processo amplo, partindo tanto do ponto de vista do emissor, quanto do receptor. Trata-se, portanto, de reconhecer no receptor um sujeito capaz de produzir significados com que é distribuído pelos emissores. E mobilizar, nesta produção de sentidos, os

referentes culturais que estão ao seu redor. Os estudos se fortalecem em um momento de uma “nova trama comunicativa da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2004) onde ocorre uma reterritorialização da comunicação como um movimento que atravessa a cultura e promove novos modos de percepção e de linguagens, construindo novas sensibilidades e um novo modo de comunicar (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 228-229).

As pesquisadoras Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy apresentam um levantamento sobre a recepção na América Latina, e nele uma concepção, entre diversas outras, que contribui para o entendimento do conceito nesta pesquisa. Segundo esta concepção, “o que caracteriza a análise da recepção são os procedimentos comparativos entre o discurso dos meios e o da audiência, e entre a estrutura do conteúdo e a estrutura da resposta da audiência em relação a este conteúdo” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 42). Embora não seja a principal e tampouco única concepção, reforça a ideia de relações entre audiência, mensagem e contexto tal como expressam Martín-Barbero (1995; 2004; 2014), Orozco (2014), Paulino (2001), Souza (1995).

Identificar e compreender a recepção é um desafio, que exige “grande desenvoltura metodológica e uma postura inter, trans ou, no mínimo, multidisciplinar” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 17). É neste cenário que este pesquisador, cuja formação inicial é em Filosofia, atuação profissional na área da educação, com certa experiência na interface comunicação e educação, se arrisca a conduzir sua investigação. Com o apoio de Dalla Costa (1999), entende-se que “a recepção não é fácil de se analisar [...] mas essa não é uma razão forte o suficiente para abandoná-la” (1999, p. 23. Tradução livre).

Existem variações na denominação deste tipo de estudo, e inclusive na mesma denominação há uma variação de abordagens. Jacks e Escosteguy (2005), a respeito da denominação, dizem que a forma como é chamada em nosso continente considera diversas abordagens dentro do mesmo campo, “diferentemente do plano internacional, onde toda a gama de investigações de tal problemática pode ser chamada de pesquisa de audiência” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 54).

Definida como dupla natureza – qualitativa e empírica, a pesquisa busca dados na observação, entrevista e os analisa desde a perspectiva de pesquisa qualitativa. Os recursos metodológicos e técnicos contemplam pesquisa experimental,

survey, observação participante. E combinam análise e interpretação, entendendo a cultura e comunicação socialmente construídas e historicamente situadas. Por isso, “o processo de recepção é parte intrínseca do processo de comunicação, em que o primeiro é parte constitutiva e constituinte deste último” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 14).

As questões nos estudos de recepção, de forma geral, estão estruturadas em torno de quem são, como agem e em que contexto as audiências fazem o processo de recepção. Dessa forma, a interrogação por “quem são” está no campo estrutural, buscando conhecer o gênero, renda, educação e outros fatores. Saber como agem se encontra no campo comportamental, em busca de entender sua forma de vida, e a inserção contextual busca compreender e explicar o aspecto sociocultural em que a recepção ocorre.

Embora tenham conexão com várias outras correntes de pesquisas em comunicação, os estudos de recepção ampliam e modificam o olhar sobre os sujeitos, e não devem ser confundidos com as tradições culturalistas, ou funcionalistas e semiológicas realizadas fortemente até a década de 80. Ao tratar da cultura sob a perspectiva sociológica Williams (1992) indica a necessidade de cuidado para não cair no estudo de efeitos que podem levar à “utilização de afirmações ingênuas” (WILLIAMS, 1992, p. 20) focados em inquéritos de atitude ou reações sobre determinados temas sem considerar a condição sociológica. E ainda, ao caracterizar as novas formas de produção cultural o pesquisador afirma que os autores sempre “trabalham dentro de condições sociais e culturais determinadas” (WILLIAMS, 1992, p. 111). Assim também ocorre com as produções televisivas na contemporaneidade.

A concepção de cultura, citada anteriormente neste trabalho, de “sistema de significações” (WILLIAMS, 1992), precisa ser destacada neste momento como fundamental para a análise do processo de recepção. Pois ele precisa “ser pensando como processo que põe em operação sistemas de significados que compõem cada vez de maneira mais intensa o modo de vida global” (PAULINO, 2001, p. 53) dos sujeitos receptores.

Dessa maneira, pensando a respeito da recepção televisiva – no contexto da comunicação que transversa a cultura, “nem a televisão é somente um meio de comunicação, mas muitas coisas ao mesmo tempo, nem as audiências são apenas audiências” (OROZCO, 2014, p. 35). Com esta consideração a respeito dos sujeitos

– categoria essencial na recepção, é preciso assumir que sua maneira de se relacionar com a televisão é, também, tecida pela realidade e se faz de formas diferentes, caracterizando processos culturalizados e sempre mediados.

As mediações da recepção, segundo Orozco, ocorrem em três grandes dimensões que se subdividem. Primeiramente são as dimensões relativas ao meio audiovisual, as que fazem a primeira mediação. Existem ainda as micromediações e macromediações.

As dimensões do audiovisual, conforme a explanação de Orozco, se dividem em cinco: dimensão tecnológica, discursivo-linguística, midiática, institucional e estética. A primeira dimensão se refere à capacidade técnica da televisão de atuar com grande nível de fidelidade e verossimilhança. A perspectiva discursivo-linguística está relacionada à conjunção das linguagens auditiva e visual na formação dos discursos. Desta perspectiva surgem, também, os gêneros televisivos que enfatizam determinados usos e relações das linguagens.

A midiaticidade é a dimensão que diz respeito à capacidade da televisão de se diferenciar dos outros meios e atrair os espectadores para sua programação. A institucionalidade é a ancoragem da emissora de televisão nos sistemas culturais, sociais e políticos. Por fim, a dimensão estética relaciona as demais com o estilo e qualidade da emissora, transformando-se em marca dos produtos dessa ou daquela emissora.

Cada uma das dimensões anteriores exerce uma mediação distintiva em suas audiências, fazendo do processo de assistência televisiva um processo necessariamente multimediado. Ver, “escutar”, perceber, sentir, gostar, pensar, “comprar”, avaliar, guardar, retrain, imaginar e interagir com a televisão são atividades paralelas ou simultâneas de um longo e complicado processo de interação com as telas (OROZCO, 2014, p. 36).

É a partir dos “jogos de mediação” (OROZCO, 2014) que se pode “apreciar os lugares de onde os sentidos derivam” (MARTÍN-BARBERO, 2004). Dessa forma, depois dos âmbitos relacionados ao meio, existem as percepções derivadas de cada pessoa, num processo individual. Essas são as micromediações, que se caracterizam entre recepções de primeira e de segunda ordens.

Como recepção televisiva de primeira ordem se pode ressaltar dois aspectos, a ritualidade e a ancoragem situacional. Antes destes dois existem várias outras mediações anteriores ao momento de estar diante da TV. A ritualidade é construída

pela própria cotidianidade do sujeito, que se refere à sua assiduidade em frequência e intensidade de uso da televisão, e o local onde assiste, sua sala de TV, à mesa durante as refeições, na rua. Na região urbana ou rural. A ancoragem situacional se refere ao seu contexto imediato. Classe social, etnia, senso de pertencimento cultural, gênero etc. São todos fatores que configuram os textos televisivos em sua recepção.

As recepções televisivas de segunda ordem ocorrem depois do contato direto com a tela da TV. Para além das telas ocorre uma renegociação dos sentidos, a partir da rememoração das mensagens é possível perceber o roteiro construído pela recepção. São as referências e apropriações resultantes do processo de contato televisivo.

Esse reconhecimento dos cenários e dos múltiplos contatos da recepção televisiva, além de estabelecer a possibilidade de intervenções pedagógicas 'a priori e a posteriori' do contato direto, redefine o tipo de evidência empírica que os pesquisadores das audiências devem recolher quando tratam de segmentos específicos de audiência, visto que, de acordo com cada caso, variam os cenários e as possibilidades e permanências de contato (OROZCO, 2014, p. 41).

As macromediações configuram-se nos diversos cenários que se inter-relacionam durante o processo de recepção. São aspectos considerados nesta reflexão: a identidade, a percepção, as institucionalidades, as instituições mediadoras, a política, as familiaridades e outros mediadores.

A identidade ou as identidades dos sujeitos-audiência são preponderantes mediadoras do processo de recepção televisiva. Aquilo com o que a audiência se identifica e como se constitui individual e coletivamente exercer influência na forma como atribui sentido ao que assiste. Assim, é natural que um pai se sinta impactado e fragilizado com uma notícia sobre a morte de uma criança, mais do que um jovem. Isso porque a identidade de cada um é diferente e age de forma divergente durante este processo.

A interação entre visual, auditivo, sensorial, simbólico, estético, emocional e racional forma a percepção que dará significado ao que viu. Embora a agenda televisiva tenha um foco específico, a percepção mediadora pode levar o sujeito a outra ênfase, e se pôr como um limite para o interesse, por vezes, controlador da televisão.

A institucionalidade é um aspecto mediador que se refere à própria televisão. Está relacionada aos seus parâmetros para definição do que e como será mostrado. Neste aspecto, o fio condutor da mediação será sempre relacionado ao meio e à emissora, ou emissoras que se assiste, embora se relacione com as demais instituições sociais. Já no aspecto das instituições mediadoras, o fluxo vem de fora da televisão. São as demais instituições sociais, dentre elas escola, trabalho, igreja, família, que se tornam mediadoras por se relacionarem diretamente com os sujeitos-audiência.

A mediação política oferece aos cidadãos diversos fenômenos pelos quais são analisadas e aprovadas ou não. Neste ponto, em geral, em lugar de “avaliar convencimentos dos sujeitos-audiências perante o mundo das políticas, evidencia sedução, gostos, preferências midiáticas ante o televisionamento da política” (OROZCO, 2014, p. 48). Por sua vez, a presença da televisão dentro das famílias é contraditória e, por vezes, conflituosa. O que ela instaura é uma nova ordem, num cenário de diversos outros ordenamentos. Dessa forma, a família, enquanto instituição social, “moralista ou sensata, fragmentada ou sistemática, informada ou reacionária [...] manifesta-se de maneira efervescente no modo com as audiências assistem à televisão” (OROZCO, 2014, p. 49).

Em vista de que a recepção é um processo extremamente culturalizado, que não ocorre de forma linear e unívoca, Orozco ressalta ainda que existem outras fontes de mediação, que se caracterizam nos novos e multifacetados processos sociais. Tanto a configuração do trabalho, a identidade da juventude, a relação com a tecnologia digital e a televisão, os fluxos das cidades se apresentam como fatores mediadores. Assim, compreender e explicar a recepção, considerando suas mediações, não é uma tarefa predeterminada.

O desafio pedagógico que as diversas mediações institucionais apresentam às sociedades contemporâneas ultrapassa o âmbito estritamente escolar ou instrumental e se situa em todo o espectro cultural-educativo-comunicacional-político. [...] As sociedades enfrentam, acima de tudo, a necessidade de uma ‘pedagogia política’ inclusiva, que redunde em uma educação integral dos sujeitos como audiências múltiplas mediadas, mas também como sujeitos, membros simultâneos de várias instituições que irremediavelmente estão, queiramos ou não, entrecruzadas pelo televisivo (OROZCO, 2014, p. 51-52).

Tendo em vista a recepção como um processo culturalizado e mediado, cujo resultado está na produção de sentidos entre os sujeitos-audiência, é em busca

destas compreensões que esta pesquisa se lança. Parte-se do gênero televisivo telejornal, por meio das exibições de suas reportagens no espaço de sala de aula, mediadas pela ação institucional da escola e pela ação pedagógica do professor, tendo os estudantes como principais representantes da categoria sujeitos-audiência.

2.4 O TELEJORNAL EM DIREÇÃO À SALA DE AULA

O telejornalismo, em TV pública ou privada, tem um mesmo e fundamental caráter, o de serviço. É um serviço para a sociedade, de alta relevância e grande responsabilidade, pois se ocupa de informar, e pela via da informação, contribui com a construção da cidadania. O telejornal está entre os gêneros televisivos de maior expressão no Brasil, acompanhando as telenovelas e o cinema. Nele as histórias são escritas pelas imagens, som e movimento – em uma nova linguagem. Ele está na base da organização de quase todas as emissoras de televisão aberta no país, e surgiu com as primeiras iniciativas de TV como objeto de transmissão, com os protocolos ainda oriundos do rádio e sem a força que passou a conquistar a partir da década de 1970.

Contudo, vale ressaltar que o telejornal cumpre um papel importante não apenas no cenário brasileiro. O mundo ocidental mantém características muito próximas de se relacionar com este gênero. Ainda que no Brasil existam especificidades, de uma forma geral é o telejornal que permite a conexão dos cidadãos com o mundo ao seu redor, como salienta Dalla Costa (1999):

Assim, é principalmente através de notícias que a televisão sintetiza sua ação social e institucional e permite aos cidadãos reconhecer o mundo ao seu redor e até mesmo incluir-se – ainda que no imaginário – no seu contexto (DALLA COSTA, 1999, p. 244. Tradução livre).

Já na década de 50, com o surgimento da televisão no Brasil, com a TV Tupi Difusora, se iniciaram os programas com caráter jornalístico. Mas esse início, tanto da televisão quanto do jornal na televisão se deu sem uma experiência de seus produtores. O jornalista Antônio Brasil (2012) ressaltava na história da TV em nosso país, que ela surgiu do capital privado, diferente dos países da Europa, por exemplo, onde elas surgiram de investimentos estatais. Além disso, a experiência anterior de

televisão na Europa era o sucesso do cinema. Diferente do Brasil, onde a TV segue a experiência e o sucesso do Rádio.

Os padrões de noticiar do rádio, sua dinâmica e ausência de conhecimentos e recursos para produzir imagens gravadas e editadas na mesma instantaneidade dos fatos, fizeram a primeira fase do jornalismo televisivo ser “nos anos 50 [...] uma espécie de rádio com imagem, ainda não considerada um elemento constitutivo da informação televisiva” (BITTENCOURT, 1993, p.6 *apud* BRASIL, 2012, p. 91). A possibilidade de gravar imagens para exibir durante a informação veio somente 9 anos mais tarde, com a chegada ao Brasil do *videotape*. O recurso foi explorado, mas ainda não se via uma apropriação da imagem para a informação. Era uma forma de ilustrar o programa e dar certa atratividade.

As transformações na forma de fazer jornal na TV foram assumindo uma segunda grande influência, o modelo norte-americano de telejornalismo. A escolha do título, com vinculação publicitária, a linguagem utilizada, as notícias escolhidas, os aparelhos e o estúdio. Tudo estava marcado pelo modelo estrangeiro. Quase duas décadas depois, em 1969, surgiu o *Jornal Nacional*, da TV Globo. Um período marcado por grandes questões políticas, como o Ato Institucional Nº5. Foi ele que implementou ainda mais os padrões de linguagem norte-americana (BRASIL, 2012), e apenas em 1972 se consolidou, passando a ser transmitido para todo o país. Outro momento com um grande marco político e histórico foi o golpe militar. Desde seu surgimento, como ressaltam Bucci (1996) e Lins da Silva (1985), com um papel oficialista e vinculado aos interesses do cenário político vigente².

Foi a partir dos anos 70 que TV Globo começou a se consolidar e a assumir a posição de primeiro lugar na audiência da televisão brasileira. Passou a “investir numa programação centralizada, com pouco espaço para a produção local e regional, e estabeleceu o chamado “Padrão Globo de qualidade” (BRASIL, 2012, p. 99). Também neste período que o modelo “sanduíche” novela-jornal-novela, identificado por Lins da Silva (1985), teve início. Funcionou muito bem dado o sucesso das primeiras novelas, e perdura até os dias de hoje. Contudo, segundo a pesquisa Mídia

² É possível acessar, no anexo VI, o texto “noticiário de TV não pode fazer política” de Eugênio Bucci, que foi originalmente publicado em 1994 e, contudo, lido à luz dos acontecimentos políticos de 2014, parece extremamente atual. Porém, há uma variação, que na análise de 1989 e 1994 o efeito esperado pela TV Globo nas eleições se efetivou. Já em 2014, ele não foi possível. Isso indica o refinamento vivido atualmente na recepção crítica das mensagens dos meios, com uma redução no potencial “manipulador” da mídia.

Dados 2014, mais de 70% das pessoas assistem TV para se informar. Isso significa que ela deixou de ser um produto exclusivamente de entretenimento.

“Nos 15 primeiros anos de sua existência, o JN manteve média entre 60% e 70% de pontos no Ibope, tornando-se o programa de televisão mais popular do país” (BRASIL, 2012, p. 99). Foi o modelo da TV Globo que influenciou a lógica de produção jornalística dos outros produtos deste mesmo gênero em outras emissoras ao longo dos anos. Nestes anos, o caráter comercial da televisão também se acentuou. Segundo o jornalista e pesquisador Carlos Eduardo Lins da Silva, o telejornalismo:

[...] embora possa ter grandes audiências, é tido originalmente pelos empresários de televisão como um gênero de programa pouco atrativo em termos de público. [...] O telejornalismo é, desta maneira, nos países que há livre iniciativa no negócio televisivo, um tipo de programação que rende mais prestígio do que dinheiro [...] (LINS DA SILVA, 1985, p. 34).

Nos dias de hoje, é a mesma emissora que está na frente em todas as produções, audiência e potência comercial. Segundo a pesquisa Mídia Dados 2014, a TV aberta com maior expressão é a TV Globo. Nesta emissora, 26% da programação é composta pelo telejornalismo, numa grade que ainda divide espaço com programas de variedades, novela, filmes, shows, programação infantil, esportes e diversos (programas locais ou independentes).

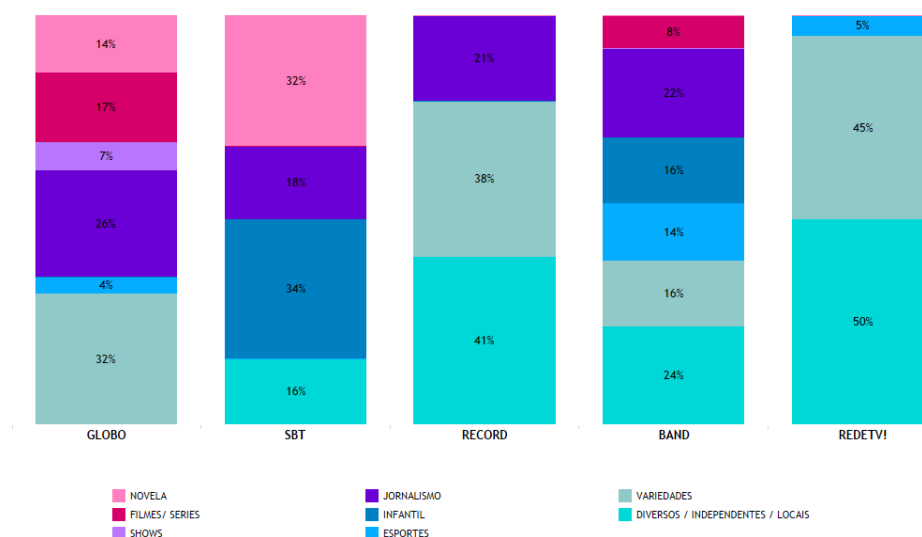


Gráfico 20 - Composição da Programação

Fonte: Mídia Dados 2014

Mesmo com a maior audiência, os índices de confiabilidade são variados. Segundo Pesquisa Brasileira de Mídia (SECOM, 2014), 18% da população sempre confia nas notícias da TV, 31% confia muitas vezes e 41% poucas vezes. No Paraná, 9% mantêm a confiança sempre nas notícias da TV, 40% confia muitas vezes e 46% poucas vezes. O jornal impresso, neste Estado, tem maior confiança da população.

Por um lado, esta situação indica, na sociedade contemporânea, a hegemonia do texto impresso como detentor do saber e da verdade já anunciada por Martín-Barbero (2004). Por outro, também a visão de que o telespectador é um ser pensante. O receptor, nos termos de Orozco, analisa e atribui sentido ao que vê. Afinal, historicamente, o posicionamento político dos telejornais demanda boa dose de análise crítica. É nesta visão que, segundo Lins da Silva, o receptor passa a "filtrar as informações [do telejornal] traduzindo-as segundo seus próprios valores" (LINS DA SILVA, 1985, p. 10).

O telespectador é um ser social, exposto a diversas influências de inúmeros agentes que se contradizem entre si. O jornalista que trabalha na televisão também é uma pessoa que recebe pressões e ideias de diversas fontes e tenta conviver com elas dentro de si mesmo e nas mensagens que produz e veicula. A empresa em que ele trabalha é um agente social, que tem de responder aos estímulos diferenciados que recebe e que mudam junto com as circunstâncias políticas e sociais (LINS DA SILVA, 1985, p. 14).

Com o grande papel social e político, influência, relevância e presença, o telejornal precisa ser um dos gêneros televisivos explorados em casa e na escola. Com isso é possível a superação da ideia de imparcialidade deste meio, bem como a produção de significados para as informações socializadas por ele a partir de reflexões sistematizadas. Especialmente pela consideração de que o receptor, adulto ou criança, é capaz de traduzir as informações segundo as mediações pelas quais passa, a aproximação crítica do telejornal com a sala de aula é urgente. Contudo, a pesquisa a este respeito ainda precisa ser aprimorada.

Quando trabalhado na escola, como um dos gêneros televisivos, é preciso ter abertura para discutir suas condições de produção, os códigos de linguagem, questões ideológicas e outros aspectos da recepção, como a identificação de diferentes interpretações (OROFINO, 2005, p. 41). Dessa forma, existem duas formas de entrada do telejornal na escola. Uma delas é por meio da memória da televidência

realizada em casa como um referente para as discussões de sala de aula. Outra forma é por meio de suas reportagens.

Esta proposição é necessária, por se entender que diante do contexto da escola, das temporalidades diferentes entre escola e televisão, e das condições objetivas de ensino não se assiste ao telejornal em sala de aula, composto por toda a sua edição, escalada, blocos e tempos. A recepção ocorre a partir das reportagens, e este cenário por si, também já se torna um fator de mediação que envolve a ritualidade na recepção de primeira ordem. Portanto, diante da literatura que estabelece uma análise do telejornal, esta pesquisa apresenta um recorte na análise das reportagens exibidas na escola.

2.4.1 Pesquisas sobre o Telejornal em Sala de Aula

Presente em grande parte da programação das emissoras de TV aberta, detentor de credibilidade, e um dos principais informantes da população brasileira o telejornal também chega até a escola – por meio de suas reportagens. Existem programas de comunicação e educação que propõem o uso deste gênero televisivo como recurso aliado na formação estudantil e cidadã. Isso leva a crer que esta interoperação entre ambos é amplamente explorada nas pesquisas acadêmicas. Contudo, é possível afirmar, tal como Brasil (2012, p.87) que o telejornalismo vem sendo pouco analisado das pesquisas acadêmicas, e também as reportagens de telejornal em sala de aula têm sido pouco investigadas.

No Paraná, entre 2011 e 2013 o projeto Televisando o Futuro, da RPC TV, único no Estado que propõe a exibição de reportagens de telejornal em sala de aula – e será analisado nesta investigação –, foi objeto de estudo de uma dissertação de mestrado em educação e um trabalho de conclusão de curso em comunicação. A pesquisadora, Ana Gabriela Simões Borges (2012), desenvolveu uma dissertação com o título “Televisão e Educação: um estudo sobre o projeto Televisando o Futuro na escola”, a partir do qual investigou a forma como os professores que lecionam nas séries iniciais do Ensino Fundamental usam a televisão na escola. Seu foco se deu nos encaminhamentos dados pelos professores para abordar as reportagens em sala de aula. Por sua vez, a pesquisadora Aline Horn (2012) desenvolveu um trabalho

monográfico intitulado “Educomunicação e o Projeto Televisando o Futuro”, sobre a aderência entre as práticas desenvolvidas no projeto e o conceito de educomunicação. Buscou realizar uma análise da forma como as reportagens eram utilizadas pelos professores em sala de aula, verificar a pertinência e efetividade do tempo de exibição do programa e a maneira como era realizado o intercâmbio entre comunicação e educação.

Os dois trabalhos, baseados nas concepções da educomunicação, apontaram lacunas no projeto quanto à sua convergência conceitual com o campo da educomunicação, mas reforçaram os benefícios educativos gerados. Contudo, os dois trabalhos estiveram focados nos professores e na aproximação entre TV e sala de aula. Uma vez que as reportagens são a base de organização da proposta do projeto e os estudantes se configuram como os sujeitos-audiência desta proposta, é válido direcionar o olhar para o processo de recepção destas reportagens em sala de aula, considerando a escola e o professor como mediadores.

Em vista deste cenário e apoiado no quadro conceitual apresentado neste capítulo, procurou-se teses, dissertações e artigos, no período de 2010 a 2014, das bases: banco de teses da CAPES, banco de teses da USP, Scielo e Redalyc. O objetivo foi construir uma provocação para pesquisas do tipo estado da arte a respeito da recepção do telejornal em sala de aula. Além disso, situar este estudo no cenário da pesquisa nos últimos anos, procurando por estudos que tenham tido o telejornal e as reportagens como objeto e se delinearam na perspectiva latino-americana da recepção e mediação em sala de aula.

As buscas foram realizadas pelas palavras/expressões: “Estudos de Recepção”, “Telejornal” e “Estudo de Recepção + Telejornal”. Nos bancos acessados, CAPES e USP, a busca com o termo “estudo de recepção” apresentou 663 resultados, dentre os quais, apenas 3 contêm o termo entre as palavras-chave e 17 apresentam o termo no resumo do trabalho. Entre estes existe uma vastidão de objetos de estudos, não necessariamente voltados para o telejornal. Partiu-se, então, para a pesquisa dos termos somados “Estudo de Recepção” + “Telejornal”. Esta busca apresentou apenas 2 resultados. Os trabalhos possuíam os termos em seus resumos, mas seu estudo se dirigia aos campos da comunicação e educação, sem atuação específica com recepção de telejornal.

A pesquisa que trouxe os melhores resultados foi realizada com o termo “telejornal”. Foram encontrados 41 trabalhos entre 2010 e 2014, sendo 31 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado. As instituições produtoras são variadas, somando 22 diferentes. Cinco delas concentram mais produções, sendo 5 trabalhos na UFJF, 4 na PUC-SP, 4 na USP, 3 na UFBA e 3 na UFG.

Entre esses trabalhos, 26 foram desenvolvidos na área de Comunicação, 3 em Educação e os demais divididos entre Letras, Linguística, Ensino Aprendizagem, Sociologia e Sociologia do Desenvolvimento. Depois da leitura dos resumos dos trabalhos foi possível classificar 7 deles como sendo estudos de recepção de telejornal. Dois deles não utilizam esta classificação, mas o quadro conceitual exposto no resumo permite fazer esta inferência.

Além disso, 3 dos trabalhos de recepção estão voltados para a recepção entre os jovens em idade estudantil, e apenas um tratou o tema dentro da escola, entendendo esta como uma instituição mediadora na recepção. O foco de seus estudos foi a textualidade presente no Telejornalismo News. De todos os trabalhos analisados, 18 deles tiveram a programação de jornalismo da TV Globo ou de alguma de suas afiliadas no campo de análise do polo emissor. Os demais estão divididos entre outras duas emissoras, Record e SBT - 3 trabalhos; outros 3 analisaram telejornais de TVs universitárias e os outros não analisaram uma emissora específica.

O procedimento utilizado para busca nos repositórios de periódicos, Scielo e Redalyc, foi o mesmo de busca nas dissertações e teses. Na base Scielo, o termo “estudo de recepção” encontrou 2 artigos, sendo apenas um deles voltado para a recepção televisiva, com foco no agendamento da mídia esportiva entre jovens. No Redalyc, por ser uma base latino-americana e possivelmente concentrar a maior parte dos artigos da área, o termo trouxe inúmeros resultados, necessitando de um refinamento.

Assim, a busca pelo termo “estudo de recepção” + “telejornal” apresentou 18 resultados. Apenas 9 deles no período entre 2010 e 2014. Destes 9, 5 já eram pertencentes ao Scielo e trouxeram o termo, contudo não desenvolveram esta metodologia na pesquisa. Restaram 3 artigos do Redalyc, pois uma das respostas de busca foi um texto editorial. Entre estes, um dos artigos trabalhou a perspectiva conceitual de mediação e recepção, outro a recepção entre os membros do MST e a relação com o jornal local e outro as emissoras legislativas.

Os resultados encontrados evidenciaram a existência de lacunas na produção nesta área. De um lado, o resultado é fruto do pouco tempo no qual foi desenvolvida a busca e de seu caráter exploratório que acessou apenas os resumos das obras localizadas. De outro lado, as dificuldades encontradas e já citadas em outros estudos de estado da arte se repetiram aqui, como a variação nas formas dos resumos, correspondência entre conteúdo do resumo e palavras-chave, e em alguns casos trabalhos que tratam do tema, mas não usam os respectivos descritores para indexação nas bases de dados. Foi diante dessas condições que se optou por chamar este estudo de uma provocação para a construção do estado da arte deste tema, pois o estudo do tipo estado da arte requer maiores aprofundamentos para identificar o teor de cada um dos trabalhos encontrados. Mas além de servir como um ponto de indagação e incentivo para outras pesquisas, a breve busca situou com mais clareza esta investigação e reforçou sua importância.

O texto “Estudos de recepção e identidade cultural: abordagens brasileiras” (JACKS, 2006) e a dissertação “Recepção e Estudos Culturais: uma relação pouco discutida” (BOAVENTURA, 2009) mostraram que o trabalho com a recepção sofre com variantes conceituais e metodológicas. Além disso, no estudo que analisou a década de 90 (JACKS, 2006), não houve citação de recepção de telejornal. No estudo realizado entre 2006 e 2007 (BOAVENTURA, 2009), apenas um trabalho foi localizado com esta perspectiva.

Mesmo sendo rica a produção sobre os estudos de recepção e muito bons os estudos realizados com telenovelas, publicidade, e outros gêneros até outros suportes de mídia, há uma carência quando o assunto é estudo de recepção de reportagens de telejornal, e uma lacuna ainda maior quando se segue a perspectiva de escola e professor como mediadores da recepção em sala de aula. Ao mesmo tempo em que o espaço deixado pela ausência destes estudos no Brasil é um desafio para a construção de uma referência de pesquisa, é, também, um estímulo para a construção de uma pesquisa na área. Neste sentido, além das contribuições de Jacks, este estudo conta com a contribuição de Dalla Costa (1999), que por meio de sua tese de doutorado realiza um estudo de recepção e constituição de referencial a respeito do tema de maneira ampla, sustentando a abordagem no contexto de sala de aula.

2.5 ESCOLA E PROFESSOR COMO MEDIADORES

A partir dos aportes teóricos realizados até aqui é possível perceber que a aproximação entre os campos é viável e, ao mesmo tempo, desafiadora. A força que a televisão possui, sua presença entre as pessoas, a relação cada dia mais forte e intensa com todos os meios de comunicação oferece, já há muito tempo, uma demanda a ser tratada pela escola. Orozco (1997) ressalta que é necessário entrar no “jogo da mediação”, relacionando os meios de comunicação e as instituições educativas. Além disso, aquilo que os estudantes aprendem fora da sala de aula é importante para a aprendizagem formal que realizarão na escola. Neste cenário, professores e escola podem assumir novos papéis como “agentes mediadores” (OROZCO, 1997).

Pode-se seguir tratando de desacreditar as aprendizagens realizadas fora da escola; pode-se deslegitimar os meios de comunicação como fontes reais de aprendizagem dos alunos; pode-se negar ou relativizar a influência deles, minimizá-la na fantasia e no discurso, e pode-se pretender ser mais ‘poderoso’ que eles; pode-se, enfim, repreender os alunos e seus pais por serem telespectadores tão adeptos e satanizar a TV, mas cabe perguntar-se se esta é a estratégia adequada para recuperar o lugar privilegiado (perdido?) na educação das crianças e jovens (OROZCO, 1997, p. 63).

Esta perspectiva se insere no que Orozco (1997) chama de “educação para os meios”, onde independente do viés pedagógico que será dado, o denominador comum é que “os professores, na escola, têm importância para a recepção que os estudantes fazem dos diversos meios de comunicação” (OROZCO, 1997, p. 66). O processo de recepção vai além da sala de TV. Sendo um processo multimediado e sempre culturalizado, não se encerra diante da tela. Continua nas relações dentro de casa, vai para a rua e chega, inevitavelmente, na escola, “passando às vezes pela sobremesa depois do jantar, com a conversa entre irmãos antes de dormir, com os amigos. Em todos esses momentos se trocam impressões e significados [...]” (OROZCO, 1997, p. 67).

Portanto, se durante o tempo que a criança assiste, os adultos a rodeiam e orientam, e ouve seus professores para formar juízos, pode construir um referencial para compreender o meio e desenvolver capacidades comunicativas essenciais para ser um telespectador crítico. Maria Isabel Orofino reforça que o assunto da televisão, independente de qual seja, entra na escola por meios de seus estudantes.

Ali na escola, dependendo do que se assistiu na TV, o assunto cai na roda. Pode ser um atentado, uma tragédia, um comício ou o último capítulo da novela das oito. Todos comentam, interferem, dialogam e trocam saberes e opiniões, negociando, ressemantizando aquilo que a mídia coloca na agenda do debate social. Daí a evidência de que a recepção é ativa e mediada pelo contexto sócio-histórico de que fazem parte os telespectadores ou usuários (OROFINO, 2005, p. 65).

A escola possui uma dimensão institucional, constituída também por suas tramas culturais subjacentes, as relações de poder e a relação que mantém com a comunidade. A maneira como percebe e executa seu papel social como instituição educativa e socializadora de saberes, valores e ideologias também constitui sua identidade. É, portanto, uma instituição forte e marcante, que inevitavelmente promove transformações nos sujeitos que são mediados por ela. Elsie Rocwell reforça esta concepção ao afirmar que:

Permanecer na escola [primária], em qualquer escola, durante cinco horas por dia, 200 dias por ano, seis ou mais anos de vida infantil, necessariamente deixa marcas na vida. O conteúdo desta experiência varia de sociedade a sociedade, de escola a escola. Se transmite através de um processo real, complexo, que de maneira fragmentada reflete os objetivos, conteúdos e métodos que se expõem no currículo. O conteúdo da experiência escolar subjaz em formas de transmitir o conhecimento, na organização das próprias atividades de aprendizagem e nas relações institucionais que sustentam o processo escolar [tradução livre] (ROCKWELL, 1997, p. 13)

Portanto, a escola é, inevitavelmente, um lugar de mediações (OROFINO, 2005), diante do qual vale questionar o que medeia e como o faz. Ainda que deixe de discutir e promover debates sobre os temas da mídia, por exemplo, ela não cessa de construir referenciais que medeiam a recepção. Muitas escolas assumem seu papel, reconhecem a importância e escolhem potencializar sua condição mediadora, assumindo claramente a responsabilidade sobre isso. E o fazem abrindo as portas para projetos que levam a mídia para o seu dia a dia. Independente da denominação sob a qual os projetos se apresentam, “comunicação e educação”, “mídia e educação”, “educomunicação”, “educação para os meios”, importa que são recebidos pelas escolas e seguem seu denominador comum, a formação do receptor. Desta forma, a escola assume sua mediação institucional, entendendo a sala de aula como espaço privilegiado da mediação (OROFINO, 2005). É em uma destas escolas que a investigação empírica se desenvolve.

A escola se completa com um de seus principais agentes, o professor. Como agente do conhecimento, e também um grande mediador no processo de recepção de reportagens em sala de aula no projeto em estudo, ele precisa ser conhecido. E a esse respeito é importante salientar que embora se fale “professores” ou “professor” é necessário transcender ao imaginário comum de que todos os professores são iguais e que fazem o mesmo processo de recepção. Isso se pode comprovar com a análise de Orozco (2014), quando diz que a recepção é um processo multimediado, e as micro e macromediações serão próprias a cada um, muito embora o processo seja culturalizado e social.

Vários aspectos precisam ser conhecidos a respeito do professor, desde o seu perfil profissional, sua relação com o trabalho docente, a escolha de sua profissão, sua formação inicial e continuada. Fatores como etnia e acesso cultural, assim como afiliação religiosa, social ou sindical também precisam ser analisados. Isso porque estes são fatores presentes na mediação deste professor. E é a significação que ele produz como resultado desta mediação que será usada como juízo compartilhado com os alunos, e assim mais um fator de mediação para os estudantes.

É preciso lembrar também que a partir da perspectiva do fazer de sala de aula cada professor faz o que faz de acordo com sua própria identidade. António Nóvoa sustenta esta perspectiva ao dizer:

A resposta à questão: por que é que fazemos o que fazemos na sala de aula? obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos até, que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de segunda pele profissional (NÓVOA, 1992, p. 16).

Para caracterizar o processo de recepção desenvolvido pelos estudantes é necessário conhecer o professor que faz essa mediação pedagógica e identificar as características que constroem sua identidade profissional. Além disso, a organização de um projeto de comunicação e educação deve considerar este como um fator essencial na criação de seus planos de atuação. Citando Franco Ferraroti, Nóvoa afirma que “se nós somos, se todo indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (FERRAROTI, 1988, p.26-27 *apud* NÓVOA, 1992, p.18).

Existem professores que, junto com o posicionamento da escola, assumem seu papel mediador em relação às mídias; são também consumidores do telejornal, e levam para sua sala de aula as notícias, as imagens e os sons em busca de dar movimento ao processo de recepção multimediado. Com esta iniciativa, apresentam resultados positivos e estão institucionalmente vinculados a projetos de comunicação e educação, sendo por eles reconhecidos como transformadores. E é em parceria com um destes professores que a investigação empírica se constroi.

3. RECEPÇÃO DE REPORTAGENS EM SALA DE AULA

Para a construção da análise de recepção é necessário compreender o polo emissor, a audiência e o produto analisado. Segundo Dalla Costa (2008), quando aplicada ao universo escolar a investigação:

“Deve contemplar uma minuciosa análise da escola propriamente dita, de sua trama institucional e local, das relações de poder ali existentes, das suas características culturais, do seu papel naquela realidade microsocial (...) deve-se também esboçar os dados sócio demográficos do seu público: quem são os alunos, o que fazem em seus momentos livres, o que fazem suas famílias para sobreviver, quais suas crenças e quais valores orientam a vida naquele bairro ou região e como se relacionam com os meios de comunicação, o que preferem e por quê?” (DALLA COSTA, 2008, p. 109)

Por isso, conforme visto com Orozco, uma vez que no processo de recepção diversas mediações atuam, é essencial compreender as principais características destes três elementos, para identificar suas principais mediações e então compreender como os alunos recebem as reportagens e de que forma ocorre a mediação da escola e do professor no processo. Dessa forma, a tríade emissor, audiência e produto analisado será explorada em suas características para a constituição das mediações que serão posteriormente observadas no trabalho de campo.

3.1 A televisão e ancoragem situacional do emissor

A compreensão da recepção do telejornal em sala de aula passa inicialmente pela análise do polo emissor, a RPC TV, fazendo a relação cabível com a história da TV no Brasil. A caracterização do jornalismo da RPC TV e do projeto Televisando o Futuro completam o quadro representativo do polo emissor. Conhecendo este perfil, é possível seguir para a análise da audiência.

3.1.1 A TV no Paraná - RPC TV

Em setembro de 1950, o empresário Assis Chateaubriand fez chegar ao Brasil a primeira emissora de televisão. No Paraná, contudo, ela só foi vista pela primeira vez em julho de 1954. Conforme descreve Dalla Costa:

Numa noite fria de sábado, dia 17 de julho de 1954, uma multidão aglomerou-se diante do edifício Moreira Garcez, no centro de Curitiba, para ver os dois receptores colocados na vitrine da loja Tarobá que ali funcionava. Com essa iniciativa os empresários Nagib Chede, Raul Vaz e Amador Aguiar tentavam atrair investimentos que viabilizassem o projeto de instalação da TV no Paraná. De um estúdio improvisado, montado no sétimo andar do mesmo edifício, foi transmitido um show promocional, no qual o radialista Didi Bettega apresentava alguns artistas locais, seguidos por profissionais trazidos da TV Tupi de São Paulo especialmente para o evento (DALLA COSTA, 2004).

O primeiro rosto a estar na televisão, nesta ocasião, foi o do radialista João Lydio Seiler Bettega, que foi convocado para ancorar a transmissão, que ninguém, tampouco ele, sabia como seria (DALPÍCOLO, 2010). Outras duas exhibições foram realizadas nos dias subsequentes, “uma em Ponta Grossa, que na época era a segunda cidade do estado; e outra em Palmeira, terra natal de Nagibe Chede, e cujo prefeito, Benjamim Malucelli, também era acionista da empresa” (DALPÍCOLO, 2010, p. 25). O início da TV no Paraná seguiu o mesmo padrão do surgimento nacional: inexperiência, investimento privado e relações de força estabelecidas, que passavam pelo cenário político do Estado.

Nagibe Chede, com a primeira exibição, aguardava que Chateaubriand trouxesse a TV para o Paraná. Mas esta promessa estava demorando muito para se cumprir. Então, “entusiasmado com a experiência de 1954 e inconformado com o atraso do Paraná em relação aos outros estados, Nagib Chede rompe com Chateaubriand, pede a concessão de um canal de televisão para Curitiba e volta a fazer transmissões em 1958” (DALLA COSTA, 2004). A instalação dos primeiros transmissores, trazidos de fora do país por Chede, foram possíveis com a ajuda do publicitário Arnaldo Delmonte e do técnico mineiro Olavo Bastos³.

E assim, no dia 28 de outubro de 1960, foi inaugurada a emissora de Chede, a TV Paranaense Canal 12. Segue os mesmos passos do imprevisto vivenciado no Brasil em 1950. O *videotape* que chegou ao país em 1959, chega ao Paraná em 1965, quando passa a ser utilizado pela TV Paranaense. Além disso, os marcos políticos se fizeram presentes. Para conseguir uma audiência com o então presidente, Juscelino Kubitschek, em busca da concessão para documentar a emissora de TV, foi decisivo,

³ Olavo Bastos, mineiro, era autodidata e inventor. Em 1944, em Juiz de Fora, fez a primeira transmissão pública de TV, seis anos antes da inauguração da TV Tupi. Bastos usou equipamentos que ele mesmo havia montado. Radioamador, como Chede, Bastos se tornou seu parceiro na montagem do transmissor de TV em Curitiba (DALPÍCOLO, 2010).

como afirma o próprio Chede, o apoio do governador do Estado, Moisés Lupion (DALPÍCOLO, 2010, p. 32-33).

Não é apenas neste ato que se pode notar a questão política vivenciada nesse período. Dalla Costa (2004) explica que

A TV Paranaense, que até 1968 exibe a programação da Rede Globo, do Rio de Janeiro, sofre com a fuga dos telespectadores para as novelas da TV Excelsior, que começam a sedimentar o gênero de maior sucesso da programação televisiva brasileira. A Globo, a partir daí, transfere seu contrato à TV Iguaçu, Canal 4 e a emissora de Chede, após sofrer um abalo financeiro, é vendida para um grupo de banqueiros integrado por Edmundo Lemanski, Adolfo de Oliveira Franco Filho e o advogado Francisco Cunha Pereira Filho, proprietário do jornal Gazeta do Povo (DALLA COSTA, 2004).

As relações com a Globo estavam fragilizadas em função da qualidade visual apresentada pela retransmissora no Paraná. Com a forte concorrência que também abalou os cofres do negócio de Chede e a compra recente da empresa por Cunha Pereira e Lemanski, não foi possível manter o contrato (DALPÍCOLO, 2010, p. 117-120). A retransmissora da Globo no Paraná passou a ser a TV Iguaçu, de Paulo Pimentel, que ao entrar no ramo da comunicação assume que o fez pois “sentia a falta, de serem, assim, divulgados os atos, os meus atos como homem público” (DALPÍCOLO, 2010, p. 91). O agrupamento de veículos que possuía o levou até a eleição como governador do Estado. Seu crescimento político fez com que a transmissão da Globo voltasse para a TV Paranaense, a partir de 1976, período conturbado na política nacional. Como ressalta Dalpícolo (2010), a volta do contrato com a Globo não seguiu os mesmos padrões de parceria de antes. Dessa vez, a emissora do Rio de Janeiro se tornou sócia. Comprou 50% das ações da TV Paranaense, o que alavancou de vez o negócio no Estado e reconfigurou o modelo de comunicação.

Segundo avalia Dalla Costa (2004), a história da televisão local é marcada pela ligação entre os empreendedores e o poder público em vários níveis. Ressalta que é uma relação pouco transformada ao longo dos anos e que, na maioria dos casos, os atores desta relação são os mesmos, ou seus descendentes. Em seus princípios editoriais atuais, RPC TV e Rede Globo se posicionam contra o partidatismo político.

A RPC TV se manteve pioneira, também, na transmissão do sinal digital, fator que atua alinhado com o conceito das dimensões da TV apresentadas por Orozco (2014) como fator de mediação.

Em 22 de outubro de 2008, iniciou a transmissão digital em Curitiba. Em 2010, a TV Digital foi instalada em Londrina, Maringá e Foz do Iguaçu. Em 2011 foi a vez de Cascavel, e em 2012 Ponta Grossa, Guarapuava e Paranavaí receberam o sinal. A partir dessas cidades, o sinal digital da emissora chega a 106 municípios e atende 61% dos domicílios com TV (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 17).

Com o crescimento e a expansão para o interior do Estado, hoje outras 7 cidades redistribuem o sinal da RPC TV, e são chamadas de praças ou regionais. Estão localizadas nas cidades de Ponta Grossa, Guarapuava, Cascavel, Foz do Iguaçu, Paranavaí, Londrina e Maringá. Cada regional abrange um número de cidades ao seu redor, que recebem diretamente o seu sinal regional. No caso desta pesquisa, a cidade dos colaboradores da investigação está situada na área de abrangência da RPC TV Ponta Grossa.

Cabe ressaltar os dados referentes à história da retransmissora da RPC TV em Ponta Grossa, que é a emissora local responsável pela produção de materiais e gestão do projeto Televisando o Futuro na região dos campos gerais. A emissora foi fundada em 1971, retransmitiu a TV Tupi, a TV Bandeirantes, e desde 1992 foi incorporada à RPC TV/Rede Globo. Seguiu até o ano 2000 com o nome de origem, TV Esplanada, e depois da padronização da TV Globo passou a adotar RPC TV Ponta Grossa.

Além de retransmitir os programas da rede, são gerados na localidade e transmitidos para sua área de cobertura apenas o primeiro bloco do Paraná TV 1ª edição e os dois primeiros blocos do Paraná TV 2ª edição. (RPC TV Ponta Grossa, 2007). Adicionado aos aspectos políticos analisados por Bucci (1996), também é importante ressaltar a análise de Lins da Silva (1985) sobre a ideia de padronização, pois é no chamado padrão de qualidade, com cada vez menos características locais, que se constrói a identidade única – nem sempre a que mais expressa cada povo.

3.1.2 O Jornalismo da RPC TV

A programação do telejornal da RPC TV, hoje, conta com 4 telejornais, sendo Bom dia Paraná, Paraná TV 1ª edição (PTV1), Globo Esporte e Paraná TV 2ª edição (PTV2). Estes são jornais produzidos pela afiliada, porém são de realização obrigatória pelo padrão Globo. Existem os programas chamados de optativos, que podem ser produzidos integralmente pela emissora local e distribuídos dentro da programação nos horários onde não há uma determinação padrão da rede. Os programas optativos produzidos pela RPC TV são Plug, Meu Paraná, Caminhos do Campo e Revista RPC (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 18).

Dentre os quatro programas jornalísticos produzidos que são apresentados no Guia de Orientação Professor (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d.), Bom dia Paraná e Globo Esporte são apresentados da seguinte maneira:

Bom dia Paraná: Telejornal matutino, exibido de segunda a sexta-feira, com tempo médio de 50 minutos. Traz notícias sobre política, economia, agricultura, saúde, esporte e atualidades do Estado, além de previsão do tempo e funcionamento dos aeroportos. Frequentemente apresenta entrevistas em estúdio para aprofundar um tema de interesse do telespectador.

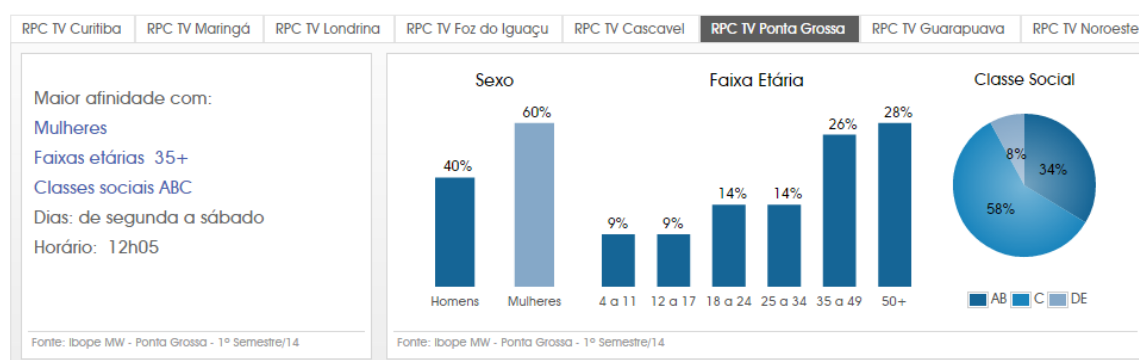
Globo Esporte: telejornal esportivo local, exibido de segunda a sábado logo após o Paraná TV 1ª edição, com tempo médio de 23 minutos. Com foco em notícias do esporte paranaense, desde 2011 é apresentado integralmente pela RPC TV. Dessa forma, fortalece a identidade com o público local, sem deixar de noticiar os principais fatos do esporte nacional e internacional (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 19).

O Paraná TV, apresentado em duas edições, é herdeiro do primeiro telejornal da emissora, o Jornal Estadual. “Em julho de 1999, o principal telejornal da emissora, o Jornal Estadual, deixa de ser exibido para dar lugar ao Paraná TV” (RPC TV Curitiba, 2014). Baseado no padrão da Rede Globo, o jornal permanece no ar há 15 anos com o mesmo nome e características.

Segundo o Guia de Orientação do Professor, o Paraná TV 1ª edição é apresentado em 4 blocos, com cerca de 40 minutos totais, onde o primeiro bloco é local – cada região assiste às notícias de seu interesse local, e 3 estaduais, onde as notícias são as mesmas para todo o Estado (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 19). Por ser o jornal mais longo, com temáticas mais variadas, é que foi escolhido para publicar as matérias relacionadas ao projeto Televisando o Futuro. Já o Paraná TV 2ª edição, possui o mesmo caráter temático, contudo apenas 15 minutos de apresentação, e por isso um estilo de resumo dos principais fatos.

É um telejornal que na região de Ponta Grossa cuja maior parte dos membros da audiência são mulheres com faixa etária superior a 35 anos, das classes ABC (RPC TV COMERCIAL, 2014).

Perfil do público



Infográfico 3 - Perfil do Público do Paraná TV em Ponta Grossa

Fonte: (RPC TV COMERCIAL, 2014)

O Paraná TV 2ª edição iniciou, recentemente, um novo processo com vistas à aproximação com os telespectadores das regionais.

Agora, as notícias veiculadas no telejornal passarão a ter “pesos” diferentes em cada região, ou seja, um assunto de interesse em Curitiba pode ocupar um bloco inteiro no telejornal, mas apenas um minuto e meio em outra praça. Com a apresentação feita de maneira regionalizada, as notícias serão apresentadas de forma ainda mais próxima do telespectador (RPC TV COMERCIAL, 2014).

Vale ressaltar que a audiência dos professores, como se observou no estudo exploratório, está voltada em 62% dos casos para o período da noite, sendo o Jornal Nacional, da TV Globo, e o Paraná TV 2ª edição, da RPC TV, os mais assistidos. Ainda assim, o projeto oferece suas reportagens no bloco local de cada telejornal, naquele que tem mais espaço no ar, mesmo não sendo este o horário mais assistido pelos professores.

3.1.3 Projeto Televisando o Futuro

O projeto Televisando o Futuro é desenvolvido pela RPC TV e pelo Instituto GRPCOM - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, ambos integrantes do Grupo Paranaense de Comunicação. O Instituto “atua nas áreas de educação, cultura, desenvolvimento humano e comunitário, além de promover disseminação de

informações e orientações voltadas ao fortalecimento do terceiro setor” (INSTITUTO GRPCOM, 2014). Sua missão é "desenvolver iniciativas sociais do GRPCOM voltadas à sustentabilidade da nossa terra e da nossa gente". As ações e projetos desenvolvidos pelo Instituto GRPCOM seguem os valores da organização, baseados no conceito de Responsabilidade Social Empresarial, e também as orientações da Rede Globo.

Além disso, as ações são realizadas por meio da construção de parcerias com a comunidade, escolas, universidades, empresas e ONGs. Os projetos desenvolvidos podem ser resultado de iniciativa própria ou apoio a outras iniciativas. Assim, o Instituto GRPCOM atua como parceiro das unidades de negócios do Grupo Paranaense de Comunicação, na concepção, estruturação, gestão, desenvolvimento e avaliação de projetos sociais, educacionais e apoio ao terceiro setor. O Televisando o Futuro é um dos projetos que promovem a interface entre educação e comunicação nas escolas do Estado do Paraná, realizado como iniciativa própria da RPC TV em conjunto com o Instituto GRPCOM.

Classificado como um projeto de Comunicação e Educação, o objetivo do Televisando o Futuro é promover, por meio da aproximação do jornalismo com a sala de aula, a formação de cidadãos críticos e autônomos e usar a televisão como fonte para o debate de temáticas relevantes na conjuntura social. Segundo o Guia de Orientação do Professor, "seu objetivo é promover reflexão sobre temas sociais relevantes e contribuir para a construção da cidadania" (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 25).

O projeto chega até a sala de aula de forma institucionalizada, com parceria com a Secretaria de Educação, com a escola e então com a adesão voluntária do professor. Dessa forma, se entende que a escola, que também escolhe voluntariamente o projeto, vê em seus objetivos a integração com sua proposta pedagógica, o que o coloca na perspectiva da pedagogia dos meios. Orofino defende esta perspectiva e adverte que sem ela “corre-se o risco de utilizar a tecnologia de modo instrumental, dissociada dos interesses de mobilização, participação, engajamento da comunidade estudantil [...]” (OROFINO, 2005, p. 117). A ideia do projeto está centrada na mediação feita pelo professor. A ele cabe o papel de se apropriar do produto oferecido pelo projeto – as reportagens –, para “otimizar esforços e ter a atuação pedagógica enriquecida pela abordagem e contextualização trazidas pela televisão” (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 25).

Ainda, por meio dos documentos do projeto e site, pouco se sabe sobre os estudantes e seu processo de recepção. Também pouco se tem sistematizado sobre a mediação realizada pelos professores. Com o foco nos professores o projeto deixa de fora a proposta de produção por parte dos alunos, o que teria um caráter transformador no que é proposto por Orozco. Citelli e Orofino, na introdução aos textos de Orozco, alertam:

O campo educomunicativo transcende o problema da leitura crítica da Indústria Cultural, implicando um procedimento metodológico capaz de ativar capacidades e competências voltadas a produzir discursos e linguagens que coloquem em linha os conteúdos escolares e a sociedade inclusiva, ou seja, uma escola que eduque para a vida [...] formar as audiências para que se assumam como emissores e interlocutores reais, não somente simbólicos dos meios e dos demais produtos intercambiados nas redes sociais [...] revela um percurso compromissado em colocar a escola na rota da emancipação cidadã, isto é, a alfabetização midiática e a educação para a mídia (CITELLI; OROFINO *in* OROZCO, 2014, p.11).

Orozco acentua, ainda, que “se antes foi fundamental formar para a recepção, agora é imprescindível formar também para a emissão e produção criativas” (OROZCO, 2014, p. 33), ou seja, a audiência vive o cenário em que pode ser, também, produtor e emissor. Embora no objetivo do *Televisando o Futuro* essa não seja uma pressuposição básica para sua existência, o projeto desenvolve um concurso cultural, que em certo nível proporciona aos estudantes a possibilidade de produção de suas próprias mensagens por meio de ilustrações, redações e reportagens.

Como o proponente do projeto é um veículo de comunicação, a tendência é que o seu olhar seja do ponto de vista da emissão. Por isso, é importante conduzir uma observação pelo viés da recepção. Sendo o único projeto que incentiva o uso sistemática de reportagens de telejornal na escola no Paraná, o *Televisando o Futuro* forma um elemento importante para compor a mediação institucional do processo de recepção feito na escola. Assim, para entender seu posicionamento abordaremos o histórico e abrangência de atuação, sua organização e proposta metodológica e também o programa de formação de docentes.

a) Histórico e abrangência

O *Televisando o Futuro* iniciou suas atividades em 2008, com caráter experimental em 30 escolas do município de Foz do Iguaçu. A iniciativa, segundo Simões Borges (2012) foi bem aceita e trouxe neste primeiro ano indícios de

benefícios da aproximação entre televisão e escola. Dados do site informam que o projeto já atendeu 650 mil estudantes e 2700 escolas e fez parceria com 70 instituições, entre Secretarias, Núcleos de Educação e Instituições de Ensino Superior (INSTITUTO GRPCOM, 2014, p. 6). Seu crescimento ocorreu ano a ano, expandindo o número de cidades, escolas e professores envolvidos, motivados pela experiência do primeiro ano e pela presença da RPC TV em quase todos os municípios do Paraná. Em 2015 o projeto completa seu oitavo ano em desenvolvimento. Ao apresentar o processo de criação do projeto, a Gerente do Instituto GRPCOM, Ana Gabriela Simões Borges, diz:

O Televisando o Futuro foi idealizado por uma ex-colaboradora da RPC TV, Denise Alves dos Santos, que depois de concluir seus estudos sobre mídia e educação na França, voltou para o Brasil com a vontade de implementar um projeto de televisão e educação. A ex-colaboradora criou então uma consultoria em projetos organizacionais, a Arca Consultoria, e em 2007 cedeu os direitos do projeto para uma emissora que pudesse realizá-lo, no caso a RPC TV. A proposta inicial da consultoria foi adaptada pela emissora e pelo Instituto GRPCOM, para que se tornasse viável, e em 2008 foi posta em prática com o nome que permanece até hoje: Televisando o Futuro (SIMÕES BORGES, 2012, p.37).

Ao Instituto GRPCOM coube o desenvolvimento e aprimoramento do projeto, até agora considerando a proposta fundamental de aproximação entre Comunicação e Educação. Organizado a cada edição anual em torno de um tema, o projeto cresceu rapidamente. O ano de 2011 foi um marco no crescimento do projeto e iniciou, também, mudanças nas atividades ofertadas. As tabelas a seguir, divididas entre o triênio 2008-2010 e o quadriênio 2011-2014, indicam o crescimento do projeto.

	2008	2009	2010
Tema	Educação e Família	Valores na educação	Escolha consciente, escolha inteligente
Público	EF - 1ª a 4ª		
Cidades	1	2	11
Escolas	30		233
Profs.	**	**	**
Alunos	**	**	**
Reportagens		8	6
IES	0	0	8
Acadêmicos	0	0	0
Prof. Formados	0	0	0
Categorias do concurso	2	2	4

Participantes concurso	**	**	**
Alunos	**	**	**
Professores	0	**	**
Escolas	0	**	**
Eventos	2	**	**
Viagens	**	**	**

Tabela 5 - Crescimento do Televisando o Futuro entre 2008 e 2010

Fonte: documentação do Televisando o Futuro

** os valores com asterisco não foram encontrados nos registros documentais do projeto.

É importante olhar os dados de cada edição do projeto associados às atividades. As análises são fruto de acessos aos dados históricos cedidos pelo projeto, análise das informações do site do Televisando o Futuro e experiência do pesquisador na gestão do referido projeto durante três anos.

Em 2008, a realização do projeto teve como objetivo a descoberta das possibilidades de trabalho e aproximação da televisão com a escola. Por isso, em 30 escolas de Foz do Iguaçu o projeto foi realizado, segundo os caminhos de institucionalização já descritos anteriormente. Não há registros nas documentações do projeto do número efetivo de participantes, mas os resultados agradaram os organizadores e foram bem avaliados pela Secretaria de Educação envolvida na época. O público alvo do projeto eram alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental. A mobilização ocorreu por meio da exibição de algumas reportagens que foram realizadas nas escolas participantes, com o tema “Escola e Família”, e o concurso cultural premiou as categorias “desenho” e “redação”, desenho para os alunos de 1ª e 2ª séries, e redação para 3ª e 4ª séries.

Em 2009, o projeto foi desenvolvido também em Londrina, além de ser replicado em Foz do Iguaçu. Com o tema definido em concordância com Secretarias Municipais de Educação, o projeto apresentou oito reportagens sobre o tema “valores na educação”, uma vez por semana, no jornal Paraná TV 1ª edição, durante dois meses. As matérias também foram replicadas na internet. O público alvo e as categorias do concurso cultural se mantiveram os mesmos. Os alunos vencedores receberam computadores, livros e jogos educativos. Foi um ano que ofereceu aos organizadores segurança para ampliação.

Em 2010 o projeto foi ampliado para 11 cidades e foi desenvolvido por 233 escolas. Com o tema “escolha consciente, escolha inteligente” as reportagens trouxeram a discussão política para a pauta e foram exibidas no Paraná TV 1ª edição,

às quintas-feiras, e reprisadas no Bom Dia Brasil, às sextas-feiras. Somaram 6 reportagens no período de 29 de abril a 3 de junho e também foram replicadas no site do projeto. O público alvo se manteve, mas as categorias do concurso cultural foram ampliadas. Além de redação e desenhos para os alunos, passou-se a premiar a mobilização das escolas e o projeto dos professores. Os alunos receberam computadores, e escola e professores TVs e câmeras digitais. Neste ano iniciaram-se as capacitações do projeto, que eram realizadas por meio da disponibilização de textos no site do projeto com dicas gerais e instrumentais para que o professor pudesse usar o telejornal em sala de aula e participar do concurso cultural. A parceria institucional foi realizada com 8 instituições de Ensino Superior distribuídas pelo Estado.

	2011	2012	2013	2014
Tema	Meio ambiente	Cultura da Paz	Cidadania: direitos e deveres	Pluralidade Cultural
Público	EF - 1º ao 9º ano			
Cidades	22	38	44	42
Escolas	508	1017	960	836
Profs.	2000	4181	4100	2863
Alunos	61000	280000	390000	100205
Reportagens	4	11	45	43
IES	8	8	8	9
Acadêmicos	171	390	255	789
Prof. Formados	1124	2138	1733	Aguardando divulgação
Categorias do concurso	6	5	5	6
Participantes concurso	6128	3167	2687	2110
Alunos	5822	3028	2598	2038
Professores	153	139	89	72
Escolas	86	0	0	0
Eventos	52	9	157	Cerca de 170
Viagens	cerca de 80	cerca de 40	cerca de 180	Cerca de 170

Tabela 6 - Crescimento do Televisando o Futuro entre 2011 e 2014

Fonte: documentação do Televisando o Futuro

O ano de 2011 foi um marco no crescimento do projeto. Foi a partir deste ano, também, que o projeto passou a ser gerenciado com um mesmo direcionamento em todas as regiões do Estado, caracterizando-se fortemente como o principal projeto social da RPC TV voltado para a educação. O projeto dobrou de tamanho, passando a ser desenvolvido por 22 cidades, em 508 escolas. O público alvo também se expandiu, passando a considerar alunos de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental de 9 anos. O número de professores atendidos chegou a 2 mil, e 61 mil estudantes foram

envolvidos no tema do ano, que foi “meio ambiente”. Neste ano, foi criado o curso Mídia e Educação, ministrado de forma presencial pela equipe do Instituto GRPCOM para 1124 professores nas 7 regiões de atuação da RPC TV. Apenas 4 matérias foram exibidas, semanalmente, de forma concentrada em um mês. O projeto também foi realizado em apenas 6 meses, com todas as atividades centralizadas em apenas um semestre letivo.

O concurso cultural recebeu 6128 trabalhos, dentre estes 153 de professores e 86 de escolas. As categorias foram: ilustração (1º, 2º e 3º anos), cartoon (4º e 5º anos), redação (6º e 7º anos), vídeo reportagem (8º e 9º anos), professor transformador (para premiar prática pedagógica dos professores) e mobilização (para premiar as escolas envolvidas). E 171 acadêmicos dos cursos de Artes, Pedagogia, Letras e Jornalismo das Instituições de Ensino Superior parceiras foram envolvidos para avaliar o volume de trabalhos recebidos. A mecânica de premiação do concurso cultural também foi reformulada, passando a premiar participantes em 3 fases: municipal, regional e estadual. Os prêmios incluíam jogos educativos, DVDs de minisséries da Globo, assinatura de revista do segmento educacional, notebook, TVs e projetores. Para atender as demandas de informação do público que foi ampliado, neste ano o projeto ganhou um site novo que pudesse dar conta da dinâmica necessária para comunicação com o público e formação dos participantes. Pelo tema trabalhado neste ano, recebeu o prêmio socioambiental do Instituto Chico Mendes.

Em 2012, com a temática “cultura da paz”, o projeto foi para 38 cidades, 1017 escolas, 4181 professores e mais de 280 mil alunos. Foram exibidas 11 reportagens dentro do tema com o selo da campanha “Paz tem voz” da RPC TV. O Público alvo permaneceu o mesmo do ano anterior, e o concurso cultural passou pela exclusão da categoria voltada para escolas, por uma decisão gerencial em função da pequena participação. Os prêmios oferecidos foram TVs, bicicletas, notebook, telefones celulares e computadores. Foram realizados poucos encontros com as escolas e professores participantes no decorrer deste ano. A novidade lançada neste ano foi o programa de formação continuada para professores via internet, iniciado pelo curso Mídia e Educação reeditado para esta nova linguagem. 2138 professores foram formados neste curso. Alguns destes, os mesmos que haviam participado da formação presencial em 2011. Além disso, foi construída a estratégia de comunicação

via site, ampliando os espaços de informação e compartilhamento de materiais para download.

O ano de 2013 ainda foi um período de ampliação. O projeto passou a ser desenvolvido em 44 cidades, e com o tema “Cidadania: direitos e deveres” foram exibidas 45 reportagens no Paraná TV 1ª edição, num período de 3 meses consecutivos durante o primeiro semestre letivo. A comunicação via site do projeto foi aperfeiçoada, tornando este o principal canal de informação do público sobre todos os acontecimentos do projeto. O foco da atuação do site neste ano foi acompanhar a velocidade dos acontecimentos do Televisando o Futuro. O concurso cultural manteve as mesmas categorias do ano anterior e os mesmos prêmios, acrescentando um reconhecimento para o professor que orientou o trabalho dos alunos que foram premiados. O número de escolas e professores foi menor, com ampliação do número de alunos, o que significou uma concentração maior do projeto nas escolas das cidades participantes.

Em 2014, 2863 professores de 836 escolas fizeram parte do projeto, envolvendo, assim, 100.205 alunos. A diferença entre os números de professores está na base de cálculo. Em 2014 o projeto ganhou um novo sistema para gerenciamento das informações dos participantes, e por ele foi possível categorizar os participantes entre professores (que atuam com o projeto em sala de aula), equipe pedagógica da escola, equipe pedagógica de secretaria e núcleos. “Sendo assim, somando o número de professores e de profissionais das equipes pedagógicas – que também estão envolvidos no projeto –, são mais de 4 mil participantes” (INSTITUTO GRPCOM, 2014). Até o ano de 2011, o projeto se desenvolveu sob a ideia de um projeto de responsabilidade social que buscava aproximar comunicação e educação, e fazia a aproximação via reportagens do telejornal. Hoje sua identificação é como projeto de comunicação e educação, cujo foco é estimular a reflexão sobre temas sociais relevantes por meio das reportagens e com isso desenvolver a crítica e promover a cidadania.

Em 42 municípios tem parceria com todas as secretarias locais, com 22 núcleos regionais de educação e com 9 universidades: Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Cesumar, Faculdade Assis Gurgacz, UDC, Faculdade Guairacá, Unicentro, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Unipar e Unopar. A gestão estadual do projeto acontece em Curitiba, na sede do Instituto GRPCOM. Regionalmente, o programa é operacionalizado por colaboradores do Instituto, que ficam alocados nas regionais da RPC TV no Paraná, em Foz do Iguaçu, Cascavel, Londrina, Maringá, Paranavaí, Guarapuava e Ponta Grossa. Esses profissionais é que levam o Televisando

para os municípios do interior. Por ano, as equipes percorrem cerca de 11 mil quilômetros, um total de 150 horas na estrada. [...] Para colocar o Televisando no ar, trabalham juntas 36 pessoas de diversas áreas profissionais, tanto da RPC TV quanto do Instituto GRPCOM. São professores, pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, jornalistas, analistas de internet, produtores, analistas de marketing, designers, programadores, editores, advogados, administradores (INSTITUTO GRPCOM, 2014).

Neste ano, o programa de formação passou a oferecer 5 novos cursos, somando mais de 100 horas de curso de extensão aos professores participantes. O site do projeto, canal de comunicação em consolidação com o público, deixou de lado a preocupação com a agilidade como principal estratégia e passou a publicar conteúdos formativos, dicas e matérias de reconhecimento de boas práticas de uso da televisão na escola. Para oferecer um subsídio online, diante da convergência das tecnologias, o Televisando o Futuro criou um jogo online para que os professores pudessem abordar pedagógica e ludicamente o tema da pluralidade cultural. O tema foi explorado em 43 reportagens, exibidas no Paraná TV 1ª edição nos meses de abril, maio e junho. Elas foram disponibilizadas no site, e enviadas em DVD para todas as 960 escolas participantes.

As reportagens, até este ano, eram filmadas dentro das escolas participantes do projeto mostrando trabalhos de professores e estudantes relacionados aos temas da edição. A partir deste ano elas deixaram de ser filmadas dentro das escolas e passaram a ser desenvolvidas nos mesmos critérios de qualquer outra matéria do telejornal da RPC TV, exceto pelo fato de seguir o tema principal do projeto e ser direcionada para as escolas. “Embora estas [as escolas] ainda sejam pauta, o foco atual é apresentar o tema da melhor forma possível, não necessariamente vinculado a um acontecimento dentro da escola” (INSTITUTO GRPCOM, 2014). Pensando na preparação dos professores para abordar o tema por meio das reportagens, neste ano o projeto também ofereceu dicas pedagógicas associadas a cada uma das reportagens.

A comunicação com os participantes entrou, a partir deste ano, na realidade das redes sociais digitais com vistas a potencializar a informação e se aproximar do público. Além disso, uma nova publicação foi lançada para atender a demanda dos professores. O Guia de Orientação do Professor foi publicado para indicar o caminho inicial e sistematizar os primeiros passos a serem desenvolvidos pelo professor dentro do projeto. O concurso cultural teve o acréscimo de uma nova categoria, a “menção

honrosa”, destinada a Secretarias e Núcleos de Educação para reconhecer sua mobilização durante a realização do projeto.

Em 2014, o projeto foi desenvolvido nas seguintes cidades: Apucarana, Arapongas, Astorga, Cafelândia, Cambé, Campo Mourão, Carambeí, Cascavel, Castro, Cianorte, Cornélio Procopio, Dois Vizinhos, Foz do Iguaçu, Goioerê, Guaíra, Guarapuava, Irati, Loanda, Londrina, Mandaguari, Marechal Cândido Rondon, Marialva, Maringá, Medianeira, Missal, Paçandu, Palmeira, Paranavaí, Pato Branco, Ponta Grossa, Porto União, Prudentópolis, Rolândia, Santa Terezinha de Itaipu, Santo Antônio do Sudoeste, São Miguel do Iguaçu, Telêmaco Borba, Tibagi, Toledo, Umuarama e União da Vitória.



Infográfico 4 - Abrangência do Projeto Televisando o Futuro 2014

Fonte: Imagem do site do Instituto GRPCOM, Dados atualizados de acordo com o site do Projeto Televisando o Futuro.

b) Organização e Metodologia

As atividades do projeto estavam organizadas, até 2011, no que Simões Borges (2012) chama de 7 macro ações, sendo: estabelecimento de parceria com Secretarias de Educação, Eventos de lançamento para comunicar o projeto ao seu público, realização de um curso de Mídia e Educação, exibição de reportagens em um telejornal com reprise em mais um, promoção do concurso cultural para estímulo à produção, avaliação e premiação dos trabalhos e avaliação dos professores sobre as ações do projeto. Com o crescimento do projeto e a demanda dos participantes por novas atividades, sempre exigindo um elevado padrão de qualidade, o projeto foi adaptando sua forma de se organizar e incorporando novas ações. A partir de 2014

passou a se organizar em etapas que expressam o amadurecimento do projeto em seu sétimo ano. Segundo informações do site do projeto (INSTITUTO GRPCOM, 2014), as etapas se organizam da seguinte forma:

O início das atividades se dá com o lançamento e mobilização, em que são promovidos encontros para informar as ações do projeto e oferecer a oportunidade de adesão voluntária de escolas e professores. Depois de visitas em todas as cidades para lançamento do projeto, têm início, simultaneamente, as duas próximas etapas – formação e exibição de reportagens.

A formação, que ocorre no AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem do Instituto GRPCOM, apresenta temas que contribuem para o conhecimento dos docentes no uso da televisão na escola, tecnologias na educação, políticas públicas, gestão de projetos e inclusão. Em paralelo a esta etapa são exibidas as reportagens, quinzenalmente, no telejornal da RPC TV. É o momento onde o projeto orienta o trabalho direto com a temática do ano e o uso do gênero jornalístico reportagem em sala de aula.

A 4ª etapa é chamada de “incentivo à comunicação e expressão” (INSTITUTO GRPCOM, 2014), e é nela que os alunos produzem seus materiais, mobilizados pela oferta do concurso cultural. A produção das ilustrações, reportagens, redações e trabalhos de professores deve ser resultado da reflexão e aprendizagens geradas com as reportagens abordadas em sala na etapa anterior. A última etapa tem duas vertentes, por um lado se destina a reconhecer as melhores produções realizadas na etapa 4, valorizando as escolas e os sujeitos envolvidos e, por outro, envolver os participantes no feedback sobre as ações do projeto com vistas às melhorias das atividades.

Em relação à proposta metodológica para desenvolvimento do projeto em sala de aula, o Guia de Orientação do Professor apresenta e explica a sequência em cinco encaminhamentos: problematização, exibição da matéria, observação e socialização, atividades dirigidas, produção e socialização.

O primeiro procedimento metodológico está alicerçado na ideia de questionar os alunos. É o momento que o professor tem para identificar o que os alunos já sabem sobre o assunto, que sentidos atribuem para o tema que será tratado, e também de despertar o interesse pelo que será apresentado. Neste momento ocorre a preparação

do cenário da recepção institucionalizada, onde começam a ser colocados no jogo os sentidos atribuídos pelas audiências.

O primeiro passo é apresentar para a turma o tema do projeto e das reportagens que serão exibidas. Em seguida, é preciso questionar a turma em relação ao tema para conhecer o que eles já sabem a respeito e também para despertar a curiosidade da turma sobre o que será apresentado (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 32).

O segundo passo é o momento da “televidência” (OROZCO, 2014), onde ocorre o processo de recepção do material visual – a reportagem. Na exibição da matéria escolhida ocorrem as primeiras recepções, relacionadas ao local onde se está, ao equipamento e também às dimensões do audiovisual.

É hora da exibição da matéria, ou das matérias que serão base para as discussões. Assistir aos temas permite que a turma tenha maior absorção, em pouco tempo, dos conceitos básicos que envolvem a temática. O uso de materiais audiovisuais é bastante vantajoso para os estudantes. Caso não seja possível assistir às matérias na escola, indicar que os estudantes assistam de preferência acompanhados por um familiar, com quem possam discutir suas percepções (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 33).

No terceiro momento ocorre o “jogo da mediação” (OROZCO, 2014) onde os sentidos são evidenciados e negociados. É o momento onde ocorre o confronto entre a perspectiva anterior, a mensagem recebida e a troca de percepções entre as audiências. Sendo realizado em sala de aula permite que sejam compreendidos os discursos dos meios na construção de significados sobre determinados fatos, além da apropriação de conteúdos novos, que antes não eram conhecidos e sobre os quais se podem avançar na reflexão a partir deste momento.

O próximo passo é conversar com a turma sobre aquilo que viram. Nesta etapa é possível relembrar as problematizações e já fazer algumas considerações sobre o conteúdo. É o momento de aguçar a análise da turma e questionar sobre os significados e assuntos tratados no vídeo. Neste momento, é possível construir o conteúdo por meio da observação da turma (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 33).

Em seguida, ocorre a abordagem dos temas curriculares, em que os saberes são construídos com base no audiovisual. “Partindo da base de que de qualquer tela se aprende e que de qualquer aprendizagem sempre se pode reaprender” (OROZCO, 2014, p. 90), é possível perceber a contribuição da televisão, por meio do telejornal, aos saberes construídos na escola tão enraizados no texto impresso.

Em seguida, é o momento de utilizar os materiais de apoio oferecidos pelo projeto, para realizar atividades nas três abordagens sobre as quais falamos anteriormente (como recurso didático, objeto de estudo e forma de expressão) e os materiais oferecidos pela escola, além do currículo escolar. É o momento de fazer as explicações, conexões com a disciplina estudada e relacionar a temática e toda a discussão já realizada para cumprir os objetivos do seu plano de ensino (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 33).

O último momento se caracteriza na produção. Podem ser realizados trabalhos comuns das disciplinas e também trabalhos transformadores que tenham sido idealizados de forma coletiva pelos estudantes. Além disso, a produção de vídeo reportagens e outros gêneros que permitam aos estudantes potencializar sua análise e expressão também apontam um momento importante de produção. Pois é nesta situação que o vídeo se torna “o lápis que vai escrever a palavra, desenhar o quadro da imagem, da visualidade, da visibilidade” (OROFINO, 2005, p. 120) e construir o sentido da expressão dos estudantes.

Durante ou ao final das atividades é importante que a turma – em equipes ou individualmente – tenha um tempo de produção e formalização do conhecimento construído nos momentos anteriores. Nesse momento é que podem começar as produções de trabalhos para o concurso cultural. Podem ser em textos, imagens, representações, reportagens, charges, noticiários ou outras, pois o que realmente importa é que os estudantes possam expressar suas percepções sobre o tema (PROJETO TELEVISANDO O FUTURO, s.d., p. 33)

É importante ressaltar que as reportagens assistidas em sala de aula, em sua maioria, são produzidas especialmente para o projeto, com característica de "série jornalística" baseada em um tema condutor. Contudo, qualquer reportagem exibida nos telejornais da emissora pode ser utilizada e o projeto encoraja que isso seja feito. Além disso, a escolha da matéria é de responsabilidade do professor.

c) Programa de formação de professores para uso da mídia

O projeto oferece um programa de formação continuada para os professores. O objetivo da formação é preparar os docentes para usar a mídia em sala de aula. Na perspectiva dialógica de Paulo Freire, a educação não se dá como transmissão de conhecimentos, e sim como criação de possibilidades. Assim, a formação do projeto apresenta diversos caminhos, a serem trilhados pelos professores para uso da mídia

em suas aulas. O destaque para a formação está voltado para a percepção do discurso do emissor para os professores que são mediadores da recepção.

A formação ocorre, desde 2012, no AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem do Instituto GRPCOM, e os cursos são certificados pela Universidade Tuiuti do Paraná. A autoria dos cursos é realizada por estudiosos de cada área a que se destina a formação. Os tutores que acompanham a aprendizagem a distância são formados para tutoria, e conhecedores do cotidiano do projeto, embora nem todos sejam professores.

Os cursos oferecidos a partir de 2014 estão distribuídos nos seguintes títulos: “Mídia e Educação”, “TV e suas possibilidades”, “Tecnologias na educação”, “Reflexões sobre inclusão” e “Políticas Públicas”. O objetivo é “enriquecer ainda mais a atuação dos professores nas escolas e na sociedade” (INSTITUTO GRPCOM, 2014).

Dentre estes, observamos a ementa e o conteúdo dos cursos “Mídia e Educação”, “TV e suas possibilidades” e “Tecnologias na educação”. A predominância nos cursos é a apresentação de diferentes concepções a respeito dos temas, permitindo a escolha de caminhos teóricos pelo próprio professor. Além disso, o conteúdo dos cursos mostra uma preocupação em relacionar os temas tratados teoricamente com as possibilidades pedagógicas que os professores podem usar.

O curso “Mídia e Educação” foi o primeiro a ser lançado para os professores. Elaborado pela gerente do Instituto GRPCOM e mestre em educação, Ana Gabriela Simões Borges, mostra o caminho para relacionar os temas da televisão em sala de aula, passando pela Teoria Crítica e apresentando aos professores a Teoria das Mediações, na perspectiva de Martín-Barbero, e o perfil do professor de educomunicação, na concepção de Ismar de Oliveira Soares.

A abordagem sobre o potencial pedagógico de trabalho com a televisão está no curso “TV e suas possibilidades”, também assinado por Simões Borges. O curso apresenta a relação entre televisão e escola na perspectiva de Rosa Maria Bueno Fischer, Joan Ferrés e Maria Isabel Orofino. Apresenta a história da RPC TV, a linguagem e jargões do jornalismo e a possibilidades de práticas de ensino com a televisão. Fundamenta-se também em Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez, Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, Maria Luiza Belloni, Maria Aparecida Baccega, Eugênio Bucci e Ismar de Oliveira Soares.

A relação entre as tecnologias (TV, jornal, rádio, mídias digitais e outras) e a educação é abordada no curso assinado por Glaucia da Silva Brito e Everton Luiz Renaud de Paula. O curso “Tecnologias na educação” faz uma contextualização do significado de tecnologia, mostrando que não são apenas os recursos digitais que se encaixam neste conceito. Depois, são abordados os principais usos e aplicações das mais variadas tecnologias no cenário educacional, mostrando alternativas para o trabalho pedagógico e a gestão e planejamento desta dimensão na escola. Fundamenta seu conteúdo de acordo com os autores Marshall McLuhan, Glaucia da Silva Brito, Vani Moreira Kenski, Romero Tori, Maria Luiza Belloni, Manuel Castells, Pierre Lévy, Juana Sancho, Suely Galli Soares, José Armando Valente e Marc Prensk.

Com isso, é possível considerar algumas das mediações de dimensão formativa às quais os professores que fazem parte do projeto estão relacionados. São considerações importantes na identificação de seu papel mediador e na tomada de consciência que fazem ao levar a televisão para a sala de aula no contexto do Televisando o Futuro.

3.2 Os alunos-audiência e sua comunidade de apropriação e interpretação

Para construir a observação também do ponto de vista da recepção é preciso conhecer e caracterizar as audiências. Segundo Orozco, “ser audiência significou e significa interagir com a informação e com o mundo sempre mediados por telas [...]” (OROZCO, 2014, p. 53). Na perspectiva deste trabalho as audiências são os estudantes do 4º ano do ensino fundamental, participantes do Projeto Televisando o Futuro. E para compreender e explicar suas relações e a produção de sentidos estabelecida por eles a partir da recepção mediada por sua escola e professor, traçaremos o caminho de caracterização do seu contexto.

Assim, o primeiro passo será a caracterização da cidade onde estão situados para identificação de suas estruturas, etnias, modelos econômicos entre outros. Em seguida, a escola será objeto de caracterização para identificar seu estilo, sua trama cultural, juntamente com o professor, com vistas a compreender seu perfil, perspectivas, formação e principais mediações. Por fim, será o momento de compor as características dos estudantes e seus familiares, hábitos de consumo de mídia,

culturais e de lazer, bem como etnia, relações familiares e mediações. A apresentação e justificativa da escolha deste público estarão no capítulo três.

3.2.1 A cidade

A cidade onde a pesquisa se desenvolveu foi Palmeira, terra natal de Nagib Chede – homem da comunicação que trouxe a televisão para o Paraná. Terra de tropeiros e bandeirantes que teve sua colonização por vários povos. Palmeira, com quase duzentos anos conta muito de sua história pelos casarões ainda em franca utilização, pelas igrejas, escolas, ruas e pontos turísticos.

Um grande fenômeno histórico e político também marca a história da cidade, segundo informações do site da prefeitura:

Também foi em **Palmeira** o palco da única experiência anarquista na América Latina, a **Colônia Cecília**, na localidade de Santa Bárbara, pelos idos de 1890/94, liderados pelo Filósofo e Agrônomo Italiano Giovanni Rossi, que aqui tentou implantar uma colônia anarquista, baseada nos ideais de liberdade.

Os alemães também construíram uma comunidade onde até hoje seus costumes são mantidos, a Colônia Witmarsum. Formaram também a Cooperativa Mista Witmarsum LTDA, a partir da qual os associados promovem seu sustento por meio da agropecuária, com foco na produção de leite, frangos de corte, milho, soja e trigo.

Segundo dados do censo de 2010 a população palmeirense é de 32.123 habitantes, com estimativa de 33.613 para o ano de 2014. Com 1.470,072 km² Palmeira possui uma densidade demográfica de 22,04 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2010). A taxa de urbanização é de 60%, contando com 12.749 habitantes na área rural do município. Palmeira ainda conserva alguns desafios. O seu Índice de Desenvolvimento Humano, o IDH, é 0,718, o que coloca a cidade na posição 136 no ranking dos 399 municípios paranaenses.

Nos domicílios palmeirenses existe predominância de televisão e geladeira, seguidos de perto pelo rádio e deixando em 4º lugar os telefones celulares, segundo o cenário do Censo 2010 (IBGE, 2010). É possível observar um número menor de lares com computadores, e menor ainda com internet. É verdade também que os celulares podem, em parte, suprir a demanda de acesso à internet. Mas em várias

regiões da cidade, por experiência própria deste pesquisador, é possível encontrar ausência de sinal para algumas operadoras. Ainda assim, alguns locais públicos como a prefeitura e grande parte das escolas conseguem suprir boa parte da demanda. E no centro da cidade, há pelo menos dois estabelecimentos que disponibilizam acesso aos computadores com internet cobrando por hora de consumo, que também já foram usados por este pesquisador.

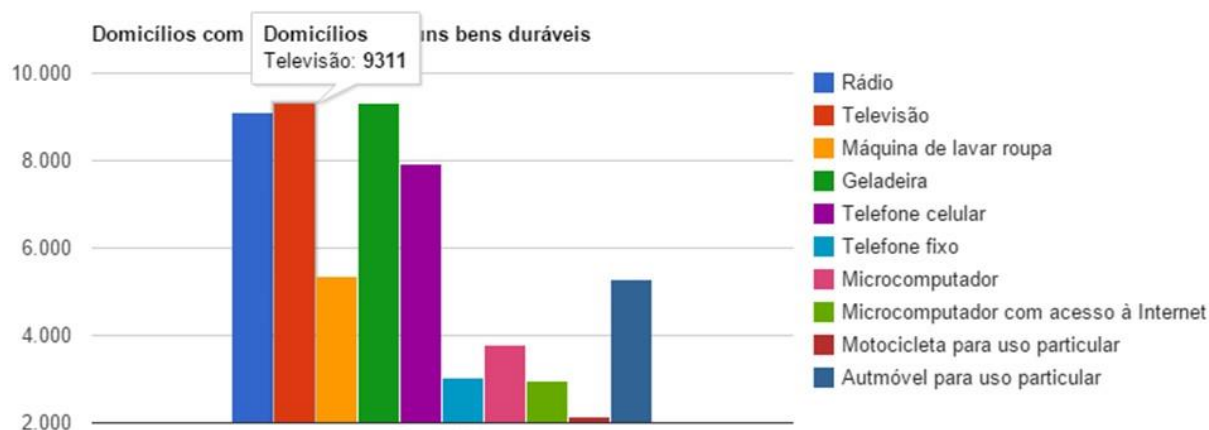


Gráfico 21 - Domicílios palmeirenses com existência de alguns bens duráveis
Fonte: IBGE – Censo 2010

Os dados de 2010 indicam 9.311 domicílios com TV. Os dados fornecidos em 2014 pela RPC TV indicam um crescimento deste número para 9.760, e apresentam o número de telespectadores potenciais na casa de 31.186, representando 0,016% do consumo nacional de TV⁴ (RPC TV COMERCIAL, 2014). O estudo exploratório realizado nesta pesquisa contou com a participação de 29 professoras de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental a respeito do acesso à televisão e mostrou que todas têm televisão, algumas acessam também a TV a cabo e outras a TV via Antena Parabólica. Ainda assim a preferência está na programação da TV aberta, uma vez que a TV a cabo e em especial a Antena Parabólica quebram o vínculo com a localidade de residência.

⁴ O mapa de cobertura da RPC TV Ponta Grossa pode ser encontrado no anexo I.

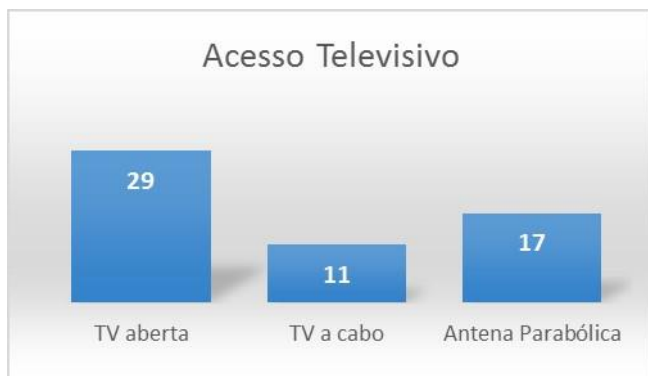


Gráfico 22 - Acesso Televisivo entre os professores de Palmeira
Fonte: Estudo exploratório



Gráfico 23 - Predominância de acesso à programação de TV por professores
Fonte: Estudo exploratório

O município conta com 47 instituições voltadas para a educação, entre públicas e particulares, em todos os níveis de ensino, conforme a tabela a seguir:

05 Centros Municipais de Educação Infantil
01 Escola Especial
29 Escolas de Ensino Fundamental – 15 Municipais e 14 Estaduais
04 Ensino Médio – Estaduais
01 Ensino de Jovens e Adultos
03 Ensino Superior
01 Ensino Profissionalizante – SENAI – em fase de implantação
03 Escolas particulares

Tabela 7 - Instituições de Ensino em Palmeira
Fonte: Prefeitura Municipal de Palmeira

As escolas participam de três grandes projetos que são: o Agrinho, do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, o SENAR, que leva temas de saúde, segurança e meio ambiente para os estudantes, em especial das áreas rurais, e possui presença difundida no estado do Paraná. O Projeto Ler e Pensar, do jornal Gazeta do Povo, fazendo circular nas salas de aula edições do jornal impresso para o trabalho com a notícia. E também o projeto Televisando o Futuro, da RPC TV, campo desta investigação, que leva as reportagens do telejornal para as salas de aula com propostas pedagógicas. Existem outros projetos nas escolas, mas nesta caracterização coube ressaltar os maiores em tempo de atuação, abrangência e convergência. O trabalho com a comunicação e a educação está nítido no cenário educacional do município com a entrada do jornal impresso, telejornal e formação para uso da mídia em sala de aula. Além disso, os temas abordados nos materiais do projeto Agrinho encontram convergência com as temáticas dos demais projetos e podem ser complementados pelos fatos do cotidiano.

Os professores, a julgar pelos encontros, reuniões e capacitações em que o pesquisador esteve presente⁵, são muito dedicados ao trabalho pedagógico dentro da matriz curricular nacional e municipal e também na extensão com os projetos, tanto que vários já foram reconhecidos e premiados nos concursos realizados pelos três principais projetos desenvolvidos. Além disso, são professores em sua maioria experientes e com vivências pedagógicas consolidadas. Quase 70% dos professores do município, na faixa de 4º e 5º do Ensino Fundamental participantes do estudo exploratório desta investigação, possuem entre 10 e 19 anos de docência ou mais de 20 anos em sala de aula. É o caso da professora colaboradora da pesquisa, conforme se poderá ver na seção 3.2.2.

⁵ São observações que ocorreram antes do período de investigação devido a interações profissionais do pesquisador com a Secretaria de Educação do Município e com os professores por meio de assessoria pedagógica e cursos ministrados para os docentes.



Gráfico 24 - Experiência em docência entre os Professores de Palmeira
Fonte: Estudo exploratório

O índice que verifica o desenvolvimento da educação básica, o IDEB, nas escolas da esfera municipal de Palmeira, apresentou um resultado de 5,9 em 2013, o que supera a meta do ano, alcançando o projetado para 2015 (INEP, 2013). Das 14 escolas municipais que participam da avaliação, 6 estão acima das metas projetadas. No geral, apenas uma delas tem IDEB inferior a 5,0.

Escola ↕	Ideb Observado					Metas Projetadas							
	2005 ↕	2007 ↕	2009 ↕	2011 ↕	2013 ↕	2007 ↕	2009 ↕	2011 ↕	2013 ↕	2015 ↕	2017 ↕	2019 ↕	2021 ↕
ANNA F DE FREITAS E M PROFA EF	3.7	4.2	5.3	4.7	6.0	3.8	4.1	4.5	4.8	5.1	5.4	5.6	5.9
CLOTARIO SANTOS E M PROF EF			4.9	4.9	4.4			5.2	5.4	5.7	6.0	6.2	6.5
COLONIA MACIEL E M DE EF			5.2		***			5.5	5.7	6.0	6.2	6.5	6.7
EURIDES T DE OLIVEIRA E M PROF EF	5.2	5.6	6.0	6.2	6.0	5.3	5.6	6.0	6.2	6.4	6.7	6.9	7.1
GABRIEL PRESTES E M PROF EF	4.1	4.3	4.8	4.0	5.2	4.1	4.5	4.9	5.2	5.4	5.7	6.0	6.2
IDA ALBACH E M PROFA EF			5.1		***			5.4	5.6	5.9	6.1	6.4	6.6
IMACULADA CONCEICAO E M EF	5.4	5.3	5.6	5.8	6.2	5.5	5.8	6.2	6.4	6.6	6.8	7.0	7.2
JESUINO MARCONDES E M EF	4.0	4.6	5.2	4.1	6.0	4.1	4.5	4.9	5.1	5.4	5.7	5.9	6.2
LEONOR SANTOS E R M PROFA EF			4.8	5.4	***			5.1	5.3	5.6	5.9	6.1	6.4
NOSSA SENHORA DO ROCIO E M EF	4.3	4.6	4.5	4.8	6.0	4.3	4.7	5.1	5.3	5.6	5.9	6.1	6.4
NOSSA SENHORA DO ROSARIO E M EF			5.1	5.1	6.0			5.4	5.6	5.9	6.1	6.4	6.6
QUEIMADAS E M DE EF			4.5	5.7	5.2			4.8	5.1	5.3	5.6	5.9	6.2
SANTA BARBARA DE CIMA E R M DE EF			3.8		***			4.1	4.3	4.6	4.9	5.2	5.5
WITMARSUM E M DE EF			5.1	5.6	5.1			5.3	5.6	5.9	6.1	6.4	6.6

Tabela 8 - IDEB das escolas municipais de Palmeira
Fonte: INEP – IDEB 2013

A escola que comporá o campo de pesquisa nesta investigação, Escola Municipal Nossa Senhora do Rocio possui IDEB 6,0, tendo um salto na última avaliação, onde havia registrado 4,8. A “Escola do Rocio” – como é chamada pelos professores – e a professora colaboradora da pesquisa serão caracterizados a seguir.

3.2.2 A escola e a professora colaboradora

A Escola Municipal Nossa Senhora do Rocio tem apresentado bom desempenho e avanço nos índices oficiais. Segundo dados da Prova Brasil 2011, apenas um terço dos alunos do 5º ano aprenderam o esperado. O IDEB da escola naquele ano foi 4,8. Em 2013 o índice foi de 6,0, colocando a escola acima da média do município e também da média nacional. O Censo Escolar deste mesmo ano registrou apenas 20 reprovações em toda a escola, equivalente a 10% dos alunos do Ensino Fundamental. Além disso, a distorção idade-série caiu de 11% em 2011 para 6% em 2013⁶. O gráfico a seguir apresenta a evolução do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica na Escola do Rocio de 2005 até 2013, comparando os seus resultados com os números do município, do país e também com as metas estabelecidas para a escola a cada ano.

EVOLUÇÃO DO IDEB

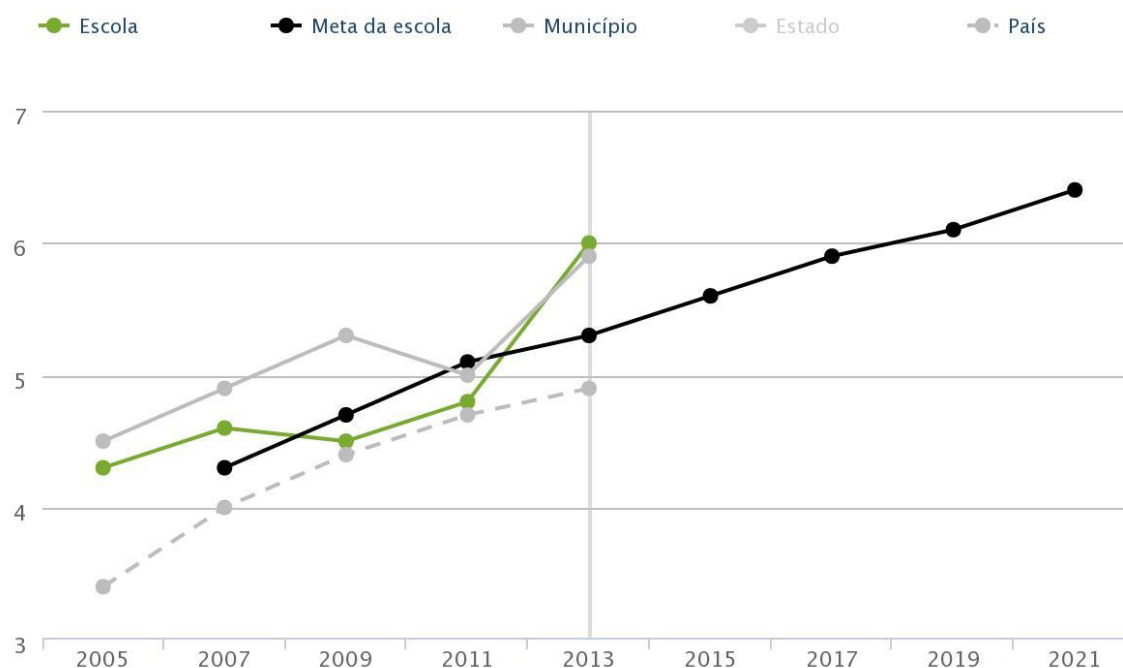


Gráfico 25 - Evolução Comparada do IDEB da Escola do Rocio

Fonte: qedu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2013). Organizado por Meritt (2014)

⁶ Os dados detalhados a respeito das matrículas e infraestrutura, taxa de aprendizagem e distorção idade-série da escola podem ser consultados no anexo II.

Situada no Bairro Rocio II, a Escola do Rocio atende cerca de 200 alunos, provenientes de várias regiões, mas em especial do Conjunto Habitacional Rocio II, que circunda o prédio da escola. Recebe, no período da tarde, turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. As instalações são compartilhadas com o Colégio Estadual Amadeu Mário Margraf, que atende os alunos de 6º ao 9º ano e Ensino Médio no período da manhã. A respeito das características de sua comunidade, o Projeto Político-Pedagógico da escola estadual indica que a origem dos alunos expressa “uma classe social menos favorecida, filhos de pais assalariados incluídos em programas sociais do governo. Os pais ou responsáveis em sua maioria têm baixa escolaridade” (Projeto Político-Pedagógico Escola Estadual Amadeu Mário Margraf⁷).

O bairro é formado por um conjunto habitacional com 200 moradias populares com cerca de 30 metros quadrados cada uma. Originadas em 1995, hoje a maior parte delas, pelo que se pode perceber visualmente, já passou por alterações em seu projeto original. Algumas delas com ampliação, outras com reforços na cor e outros itens de acabamento e decoração. A escola se originou no contexto de construção deste novo núcleo residencial da cidade de Palmeira. A respeito deste capítulo da história, o Projeto Político-Pedagógico do Colégio Estadual Amadeu Mário Margraf traz a seguinte descrição, retomando o embrião da escola, com uma declaração enviada, em 1991, pela Prefeitura de Palmeira à Caixa Econômica Federal.

Uma declaração da Prefeitura Municipal dirigida à Caixa Econômica Federal de Palmeira/PR, datada de 01 de novembro de 1990, onde o município compromete-se a instalar escola, posto de saúde, equipamentos urbanos e benefícios, como coleta de lixo e transporte coletivo, até o término da construção do Conjunto Habitacional Rocio II, contando com 200 (duzentas) moradias populares. Planta-se a semente para a construção do prédio escolar, onde em 1995 tem início o funcionamento da primeira turma de 5ª série da referida Escola, conforme Resolução 43/95 de 26 de janeiro de 1995, publicada no Diário Oficial de 14 de fevereiro de 1995. É bem verdade e necessário se diga, que nessa ocasião já se fez ampliações no referido prédio, construindo-se mais duas salas de aula a fim de possibilitar o atendimento à clientela estudantil de duas instituições educacionais: Escola Municipal Nossa Senhora do Rocio e Escola Estadual Amadeu Mário Margraf. (Projeto Político-Pedagógico Escola Estadual Amadeu Mário Margraf).

Contudo, a escola não atende somente os moradores do Conjunto Habitacional. Sua zona de abrangência se estende para a comunidade da PR 151,

⁷ Foram consideradas as informações sobre a comunidade pelo PPP da escola estadual, pois com a mudança de gestão na escola municipal a equipe gestora informou o pesquisador que não tinha certeza da atualização do documento e não entregou para a análise documental.

Monte Alegre, Rocio I, Rocio II, Serrinha, Bairro Farajala Bacila, Colônia Francesa, Parque dos Papius, Vila Rosa. Alguns dos caminhos até a escola possuem cobertura asfáltica e outros são somente de terra. De acordo com a professora Eliane Hornes, colaboradora da pesquisa que leciona há 7 anos nesta escola, a comunidade é dinâmica, itinerante e com situações muito variadas, e mais de 60% dos alunos da escola utilizam o transporte escolar para chegar até lá.

Então, esta comunidade escolar é bastante itinerante. A escola atende diversas comunidades. Ela não atende só o entorno, sabe. A escola, por exemplo, é da cidade mas usa transporte escolar. Nós temos mais de 60% dos alunos que vêm de ônibus, porque ela atende uma clientela bem diversificada, e que vem de vários outros bairros. Todo o pessoal que mora nas imediações da 277, do lado da escola, é atendido por ela, e as outras [comunidades] também [...] ali tem um núcleo residencial no entorno da escola, sabe, e aí eles mudam muito. As mais distantes não tanto. Mas as dali mudam bastante. Vem muita gente de fora. Os alunos são transferidos com bastante facilidade. (HORNES, 2014)

A localização da escola favorece esta grande extensão em sua zona de abrangência. A imagem a seguir dá dimensão do espaço territorial, localização e dos arredores da escola.



Figura 2 - Localização da Escola do Rocio em Palmeira - Vista aérea
Fonte: Google Maps. Adaptação: Everton Luiz Renaud de Paula.

O PPP do Colégio Estadual Amadeu Mário Margraf faz um mergulho no contexto histórico do Bairro do Rocio II, o que é importante para a caracterização da origem da escola, que sedia as atividades de ensino das esferas municipal e estadual para aquela comunidade. As negociações para construção do conjunto habitacional tiveram início em 21 de setembro de 1990, quando foi enviada uma carta proposta à Caixa Econômica Federal. O proponente era representado pela sócia gerente da LC Brasan Construções e Empreendimentos Ltda. Dois terrenos rurais foram comprados, que juntos somaram 63.442,00 m² de área, e custaram 4.300.000,00 de cruzeiros na época.

Estavam prontos para o trabalho, contando com topografia ondulada com declividade média em torno de 10%, solo argiloso, seco e com vegetação rasteira, para receber as tais 200 (duzentas) moradias populares de 30 metros quadrados cada, para a realização do sonho da CASA PRÓPRIA a famílias com uma renda mínima de 3,23 salários mínimos (Projeto Político-Pedagógico Escola Estadual Amadeu Mário Margraf).

Em novembro de 1991, a empresa doou para o município os imóveis correspondentes a área de 6.459,86 metros quadrados, para a escola e 5.976 metros quadrados destinados a uma praça, em frente da escola.

No ano de 2015, a escola do Rocio conta com duas turmas de quinto ano e uma turma de quarto ano. Cerca de 200 matrículas. A turma que será acompanhada é o 4º ano da Professora Eliane Hornes. Uma turma composta por 29 alunos, oriundos de duas turmas de terceiro ano que formaram uma única para o quarto. Vale ressaltar que o material utilizado pelo município é do sistema de ensino apostilado da Rede Positivo.

A professora é formada em Magistério, licenciada em História pela UEPG, especialista em Metodologias do Ensino de 1º e 2º graus e também possui uma licenciatura curta em Geografia. O título de especialista vai além de um diploma, pois dos 47 anos de vida, 27 deles têm sido dedicados às salas de aula. É uma professora experiente, com práticas pedagógicas consolidadas. Marcelo Garcia (1989) sustenta esta visão ao afirmar os estudos sobre a relação entre as idades e os ciclos vitais dos professores e suas características pessoais e profissionais.

A quarta fase está compreendida entre os 40 e os 50/55 anos. É a fase em que os professores já se adaptaram à sua maturidade, adotando novos papéis na escola e no sistema educativo. Podem ser professores que mantêm os princípios e os costumes da escola, aqueles sobre quem recaem muitas das responsabilidades, e fazem-no porque acreditam que é o que devem fazer (MARCELO-GARCIA, 1989, p. 64).

A percepção teórica se confirma com a turma indicada para a professora no período corrente desta pesquisa que, segundo ela, lhe foi entregue com vistas a recuperar uma aprendizagem que ainda está defasada. Uma grande responsabilidade. Marcelo Garcia e Vaillant (2012) ressaltam ainda a importância de conhecer o professor e seu histórico, pois desde a inserção profissional o docente “interioriza as normas, valores e condutas que caracterizam a cultura escolar na qual se integram” (MARCELO-GARCIA e VAILLANT, 2012, p. 132). Essa caracterização, no cenário deste estudo, também é determinante para a percepção quanto ao papel mediador exercido pela professora colaboradora com sua turma.

Sua formação acadêmica se construiu a partir das oportunidades que teve e sempre caminhou lado a lado com sua atuação profissional. A carreira docente começou em 1985, antes de concluir o magistério. A professora conta:

Veja, em 85 eu tive a minha primeira turma de adultos, pelo tão famoso e antigo MOBRAL. Eu fui professora do MOBRAL. Foi uma experiência incrível para mim, com adultos. Trabalhava à noite com eles, que era a disponibilidade deles e a minha também. E, em 86 [formada] eu já iniciei a minha primeira turma de primeiro ano como alfabetizadora (HORNES, 2014).

A licenciatura em história e a especialização vieram no decorrer da atividade profissional, somando necessidade e oportunidade.

[...] Quando eu me formei no magistério eu não tinha, assim, muitas opções. Mas eu sempre me afeiçoei mais às disciplinas da área de humanas. E eu sempre gostei de história. Sempre! Aí eu tive um professor que me incentivou a fazer história. Inclusive ele fez vestibular comigo, e nós dois passamos. E depois, quando veio a pós, foi uma primeira pós que veio para Palmeira. Então, foi uma primeira oportunidade, sabe. Por isso que eu resolvi fazer, porque era aqui em Palmeira (HORNES, 2014).

A necessidade e a oportunidade trouxeram um grande apreço pela aprendizagem e pelo estudo. A licenciatura curta em geografia veio para completar a história. Em suas palavras “achava, assim, que para eu ser uma professora completa de história, eu precisava saber geografia também. Porque as duas se aliam” (HORNES, 2014). Em 2012 participou do PDE pelo Estado na área de Cultura Afro. E fez vários cursos ofertados pelos projetos Ler e Pensar e Televisando o Futuro na área de uso da mídia em sala de aula.

Em toda a sua trajetória na educação, a professora reconhece seu papel transformador. Diz que o aspecto mais marcante em seu tempo de atuação no ensino é a alfabetização. Já passou pela experiência de encontrar professores, colegas na profissão, que foram seus alunos.

A parte da alfabetização exige muito e é muito difícil. É uma doação muito grande, mas a compensação depois, a gratificação... De você pegar um aluno que não conhece uma letra e no final do ano ler e escrever para você. Isso não tem preço! É uma coisa que a gente carrega para o resto da vida! É emocionante ensinar alguém a ler e a escrever (HORNES, 2014).

O que se percebe, não só pelo seu tempo de trabalho na educação, 27 anos, é uma profissional competente e influente, que ama o que faz, com ela mesma ressalta, “Mas eu amo, amo, amo o que eu faço!” (HORNES, 214). Já participou de cursos sobre o uso do jornal impresso em sala de aula. Fez a formação sobre possibilidades pedagógicas da televisão e sobre tecnologias na educação. Já teve seu trabalho reconhecido pela Prefeitura em atos municipais, foi premiada pelo uso do jornal em sala de aula no projeto Ler e Pensar da Gazeta do Povo e finalista na premiação pelo uso do telejornal com o Televisando o Futuro, da RPC TV. Para ela, “os alunos não vão para a sala de aula para criar apatia” (HORNES, 2014) e tudo que vai ser ensinado precisa ter um propósito claro e reconhecido por eles. Quando não está na escola ou em sala de aula, seu passatempo é construir aquilo que vai usar para trabalhar com os estudantes. Exemplifica essa situação com o seu projeto com uso de jogos.

Eu gosto muito da parte lúdica, então eu transformo tudo aquilo que eu vou ensinar em lúdico. Isso é uma coisa muito forte para mim. Porque eu sei que os alunos aprendem muito brincando. Inclusive o projeto que eu estou encerrando hoje se chama “conhecer a história de Palmeira através da brincadeira” [...] E eu acho tão importante a parte lúdica da aprendizagem. Acho fundamental. E em sala de aula muitos professores não se atêm a este detalhe. Porque o jogo causa tumulto, causa ansiedade. Ele causa disputa. E muitos professores acham isso muito barulho, desconforto em sala de aula. E eu não. Eu gosto de ver ele quebrar a cabeça para montar. Ou ele se concentrar, ou discutir. Ou ele gritar que acertou. Isso eu acho fascinante, provocar essas emoções na criança. [...] A gente tem que provocar essas emoções. **Porque o aluno não vai para a sala de aula para criar apatia. Ele vai para se transformar!** Eu gosto de provocar estas reações para ver de que forma eu vou conduzir o meu trabalho na área da geografia, da história, do português, da matemática, ciências... (HORNES, 2014 [grifo nosso])

O trabalho com projetos também é uma escolha da professora. O uso do telejornal em sala de aula, pelo projeto Televisando o Futuro, foi uma iniciativa própria.

Diferente da maioria dos professores participantes do estudo exploratório, cujos motivos mais expressivos estão entre participar a pedido da diretoria da escola ou da Secretaria de Educação.

É residente da região urbana, mas não na mesma comunidade onde leciona. No bairro do Rocio tem parentes e pelo tempo que dá aula lá se identifica com os alunos daquela região. Trabalha no turno da manhã no Colégio Estadual Amadeu Mário Margraf, e sua lotação no contrato com a prefeitura municipal estava em outra escola. Depois de atender a demanda da escola por ordem de serviço, em 2015 mudou sua lotação para a Escola do Rocio, o que facilitou suas atividades por poder ficar o dia todo na mesma instituição. Ao ser questionada sobre sua identificação com a comunidade em que leciona, apresenta uma resposta enfática, “Ah, sim... Nossa! Muito, muito, muito! Já faz 17 anos que eu trabalho na parte da manhã com a clientela do Ensino Fundamental 2 [...] Então, eu me identifico bastante com eles” (HORNES, 2014).

O seu acesso televisivo se dá por meio de canais de TV aberta, predominantemente, não possuindo TV a cabo, e apenas uma das duas televisões que possui captam sinal de antena parabólica. Portanto, conforme se entende nesta pesquisa, seu acesso está alicerçado no contato com informações locais e programações com a identidade próxima de sua região de residência.

Então, eu só assisto à RPC e eu já não coloquei parabólica na minha televisão porque eu gosto de saber as coisas mais próximas a mim. Porque na internet você vai ter acesso ao que está mais distante, né. Então, eu gosto de assistir muito os telejornais. Eu sou fã dos telejornais. Gosto também do Casos e Causos, gosto muito de assistir à Revista RPC. A gente não tem aquela disponibilidade muito de ficar na frente da TV, mas eu vejo. [...] Eu assisto o telejornal das 7 [19h], e depois... Toda a programação da RPC. Gosto do PLUG também, quando eu tenho oportunidade é um programa que eu gosto. Então, das 7 em diante, tudo que eu posso assistir, no sábado também gosto de ver algumas programações. No domingo não tem muita opção, é mais o que vem da Globo mesmo. Mas os telejornais eu não perco. (HORNES, 2014).

A professora demonstra com seu comentário conhecimento acerca da diferença entre programação local, da filiada, e programação de rede, da Globo. Fruto de aprendizagem por curso e por experiência, é importante para a seleção que é feita por ela do material a ser usado com os alunos. Esses são temas abordados no material de formação docente do projeto Televisando o Futuro. Somados à televidência – nos termos de Orozco –, e sua observação a respeito do que assiste

geram a habilidade de reconhecer algumas diferenças na oferta televisiva. Essa percepção é reforçada quando a professora explica que um dos assuntos mais vistos e comentados pelos alunos em sala de aula é a violência, e a esse respeito a professora diz “[...] Eu percebo que a TV foca bastante isso também, né. Pode ver que de 20 notícias, sempre tem umas 10 que são a respeito disso” (HORNES, 2014).

Seu acesso ao telejornal ocorre, em geral, a partir das 19h, sozinha enquanto janta. Seus filhos assistem à TV no mesmo horário em outro cômodo da casa e estão vendo outra programação. A professora costuma perguntar para os filhos aquilo que assistem, contudo não costuma assistir com eles suas próprias programações. É um processo multimediado, pois as dimensões da televisão que mais impactam na escolha feita pela professora a respeito da emissora e do programa jornalístico que assiste são institucionalidade e midiacidade.

A midiacidade, conforme já se apresentou anteriormente, é a dimensão que diz respeito à capacidade da televisão de se diferenciar dos outros meios e atrair os espectadores para sua programação. A institucionalidade é a ancoragem da emissora de televisão nos sistemas culturais, sociais e políticos.

Cada uma das dimensões anteriores exerce uma mediação distintiva em suas audiências, fazendo do processo de assistência televisiva um processo necessariamente multimediado. Ver, “escutar”, perceber, sentir, gostar, pensar, “comprar”, avaliar, guardar, retrain, imaginar e interagir com a televisão são atividades paralelas ou simultâneas de um longo e complicado processo de interação com as telas (OROZCO, 2014, p. 36).

Sua prática docente está fortemente imbuída de noções de educação com a mídia e para a mídia. Para ela a TV ajuda a reconstruir histórias e a organização de suas atividades passa pelo que se pode chamar de temas gerados, numa perspectiva freireana, de assuntos capazes de gerar interesse e desencadear as atividades de aprendizagem. “Eu sempre gosto de trabalhar com eles coisas que causam polêmica. E coisas que eles possam vivenciar na prática deles. Isso é evidente” (HORNES, 2014).

Além dos fatos polêmicos que despertam o interesse da turma, também são escolhidos os temas sociais diante dos quais é necessário fazer uma leitura crítica, analisando não só o próprio tema, mas também o suporte de informação por meio do qual ele chegou, no caso a televisão. São ocasiões em que a professora aproveita a

oportunidade para recontar trechos históricos e retomar as tecnologias utilizadas antes, as mudanças e a relação atual com a informação.

[...] Mas eles comentam política também. [...] Eles sempre reclamam da fila do posto de saúde, do atendimento do hospital. [...] quando não tem coleta de lixo [...] da falta de água - que é o que mais falta em Palmeira. Então, tudo isso abre portas para eu trabalhar impostos, política, corrupção [...] **Porque eu sou uma professora de histórica crítica.** [...] **E a gente sai muito da sala de aula.** A gente vem muito pro centro, apesar de ser longe. Esse ano a gente esteve na prefeitura duas vezes, visitando. Ver como tudo funciona. Eu tive alunos que nunca tinham entrado na prefeitura e já estão no quarto ano. Lá não é lugar que criança entrar, os pais não levam. Então, **a gente teve uma reunião com o prefeito**, visitamos o prédio. A gente veio até a Secretaria de Educação para ver como a merenda chega na escola, como as coisas funcionam aqui, quem cuida das escolas, como cuida. Na parte de história a gente esteve no museu, a gente visitou várias praças da cidade. Viu como as coisas estão, e depois na sala de aula eu mostrei como era a praça, como a Igreja foi construída e daí a gente transformou isso tudo em lúdico em sala de aula. **Eu acho que essa construção de transformar o conhecimento em uma coisa prática é inesquecível.** Acho que sempre temos que aliar o conhecimento a uma prática. E que isso desperte o gosto. Então, eu gosto sempre de vivenciar com os meus alunos as coisas. Nunca passar as coisas por passar. Que eles lembrem o que eles aprenderam. Que alguma marca você tem que deixar (HORNES, 2014).

A perspectiva lúdica e de conhecimento que se constrói com as atividades práticas e vivenciais, bem como a paixão com a qual a professora atua, deixam claro que este pesquisador esteve diante de uma professora que deixa marcas e não permite que suas atividades sejam feitas sem um sentido. Esta atribuição de sentidos é preponderante na mediação realizada por ela durante a recepção do telejornal em sala de aula.

3.2.3 Os alunos e seus familiares

Dos vinte e nove alunos previstos para a turma da Professora Eliane, até o momento final da observação ficaram vinte e três. Da turma inicial, três foram transferidos de escola antes mesmo do início das aulas. No decorrer dos dois primeiros meses dois outros alunos foram transferidos para outras escolas. E um terceiro, que era de convívio da turma do ano anterior, se mantinha ausente em tratamento médico. No terceiro mês, dois novos alunos foram incluídos na turma. O quarto mês marcou a estabilização do número com a saída destes mesmos dois e a entrada de outro aluno. E também com a infelicidade do falecimento do aluno que

estava desde o início do ano em tratamento médico. Essas situações permitiram perceber a solidariedade da turma e sua fácil acolhida.

Todos os colegas novos foram bem recebidos e integrados. Da mesma forma como a maioria da turma se mobilizou com o falecimento de um colega, se fazendo presentes em seu velório e pautando muitas das conversas da sala de aula a respeito do finado colega. Até mesmo o pesquisador foi muito bem acolhido pelos alunos. Gostam muito de receber as visitas em sala com a frase “Boa tarde! Seja bem-vindo!” dita em coro e com muita intensidade.

A turma se distribui entre a faixa etária de oito a dez anos. A concentração maior é de alunos com oito anos de idade – somando quatorze, reduzindo progressivamente o número de alunos com nove anos – oito, e por último, de dez anos – três. A maior parte são meninas, somando quinze; os meninos somam oito. Em sala de aula ficam sentados nas fileiras habituais, voltados para frente. Sua organização não considera nem a ordem alfabética de seus nomes e nem as afinidades entre os colegas. Se sustenta em critérios determinados pela professora. Na primeira oportunidade, essa ordem se desfaz e se revelam os grupos de afinidades.

Os meninos e as meninas formam grupos separados. Entre as meninas, um grande grupo se forma com dez componentes. As outras cinco meninas oscilam. Em alguns momentos estão ao redor do grande grupo, em outros momentos estão com afinidades de outras turmas da escola. Entre os meninos, quatro se mantêm próximos com regularidade. Por suas conversas, é possível inferir que também se encontram fora da escola em horários alternativos para as brincadeiras. Os outros quatro orbitam ao redor deste grande grupo. Todos os meninos, nos horários de intervalo, agregam aos seus grupos colegas do quinto ano.

De toda a turma, sete alunos mantêm contato aberto e público com a professora interagindo nos momentos de perguntas, complementando informações, requerendo outras explicações e atendendo as solicitações durante as explicações. Os demais interagem, coletivamente, nos momentos cuja resposta se dá por uma levatada de mãos ou um coro de “sim” ou de “não”. Como a professora cultiva o hábito de atender individualmente os alunos em suas carteiras durante os exercícios, é neste momento que a maioria da classe conversa com ela e tira suas dúvidas de maneira individual.

Do ponto de vista de suas características familiares a pesquisa apresenta informações quanto à composição das famílias, a ocupação de seus membros, sua

pirâmide etária, estado civil dos pais, escolaridade dos moradores da mesma casa e etnia. As informações de renda e moradia, bens de consumo e atividades associativas, de lazer e religiosas também compõem o perfil das famílias. E por fim, o seu consumo de mídia é parte importante da sua caracterização.

A respeito de sua composição, 60% das famílias tem seu núcleo composto por pai, mãe e filhos. 20% são famílias compostas pela mãe e pelos filhos. Famílias somente com pai e filhos, ou com a presença de avós ou primos morando na mesma casa, juntas, representam os outros 20%. As casas têm, em média, de três a oito moradores. Na maioria das famílias as mães são donas de casa. Em quatro casos elas trabalham fora pois são integralmente responsáveis pelo sustento dos filhos. Em outros três casos elas dividem o compromisso da renda com os maridos. Entre as ocupações dos pais ou irmãos mais velhos que trabalham predominam operário, pedreiro e servente. As outras ocupações que foram registradas na pesquisa são: agricultor, reciclador, cozinheira e eletricitista. Todos os trabalhos são de natureza técnica e operacional. A renda média familiar é de cerca de dois salários mínimos para 75% dos lares da turma, e entre dois e quatro salários mínimos para 25%. E, em 67% dos casos é o pai o responsável pelo provimento da maior renda da casa.

A maior parte das famílias reside na comunidade do entorno da escola, em casas quitadas. 33% vive em casas alugadas, 22% em casas emprestadas e outros 6% em casas próprias financiadas. Embora a turma se relacione bem de uma maneira geral, as diferenças socioeconômicas se fazem presente em sala de aula, muitas vezes materializadas em atitudes hostis com os colegas que não possuem determinados materiais ou acessórios de vestuário ou entretenimento. Pela observação das características gerais das famílias é possível perceber que a variação de renda não significa diferenças gigantescas na prática familiar de lazer, cultura ou ainda em suas moradias. Contudo, em sala de aula, algumas diferenças se expressam em materiais, mochilas, calçados e acessórios. Possivelmente indicando uma opção de consumo de determinadas famílias em detrimento a outros hábitos ou necessidades.

São famílias predominantemente jovens. A maior parte dos componentes das famílias são crianças ou jovens em idade estudantil. Os pais se localizam nas faixas entre 21 e 25 anos até 41 e 45 anos. A menor expressão está entre as pessoas mais de 60 anos morando na mesma casa. A partir dos dados a respeito da escolaridade,

somados à faixa etária, é possível perceber que muitas das mães abandonaram os estudos em função da constituição familiar, e os pais, em grande parte, pela entrada no mundo do trabalho.

As etapas do Ensino Fundamental concentram a maior parte da vivência escolar dos pais. 56% das mães estudaram até a 8ª série e 22% até a 4ª série. Segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 3, promovida pelo Instituto Pró-Livro e organizada por Zoara Failla (2012), depois do professor ou professora, a mãe (ou responsável do sexo feminino) é a maior influenciadora dos hábitos de leitura entre mais de 77 milhões de brasileiros participantes da pesquisa (FAILLA, 2012, p. 297).

Sobre a escolaridade dos pais, é possível traçar duas interpretações. Uma delas, pelo viés histórico, de que os filhos tendem percorrer mais tempo que seus pais na vida escolar. Além da conjuntura social que propicia este cenário, pode-se inferir ao perceber que dos avós que moram com as crianças apenas um possui escolaridade até a 4ª série. Os demais não declararam escolaridade. Pelo viés da influência da mãe – conforme a pesquisa citada anteriormente, boa parte abandonou os estudos e pelo que se pode observar entre os filhos mais velhos, a conjuntura familiar conduz ao mundo do trabalho quanto antes for possível. Entre os pais, avós e irmãos mais velhos não existem egressos ou estudantes do Ensino Superior. O gráfico a seguir demonstra as relações de escolaridade geral e entre mães e pais.

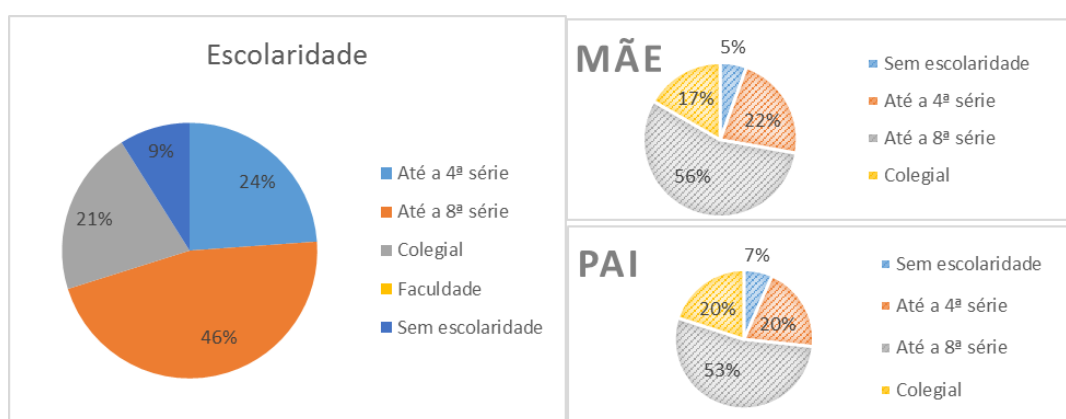


Gráfico 26 Escolaridade dos pais

Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

Do ponto de vista dos bens de consumo das famílias, a presença da TV é comum em todos os lares, sendo mais que um aparelho em algumas casas. O que

chama atenção é a quantidade de aparelhos de telefone celular. Em um universo de respondentes que somou sessenta e sete pessoas, incluindo, os alunos, quarenta e cinco possuem telefone celular. Os meios de informação e comunicação têm forte presença nos lares destes estudantes.

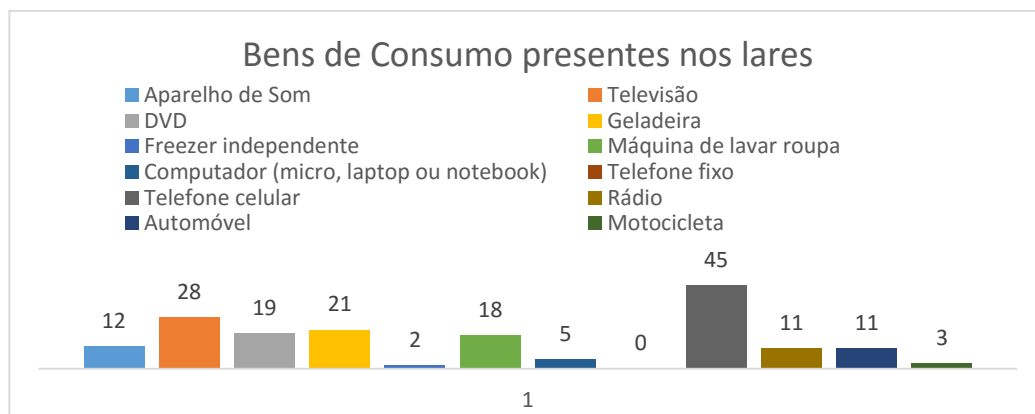


Gráfico 27 Bens de consumo presentes nos lares
Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

As associações dos membros das famílias estão focadas em times de futebol, associação de pais e mestres, grupos pastorais na igreja, e grupo de dança e teatro, também na igreja. Os hábitos de lazer semanal, incluem em sua maioria a prática de esportes, o que é destinado quase exclusivamente às crianças. O que inclui a família se enquadra nas atividades em parques ou viagens para outras cidades, o que ocorre já em frequência mensal. E boa parte das atividades de caráter cultural ou social ocorre em frequência anual para grande parte das famílias, ou são atividades nunca realizadas por todos os membros do núcleo familiar.

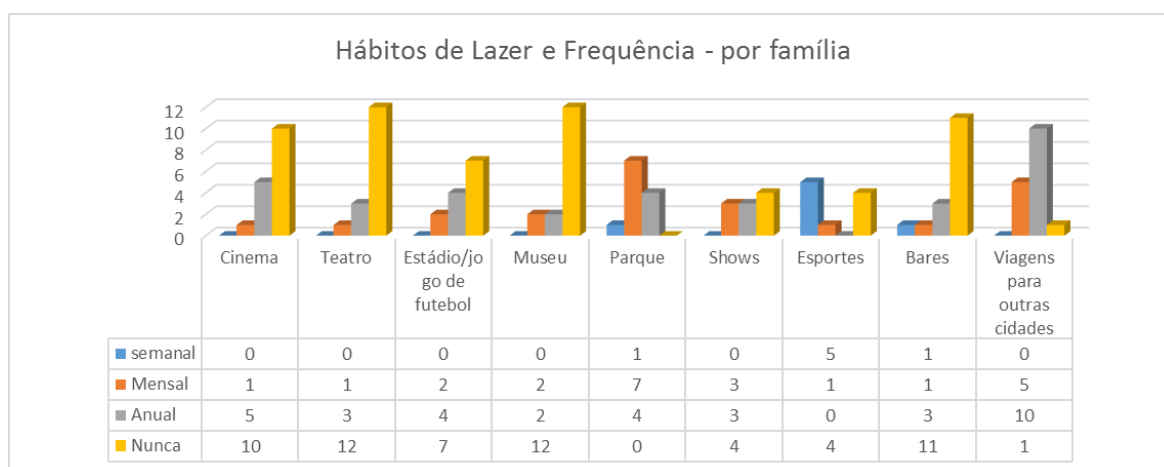


Gráfico 28 - Hábitos de Lazer e Frequência - Por família
Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

Ainda a respeito dos hábitos de lazer, interesses e sonhos dos alunos, uma atividade desenvolvida pela professora colaboradora e cedida ao pesquisador contribui para a compreensão mais aprofundada dos estudantes. O consumo de música das crianças é predominantemente o funk, o que pode expressar desde apenas um interesse no ritmo como uma identificação ideológica ou pessoal com as letras, ou ainda com a trajetória dos cantores. Em paralelo a isso, os desenhos de princesas – como Frozen, Rapunzel e outras, e com animais – como Tartarugas Ninjas, Peppa Pig e Pica-Pau, fazem parte das preferências na TV. Além disso, em sala de aula as novelas infantis se mostraram predominantes entre o grupo.

A respeito dos lugares que conhecem e que julgam mais legais, prevalecem paisagem da própria cidade ou próximas a ela. Já nos lugares que desejam conhecer aparecem diversas representações, desde o interesse por conhecer outros Estados, cidades de turismo religioso, Parques de diversão – como a Disney, até outros países. A perspectiva dos sonhos também apresenta variadas representações. Aparecem desejos profissionais, como veterinária, bombeiro, cantora, jogador de futebol, modelo; sonhos lúdicos, como ser princesa ou fada; e ainda desejos de presentes como uma viagem de avião ou um animal de estimação. A tabela a seguir concentra as respostas dadas e o volume de ocorrências de uma mesma resposta.

Música		Tipo de desenho que assiste		Lugar mais legal que conhece		Lugar que gostaria de conhecer		Sonho		O que mais gosta na escola	
Funk	11	Princesas	10	Curitiba	5	São Paulo	5	Ser cantora	3	Estudar	9
Sertanejo	6	Animais	7	Ponta Grossa	4	Disney	4	Ser fada	2	As professoras	2
Religiosa	4			Parque de diversão	3	Curitiba	3	Ser professoras	2	A comida	2
MPB	1			Parque do museu	2	Praia	1	Viajar	2	Pintar	2
Internacional	1			Praia	2	Rio Grande do Sul	1	Ser jogador de futebol	2	Jogar bola	2
				Zoológico	1	Museu	1	Jesus	1	Aula de Valores	2
				Escola	1	Rio de Janeiro	1	Ser bombeiro	1	Brincar	1
				Pesque e pague	1	Foz do Iguaçu	1	Ser modelo	1	Inglês	1
				Recanto dos papagaios	1	Santa Catarina	1	Ganhar um hamister	1	Recreio	1
				Campo largo	1	Paris	1	Ser princesa	1	Ler e escrever	1
								Dubai	1	Mato	1
						Sítio Mirim	1	Ser bailarina	1		
						Aparecida	1	Viajar de avião	1		
								Crescer e ser veterinária	1		

Tabela 9 - Hábitos e Sonhos dos alunos

Fonte: Atividade de aula da Professora Eliane Hornes cedida para a pesquisa.

Em relação à religião, 50% das famílias se denomina católica, 35% protestante, 10% assumem acreditar em Deus mas sem denominação religiosa, e 5% dizem não ter religião, escolhendo a denominação ateuista. Das famílias que professam um credo

religioso 47% frequenta o culto religioso ao menos uma vez por semana, 29% até três vezes por semana. 12% participa mensalmente, e 6% apenas em datas especiais. Para as duas religiões o bairro é bem provido de templos religiosos. A escola tem proximidade com os templos do seu entorno na realização de bazares e ações voltadas à comunidade. Os alunos diferenciam as igrejas pelas cores. Ao indicar a sua religião em geral dizem “eu vou na igreja verde”, “eu vou na igreja amarela” ou “eu vou na igreja da cruz”. A professora colaboradora justifica que este é, de certa forma, um consenso entre a comunidade. As cores das igrejas são padronizadas conscientes destes padrões estabelecidos pelos frequentadores.

O consumo de televisão é avaliado em termos de origem da programação, frequência – medida em dias, intensidade – medida em horas, período do dia em que ocorre o consumo e programa de preferência. As dimensões do audiovisual são analisadas para verificar quais apresentam maior influência na decisão de consumo de televisão por parte das famílias. A respeito da origem, 60% das famílias possuem sinal de TV a cabo e 75% recebem sinal por meio de antena parabólica. Entre os membros do núcleo familiar ocorre uma variação do meio pelo qual mais acessam as programações de televisão, o que se deve ao interesse frente às possibilidades ofertadas. O gráfico a seguir mostra que enquanto os filhos assistem mais a antena parabólica e TV a cabo, as mães assistem mais TV aberta. Isso ocorre em função da oferta de programação. A televisão aberta tem uma oferta de programação infantil bastante restrita, em especial no horário da manhã, em que os alunos mais assistem. Enquanto isso, os programas de variedade e novelas mais assistidos pelas mães compõem boa parte da programação da TV aberta.

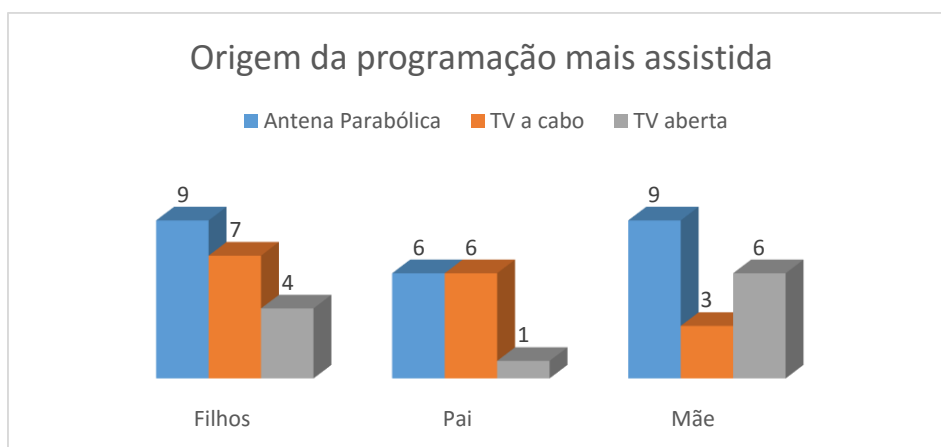


Gráfico 29 - Origem da programação

Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

A frequência de consumo é diária em todas as famílias com uma pequena alteração na frequência em que o pai assiste. Fato que se deve à relação do consumo de televisão do pai com seus períodos de atividades laborais. A respeito dos períodos de consumo de TV na família é possível perceber que há uma alternância entre os membros. No período da manhã, os alunos que estão em casa, assistem TV sem os pais. São programas onde não há mediação dos adultos no momento da recepção em casa. A hora do almoço costuma combinar mãe e pai diante da TV. A tarde é exclusiva das mães. E no período da noite a família toda está diante da televisão. Esta alternância também sinaliza a preferência de programação, pois conforme as ofertas do dia e sua disponibilidade cada membro da família organiza seu acesso à TV. Por estes dados, também se pode inferir que os telejornais mais assistidos em família são aqueles apresentados em período noturno.

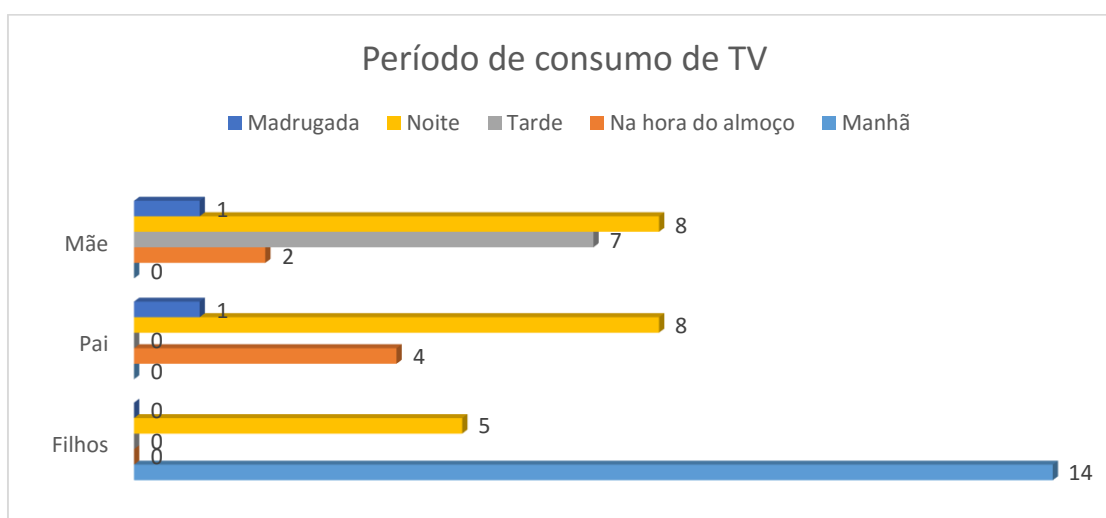


Gráfico 30 Período de consumo de TV

Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

A alternância do processo de recepção também ocorre quando se analisa a programação preferida e a emissora que mais assistem. Essa relação se organiza a partir da oferta de programação, interesse e disponibilidade para assistir. A leitura conjunta destes dados com as demais informações a respeito da composição das famílias permite inferir que sendo o horário de maior disponibilidade das crianças pela manhã, daquelas que não estão na escola, e seu interesse voltado para filmes – conforme o gráfico 6, ou desenhos – conforme tabela 1, é natural que sua emissora de mais acesso seja o SBT – conforme o gráfico 7, que oferece programação infantil

no período da manhã. Já os pais, ocupados com o trabalho durante a manhã, e interessados em filmes e telejornais, equilibram seu acesso entre as emissoras RPC e RIC TV, nos períodos do almoço, noite e madrugada. As mães, por sua vez, também ocupadas com as atividades da casa e cuidado dos filhos no período da manhã, e interessadas majoritariamente nas telenovelas, dedicam sua atenção para a RPC e SBT no período da tarde, quando decidem a programação, e a noite, quando compartilham com a família.

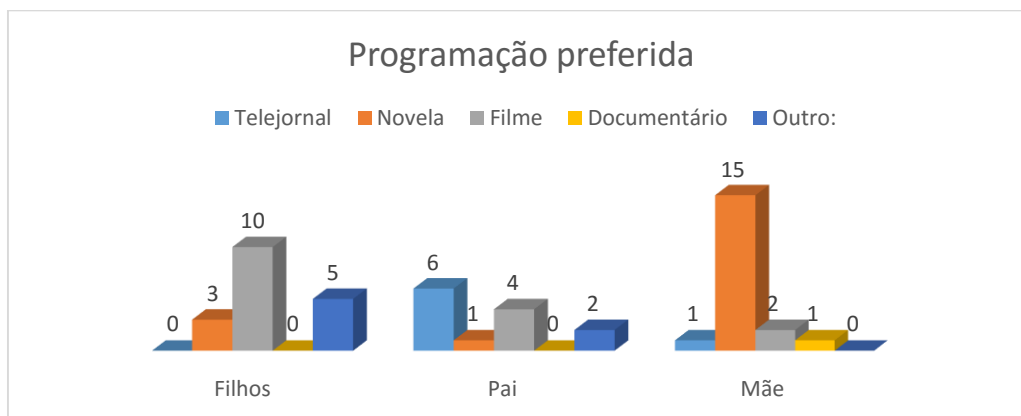


Gráfico 31 Programação preferida dos familiares
Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

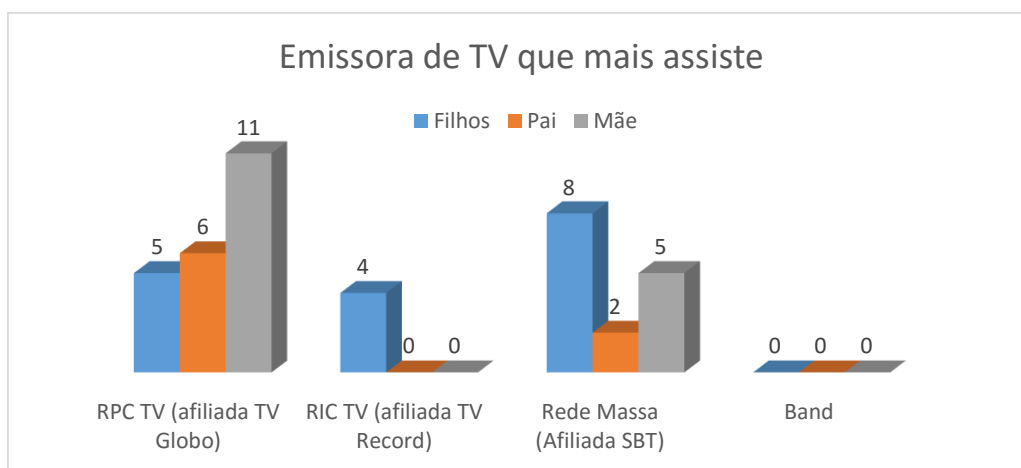


Gráfico 32 Emissora de TV mais assistida pelos familiares
Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

A intensidade de consumo de TV, medida em horas e dividida entre os dias de semana e o final de semana, mostra que para todos os membros da família o consumo se intensifica nos finais de semana aumentando da média de 1 a 3 horas por dia para mais de 6 horas diárias nos finais de semana. Dada esta intensidade de consumo também é possível inferir que neste período a recepção ocorre com a presença de todos os membros da família juntos. Contudo, ainda é pertinente aprofundar a questão

para verificar se os interesses e períodos de acesso se mantêm nestes períodos. Ainda assim, a intensidade de consumo de TV nestas famílias está na mesma média de consumo do Estado do Paraná e do Brasil. O gráfico a seguir apresenta a intensidade do consumo de TV por membro da família e compara os resultados dos dias de semana com os resultados nos finais de semana.

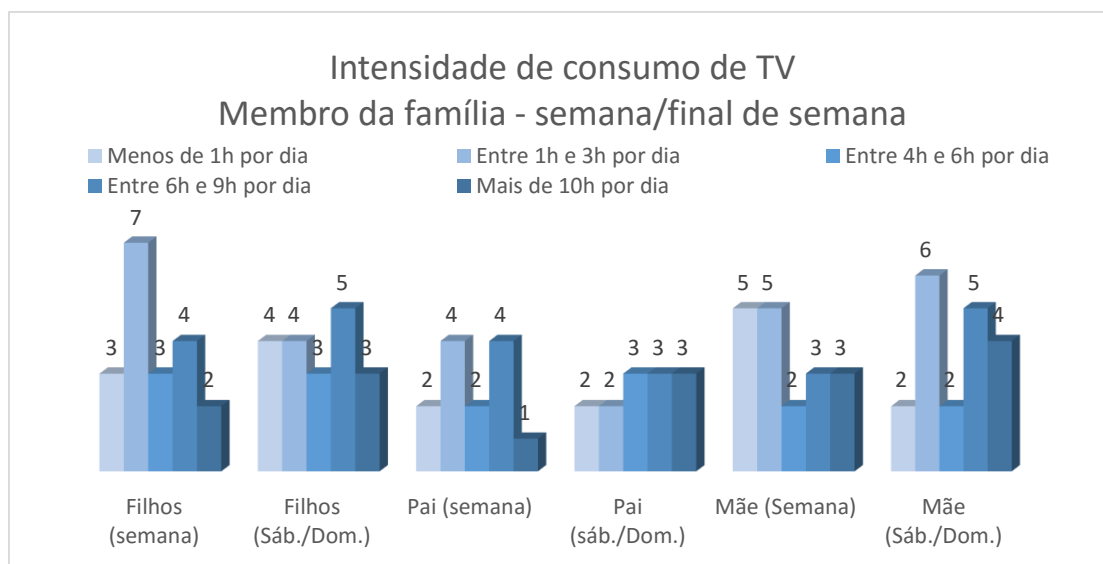


Gráfico 33 Intensidade do consumo de TV por membro da família
Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

Para categorizar os motivos que levam as famílias a fazerem a escolha de suas programações, bem como de suas emissoras, o caminho seguido é o das dimensões do audiovisual apresentadas por Orozco (2014, p. 35): a tecnicidade, discursivo-linguística, midiaticidade, institucionalidade e esteticidade. Para o autor, as dimensões se caracterizam da seguinte maneira.

“[...] A tecnicidade diz respeito às características técnicas intrínsecas de cada meio. No caso da televisão, se referem à sua capacidade de ‘reproduzir’ a realidade e transmiti-la [...] com um grande nível de fidelidade e verossimilhança. [...] Discursivo-linguística refere-se ao fato de que no televisivo [...] há duas linguagens, pelo menos: a auditiva e a visual, além duma série de efeitos sonoros e visuais, musicais e vocais, que conformam os discursos. A midiaticidade [...] tem a ver com o seu funcionamento distinto em relação a outros meios. Institucionalidade [...] (tem a ver com) a ancoragem nos sistemas sociais, políticos e culturais de maneiras específicas. A esteticidade significa a conjunção das dimensões anteriores sob um estilo e uma qualidade [...] a estética televisiva é como a marca do produto que o telespectador pode reconhecer segundo a procedência da empresa[...]” (OROZCO, 2014, p. 35-36).

Dessa perspectiva se percebe que para as famílias que responderam à questão a ancoragem social, política e cultura da emissora gera identificação com seus valores e crenças, e coloca a institucionalidade como dimensão que mais influencia na escolha da emissora e do programa. A facilidade de compreensão e entendimento promovida pela conformação de linguagens – discursivo-linguística, e a tecnicidade também são dimensões expressivas para a decisão de consumo. De outro lado, a esteticidade é uma das dimensões que menos importa na escolha de algumas famílias. Isso permite inferir que estética, ainda que seja importante, pode não definir a escolha de um programa ou emissora se gerar um confronto com o conjunto de valores dos sujeitos receptores. O gráfico a seguir apresenta as dimensões do audiovisual ordenadas em escala de influência, congregando as incidências nas respostas das famílias. Os números representam as famílias que responderam à questão.

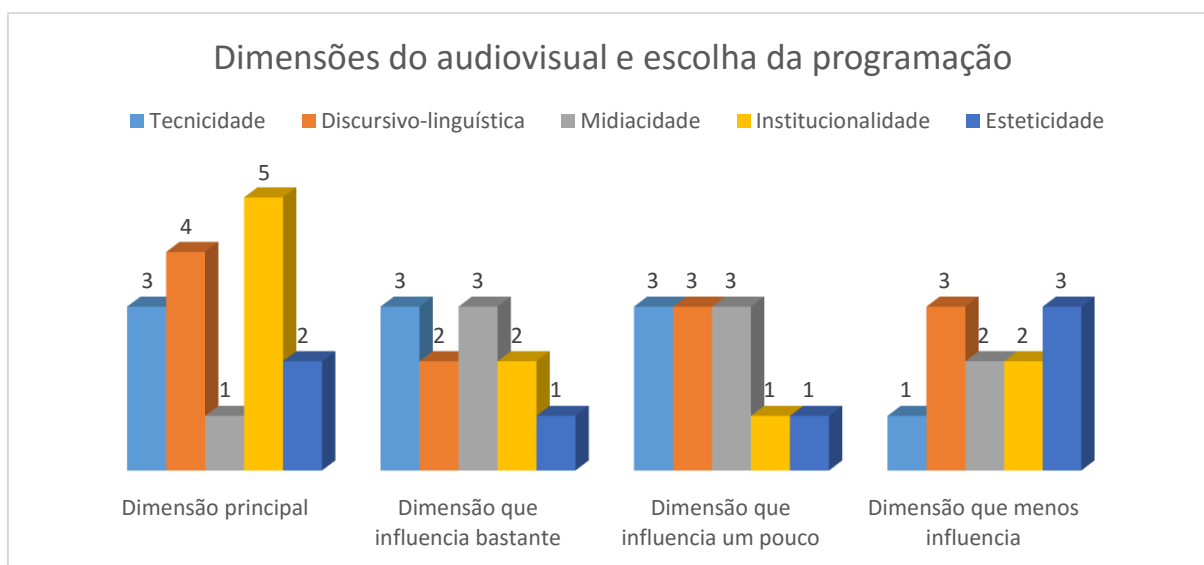


Gráfico 34 Dimensões do audiovisual e escolha da programação
 Fonte: dados da pesquisa – questionário familiar 2015.

As concepções articuladas até aqui estabelecem elementos importantes para caracterizar os sujeitos receptores e seu contexto, formado pela cidade, escola, professora colaboradora e os alunos com seus familiares. Desta maneira, cumpre seguir a compreensão para as características do produto analisado no processo de recepção.

2.3 As reportagens no projeto Televisando o Futuro

O contexto do projeto Televisando o Futuro na escola apresenta o telejornal como gênero televisivo a base para o trabalho pedagógico. As matérias são produzidas especialmente para esta finalidade, de acordo com temáticas estabelecidas pela agenda social, educacional e comunicacional. A forma de produção destas matérias tem uma concepção diferenciada, conforme destaca Ana Gabriela Simões Borges (2012):

“As reportagens produzidas para o projeto Televisando o Futuro acontecem de forma muito particular. Diz-se isso pois diferem da dinâmica e da rotina dos jornalistas a partir do momento em que têm mais tempo para serem produzidas (cerca de 2 meses), e principalmente porque as pautas são enviadas pelas próprias audiências, ou seja, pelos professores, alunos e escolas que participam do projeto. Primeiramente ocorre uma reunião envolvendo as áreas de jornalismo da RPC TV e de educação do Instituto GRPCOM. Juntas, as áreas definem a temática anual e os conteúdos das reportagens a serem exibidas para o projeto, seguindo as orientações editoriais, princípios e valores do GRPCOM” (SIMÕES BORGES, 2012, p.41-42).

Conforme é possível observar com a análise da história do projeto, hoje sua produção se dá tanto com pautas oriundas da escola como com outras, advindas do processo convencional de produção jornalística. Isso ocorre, pois, a intenção da emissora, mais do que mostrar um acontecimento dentro da escola, é produzir um material cujo tema, imagens, sons e informações possa ser utilizado por diversos professores para o ensino. E nesta perspectiva, a intenção é fornecer oportunidades curriculares, aquelas relacionadas aos componentes pré-estabelecidos para abordagens das disciplinas; para análise crítica dos assuntos, de forma a possibilitar um novo entendimento sobre a temática e também o discurso produzido pela TV acerca dela, com suas ideologias e representações; e, também, estimular a criatividade e produção de sentidos e trabalhos com vistas ao desenvolvimento da audiência crítica.

O diretor de jornalismo da RPC TV, Wilson Serra, afirma que a principal e única diferença de tratamento nas matérias do projeto é a linguagem adaptada à idade dos estudantes, para que possam compreender melhor e desenvolver os seus trabalhos didáticos.

O Televisando o Futuro tem um direcionamento de temas. Ele é casado com um programa educacional, então, vamos imaginar que fizemos “meio ambiente”. Então vamos procurar e direcionar alguma pauta que tenha este tema. Outro foi diversidade, por exemplo. Então você vai procurar um assunto que se relacione com este tema, que permita que os professores façam algum trabalho didático e pedagógico com estas crianças na escola. Agora, o cuidado que a gente tem, na produção de alguma matéria, seja ela de meio ambiente, diversidade, esportes ou de polícia, é o mesmo. Neste caso, como a gente sabe que ela vai estar dentro de um pacote de um programa que tem sua função social, sua função cidadã, você vai procurar fazer um texto mais acessível para as crianças. Mas o tratamento e o cuidado editorial são os mesmos. (SERRA, 2015).

As matérias contêm em média três a cinco minutos e são exibidas durante a programação do PTV1, em datas fixas, previamente estabelecidas e divulgadas para os professores por meio de cronograma disponibilizado no site e mensagens de e-mails enviadas às vésperas das exposições. Em geral, nas dimensões técnicas, apresentam off, cobertura, entrevista e na cabeça estão identificadas pelo âncora, no estúdio, como matérias especiais produzidas para o Televisando o Futuro. Existe ainda uma identificação visual por meio da exibição de um selo com a logomarca do projeto no estúdio, ao lado do âncora, e as matérias apresentadas são seguidas por uma vinheta exclusiva.

Sempre estarão no primeiro bloco, mas isso não representa uma escolha editorial, pois o primeiro bloco, até 2014, era regional, onde cada uma das regiões desenvolvia suas produções. Os três blocos seguintes eram estaduais e, portanto, ancorados a partir de Curitiba, que não participa do projeto. No bloco em que são exibidas, elas não apresentam uma ordem específica para aparecer. Na maioria das vezes são amarradas com outras matérias de temas próximos. A partir de novembro de 2014, todos os blocos ficaram regionalizados, e a respeito do posicionamento da matéria, Serra (2015) ressalta que não é o posicionamento, mas sim o tempo que pode indicar o grau de importância de um assunto.

A televisão tem um processo diferente do jornal impresso. No jornal você tem a primeira página e o cara vai consumir depois. Na televisão é uma coisa mais horizontal. É óbvio que aquilo que tem maior interesse você deixa pro final do jornal porque você pode ir chamando isso durante a programação, é um jeito de segurar as pessoas. Mas, a posição de uma matéria no começo, no fim ou no meio do jornal, ela não altera muito. Se for um jornal grande, tipo o praça 1 (Paraná TV 1ª edição), que tem 45 minutos ao meio dia, então você vai tentando segurar as pessoas. O praça 2 (Paraná TV 2ª edição) é muito rápido, então a posição da matéria dentro do jornal, primeiro, segundo ou terceiro bloco não altera muito o sentido. A gente dá o destaque pelo tempo, talvez. O assunto que é mais importante você dá mais detalhes, o assunto que é menos importante você passa rapidinho. (SERRA, 2015).

Neste aspecto há uma situação importante que precisa ser considerada nas análises dos materiais. Embora esta seja uma categoria importante, nem sempre um tempo menor indica, necessariamente, menos importância para o assunto. Pode ocorrer de uma matéria ser passada rapidamente pois suas informações são breves e não há imagens. Isso não pode levar ao erro de considerar somente este critério como determinante da importância da matéria. Há, neste caso, uma relação entre conteúdo e imagem que precisa ser equilibrada, conforme esclarece o diretor de jornalismo da RPC TV.

Nesse caso, um dos critérios, o que dá um pouco de confusão na história, no jornal (impresso) você coloca o principal assunto acima da dobra, menor interesse abaixo da dobra, o assunto mais interessante você põe na página ímpar, o menos na página par, e na TV não tem isso, o único critério que dá a entender na televisão mais ou menos destaque é a questão do tempo. Se eu tenho imagem, uma sequência de imagem para descrever, essa descrição ocupa um certo tempo, se eu não tenho essas imagens para descrever, óbvio que o material vai ficar mais curto. Mas isso não quer dizer que eu estou sonegando informação. Vamos imaginar, tomando como exemplo a greve dos ônibus. No dia da decisão, o que você tem? Uma imagem geral de um monte de cobrador levantando a mão e aprovando a greve. Isso dá o que? 20 segundos. Eu não posso mostrar o rosto de cada um, o crachá... para esticar o material. A informação é só esta: os ônibus vão parar amanhã. No dia seguinte, todo mundo já perdeu o ônibus, você tem piquete em porta de garagem, você tem gente que foi trabalhar, não achou ônibus e voltou pra casa e perdeu dia de trabalho, pessoal que estava levando gente para o hospital e não achou, gente que está se virando com carona. Você tem “N” situações de imagens e personagens para você dar mais tempo a este material. Mas não é por causa disso que o desenrolar da greve seja mais importante do que o anúncio dela. É aí que eu acho que tem essa confusão de achar que é “só imagem”. Não, a imagem ajuda, sim, até porque as pessoas estão sentadas no sofá vendo TV e não ouvindo TV. Mas não é só isso não, são as duas coisas, você tem que trabalhar em conjunto. Não pode sonegar informação. (SERRA, 2015).

Com a forma de exibição adotada, simultaneamente são exibidas em média 7 matérias diferentes sobre o projeto. Em alguns casos, o número é menor quando uma praça não produz por decidir exibir o mesmo material de outra. Depois de veiculadas na televisão, são disponibilizadas no site da RPC TV e no catálogo de vídeos do site do projeto Televisando o Futuro. A gravação, na maioria das vezes, é feita com a cabeça da matéria. Em raros casos é disponibilizada online a reportagem sendo executada diretamente em seu início, sem a apresentação inicial do âncora realizada em estúdios. Ao final de cada um dos três meses de exibição é enviado um DVD para cada escola participante com todas as matérias exibidas naquele período. Assim, o

professor pode trabalhar com a reexibição das matérias, escolhendo inclusive aquelas que foram apresentadas em outra região.

A produção permanece no eixo de atividades da equipe que faz o jornal diariamente. Por isso, não são fixadas pessoas específicas que se responsabilizem por estas reportagens, em particular, durante o tempo de suas exibições - três meses. Em geral, a cada produção, a pauta pode ser tratada por um repórter diferente, e em função do horário de sua apuração e desenvolvimento contará com produtores e editores diferentes. Também não há um critério estabelecido quanto ao profissional que vai fazer, como tempo de experiência ou especialidade no tema. Somente o critério de disponibilidade e interesse do profissional pelo tema são levados em consideração. Isso pois, conforme Serra (2015), “na TV, por suas características, são todos generalistas. Não temos condições, por nossa estrutura, de ter profissionais focados exclusivamente na educação”. Estas situações não impedem que sejam levados ao ar produtos com qualidade. Contudo, podem impedir um aprofundamento no tema e uma continuidade entre os materiais, uma vez que são exibidos como série, embora não tenham este nome.

Entre 2008 e 2014, estima-se que tenham sido produzidas 116 reportagens exclusivas, somando 16 horas de material jornalístico voltado aos temas do projeto em seus 7 anos (INSTITUTO GRPCOM, 2014). Na edição de 2014, as reportagens no site acompanharam dicas pedagógicas para abordagem dos materiais em sala de aula. Os aportes pedagógicos indicados não são fruto de análise neste trabalho, contudo, a leitura destes materiais demonstra um interesse em fomentar as dimensões da educação com a mídia usada como recurso didático, para a mídia como forma de análise crítica e pela mídia como canal de expressão.

Este é um programa desenvolvido com interesse educativo, voltado ao desenvolvimento da aprendizagem e da formação cidadã. Contudo, não altera o modelo de análise a respeito da TV comercial, pois se insere na lógica de produção e exibição de uma televisão comercial, que ocupa os espaços de qualquer outra matéria com quase nenhuma distinção. E com isso promove a presença de sua marca na formação de futuros telespectadores.

4. RECEPÇÃO E MEDIAÇÃO NA ESCOLA

A recepção e a mediação desenvolvidas no contexto da escola são identificadas a partir da articulação entre a base epistemológica da investigação, o cenário constituído e os perfis dos colaboradores, relacionados ao momento da televidência. É a partir de tais articulações que se pode compreender e explicar o sentido atribuído pelos alunos às reportagens que assistiram. Dessa forma, neste capítulo é que a articulação é estabelecida na busca pela elaboração da possível resposta para a pergunta provocativa da pesquisa.

A análise ocorre por meio dos três instrumentos caracterizados previamente, começando com a apresentação da reportagem, em seguida sua estrutura dividida e interpretada em fragmentos; sua análise e, por fim, a análise do processo de recepção e mediação em sala de aula. Dessa maneira, os tópicos subsequentes são organizados a partir das matérias exibidas em sala de aula, subdivididos em suas análises.

Em seguida, as análises serão apresentadas divididas por reportagens. Destaca-se que nos apêndices X (estrutura da reportagem) e XI (processo de recepção) podem ser encontradas as respectivas análises de forma resumida, em formato de tabela, colocando as três reportagens lado a lado.

4.1 Reportagem 1 – Colheita e venda de pinhão movimentam o centro-sul do Paraná


A primeira reportagem exibida em sala de aula não foi publicada sob o selo do Televisando o Futuro e não fala sobre o uso consciente das tecnologias – tema do projeto em 2015. A ideia de sua utilização surgiu de um fato gerador observado em sala de aula pela professora. Um dos alunos trouxe pinhões para a escola para vender para os colegas da turma. As sementes vieram das colheitas feitas por seu pai e chegavam na escola também por encomenda de colegas, professores ou funcionários feitos diretamente ao estudante.




Sem ignorar o fato e mediada por sua experiência de televidência da reportagem – que assistiu em casa, a professora preparou uma aula a partir deste


tema. Como ressalta Barbero (2014), essa é a forma como a escola “interatua com o processo televisivo” e promove interação entre a prática escolar e as vivências próprias das comunidades de estudantes.

4.1.1 Estrutura da reportagem

A reportagem foi ao ar na televisão no dia 12 de abril de 2015 e foi apresentada para a turma em sala de aula no dia 22 de abril. Abaixo segue a divisão da matéria em fragmentos, bem como a análise correspondente a cada um deles.

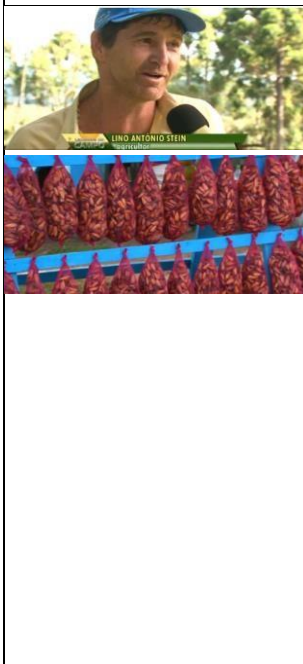
Reportagem	Colheita e venda de pinhão movimentam o centro-sul do Paraná			
Data de exibição na TV	12/04/2015			
Exibição em sala	22/04/2015			
Fragmento	Momento de início de apresentação e recurso de câmera	Duração em segundos	Narração	Observação/Análise
	1. Sandro Invowski inicia a apresentação narrando a autorização para início da colheita de pinhão mais cedo no Paraná. Plano médio.	22	Apresentador no estúdio, "Esse ano o Instituto Ambiental do Paraná, o IAP, autorizou mais cedo a comercialização e a colheita do pinhão em todo o estado. Por isso já se vê produtor pertinho das araucárias e apostando na cultura. No ano passado a safra foi menor e o preço disparou. Como deve ser esse ano, hein? É o que nós vamos ver agora na reportagem de Bruna Bronoski e Gilmar Correia".	A matéria começa ancorada no estúdio, onde o apresentador está em plano médio, buscando certa neutralidade na imagem, faz o gancho do assunto com um fato ocorrido neste ano, que é a liberação mais cedo da colheita e comercialização do pinhão, construindo o lide da matéria.



	<p>2. (00m22s) Bruna Bronoski em off inicia a locução. Imagem de um pinheiro de baixo para cima, iniciando em plano geral e fazendo zoom in até o close-up no topo da árvore. Em seguida faz-se uma fusão para a imagem de uma pinha. Ao final da sequência a imagem da pinha fica desfocada para preparar a mudança de câmera.</p>		<p>10 "Sol para esquentar o friozinho que já começou e que ajuda no amadurecimento da semente tão querida dos paranaenses"</p>	<p>Locução em off já traz elementos que podem ser discutidos em sala de aula ou em família, que são as condições propícias para produção do pinhão e também a sua caracterização: semente. Com o final da frase "querida dos paranaenses" se cria uma referência da árvore ser símbolo do Estado.</p>
	<p>3. (00m32s) Segue a locução em off. Imagem em plano geral de um trabalhador escalando o pinheiro para retirada de pinhas. Ao final da locução sobe o som de background - BG da batida dos pés e corda na árvore. Câmera aproxima para plano de conjunto.</p>		<p>6 "Começou também o trabalho dos coletores corajosos"</p>	<p>Há um cuidado em mostrar que neste caso o "corajoso coletor" usa alguns recursos de segurança, como corda de apoio e cintas. A terminologia mostra uma representação social do papel do coletor e incita pensar que a atividade é perigosa.</p>
	<p>4. (00m39s) Segue locução off, cena do trabalhador no topo da árvore. Fusão com a cena dos galhos da araucária balançando por ação da retirada da pinha.</p>		<p>9 "É preciso chegar lá em cima e tirar as pinhas uma a uma. Habilidade que passa de geração em geração".</p>	<p>Os planos de filmagem em relação à árvore indicam a altura e levam o telespectador à sensação de estar embaixo do pinheiro. Este recurso se repete algumas vezes na matéria.</p>



	5. (00m47s) Em plano próximo entra a imagem de um dos personagens da matéria, identificado na legenda como "coletor".	5	"o pai subia em pinheiro, os outros, os vizinhos... Daí, olhando, eu aprendi"	Voz para o personagem. A voz reforça a mensagem da repórter de que este é um ofício ensinado de pai para filho.
---	---	---	---	---

  	6. (00m52s) Cena da quebra da pinha, plano próximo. No primeiro segundo da filmagem sobe o BG com som da batida na pinha. A partir do 00m53s inicia a locução off. Em 00m58s troca a imagem para plano conjunto dos irmãos citados colocando as pinhas em um monte. Em 01m04s zoom in nas pinhas até fechar em close-up para preparar mudança de cena.	14	"Os irmãos Edilson e Edenilson de Guarapuava colhem pinhão há 4 anos. No ano passado a colheita não foi boa. A produção caiu. Mas neste ano promete ser melhor".	A cena enfatiza o comentário do primeiro personagem e reforça o dito pela repórter 'os irmãos' mostrando que o cultivo e a colheita têm maior foco na agricultura familiar.
 	7. (01m07s) Plano médio em que aparece a repórter, um entrevistado e outro trabalhador. A câmera se movimenta em direção ao entrevistado e estabelece um plano próximo.	11	"Melhorou! Foi um pouco melhor que o ano passado né. Eu acho que depende o clima. E a região também, tem região que dá mais, tem região que dá menos. Mas aqui melhorou um pouco. Para nós está melhor"	Novamente plano próximo do entrevistado produzindo maior aproximação entre ele e o telespectador público-alvo do programa caminhos do campo.

	<p>8. (01m18s) Cena abre com plano próximo da copa de um pinheiro. A câmera se movimenta com zoom out e em plano geral. Em seguida, se movimenta em plano de conjunto na repórter que se abaixa próxima a algumas pinhas.</p>	16	<p>"só deste pinheiro, daqui da propriedade, deu pra colher tudo isso de pinha. Foram 40, que é a média de pinhas por pinheiro aqui da região. Isso aqui rende cerca de 30 quilos de pinhão maduro e pronto para ser consumido".</p>	<p>Reforço na capacidade produtiva. É o único momento em que a repórter se coloca diante da câmera para entregar alguma informação. As demais informações são compostas com off e imagens, e por meio de cenas estilo "voz do povo", em que se dá voz aos personagens. Neste caso, sempre reforçando a mensagem dada em off.</p>
	<p>9. (01m34s) cena de plano próximo de uma pinha aberta seguida de zoom out enquadrando o monte de pinhas. Locução off.</p>	5	<p>"E com mais pinhões os produtores esperam maior rendimento nesta safra".</p>	<p>Aborda a relação com a comercialização e rendimento dos produtores.</p>
	<p>10. (01m39s) Plano próximo do entrevistado. Em 01m47s muda de cena para um plano conjunto de baixo para cima de outros trabalhadores abaixados separando pinhões. A movimentação leva a cena para um plano médio do grupo de outro ângulo de cima para baixo.</p>	14	<p>"É, ele começa na faixa de 1,50 até 2,00 reais. E depois vai subindo. Hoje, no momento, está em torno de 2,30 e 2,50 o quilo. E a tendência é que mais para frente ele possa aumentar um pouco".</p>	<p>Para enfatizar a receita da venda dos pinhões dá voz ao produtor que aborda e fala de preços. Os planos de câmera da sequência tentam criar uma certa dimensão do trabalho dos coletores e produtores.</p>

	<p>11. (01m53s) Cena do produtor despejando leite. Locução off. Corte para imagem de pintinhos (01m56s). Corte para cena do produtor caminhando na propriedade (01m57s) acompanhado pela câmera em plano conjunto, que ao final se movimenta para a copa da árvore como imitando alguém que para embaixo e olha para cima.</p>	<p>8 "Seu Lino é produtor de leite, cria galinhas, mas agora no outono, o negócio para aumentar a renda é o pinhão".</p>	<p>Seleciona uma narrativa secundária para exemplificar a característica de produção familiar já anunciada nas imagens anteriores.</p>
	<p>12. (02m01s) Câmera em plano próximo do entrevistado. Em 02m10s corta para imagem de pinhões amarrados em sacos prontos para a comercialização. O final da frase do entrevistado fica em BG da cena dos pinhões à venda.</p>	<p>"Na minha propriedade tava ruim, né. Não compensava se envolver. Esse ano já compensa se envolver porque já tá melhor. Tem a tendência de melhorar, né. Porque só ter pinhão e não ter preço não adianta. Tem que ter pinhão e preço".</p>	<p>Novamente traz o recurso de dar voz ao personagem para sustentação dos argumentos da repórter. O plano de fuso de imagens estabelece uma clara relação entre a frase do produtor e o processo de comercialização.</p>

	<p>13. (02m13s) Câmera se movimenta dos pinhões pendurados para outro entrevistado. Locução off e imagem do entrevistado em plano próximo falando. Em seguida plano conjunto do entrevistado e segue locução em off. Fusão com close-up no pinhão e novo plano conjunto do vendedor mexendo com os pinhões.</p>	17	<p>"Se no campo a aposta é positiva, no comércio não é diferente. O movimento aqui nesta banquinha À beira da estrada está grande. Só na primeira semana o Nelson já vendeu mil quilos de pinhão e a expectativa é vender ainda mais".</p>	<p>Com a movimentação para a etapa de comercialização e bom tempo da matéria dedicado a este aspecto fica clara a desconexão da produção e comercialização. Permite a leitura de processos atravessadores na comercialização do pinhão. Ainda assim, as imagens remetem para um negócio familiar "à beira da estrada". O plano conjunto permite perceber que mesmo com a venda de várias toneladas de pinhão a situação econômica do comerciante, seu negócio e residência não parecem refletir o suposto lucro.</p>
	<p>14. (02m30s) Plano próximo do entrevistado. Ouve-se a pergunta da repórter e em seguida a resposta do entrevistado.</p>	6	<p>Repórter pergunta "quanto o senhor espera vender esse ano?" Entrevistado responde "perto de umas 20 a 25 toneladas"</p>	<p>Novamente voz ao personagem no intuito de reforçar a argumentação da repórter.</p>

	<p>15. (02m36) Locução off. corte para cena de pinhões no fogo (3s), corta para panela ao fogo (1s) e panela aberta (6s). Cena se encerra com movimento de zoom in da câmera para a panela de pinhão que é aberta pelo vendedor (4s).</p>	14	<p>"Sapecado, assado ou cozido, o consumidor que é fã de pinhão pode chegar que agora tem pra todo muno.</p>	<p>O conjunto de imagens finais e a locução off dirigem novamente o telespectador para o "clima" inicial da reportagem, de apreciação do pinhão, não dando continuidade às problemáticas levantadas no decorrer da matéria.</p>
	<p>16. (02m51) no estúdio, o apresentador dá o serviço final relacionado ao preço de venda para o consumidor, em tom sério e plano médio.</p>	6s	<p>"O quilo do pinhão está sendo vendido ao consumidor, em média, por 5 a 6 reais".</p>	<p>Novamente ao estúdio, em plano médio e com voz de serenidade o apresentador dá o serviço ao consumidor em relação ao preço final de 5 a 6 reais o quilo do pinhão. A matéria traz elementos sobre a problemática mas não os explora.</p>

4.1.2 Análise da reportagem

As considerações possíveis a respeito desta reportagem começam por sua relevância, que pode ser evidenciada pelo período de exibição – no tempo da liberação da colheita e venda de pinhão – e na aderência ao público-alvo do programa em que foi exibida – um programa matutino, de caráter não jornalístico, direcionado à população do campo. Evidencia as características da produção, colheita e comercialização do pinhão como condutor do ponto de vista do emissor. Contudo seu foco é na apreciação do pinhão pelos paranaenses, sem problematizar o assunto. Apresentada em um domingo entre sete e oito horas da manhã, a reportagem é uma produção de um programa de variedades, com texto leve e descontraído.

O roteiro destacou os pequenos agricultores, produções familiares e consumo por apreciação, apresentando-as como características paranaenses, em busca de

uma identificação com o público. Além disso, abordou o fator econômico e produtivo geral do ano anterior, os aspectos relacionados à comercialização e mão de obra. Contudo, o fato da liberação da colheita é um pretexto para falar do pinhão e entreter o telespectador com seu processo de colheita e comercialização, sem questionamentos e as próprias entrevistas se originam na mesma localidade, com realidades semelhantes sem variação de discursos e dissonância nas vozes.

O gerenciamento da atenção inicia com a estratégia de retenção anunciando um fato novo. Em seguida passa pela aproximação com o público-alvo abordando a colheita e comercialização; e, se encerra com foco na apreciação. A agenda – como pauta principal - é pertinente, mas foi pouco explorada pois o foco foi restrito e embora tenha a participação de várias vozes, não apresentou variação de argumentos e contradições.

O texto é parcialmente objetivo pois não explicita a opinião da emissora e não interpreta os dados produzidos em sua edição. Contudo, é possível perceber a presença de representações, tais como: trabalhador corajoso, trabalho de risco, trabalho familiar, trabalho para homens. A produção de sentidos surge da junção e apresentação de elementos da prática de colheita do pinhão: escalada na árvore, quebra das pinhas, separação do pinhão, imagens das propriedades rurais. A barraca à beira da estrada e os sacos de pinhão para venda também formam um cenário conhecido pela maioria dos telespectadores do programa e também pelos alunos da escola. A repórter atuou nesta matéria como a representante do telespectador que traz a ele mais informações, como se ele mesmo estivesse conversando com os personagens da matéria. Não tem a sensação de que a dona da informação é a emissora ou que a repórter fala em nome da marca.

Existem pontos da reportagem que podem servir como propulsores de reflexão e debates em sala, como a relação entre produção e comercialização, política de preços, identidade cultural. Contudo, houve pouca exploração da apresentação dos desafios, pois a reflexão não é feita na reportagem, que se encerra com o foco na apreciação do pinhão. Percebe-se maneira clara uma lacuna deixada pela falta de aprofundamento e interpretação das informações organizadas pela emissora na matéria. Embora bastante adequada ao público da sala de aula, no que tange ao estímulo à educação cidadã, não houve menções voltadas ao consumo, impacto

ambiental ou outras questões relativas ao tema que seriam estímulo à educação cidadã.

4.1.3 Análise do processo de recepção e mediação

Na primeira dimensão de análise, voltada para as características do processo, a problematização foi o ponto inicial do trabalho. A professora começou questionando se alguém assistiu TV no domingo pela manhã e se conhecem o programa caminhos do campo. Depois abordou o tema da colheita e venda de pinhão a partir do aluno que trouxe pinhão para vender na escola. E em sala discutiram preços de pinhão na cidade. Todos queriam muito participar do assunto. Em relação aos componentes curriculares, na problematização foram abordados aspectos como: os pinheiros da cidade; o período de colheita e motivo de ter uma data própria para isso; e, o perigo de acidentes ao subir no pinheiro para fazer a colheita

Em seguida, a exibição da matéria aconteceu no saguão da escola, com todos os alunos diante da porta da secretaria assistindo na tela do computador. Retornaram para a sala de aula e receberam um texto com o resumo da notícia. Foi realizada uma leitura dirigida abordando diferentes componentes curriculares e, a produção final no mesmo dia do encontro foi a realização de trabalhos de artes, com técnicas específicas, em desenhos da gralha azul e araucárias. Também no mesmo dia foi feita degustação de pinhão, comprado do aluno que despertou o tema. E em outro dia ainda houve uma evolução da discussão a partir dos números cotados na reportagem a partir dos conhecimentos da disciplina de matemática. Nesta ocasião, a dimensão da educação com a mídia – como recurso didático, esteve fortemente presente na construção das atividades pois o tema foi pretexto para abordar os componentes curriculares.

No que tange às dimensões do audiovisual, três delas ficaram explicitamente imbricadas neste processo de recepção. A tecnicidade, pois mesmo diante do computador, a capacidade da linguagem audiovisual em reproduzir com grande nível de verossimilhança e fidelidade esteve presente. A dimensão discursivo-linguística também esteve mobilizada no processo pois ela se refere à conjunção de áudio, vídeo e efeitos para a construção de um discurso como característica do meio. E além de ocorrer a apresentação da reportagem com os detalhes de edição já ressaltados

anteriormente, o discurso produzido no momento da recepção também contaram com uma releitura da matéria em texto impresso previamente preparado pela professora. E, por fim, a institucionalidade do meio ficou clara no desejo de identificação com o povo paranaense e sua cultura reconhecida como legítima, a intenção do programa de origem da reportagem, o uso em sala de aula a partir de uma prática dos alunos.

O contexto da “comunidade de apropriação e interpretação” (OROZCO, 2014) foi um mediador explícito na medida que as imagens e temas da reportagem foram identificados no cenário da vida dos alunos. Todos tinham histórias com o pinhão, ou pela venda feita por um dos colegas, ou pelo consumo com a família. Os alunos se reconheceram em fatores com a produção agrícola, que é próxima da maioria; a prática de alguns deles em subir em pinheiros para colher pinhas; as características das vivências particulares, tais como a inserção laboral-profissional de alguns familiares, como expresso pela fala de um deles "meu pai traz todo dia da fazenda", ou ainda, "lá em volta do lixão tinha um pinheiro e eu fui lá *catá* pinhão pra fazer no fogo". Ou ainda vivências cotidianas, como no caso de um dos meninos que contou um *causo* de um colega seu que subiu no pinheiro, caiu e quebrou o pé.

Esta foi a primeira exibição de telejornal para os alunos. Não vinha sendo comum que eles tivessem atividades fora de sala ou com uma organização espacial diferente daquela imposta pelas carteiras, conforme já mencionado anteriormente. Por isso é válido ressaltar ritualidade, como uma importante mediação de primeira ordem no processo de recepção. Os alunos foram para o saguão da escola e se acomodaram nos bancos usados para o lanche. Alguns sentados nos bancos, outros no chão, e outros ainda preferiram ficar em pé. O computador da secretaria foi virado para fora na porta, e na tela eles assistiram a matéria. Secretária, professora, pedagoga e diretora rodeavam o computador para deixar tudo no ponto certo para a transmissão. Todos ficaram em silêncio durante a transmissão e ao final voltaram para a sala sob as orientações tradicionais de ordem. São aspectos que medeiam a recepção e expressão a institucionalidade da escola ao promover a apresentação, mas ao mesmo tempo influenciam na conjunção das várias mensagens oriundas do fato, da narração das imagens, dos sons utilizados e recurso de edição.

Em sala, o que caracterizou a recepção de segunda ordem, os comentários foram sobre a imagem do coletor subindo nas árvores evocando as memórias individuais de alguns meninos que também sobem em pinheiros. Outros comentários

mostraram a lembrança sobre formas de preparo do pinhão em casa, com frases como "minha mãe faz na panela" ou "minha mãe faz na chapa". E outros ainda "eu adoro pinhão, se pudesse comeria todos os dias". Quando retomado em sala o trecho sobre o preço, vários alunos mencionaram o que ouviram de seus pais ou os preços que viam no mercado. Houve certa indignação da parte de um dos alunos ao ver os preços: "eu não vendo o meu por R\$ 2,30. O meu é R\$ 5,00 igual ao mercado. Se quiserem me pagar pouco assim eu não vendo. Aí eu prefiro comer o meu pinhão". Diante destes comentários e do fato gerador do protesto muito podia ser comentado. Mas a professora silenciou. O silêncio é uma escolha, que também comunica e compõe a mediação, expressa o cumprir do currículo e as dimensões da cultura escolar e cultura da escola.

Sob o ponto de vista da identidade, no campo das macromediações, os alunos se identificaram com os produtores e coletores, além dos apreciadores de pinhão. Alguns deles se reconheceram no papel dos compradores. A professora, por outro lado, se posicionou com identificação do lado do comprador, citando - inclusive - a compra que fez de seu aluno. Mantiveram-se partidários ao coletor e vendedor mesmo depois da discussão, embora alguns poucos tenham demonstrado descontentamento com a forma de exploração do comércio com este produto.

A professora percebeu a reportagem como educativa e trouxe trechos dela relacionados à história, geografia e matemática. A percepção dos alunos foi mais para a direção de que mostrava algo da realidade do que ensinava algo novo. Foram conduzidas ressignificações pela professora, como no caso da subida na árvore. A professora usou o fato para questionar se as crianças devem ou não fazer, e para abordar o perigo de sua realização. Em outro momento, houve uma ressignificação da programação de uma forma geral feita pela psicopedagoga a partir de uma retomada dos assuntos quando ela se posiciona dizendo: "viram como podemos aprender muitas coisas de uma matéria. Tem coisas boas na TV, basta a gente saber usar o botão de liga e desliga".

A exploração da matéria se deu mais diretamente na sua relação com os componentes curriculares das disciplinas. E, tal como na reportagem, a sala de aula não ecoou o aspecto da exploração presente na comercialização e no sistema de precificação do produto agrícola. A estrutura familiar esteve retrata em momentos identificados verbalmente pelos alunos, abordando o papel das mães que preparam

receitas com pinhão e o papel dos pais que colhem ou compram para apreciação de toda a família.

Com isso, os significados que os alunos puderam exprimir foram conduzidos para o reforço da mensagem de apreciação do pinhão e possibilidade de venda. Alguns perceberam a relação de exploração no que tange aos preços no processo de comercialização, mas não seguiram com a crítica. Outra percepção que se sustentou foi o perigo que envolve a coleta das pinhas.




A escola mostrou interesse em seu posicionamento institucional e apoio à ação da professora. Promoveu o encontro dos diversos símbolos culturais e familiares fazendo com que os alunos vissem modos de pensar e vivências diferentes. Não houve incentivo da resposta à produção e a escola reforçou a agenda de apreciação. A mediação docente foi conduzida pela prática da educação com a mídia, focando os componentes curriculares. A professora também reforçou a agenda da apreciação do pinhão e não houve posicionamentos de contradição, avaliação da lógica de produção ou lugar de onde a matéria estava situada, e inclusive, tudo terminou em pinhão.

4.2 Reportagem 2 – Televisando 2015: Em Ponta Grossa escolas se conectam para interação entre alunos

A segunda reportagem exibida para a turma já esteve sob a chancela do projeto. Foi uma produção regionalizada, feita pela equipe de jornalismo da RPC Ponta Grossa. Apresentou vinheta do projeto construindo uma marca contextual para sua exibição. Sua utilização esteve contextualizada no trabalho iniciado pela professora sobre as tecnologias ao longo da história da cidade.



4.2.1 Estrutura da reportagem

Reportagem	Televisando 2015: Em Ponta Grossa, escolas se conectam para interação entre alunos			
Data de exibição na TV				
Exibição em sala	29/05/2015			
Fragmento	Momento de início de apresentação e recurso de câmera	Duração em segundos	Narração	Observação/Análise

	<p>1. Abertura com vinheta do projeto Televisando.</p>	3	<p>Sem narração. Somente BG com trilha da vinheta.</p>	<p>A matéria começa sinalizada pela vinheta do projeto Televisando, com sua assinatura musical e as imagens de sua marca. Faz a ancoragem contextual da matéria.</p>
	<p>2. (00m04s) Apresentadora em estúdio faz a cabeça da matéria. Plano médio de câmera se movimenta conforme a apresentadora anda no cenário e termina o trecho em plano aberto.</p>	20	<p>"Hoje é dia de falar do projeto Televisando. Este ano o tema é o uso consciente das tecnologias. Você tem amigos virtuais? Veja então, agora, esse projeto de Ponta Grossa. Alunos de escolas distantes se conhecem só pela web. E olha que legal, aprendem juntos."</p>	<p>Em seguida a apresentadora faz a cabeça da matéria no estúdio citando o projeto e situando a pauta no contexto de seu tema principal para a edição do ano. Deixa claro o fio condutor da matéria.</p>
<p>1</p> 	<p>3. (00m24s) Abre cena fechada no monitor onde estão aparecendo os alunos. BG ambiente com a turma dizendo "oi". Câmera gira para os alunos que estão em frente ao monitor que respondem "oi". Entra plano geral das crianças e do monitor e suas professoras. Então começa a locução off. A câmera faz um "ping-pong" que acompanha a locução: mantém aberto nos alunos de uma sala, faz um plano próximo do monitor, em seguida faz um plano aberto, com câmera baixa.</p>	20	<p>"De um lado da tela alunos de uma escola municipal na vila estrela. Do outro, alunos de uma escola no bairro na chapada. A distância nem é tão grande, é tudo em Ponta Grossa mesmo. Mas eles só se conhecem assim, pelo computador."</p>	<p>A movimentação cria para o telespectador a sensação de estar olhando para cada turma em um momento de <i>ping-pong</i>. Então apresenta a professora controlando o aparelho e o início da atividade.</p>

	Fecha na última cena de uma professora operando o computador.			
	4. (00m44s). Em plano médio alunos levantam-se e se apresentam para os colegas. BG de som ambiente com a fala dos alunos.	7	<p>"Oi meu nome é Helena"</p> <p>"Oi meu nome é Marcos"</p> <p>"Oi meu nome é João Andrade"</p>	Cena que ilustra os alunos se apresentando para os colegas. Embora a ancoragem inicial da matéria e a narrativa até este momento levem ao entendimento de que a ação é frequente, o fato de estarem ainda se apresentando indica ser a primeira vez da atividade ou dramatização feita para a gravação.
	5. (00m51s) Movimentação de câmera do fundo da sala em direção à frente. Mostra aluna de frente para a tela da TV, enquanto a locução introduz ao que ela faz. Seguido que voz da aluna.	21	"Nos encontros, cada turma prepara algo especial para apresentar aos novos colegas. Daqui uma poesia. [pausa para voz de aluna] De lá, um texto sobre a família [pausa para voz de aluna]".	A cena ilustra as atividades realizadas pelos alunos e é casada com a locução da repórter que introduz a voz de cada aluna.
	6. (01m12s) Plano médio. Em seguida <i>zoom in</i> em direção aos alunos, um de cada lado do monitor. BG com som ambiente em que uma aluna faz a provocação de uma palavra a ser soletrada e ouve-se a resposta do outro aluno.	14	"Pra descontrair também uma brincadeira, de soletrar. [abre voz para turma]"	A única atividade voltada para a aprendizagem e troca de conhecimento anunciada na cabeça da matéria é tratada na locução como momento de "descontração".

	<p>7. (01m26s) Plano médio de entrevista da repórter com uma professora por meio da web conferências.</p>	10	<p>"Esse projeto é muito importante, principalmente porque os nossos alunos são alunos que vêm da zona rural e assim eles podem estar conhecendo outras realidades dentro da nossa cidade".</p>	<p>Voz para o povo. Entrevista com uma das professoras que acompanhava uma das turmas. A edição deixou acento no aspecto de inclusão digital e a aproximação gerada pelo uso da internet.</p>
	<p>8. (01m36s) mantém o plano e troca o entrevistado para um aluno.</p>	10	<p>Repórter - "O que você achou de fazer amigos e conversar pela internet". Aluno - "É bem legal, porque a gente conversa com outras pessoas".</p>	<p>Entrevista com o aluno. Acento na amizade e no gosto pela atividade. Não destaca o aspecto da aprendizagem.</p>
 	<p>9. (01m46s) Plano médio incorporando a repórter e a turma de alunos com sua professora na tela ao lado. Zoom in em direção à tela, fechando em close-up na lateral com a imagem da repórter de frente para a webcam.</p>	14	<p>"A intenção é fazer com que os alunos aprendam a usar a internet de forma consciente, conheçam outra realidade, e sempre assim, ó, monitorado pelos professores, mas sempre com a possibilidade de fazer novas amizades assim, ó, de frente pra tela".</p>	<p>No meio da matéria a repórter centraliza a narrativa e retoma o fio condutor anunciado na cabeça da matéria.</p>
	<p>10. (02m00s) Plano de conjunto incorporando a repórter e um grupo de alunos. Alguns deles são entrevistados.</p>	17	<p>Aluna - "Ah, eu achei bem legal, assim. Eu não achei que ia conversar com eles bem de perto". Aluna - "é muito bom porque a gente tem a oportunidade de conhecer eles e aprender com eles, e eles aprenderem com a gente"</p>	<p>Voz para os alunos acentuando o valor percebido por ele na atividade.</p>

	<p>11. (02m17s) Plano próximo da entrevistada, coordenadora da escola. Som completo da fala da pedagoga em seguida à fala da aluna.</p>	5	<p>"Essa também é a função do trabalho. É conscientizar os alunos para o uso consciente da internet".</p>	<p>Nova voz para os personagens, desta vez para uma autoridade na pessoa da coordenadora da escola que ocupa apenas 5 segundos da matéria para reforçar a narrativa principal construída pelo emissor.</p>
	<p>12. (02m22s) Plano de conjunto dos alunos acenando para os outros colegas. BG do "tchau" dos alunos.</p>	3		

4.2.2 Análise da reportagem

O texto foi construído ao redor do tema norteador do próprio projeto – o uso consciente das tecnologias, e justificou nele sua relevância. Na reportagem essa relevância esteve na interpretação dada aos fatos, em especial ao fato de alunos de duas escolas distantes estarem se comunicando por meio da internet. Não teve diversidade, pois abordou apenas uso da internet para que os alunos se conectem e dinâmica de aprendizagem – que demonstraria o uso consciente da tecnologia, foi apresentada de forma fraca. Não explorou a maneira como o suposto uso gerou ganhos para o processo ensino-aprendizagem.

Não houve contradição e todas as vozes representadas confirmaram a narrativa principal, fazendo parte do mesmo ambiente. O discurso estava muito mais com o jornalista ou no entrelaçamento das cenas feito pela edição do que no próprio fato ou nos sujeitos da reportagem. O gerenciamento da atenção foi feito no início da reportagem pela estratégia de arrebatamento, atraindo o telespectador com uso do *ping-pong* dos alunos diante da tela se cumprimentando. A sustentação ocorreu por meio da interpretação realizada pelo emissor acerca do que significa ter uma escola que usa aquela tecnologia em sala de aula.

Os trechos da unidade narrativa não apresentaram uma única mensagem, apareceram como uma estratégia de exemplificação da mensagem principal que é a de que a tecnologia da internet permite que os alunos se conectem para aprender juntos e que esse é um uso consciente. A mensagem se construiu com a primeira afirmativa na cabeça da matéria – feita no estúdio pelas palavras da apresentadora, entrelaçada pelos exemplos dos alunos conectados - embora nas cenas o destaque tenha sido para as brincadeiras feitas entre as turmas. O encerramento se deu com a mensagem da pedagoga que relaciona a proposta da conexão entre as escolas com o uso consciente das tecnologias.

A prioridade esteve no nível de informação, buscando mostrar ao telespectador o que os alunos fazem nos momentos em que estão conectados e as opiniões dos participantes, contudo a mensagem principal do que seria a matéria e qual seria o discurso condutor foi ditada na cabeça da matéria pelo apresentador. Com 2m22s e poucos recursos de edição, os planos de câmera seguiram em nível de neutralidade. Houve pequenas angulações - voltadas para acompanhar a linha de visão dos próprios estudantes personagens da reportagem - deixando a maioria em ângulo plano e fazendo a movimentação panorâmica da câmera. As transições entre cenas foram feitas com cortes, sem fusão. Em termos de recursos, a edição que mais esteve voltada para o gerenciamento da atenção foi o início da matéria com a movimentação "*ping-pong*". Nos demais momentos não houve a utilização de muitos recursos que envolvessem o telespectador ou promovessem a reflexão sobre o tema.

O texto da reportagem foi factual e interpretativo, deixando claro que neste caso assumiu o papel de quem anuncia e a repórter buscou na escola os indícios que confirmaram o tema proposto pela emissora. Esse efeito foi produzido pela contextualização inicial da pauta com a vinheta do projeto; os personagens são os exemplos nos quais se pode, potencialmente, verificar a proposta do uso consciente da tecnologia; a voz dos personagens está voltada totalmente para a confirmar do discurso do emissor.

São envolvidos diferentes níveis de autoridade nas entrevistas, desde estudantes que vivem a situação, professores que medeiam o processo até a coordenadora pedagógica que fala do sentido da ação. Pelo tempo dedicado, o acento é dado à experiência dos alunos e a validação da coordenação é apenas pontual. Novamente é o discurso previamente pautado do emissor se sobressai.

Como o público alvo do projeto são as escolas, alunos e professores, mas a exibição ocorre para todos os públicos do horário, a matéria dedicou mais tempo ao que os alunos fazem entre si do que aos aspectos educativos que podem levar ao uso consciente. O público final da matéria - comunidade escolar - ficou sujeito à visão homogeneizante usada para dialogar com o público geral do horário exibido na programação.

No discurso do emissor é possível perceber algumas representações sociais, tais como: a ideia de que os professores são sempre os mediadores das ações corretas e que podem monitorar tudo; e, as possibilidades de relações de amizade e os cuidados na web. Contudo, não houve reflexão e aprofundamento pela ótica da escola para falar da decisão de usar a tecnologia, implicações prévias e posteriores. O discurso é tomado diretamente a partir da visão do emissor.

Tendo em vista que estava ambientada na estrutura física de uma escola, foram expostos elementos da prática cotidiana de alunos e comunidade escolar, como as uniformizadas, os professores ao lado de suas turmas em posição de prontidão. Os equipamentos usados (computador e televisão) embora também façam parte do ambiente escolar, representam com mais força a ideia dos lares. E a utilização da web conferência também fala com profissionais que fazem esta prática em seus locais de trabalho ou pessoas que se conectam com outras a distância. Com este cenário e elementos de identificação, duas percepções se entrecruzam. De um lado a percepção entre a comunidade escolar de que é possível replicar tal prática em prol de um uso consciente da tecnologia; e, de outro lado uma percepção de valor, na sociedade em geral, de que por ser uma prática eficaz no trabalho e nas relações interpessoais também pode ser proveitosa para o ensino. Com isso, são construídas imagens ingênuas de sucesso, sem aprofundamento e reflexão.

Com ausência de contradição entre as vozes apresentadas e não aprofundamento do impacto educativo da prática realizada em sala de aula, a reportagem não explora pontos de reflexão e debate de ideias. Falta também problematização em relação ao uso consciente da tecnologia, embora mesmo a narrativa única é passível de questionamento por parte do receptor.

Mostrar que as escolas fazem utilização de web conferência como estratégia de ensino é uma maneira de ampliar a visão do público geral do telejornal, contudo, a ausência de aprofundamento não amplia o repertório do público específico do projeto.

Não houve menções voltadas para a utilização do sistema de conversa via internet a partir de casa, nem o olhar da Secretaria de Educação a respeito da prática ou da própria direção da escola enquanto institucionalizadora do discurso. Também não houve empoderamento do aluno como aquele que escolhe o que vai fazer, com quem vai conversar e que problematiza este tipo de situação. Os estudantes estiveram circunstanciados à proposta da escola. A respeito de sua adequação é possível dizer que, embora lacunar para a comunidade escolar, as informações que foram apresentadas estavam adequadas ao seu público.

4.2.3 Análise do processo de recepção

A caracterização do processo teve início com uma problematização oriunda de uma retomada de atividade previamente realizada com a turma que foi uma visita a um museu que reconta a história da cidade. Nesta ocasião, o objetivo foi apresentar as diversas tecnologias, enquanto conceito amplo, usadas em todas as épocas. A partir desta retomada os alunos foram convidados a assistir a reportagem como um exemplo do uso de uma tecnologia moderna. De começo, a proposta não provocou manifestações.

A exibição ocorreu novamente no saguão da escola, mas desta vez a partir do projetor, com as imagens projetadas no telão, bancos posicionados diante da tela e cortinas nas portas e janelas para diminuir a luminosidade, caracterizando uma sessão de cinema. A ritualidade da exibição se caracterizou pela criação de um ambiente com menos iluminação, com mais característica de cinema. Embora esta não tenha sido uma situação reconhecida pela turma. Todos os alunos tiveram lugar para sentar sem prejudicar a visualização. Novamente toda a equipe gestora da escola esteve mobilizada com a professora para colocar tudo em funcionamento. Os alunos ficaram em silêncio durante a exibição, mostrando que percebem a priorização institucional que a escola faz neste momento de exibição onde tantas pessoas se envolveram. Contudo, durante a exibição desta matéria boa parte deles ficou dispersa. Isso é decorrência de uma temática que embora gerasse pequena identificação com o público pela circunstância, não fez o mesmo em relação ao uso. Assim, as audiências foram mais passivas que ativas, sem escolher o assunto e sem se refletir no mesmo.

A troca de sentidos ocorreu logo após a exibição da matéria ainda no saguão da escola. A professora retomou o sistema utilizado na reportagem e explicou seu funcionamento. Os alunos compartilharam se já fizeram uso parecido da internet em suas casas. Em seguida a professora deu uma aula sobre a evolução de diversos equipamentos tecnológicos, retomando aqueles vistos no museu até chegar aos que são vistos na vida cotidiana.

A institucionalidade se expressou pela ancoragem da reportagem no contexto do projeto Televisando - por meio da vinheta, e depois a ambientação da pauta no cenário escolar com personagens desta comunidade. Nesta exibição a midiacidade se deu com a exibição em modelo cinema, com grande proporção, tela grande e som forte. Em relação às micromediações, os alunos se reconheceram nos personagens da reportagem pelas características típicas e vivenciadas por eles, como uso do uniforme. O uso do computador com internet foi familiar para alguns deles que relataram já terem conversado com outras pessoas por meio do computador, em geral com a presença de um irmão mais velho.

Os comentários posteriores à exibição, que caracterizam a recepção de segunda ordem, estiveram relacionados aos momentos que os alunos usaram computadores ou celulares para comunicação com áudio e imagem. Foram ouvidas frases como "minha mãe foi para Aparecida e nós conversamos pelo computador", e a conversa se dirigiu para a troca de mensagens de voz ou fotos pelos celulares. Alguns contaram experiências, como "tirei foto da minha irmãzinha e passei para o celular da minha mãe". Depois falaram sobre o tipo de sistema usado para conversar na internet e sobre compras feitas pelo computador. Uma das alunas disse "lá em casa minha mãe comprou um sofá pelo computador", deixando a professora e a turma surpresas.

A mediação da professora foi decisiva para mobilizar os aspectos cotidianos, como: tecnologias usadas no comércio, celulares, cartões, caixas de banco. Estes aspectos derivaram do fio condutor das atividades prévias já realizadas pela turma. Depois, os alunos foram convidados para uma investigação apreciativa fora da escola. Visitaram um supermercado para identificar lá os equipamentos vistos na aula e o impacto das tecnologias digitais no cotidiano do trabalho (leitores de códigos de barras, balanças, computadores...). Foi esta mediação que promoveu maior identificação dos alunos com a reportagem, mobilizando as macromediações. Porém, não houve a formação

explícita de um posicionamento por parte dos alunos. Inclusive o tipo de uso da tecnologia, benéfico ou não, consciente ou inconsciente, nem entrou em pauta nas discussões posteriores à exibição.

Na semana seguinte, durante a aula no laboratório de informática da cidade a turma vivenciou duas situações comentadas por eles na escola: a compra de produtos pela internet e a web conferência. No momento da compra alguns alunos ficaram com receio de clicar em comprar efetivamente, embora a professora tivesse esclarecido que ela faria os pagamentos. A turma ficou ansiosa esperando a chegada dos livros que comprou. No momento da conversa por web conferência ficaram eufóricos. Chegaram a duvidar que o professor pesquisador estava em Curitiba. Pensaram que ele estava no mesmo prédio, mas em outra sala. Esta vivência ressoou em comentários até a semana posterior com a presença do pesquisador na escola novamente.

A matéria foi novamente um pretexto para abordagem do tema da evolução das tecnologias. Neste caso, isso decorre também em função das características da própria reportagem já analisadas anteriormente, que por si não proporcionaram muitas opções para a exploração e desenvolvimento do trabalho. Em relação à agenda, claramente voltada ao uso consciente da tecnologia, essa não foi ressaltada nos encaminhamentos posteriores.

No que tange à construção de sentidos e mediação da escola e da professora, pode-se constatar que no primeiro momento, a exibição da matéria não estimulou o debate ou comentários sobre o tema. A construção de sentido se completou quando a professora propôs a vivência das atividades mediadas pela internet no laboratório da prefeitura. Este tema não se apresentou diverso o suficiente para promover conexão com os alunos sem a vivência dos fatos abordados. Antes de considerar a abordagem do uso consciente a turma precisou vivenciar propriamente o uso.

A escola manteve o apoio e interesse no trabalho. Mobilizou os profissionais para exibição das reportagens, fez a liberação da turma para ir até o mercado e direcionou mais profissionais para apoiar a professora. Envolveu a Secretaria de Educação para suporte de transporte aos alunos. São circunstância que indicam o comprometimento com índices de avaliação, dos alunos, dos pais, e, dos avaliadores oficiais. Além disso, foram visivelmente voltados para o trabalho do pesquisador. São condições passíveis de serem encontradas no campo empírico. É difícil dizer quem

em situação diferente o mesmo não ocorreria, pois a mediação institucional está estabelecida pelo aceite da escola ao projeto e ao termo de adesão – que dentre as atividades pede que a direção e coordenação da escola implementem ações para que os professores possam desenvolver o seu trabalho com as reportagens.



A mediação da professora, por sua vez, se deu na prática da educação com a mídia – como pretexto para perseguir objetivos curriculares, e em segundo momento pela a mídia – promovendo a vivência dos alunos nas respectivas tecnologias, de forma ativa, para incentivar a reflexão. A professora agiu a partir do seu conhecimento a respeito da turma, seus familiares e vivências. Sustentou sua abordagem em mediações prévias que construiu na investigação apreciativa. Resignificou o tema para o cotidiano vivido pelos alunos. E ciente da necessidade de proporcionar mais mediações, proporcionou vivências de uso da internet para compra e comunicação simultânea.



4.3 Reportagem 3 – Televisando: Crianças aprendem a cuidar de uma horta no computador e na vida real



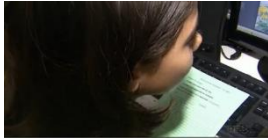


A terceira reportagem exibida para a turma teve a pauta voltada para a integração entre o uso do computador e da internet e as atividades na horta e jardim de uma escola. A escolha desta matéria também surgiu a partir de um tema gerador percebido pela professora na prática dos seus alunos. A sala da turma fica ao lado de uma horta feita para a escola no ano anterior. Mas como estava abandonada gerou incômodo na turma que comentou com a professora a situação. Deste fato foram desdobradas ações direcionadas a reativar a horta. Então a proposta geral foi relacionada e mobilizada a partir da pauta da respectiva reportagem. A matéria foi mais robusta e com 3 momentos. O primeiro deles com apresentação de um projeto com alunos de primeiro ano. Depois com a participação de alunos do quinto ano, e por fim o momento em que os trabalho se conectam na área externa da escola.

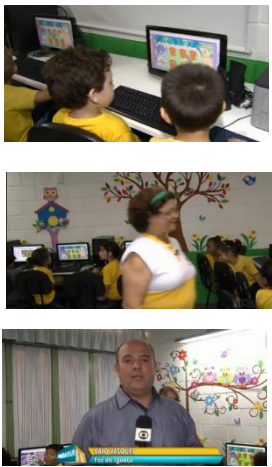

4.3.1 Estrutura da reportagem

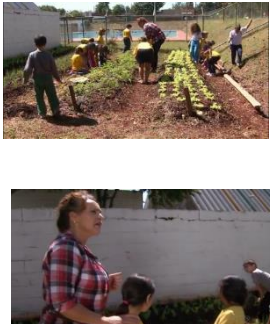


Reportagem	Televisando: Crianças aprendem a cuidar de uma horta no computador e na vida real
------------	---

Data de exibição na TV				
Exibição em sala		12/06/2015		
Fragmento	Momento de início de apresentação e recurso de câmera	Duração em	Narração	Observação/Análise
	1. Abertura da matéria em estúdio com a apresentadora fazendo a cabeça da reportagem diante da identidade visual do projeto aplicada ao fundo.	14	"agora a gente mostra mais uma reportagem do projeto Televisando, que neste ano tem como tema o uso consciente das tecnologias. Hoje você vai como as novas mídias ajudam na educação de uma escola lá de Foz do Iguaçu".	A matéria começa sinalizada pela identidade visual do projeto Televisando. Faz a ancoragem contextual da matéria no cenário do estúdio. A abertura da matéria apresenta o tema do projeto e apenas anuncia o fio condutor da matéria.
	2. (00m14s) Vinheta do projeto entre a cabeça e o início da reportagem.	4	Assinatura musical da vinheta.	Vinheta do projeto com assinatura musical. Redobra a contextualização que já estava dada com a assinatura visual em estúdio.

	<p>3. (00m19s). Abre cena em plano próximo da professora dando bom dia para os alunos em posição de quem vai iniciar a aula. BG do som ambiente - cumprimento da professora e resposta dos alunos. <i>Travelling</i> de câmera panorâmica mostra os alunos na sala de informática diante dos computadores. Entra locução off do repórter contextualizando a cena. As imagens em seguida exemplificam a locução: alunos em frente ao computador, crianças manuseando o computador, duplas interagindo no computador.</p>	18	<p>"Bom dia Crianças" (Professora) "Bom dia Professora" (Alunos) Repórter: "Eles têm 6 anos. Estudam na primeira série e já estão na frente do computador. Dominam com facilidade as tarefas dadas pela professora. Tarefa de hoje: cuidar de uma plantação virtual".</p>	<p>A movimentação panorâmica coloca o telespectador no ambiente, conhecendo os espaços. Em seguida são usados corte de cena integrados com a locução cumprindo a função de confirmar em imagens a narração do repórter. O jogo de edição coloca o repórter como narrador que interage com os personagens. Sua fala prepara a fala do personagem.</p>
	<p>4. (00m37s) Câmera na professora em plano próximo. <i>Travelling</i> de câmera acompanha o movimento em ângulo plano da professora durante sua explicação. BG som ambiente da explicação da professora para os alunos. Cena segue com movimentação de câmera acompanhando em ângulo baixo o atendimento da professora aos alunos, enquanto a locução off do repórter encerra o fragmento e prepara a entrada do próximo.</p>	20	<p>(Professora) "Vocês vão clicar na semente. Vão plantar a semente, e depois vão regar e adubar. Certo?!" (Repórter) "A professora Giseli tem 31 anos de profissão e nem sonhava que algum dia usaria a tecnologia como aliada em sala de aula".</p>	<p>Cena revela a condução didática a professora no laboratório. Acompanha o seu atendimento aos alunos individualmente. A movimentação vai do ângulo plano acompanhando o andar da professora e fecha no ângulo baixo, promovendo o olhar do aluno.</p>

	<p>5. (00m57s) Plano médio incorporando o repórter e a professora. Voz para a professora.</p>	5	<p>(Professora) "Não entendia nada de informática, de computador, de nada... Mas hoje eu tô craque! Tiro de letra".</p>	<p>Repórter continua como narrador, desta vez conversando com a professora. Não tem a característica de entrevista com o microfone em punho.</p>
  	<p>6. (01m03s) Plano próximo de alunos maiores usando o computador também. <i>Travelling</i> de câmera gira ao redor dos alunos diante do computador, intercalando ângulo plano pela lateral, de cima e plano traseiro. Locução off acompanha a cena.</p>	17	<p>"As turminhas do quinto ano também participam das atividades no laboratório de informática. A pesquisa no computador torna as aulas mais interessantes. Hoje eles estão procurando plantas que se desenvolvem melhor na sombra e as que gostam mais do sol."</p>	<p>Conjunto de imagens exemplifica a narração do repórter.</p>
	<p>7. (01m20s) Plano próximo de uma aluna sendo entrevistada da maneira clássica, com o microfone empunhado pelo repórter.</p>	10	<p>(Repórter) "Você faz aula desde quanto tempo aqui no laboratório?" (aluna) "Desde que eu era bem pequena, uns 6 anos". (Repórter) "Não perde essa aula de jeito nenhum?!" (aluna) "Não" - com movimento de cabeça.</p>	<p>Voz para o personagem. Entrevista com uma das alunas para saber desde quando faz aula. Possível conexão com as idades das crianças que apareceram no primeiro trecho.</p>

	<p>8. (01m30s) Imagem retorna para os alunos do primeiro ano.</p> <p>Movimento panorâmico de câmera começando com ângulo baixo acompanhando os alunos no computador, subindo em ângulo plano acompanhando a professora e fixando em plano médio diante do repórter que então se movimenta em direção à câmera. Locução desde o início da cena, até a conclusão pela do próprio repórter.</p>	14	<p>"além das aulas aqui no laboratório de informática a professora criou e adaptou também outras atividades para as crianças envolvendo todos os alunos. Eles saem do laboratório e vão para a prática"</p>	<p>Os recursos de gravação e edição cumprem o papel de preparar para um momento ápice da matéria, que é acentuado pelo repórter na frase "e vão para a prática". Demonstra a valorização na atividade externa ao laboratório.</p>
	<p>9. (01m44s) Plano médio dos alunos maiores regando flores. Corte para plano próximo dos bicos dos regadores regando plantas em um pneu. Corte para plano de conjunto de vários alunos regando as flores. Locução off.</p>	13	<p>"Os maiores são responsáveis pelo jardim. As flores foram cultivadas em vasos feitos de pneus velhos. Uma forma de reaproveitar o material e evitar que sirvam de criadouro do mosquito da dengue".</p>	<p>Imagens ilustram a locução. Locução apresenta informação complementar que não fazia parte da pauta central.</p>

	<p>10. (01m57s) Plano geral dos alunos menores na hora da escola. Narração off da cena. Corte para plano médio. Em seguida BG de som ambiente com a voz das crianças e da professora que as orienta.</p>	13	<p>"os menores cuidam da horta".</p>	<p>Imagens ilustram a narração. Ao mesmo tempo preparam para a próxima informação, pois aparecem outros professores que não tinham sido personagens da matéria ainda.</p>
	<p>11. (02m10s) Plano aberto dos alunos ainda trabalhando na horta. Locução off. Corte para plano médio de entrevista do repórter com outra professora. Som da entrevista.</p>	10	<p>(Repórter) "Os professores que trabalham com Gisele aprovam o resultado". (Professora) "Nós estamos numa época que o homem evoluiu mas ele ao mesmo tempo precisa ter o pé na terra..."</p>	<p>Nova voz para os personagens, desta vez para uma outra professora que reforça, e como o repórter diz na locução, "aprova" o resultado do trabalho que vem sendo narrado.</p>
	<p>12. (02m20s) A fala da professora entrevistada permanece em BG, enquanto a edição mostra uma sequência de 3 imagens, iniciando com a criação da horta no computador, fusão com imagem das crianças plantando e brincando na horta, e encerrando com as crianças regando as plantas do jardim.</p>	12	<p>...nós precisamos ter a parte da evolução, mas não podemos esquecer quem nós somos. Sempre com pé no chão".</p>	<p>A professora faz a conexão entre a atividade com o computador e as atividades no jardim e na horta, a partir do sequenciamento das imagens que completam sua mensagem. A matéria se encerra em com esta frase, gerando impacto, sem BG e sem retomada da voz do narrador (repórter). A fusão muda de cena enquanto enfatiza a relação entre as imagens.</p>

4.3.2 Análise da reportagem

A relevância se mostrou como um todo na relação que a reportagem promoveu entre o uso dos computadores e o espaço de sala de aula com o espaço ao redor dela. Expressou que o uso consciente é conectado com o cotidiano e o contexto do espaço escolar. Para isso, acompanhou uma personagem central que permeou a narrativa do início ao fim – que foi a professora que desenvolveu a ação. Contudo, alunos de mais de uma turma e outros professores também compuseram os personagens da narrativa. O tema principal foi enriquecido com temas correlatos, como o reaproveitamento de lixo e as estratégias de ensino.

O percurso da unidade narrativa envolveu o receptor da comunidade escolar pela identificação inicial com a professora dando aula. O enredo também faz a sustentação da atenção pela conexão entre as pequenas narrativas que surpreendem o receptor no desenrolar da reportagem, apresentam novidades e as conectam com o tema geral. Ainda que desenvolvida a partir do tema geral do projeto e fixado previamente, mantém uma vida própria que se desenrola independentemente e fixa a atenção do telespectador. A cabeça da matéria apenas anuncia o assunto. É a narrativa da própria reportagem que conduz a pauta até o fim, sem desvio. As imagens não funcionam apenas como exemplos da narração principal, mas como construtoras do enredo. Há um equilíbrio entre o nível de informação e entretenimento.

A matéria está em formato jornalístico, ancorada em um projeto escolar que envolve uma série de fatos, com uma narrativa própria, apenas anunciada na escalada do jornal. O texto é objetivo e interpretativo. A conexão entre os fatos é resultante não só da ligação prática entre eles, mas também dos recursos de gravação e edição utilizados. Com 2m32s, contempla diferentes e importantes recursos de gravação e edição. São feitos usos adequados de planos de câmera, angulação e *travelling* - que é a movimentação de câmera dentro de um fragmento. Há um equilíbrio entre os planos, em alguns momentos ressaltando o ator da cena, já em outros ressaltando o espaço. Os momentos de voz aos personagens possuem o tempo equilibrado no decorrer da produção. A movimentação coloca o telespectador na cena. Os ângulos complementam a mensagem da movimentação e dos planos escolhidos. E ao final são trabalhados os efeitos de fusão para fechar a mensagem de conexão entre as imagens que simbolizam o tema da matéria e o texto da personagem que dá a última entrevista.

Há uma ancoragem institucional anunciada na abertura da matéria. Mas, quem fala é a história em si. O jornal atua como o divulgador da história. E o repórter atua como narrador, que na maior parte dos fragmentos faz as ligações entre as falas dos personagens e prepara as cenas posteriores. Só se dirige ao telespectador em um dos fragmentos para conduzir ao *clímax* da reportagem, preparando uma transição. Os personagens na matéria ficam restritos aos personagens da história. Não se encontra outras vozes externas, como pais, diretores, ou outros discursos institucionais. Os personagens contam com tempo equilibrado e valorizado de participação e voz. O público geral do telejornal pode ser impactado com o entretenimento da narrativa. O público específico do projeto recebe informações importantes que podem ser ressignificadas em seu contexto.

Entre as representações existentes na reportagem destaca-se a desconexão entre teoria e prática – revelada na fala “saem do laboratório e vão para a prática”. Além disso, a representação de professora com longo tempo de profissão que superou o desafio de aprender a usar a tecnologia. O uso do computador como maneira de inovar, alunos pequenos que já dominam a tecnologia e, ainda, a necessidade de desenvolver aulas interessantes com uso de computadores e internet.

O posicionamento do emissor expressa a relação entre o uso consciente da tecnologia com a prática cotidiana da comunidade escolar. A reportagem não apresenta contradição, contudo promove uma relação orgânica entre as suas unidades narrativas. A ambientação da matéria ocorre em espaços característicos da escola, o que promove os pontos de conexão. Além disso, usa com frequência a imagem do aluno uniformizado e a frequente figura do professor no acompanhamento das atividades. A linguagem utilizada na cabeça da matéria e no texto do repórter mostra busca pela proximidade com o telespectador.

Existe forte estímulo ao pensamento e ao debate de ideias na matéria por meio da proposta de integração entre as práticas realizadas em sala de aula com aquelas facilitadas pela internet e computadores, e a atuação na horta e jardim da escola. As imagens e sua ligação indagam estas possibilidades. Além disso, a integração desta realidade por meio de um projeto pedagógico estruturado que contemple os aspectos curriculares necessários caracteriza o desafio deixado pela reflexão do material.

O repertório do público geral é ampliado com o conhecimento das rotinas escolares e possibilidade de integração entre práticas cotidianas triviais para grande

parte dos lares com as atividades de ensino. O público específico é envolvido pela reflexão promovida pela matéria.

A conscientização social se expressa como fruto do estímulo dado pela escola para que os alunos se relacionam e apliquem a aprendizagem entre si no espaço escolar. O estímulo surge em diferentes momentos. Um deles ocorre quando é mencionado o reaproveitamento de pneus no jardim. Outro quando se fala sobre o trabalho direto na terra. E ainda na integração das imagens que propõem a relação respeitosa e proveitosa entre as crianças, o meio ambiente e a aprendizagem. O material foi adequado ao público geral e específico, permitindo identificação e reflexão por parte de ambos.

4.3.3 Análise do processo de recepção

O processo de recepção se caracterizou pela problematização, forma de exibição, troca de sentidos, atividade dirigida e produção fina. A problematização inicial surgiu de dois aspectos prévios. O primeiro deles foi a retomada de uma visita que a turma recebeu dos alunos do Colégio Agrícola da cidade, na qual aprenderam sobre hortaliças e também iniciaram uma preparação para reativar a horta da escola. O segundo foi rememoração da atitude dos próprios alunos em se incomodarem com a hora da escola que estava abandonada e fica ao lado da sala deles. Essa situação foi, inclusive, a geradora da visita dos outros alunos. Com esta contextualização os alunos partiram para a exibição da reportagem.

Para esta exibição foi criado o cenário já buscado na exibição anterior, mas ainda melhor. A escola comprou cabos novos para posicionar melhor os equipamentos, preparou o acesso com o notebook. Trouxe caixas de som novas e potentes. O ambiente com a tela, os bancos e as cortinas já estava preparado com os alunos chegaram. Contudo, nesta data a chuva intensa na cidade já apresentou uma dificuldade para a utilização da internet. O notebook, embora preparado para uso, requeria a atualização de um *plug-in* para executar a reportagem diretamente do site. Foi o momento de decidir trocar todos os cabos instalados para a CPU do computador da secretaria. Funcionou. Mas desta vez foi o som que não saiu. Os alunos já esperavam diante da tela, acompanhando a batalha pelo funcionamento, por cerca de

50 minutos. Como a turma estava reduzida neste dia por causa da chuva, o pesquisador que acompanhava acabou oferecendo o seu celular para que os alunos assistissem, todos próximos uns dos outros, à reportagem. É um fato que condiciona a ritualidade e a interpretação, diante de uma matéria rica em aspectos educativos e mediações explícitas; além de representar as condições objetivas de trabalho na escola que por si também são elementos de mediação.

A troca de sentidos ocorreu após a atividade dirigida. Os alunos compartilharam os momentos que mais chamaram atenção. A atividade dirigida foi a retomada de uma lista de hortaliças e seus aspectos de produção, época de plantio, formas de consumo. E também da retomada de desenhos feitos pelos alunos sobre hortas e hortaliças presentes em suas hortas particulares.

A produção e socialização final foi programada para ser realizada em duas etapas. Uma delas com o plantio das hortaliças cujas sementes foram doadas por pais de alunos. E a outra a produção de um programa jornalístico onde os próprios alunos farão reportagens em vídeo como estratégia para revisar os temas estudados anteriormente e como forma de usar as tecnologias em prol de sua aprendizagem.

Em relação aos aspectos do audiovisual que caracterizam o processo de mediação e recepção, a tecnicidade se expressou pela reprodução verossímil dos espaços escolar e promoveu a identificação dos alunos no perfil dos personagens da reportagem. Embora a exibição tenha sido realizada em tela pequena, os alunos perceberam bem o tema principal e o que o computador é capaz de ensinar, evidenciando a dimensão discursivo-linguística, pois a linguagem audiovisual em que o tema foi tratado foi complementada em sala com os textos e figuras produzidos pelos alunos anteriormente.

Além da ancoragem da matéria no contexto do projeto, sua institucionalidade também se expressa pela ambientação no espaço escolar e nos espaços da natureza. Ainda que exibida em tela pequena, a reportagem mostrou a eficácia dos recursos de som e imagem associados para a propagação da mensagem, expressando a midiaticidade, e sua estética televisiva também foi mantida.

O principal fato gerador de identificação foi a ambientação no cenário escolar e em seguida no jardim e na horta. Os alunos retomaram sua vivência de estudantes e de crianças oriundas de famílias que possuem horta em casa. A história da professora com 31 anos de profissão que aprendeu a usar computador e internet também

mobilizou os aspectos vivenciais da professora e equipe da escola. Além disso, a escola também tem uma horta, que está em reativação por ação dos próprios alunos, o que ajudou a envolvê-los com o tema.

Os comentários posteriores iniciados pela professora contemplaram os conhecimentos já iniciados previamente sobre as hortaliças. Abordando os componentes curriculares, a professora retomou itens como época de plantio, formas de cultivo e consumo, tipos de hortaliças. Os alunos também produziram um gráfico para visualizar quantos da sala possuíam horta em casa. Também retomaram os ensinamentos que os colegas do Colégio Agrícola haviam compartilhado na semana anterior. Depois dos comentários, a professora retomou a função da internet e computador na facilitação da aprendizagem. Ressaltou quantas coisas podem ser aprendidas pelo computador e perguntou também o que não se podia ser aprendido pelo computador. Ficou marcado para os alunos as partes do roteiro em que as crianças regavam a planta no computador e depois no jardim.

A professora também contou sua experiência ao aprender a usar o computador e celular, compartilhando que recebeu de seus próprios alunos os ensinamentos necessários. Nesse momento os alunos ficaram em silêncio e a professora ressaltou que com o que se aprende no computador, os alunos podem inclusive ensinar seus professores. Ao descortinar seu perfil diante dos alunos, a professora assumiu uma importante postura de mediação, que é a proximidade pessoal com a turma.

A identificação ocorreu tanto pelo fato de serem alunos que também possuem uma horta na escola, quanto por terem o cultivo de hortaliças como uma realidade em suas casas. Além disso, a preparação prévia da professora com o trabalho na horta já apresentou mediações importantes para a aproximação. Com o relato da professora sobre a aprendizagem pelo computador e a identificação com o cultivo na horta os alunos reforçaram a opinião sobre a importância de cultivar, de aprender e também de se alimentar de maneira saudável.

A percepção de pauta educativa veio por parte da professora, que ressignificou o tema com a turma e com isso a mesma também considerou uma pauta voltada ao campo educativo. Os alunos ressaltaram a forma como as crianças estavam plantando na horta, quais hortaliças apareceram. A agenda foi reconhecida pela professora e validada no contexto da escola pelos alunos. As atividades prévias, e as

propostas de atividades posteriores cumpriram o papel de validar a pauta e desenvolvê-la no contexto escolar.

A respeito da recepção, a construção de sentido e significado se deu mediada fortemente pelas experiências pessoais com o cultivo de horta e a vivência coletiva de retomar a hora da escola. A conexão entre a aprendizagem online e as atividades cotidianas foi uma novidade entre os alunos, em especial no que diz respeito ao fato da professora assumir que aprendeu muitas coisas sobre tecnologia com seus alunos. Ainda que se mostram aparentemente envolvidos com as tecnologias, alguns aspectos oriundos de seu uso ainda deixam a turma surpresa.

A mediação da escola se manteve forte e em crescente. A diretora se posicionou em prol do uso das reportagens e relatou que estava em fase de negociação com a Secretaria de Educação para melhorar as condições técnicas para exibição das reportagens, buscando sinal de internet, e a possibilidade de televidência na própria sala de aula. A mediação da professora foi importante em dois aspectos. O primeiro deles ao escolher um material cuja conexão com a prática dos estudantes é mais direta. E em segundo momento ao compartilhar suas experiências pessoais, aproximando-se dos próprios estudantes. A retomada posterior, ressignificando os tópicos da reportagem e dando voz às interpretações dos alunos também se apresentou como um fator mediador própria da atuação docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes são audiência televisiva e fazem parte do público de recepção. Neste cenário de pesquisa recebem as reportagens do telejornal mediados pela escola e pelo professor sem autonomia para escolha do que vão assistir e pouca influência no processo conduzido depois da televidência. Isso porque estão no contexto da educação tradicional e condicionados à cultura escolar e cultura da escola que influenciam na possibilidade de serem audiência ativa. Contudo, é impossível desqualificar sua recepção, ainda que mais passiva, já que os referentes culturais influenciam na mediação e ainda que não possam mudar o processo ou decidir o que vão assistir cultivam a capacidade de compreender e agir diante das reportagens. Esta constatação da pesquisa permite retomar e reforçar as considerações seguintes.

Educação e Comunicação fazem parte de um mesmo contexto social e nele se fortalecem ao mesmo tempo em que nele interferem. E sua aproximação representa mais do que simples junção ou lógica de complementaridade. Ela se apresenta como uma interoperação que cria um novo espaço de diálogo, intervenção e produção que, mais do que somar dois conceitos, faz emergir novas concepções.

Na esteira destas novas concepções está o contexto produzido por um conjunto de significados que expressam a trama cultural dos espaços educativos. Dessa forma, a sustentação epistemológica da pesquisa demonstrou que as mediações múltiplas se concretizam a partir desta trama cultural, e dela ocorre a produção de sentidos a respeito daquilo que se recebe dos produtos midiáticos.

No aprofundamento dos produtos midiáticos, a escolha pela televisão e pelo gênero do telejornal revela que existe nestes caminhos especificidades que completam o quadro cultural da mediação. Além da linguagem audiovisual ser diferenciada, ainda é vista, segundo a literatura mostrou, como recurso complementar e exemplificador, e não como possibilidade genuína de construção de um saber. Contudo, as relações observadas no decorrer investigação mostraram que existem diversas possibilidades de mediação e de produção de sentidos que podem culminar na construção de saberes por meio das práticas educativas.

Por um lado, existe um discurso do emissor a favor da análise crítica e do trabalho educativo a partir das mensagens do telejornal. Essa postura demonstra um

interesse importante e uma abertura de uma instituição de mídia, que é uma empresa e conduz sua lógica de produção de acordo com a economia capitalista e por isso conserva suas temporalidades e questões comerciais que se põem também no momento da recepção. O olhar não pode ser ingênuo, mas também não se pode esquecer, como Orozco salienta, a possibilidade de aprender com tudo que está na televisão, inclusive a de cunho comercial. Afinal, como o autor ressalta, ensinar é sempre limitado, mas aprender é ilimitado. Sempre podemos aprender. Esta problemática da televisão não educativa que educa é um dos pontos de futuras investigações.

De outro lado, existem professores, que pessoalmente já são atentos ao modelo social em que estão inseridos e analisam os produtos das emissões comunicativas. Tais professores levam para a sala de aula esta experiência. Entre os diversos docentes que escolhem conduzir este trabalho com suas turmas, existem aqueles que o fazem de forma estruturada e sistematizada no contexto de um projeto de comunicação e educação. E, há nesta relação a mediação institucional, expressa pelo aceite e incentivo desta estrutura por parte das escolas e das Secretarias de Educação.

Assim, encontrar uma professora que atua neste contexto e por ele já se encontra na mediação institucional, requer conhecer seu perfil. A sua relação pessoal com a mídia e as análises que costuma fazer, fundamentadas em sua experiência social e docente, e sua formação acadêmica expressam a mediação cultural pela qual constitui sua atribuição de sentidos. Portanto, este cenário forma o caminho propício para compreender que sentidos são atribuídos pelos estudantes que vivem diante destes processos mediadores, e, por sua vez, também apresentam suas mediações familiares e culturais. Do ponto de vista da recepção, muitas dinâmicas interagem para a construção dos significados entre os receptores.

Em sala de aula, a construção social e cultural, as vivências familiares – desde as mais explícitas e arraigadas até as mais rotineiras, se fazem presentes e fornecem as bases primárias de interpretação. A ação pedagógica da professora se relaciona com outras para criar um novo campo de mediação capaz de estabelecer contradições e discursos analíticos. A escola junta a estas ações mediadoras seu posicionamento institucional também criando a possibilidade de apresentação de novas vozes diante

das mensagens dos meios. Contudo, nem sempre a oportunidade de discordância das reportagens e análise apurada se faz concreta no meio escolar.

O cumprir-se do currículo se impõe às possibilidades dos professores. As condições objetivas e materiais das escolas impõem uma organização provisória que seja capaz de atender a demanda básica da recepção. E nem sempre os referentes familiares permitem uma sublimação imediata. Este é um processo contínuo, que embora estabelecido em uma dada “ancoragem situacional [...] ultrapassa as classes, as gerações, os gêneros, a geografia e o étnico” (OROZCO, 2014, p.39) e seguem partilhados entre as audiências múltiplos entrecruzamentos durante e depois de televisionar (OROZCO, 2014). Também é importante ressaltar que a condução da professora é essencial “para a recepção que os estudantes fazem dos diversos meios” (OROZCO, 1997, p.66). É o docente que pode abrir o caminho a ser trilhado pela reflexão ou cercear no plano imediato o aprofundamento das questões. E cabe um questionamento que pode motivar outras pesquisas acerca da formação necessária e desejada por este docente que assume esta responsabilidade em relação à mediação da recepção dos meios de comunicação, pois, afinal, mediar faz parte da ação docente em diversas atividades de aprendizagem diferentes.

Para compreender o processo de recepção multimediado que ocorre entre os alunos-audiência no contexto de sala de aula é necessário compreender quem são, como agem e como constroem sua trama cultural na escola. Esse foi o esforço realizado nos capítulos anteriores, para conhecer este público e sua comunidade de apropriação e interpretação (OROZCO, 2014). Neste contexto, a investigação encontrou no campo empírico um grupo de estudantes que como outros, desempenham diversos papéis. São ao mesmo tempo, filhos de famílias com média entre três e cinco componentes, com núcleos variados, com rendas familiares na faixa de dois a quatro salários mínimos, com poucas atividades de lazer no bairro, e com rotinas familiares que contemplam o trabalho dos pais e irmãos mais velhos e o cotidiano das mães como donas de casa. São também estudantes do Ensino Fundamental, com demandas próprias de aprendizagem. São amigos, jogadores de futebol, confidentes, audiências televisivas de desenhos, novelas, filmes e jornais.

Para construir o referencial do perfil destes alunos-audiências entram em discussão o gênero, faixa etária, renda, constituição familiar, desempenho escolar. O campo comportamental se reflete na forma de suas ações dentro e fora da sala de

aula, seu relacionamento com os colegas e professora, suas atitudes diante das atividades de aprendizagem e a forma como reconhecem seu papel na escola e na comunidade. Seu contexto, por sua vez, expressa a realidade sócio cultural, que é capaz de apresentar grandes mediações no processo de recepção.

Caracterizar o perfil da escola é também evidenciar as suas mediações. A escola que acolhe a heterogeneidade no campo empírico desta investigação é uma instituição arraigada na cultura de ensino tradicional, que deixa transparecer suas concepções nos comentários dos profissionais e nas dinâmicas escolares – tais como a entrada e retorno do intervalo, onde o foco é a manutenção do controle e o cultivo da obediência. Além disso, é comprometida com o alcance dos índices oficiais, o que se pode ver pelo seu histórico evidenciado na pesquisa. É conduzida por uma diretora nova na função, uma equipe pedagógica e professores experientes. Com isso se ocupa das relações cotidianas na mobilização das forças de trabalho docente, mas não deixa de buscar a inovação e privilegiar oportunidades de melhora nos processos de ensino. O currículo é fechado no ensino apostilado adotado pelo município, que por vezes impõe ao professor um momento de desconexão com a inovação, pois o cumprir das etapas dos livros se faz necessário. Este é um condicionante no trabalho e na recepção, especialmente na expansão das possibilidades do uso das reportagens, pois todas se tornarão necessariamente pretexto para abordar um conteúdo curricular temporalizado na apostila.

A mediação do espaço físico da escola também é evidente. Embora tenha TVs em sala de aula, elas só estão lá porque a estrutura predial é a mesma que é usada pela escola do estado em outro turno. E não há, para os alunos municipais, internet em sala de aula. Assim, embora tenham a TV, tenham notebook, projetores e caixas de som, sem internet na sala não conseguem assistir às reportagens. Cabe ressaltar que dois complicadores externos condicionam ainda mais este processo. O primeiro deles é que por uma decisão do emissor as reportagens não podem ser copiadas do site, precisando sempre de internet para serem exibidas. E em segundo lugar, a resolução para esta situação proposta pelo projeto foi de enviar DVDs com as reportagens gravadas, o que permitiria que o trabalho fosse feito em sala. Contudo, estes DVDs não chegaram na escola até o final do bimestre.

Além disso, as relações entre os alunos ocorrem quase sem conflitos. O principal momento onde podem tomar decisões é na hora do intervalo. É quando

podem sentar onde querem, escolher o jogo e a brincadeira e se agrupar por seus próprios interesses. Em sala de aula as atividades são todas determinadas. Por isso falar do seu processo de recepção requer compreender sua condição e perceber que não protagonizam as análises, porque também não protagonizam o processo em sala de aula.

Em conjunto com a mediação institucional da escola se encontra a mediação pedagógica da professora. É uma profissional experiente, em fase de jubileamento (MARCELO, 1989), dedicada ao seu ensino com vinte e sete anos ininterruptos em sala de aula. Seu processo de recepção televisiva é diário, com mais de uma hora por dia, e as dimensões da Institucionalidade e Midiacidade são as que mais explicam os motivos de sua escolha pela programação que assiste. Assume a decisão de consumo de mídia pelo funcionamento de um meio, no caso a televisão, diante de outros; e, pela ancoragem nos sistemas sociais, culturais e políticos do meio em conformação com seus próprios valores.

A preocupação com o que fazem os seus alunos e o quanto cada um deles está aprendendo também é uma mediação colocada em prática nos momentos de televidência com a turma. Mas a forma de efetivar esta busca pela aprendizagem é seguir a linha disciplinadora da escola, reforçando seu discurso institucional. Além disso, possui diversas representações de aluno e do que é permitido ou não, certo ou errado. São fatores que facilmente conduzem a um julgamento antes de ouvir os próprios alunos.

Portanto, pensar a questão norteadora da investigação a partir deste contexto leva a construção de considerações provisórias e novos questionamentos. Nesta situação os alunos não são uma audiência qualquer, são o que se chamou nesta pesquisa de alunos-audiência, que “estão em situação, portanto condicionados individual e coletivamente (...) por processo variados e em constante diferenciação” (OROZCO, 2014, p.69). A pesquisa identificou certa lateralidade da atuação dos alunos, que no estudo, deveria ser central. Isso revela que circunstanciados – e, ainda audiências, os estudantes não foram os protagonistas do processo de recepção, mas os receptores passivos, inclusos na categoria de audiências de Orozco (2014). Diante do pensamento deste autor, também é possível entender que a mudança no processo de mediação pode levar a receptores ativos ou usuários criadores (OROZCO, 2014, p. 70).

Eles recebem as reportagens de telejornal interagindo com os discursos da escola, os temas ressignificados pela professora, nas ritualidade e telas, ancorados em seus referentes contextuais, como família e comunidade. Os sentidos atribuídos, por não serem qualquer audiência e estarem condicionados, passam pela ação pedagógica docente que escolhe as reportagens que serão assistidas, sem a participação da turma. Dita as regras de televisão e define as características de ritualidade – que por vezes está voltada a mostrar o empenho da escola em promover a exibição das reportagens, outras vezes demonstrar a importância da sua compreensão para os alunos. Dá os encaminhamentos bem definidos nas tarefas da apostila ou outras que complementem suas informações.

A mediação da professora está, também, em antever a necessidade de filtros para a interpretação e apropriação dos alunos e promove-los, como as investigações de campo que promoveu, ou nos discursos em sala mobilizando referências conhecidas pelos alunos na cidade. Cabe ressaltar que o conhecimento adquirido por ela sobre a turma, seus hábitos em casa, suas localidades de residência, e muito de suas histórias lhe permitem acessar informações importantes para contextualizar a televisão. Pois, a relação do tema da reportagem com a realidade dos estudantes é grande parte do processo.

A escolha da reportagem a ser exibida também é um desafio para o professor e não estará distante dos seus referentes pessoais. As três matérias escolhidas pela professora tinham a dimensão da institucionalidade ressaltada. Aquelas que foram relacionadas com fatos geradores do assunto foram melhor aproveitadas pela professora e pelos alunos. A matéria sem o selo do projeto trouxe mais elementos para discussão e análise. A segunda reportagem constituiu muito mais um complicador para a análise e o encaminhamento didático do que um facilitador. Assim é possível considerar que a constituição técnica e analítica da reportagem interfere nas possibilidades de trabalho em classe. É pertinente avançar a pesquisa para descobrir se as matrizes de análise usadas nesta investigação, que permitem olhar de uma nova forma para o material selecionado poderiam compor uma sistemática de análise para que os professores escolham suas matérias com critérios mais claros e possam compor objetivos efetivos em relação a elas.

Também foi possível perceber que as reportagens tiveram um mesmo padrão em suas temporalidades. Os momentos de abertura, voz ao povo, voz para o repórter,

clímax, encerramento acontecem praticamente ao mesmo tempo. Com essa análise não foi possível perceber diferença de linguagem ou endereçamento entre uma reportagem sem a chancela do projeto e outra com referida chancela. Da mesma forma percebeu-se que a matéria endereçada à escola pode estar com o discurso determinado, sem possibilidade de reflexão e com pouca aderência com a escola. Ou, pode ser bem estruturada e apresentar diversos cenários que privilegiam o trabalho do professor. A esse respeito seria importante considerar a oportunidade de produção do material jornalístico como uma série de reportagens previamente elaboradas, que aprofundam o tema e exploram os recursos e dimensões audiovisuais para então exibir na programação. Pesquisas sobre esta perspectiva podem ser pertinentes para a proposição de novas formas de emissão.

Além destas dimensões, os estudantes são mediados também pela ação institucional da escola, que se comprometeu com seu órgão gestor e com o projeto em fazer a televidência ocorrer no espaço escolar. Encontrou-se também uma escola bastante preocupada em acertar e mostrar um bom trabalho para sua comunidade e busca inovar, mas ao mesmo tempo é disciplinadora. A instituição tem pouca conexão com a comunidade local. Faz eventos e projetos com as mães e comunidade em geral, mas seu objetivo esteve voltado para a aproximação dos pais com a escola e a valorização da mesma. Seria interessante o caminho inverso, da escola ir ao encontro da sua comunidade, conhece-la e compreender sua cultura própria para trabalhar a partir dela.

Considerando esta recepção condicionada e situada pela qual passam os estudantes, o papel importante e interessado da instituição e da professora, também se questiona se a chave para que os alunos mudem sua condição comunicacional é a produção e criação de suas próprias emissões, ou o endereçamento de respostas às mídias. E como este processo pode ser desenvolvido pelos professores em sala de aula?

6. Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999. 2ªed.
- BOAVENTURA, K. T. **Recepção e Estudos Culturais : uma relação pouco discutida**. [s.l.] UnB, 2009.
- BORGES, G. A diversidade na RTP2: um estudo sobre os programas Biosfera e Sociedade Civil. In: COUTINHO, Iluska (Org.). **A informação na TV pública**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 289-311.
- BARBOSA, M. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRASIL, A. C. **Telejornalismo imaginário: memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV**. Florianópolis: Insular, 2012.
- BUCCI, E. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996.
- DALLA COSTA, R. M. C. **Le rôle des journaux télévisés: Étude de la réception chez les ouvriers de la ville de Curitiba, au Brésil**. 1999. 592 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Université Vincennes - Saint Denis, Paris, 1999.
- DALLA COSTA, R. M. C. **História da televisão no Paraná - um jeito próprio de fazer parte da televisão brasileira**. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis: [s.n.]. 2004.
- DALLA COSTA, R. M. C. Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar. In: SCHMIDT, M. A.; GARCIA, T. M. F. B.; HORN, G. B. **Diálogos e perspectivas de investigação**. Ijuí: Unijuí, 2008. Cap. 5, p. 95-119.
- DALPÍCOLO, S. **Uma nova luz na sala: histórias da TV Paranaense**. Curitiba: Arowak, 2010.
- EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. A escola: relato de um processo inacabado de construção. In: EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. 9 - 30.
- FAILLA, Z. (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 3**. Instituto Pró-Livro: São Paulo, 2012.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre Educação**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2003.

- GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: FILHO, J. C. S.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional: qualidade - quantidade**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 84-110.
- GARCIA, T. M. B. Pesquisa em Cultura, Escola e Ensino I. 2014. Notas de aula.
- GARCIA, T. M. B. Pesquisa em Cultura, Escola e Ensino II. 2014. Notas de aula.
- GARCIA, T. M. B. Seminário de Dissertação. 2015. Notas de aula.
- GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia Dados Brasil**. Grupo de Mídia São Paulo. São Paulo. 2014.
- HORNES, E. **Mídia e Escola**: entrevista. 2014. Entrevista concedida ao projeto Mídia e Escola. UFPR, 2014.
- IAB BRASIL. **Brasil Conectado - Hábitos de Consumo de Mídia**. IAB Brasil - Rede Brasil Conectado. [S.l.]. 2013.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília. 2010.
- INEP. IDEB Resultados. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2013. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- INEP. **Censo Escolar 2013**. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília, p. <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. 2014.
- INSTITUTO GRPCOM. Sobre o Instituto GRPCOM. **Instituto GRPCOM**, 2014. Disponível em: <www.institutogrpcom.org.br>. Acesso em: 18 novembro 2014.
- INSTITUTO GRPCOM. Televisando o Futuro. **RPC TV**, 2014. Disponível em: <www.rpctv.com.br/televisando>. Acesso em: 0 novembro 2014.
- JACKS, N.; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hackers Editores, 2005.
- JACKS, N. **Estudos de Recepção e Identidade Cultural : Abordagens Brasileiras** (ALAIC, Ed.) Texto apresentado no GT Estudios de Recepción/ ALAIC 2006, coordenado pela Profa. Veneza Ronsini, à qual agradecemos as críticas que geraram esta outra versão. Anais...ALAIC, 2006

JACQUINOT-DELAUNAY, G. **Imagem e Pedagogia**. Portugal. ed. Mangualde: Edições Pedago, 2006.

LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação Qualitativa Fundamentos e Práticas**. 5ª. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.

LINS DA SILVA, C. E. **Muito Além do Jardim Botânico**. 3ª. ed. São Paulo: Summus, 1985.

MARCELO-GARCIA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto, 1989.

MARCELO-GARCIA, C.; VAILLANT, D. **Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem**. Curitiba: UTFPR, 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2ª. ed. São Paulo: SENAC, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, J. M. D.; TOSTA, S. P. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto, Portugal: Porto, 1992.

OROFINO, M. I. **Mídia e Mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Contez, v. 12, 2005.

OROZCO, G. G. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 10, p. 57-68, set./dez. 1997. ISSN 0104-6829.

OROZCO, G. O. G. **Educomunicação**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PAULA, E. L. R. D. A TV não educativa que educa. **Blog Educação e Mídia - Gazeta do Povo**, 2014. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/a-tv-nao-educativa-que-educa/>>. Acesso em: 20 Agosto 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRA. Palmeira. **Prefeitura Municipal de Palmeira**, [2010]. Disponível em: <<http://www.palmeira.pr.gov.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

PROJETO TELEVISANDO O FUTURO. **Guia de Orientação do Professor.**

Curitiba: S.N., s.d.

ROCKWELL, E. **La Escuela Cotidiana.** México: FCE, 1997.

RPC TV COMERCIAL. Mapa de Cobertura. **RPC TV Comercial**, 2014. Disponível em: <<http://comercial.rpc.com.br/mapa-de-cobertura/rpc-ponta-grossa/>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

RPC TV COMERCIAL. Paraná TV 1ª Edição. **RPC TV Comercial**, 2014. Disponível em: <<http://comercial.rpctv.com.br/programas/parana-tv-1a-edicao/>>. Acesso em: 18 novembro 2014.

RPC TV COMERCIAL. RPC passa a transmitir telejornal com a cara de cada região. **RPC TV Comercial**, 2014. Disponível em: <<http://comercial.rpctv.com.br/rpc-passa-a-transmitir-telejornal-com-a-cara-de-cada-regiao/>>. Acesso em: 18 novembro 2014.

RPC TV Curitiba. **Wikipedia**, 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/RPC_TV_Curitiba>. Acesso em: 18 novembro 2014.

RPC TV Ponta Grossa. **Wikipedia**, 2007. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/RPC_TV_Ponta_Grossa>. Acesso em: 18 novembro 2014.

SECOM. **Pesquisa brasileira de mídia 2014 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** SECOM - Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Brasília, p. 151. 2014.

SERRA, W. **Mídia e Escola:** entrevista. 2014. Entrevista concedida ao projeto Mídia e Escola. UFPR, 2014.

SESI PR. Portal ODM. **Acompanhamento Brasileiro dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**, 2009. Disponível em: <<http://www.relatoriosdinamicos.com.br/portalodm/perfil/BRA004041250/palmeira---pr>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

SIMÕES BORGES, A. G. **Televisão e Educação: um estudo sobre o projeto Televisando o Futuro na escola.** Dissertação (Mestrado). UFPR.2012.

SOUSA, M. W. D. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

WILLIAMS, R. **Cultura.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

APÊNDICE I_Questionário de Estudo Exploratório.....	193
APÊNDICE II_Relatório de resultados da pesquisa de estudo exploratório do município de Castro	203
APÊNDICE III_Relatório de resultados da pesquisa de estudo exploratório do município de Palmeira	213
APÊNDICE IV_Quadro de análise da primeira entrevista com a professora colaboradora.....	223
APÊNDICE V_Quadro de análise da entrevista com diretor de jornalismo RPCTV ...	239
APÊNDICE VI_Transcrição da primeira entrevista com professora colaboradora.....	251
APÊNDICE VII_Transcrição da entrevista com diretor de jornalismo RPCTV	260
APÊNDICE VIII_Perfis dos professores selecionados no Estudo Exploratório.....	273
APÊNDICE IX_Relatório completo de resultados do Estudo Exploratório.....	276
APÊNDICE X_Quadro de análise da estrutura das reportagens.....	290
APÊNDICE XI_Quadro de análise do processo de recepção.....	296
APÊNDICE XII_Termo de Consentimento da professora colaboradora.....	297

APÊNDICE I

Questionário de Estudo Exploratório

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

Prezado (a) Professor(a),
Sou Everton Luiz Renaud de Paula, aluno do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, orientado pela Profª Drª Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. Pesquiso o uso da mídia em sala de aula, como foco na recepção do telejornal, mediado pela escola e pelo professor. Convido você a participar de uma etapa inicial da minha pesquisa por meio da resposta a este questionário que está recebendo. Sua participação será essencial para a produção de dados sobre as escolas que estão na área de abrangência da pesquisa. Além disso, será base para identificar uma escola e uma turma onde possa ser realizada uma pesquisa mais próxima no próximo ano. Agradeço antecipadamente pela colaboração!

Identificação

1. **Cidade**

.....

2. **Data de nascimento**

.....
Exemplo: 15 de dezembro de 2012

3. **Sexo**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Masculino
☐ Feminino

4. **Nome da escola em que leciona:**

.....

5. **Turma (s) em que leciona:**

.....

6. **A escola está situada:**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Na região urbana
☐ Na região do campo

7. **Em que bairro/localidade a escola está situada:**

.....

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

8. Sua residência está localizada:*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Na região urbana
- ☐ Na região do campo

9. Em que bairro/localidade a sua residência está situada:

.....

Escolaridade**10. Você possui Graduação?***Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Se sim, em que você possui Graduação?

.....

12. Em qual instituição foi realizada?

.....

13. Você possui Especialização?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

14. Se sim, em que você possui especialização?

.....

15. Em qual instituição foi realizada?

.....

16. Você possui Mestrado?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

17. Se sim, em que área possui mestrado?

.....

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

18. Em qual instituição realizou o mestrado?

19. Você possui Doutorado?*Marcar apenas uma oval.*☐ Sim☐ Não**20. Se sim, em que área possui doutorado?**

21. Em qual instituição realizou o doutorado?

Sobre docência**22. Há quanto tempo dá aula?***Marcar apenas uma oval.*☐ Menos de 5 anos☐ Entre 5 e 9 anos☐ Entre 10 e 19 anos☐ Mais de 20 anos**23. Leciona em mais de uma escola?***Marcar apenas uma oval.*☐ Sim☐ Não**24. Há quanto tempo dá aula na escola atual?***Considere "escola atual" aquela vinculada à prefeitura em que você atua com Ensino Fundamental - séries finais.**Marcar apenas uma oval.*☐ Menos de 1 ano☐ Entre 2 e 5 anos☐ Entre 6 e 10 anos☐ Mais de 10 anos**25. Quantas horas semanais dedica à escola atual?***Marcar apenas uma oval.*☐ Menos de 20h☐ 20h☐ 40h

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

26. Quando não está exercendo atividades profissionais, qual seu principal hábito de lazer?
-

Consumo de mídia

27. Você tem TV em casa?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

28. Você tem TV a cabo?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

29. Você tem antena parabólica?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

30. Na maior parte das vezes você assiste:

Marcar apenas uma oval.

☐ Programação da TV aberta

☐ Programação da TV a cabo

☐ Programação de canais via antena parabólica

☐ Vídeos pela internet

31. Com que frequência você assiste TV:

Marcar apenas uma oval.

☐ Diariamente

☐ Semanalmente

☐ Raramente

☐ Nunca

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

32. De segunda a sexta-feira, quantas horas você assiste TV?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Menos de 1h por dia
- ☐ Entre 1h e 3h por dia
- ☐ Entre 4h e 6h por dia
- ☐ Entre 6h e 9h por dia
- ☐ Mais de 10h por dia

33. E entre sábado e domingo, quantas horas você assiste TV?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Menos de 1h por dia
- ☐ Entre 1h e 3h por dia
- ☐ Entre 4h e 6h por dia
- ☐ Entre 6h e 9h por dia
- ☐ Mais de 10h por dia

34. Qual é o período do dia em que você mais assiste TV?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Manhã
- ☐ Na hora do almoço
- ☐ Tarde
- ☐ Noite
- ☐ Madrugada

35. O que você prefere ver na TV?*Marque apenas uma opção**Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Telejornal
- ☐ Novela
- ☐ Filme
- ☐ Documentário
- ☐ Outro:

36. Qual emissora você mais assiste?

Classifique de 1 a 4, sendo 1 a que você assiste na maior parte do tempo, e 4 na menor parte do tempo.

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4
RPC TV (afiliada TV Globo)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
RIC TV (afiliada TV Record)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rede Massa (Afiliada SBT)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Band	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

37. Qual Telejornal você mais assiste?

Marque apenas uma opção.

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Paraná TV 1 (almoço)
- ☐ Paraná TV 2 (noite)
- ☐ Tribuna da Massa
- ☐ Balanço Geral
- ☐ Jornal Nacional
- ☐ Jornal da Record
- ☐ Cidade Alerta
- ☐ Jornal Hoje
- ☐ Balanço Geral
- ☐ Globo Esporte
- ☐ Jornal da Band
- ☐ SBT Brasil
- ☐ Fala Brasil
- ☐ Bom dia Paraná
- ☐ Bom dia Brasil
- ☐ RIC Notícias

38. Onde você costuma assistir ao Telejornal?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Em casa
- ☐ Na escola
- ☐ Outro:

39. Como assiste?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sozinho, enquanto almoça/janta
- ☐ Na hora do descanso
- ☐ Com a família, enquanto almoça/janta
- ☐ Na escola, enquanto almoça/janta
- ☐ Na escola, com os colegas
- ☐ Com amigos, em outro local
- ☐ Outro:

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

40. Pensando na emissora e os programas que você mais assiste, classifique de 1 a 5 os motivos que o levam a fazer esta escolha.

Considere 1 o motivo que mais explica sua escolha e 5 o que menos explica.
 Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
As notícias mostram os fatos da forma mais fiel.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É mais fácil de entender os assuntos quando se tem som, imagem, movimento e efeitos visuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A TV é mais atraente que outros meios, como jornal e rádio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Me identifico com os valores sociais, culturais e políticas da emissora e programa que escolho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As imagens, o som e os efeitos são mais bonitos e têm alta qualidade visual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Relação da TV e Telejornal com a prática pedagógica

41. Você usa o Telejornal em sala de aula?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

42. Se você utiliza ou já utilizou o telejornal em sala de aula, classifique as atividades que realizou de 1 a 6 sendo 1 o que você menos faz/fez e 6 o que mais faz/fez:

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5	6
Comento com a turma os assuntos que vi no telejornal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falo de matérias que assisti para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apresento matérias para que os alunos assistam para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apresento matérias para desencadear discussão sobre assuntos importantes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Depois de fazer discussão sobre o assunto assistido peço para que os alunos produzam algum conteúdo sobre o foi falado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Incentivo que os alunos produzam seu próprio material informativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

43. Seus alunos assistem telejornal em casa?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Não sei

44. Seus alunos comentam o que assistiram em casa em algum telejornal?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Não sei

45. Você conhece o Projeto Televisando o Futuro?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

46. Você desenvolve o Projeto Televisando o Futuro em sua escola?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

47. Desde quando você desenvolve o projeto?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ 2011
☐ 2012
☐ 2013
☐ 2014
☐ não desenvolvo o projeto

48. Como você ficou sabendo do projeto?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Iniciativa própria
☐ Orientação da direção da escola
☐ Orientação da SME
☐ Indicação de colega
☐ Comercial de TV
☐ Desconheço o projeto

21/02/2015

Uso da mídia na escola: um estudo de recepção do telejornal em sala de aula

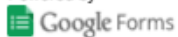
49. O projeto Televisando o Futuro contribui com sua prática pedagógica?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não participo do projeto

50. Se sua escola for escolhida para a pesquisa, você aceita receber o pesquisador em sua sala de aula para observação?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

Powered by



APÊNDICE II

**Relatório de resultados da pesquisa de estudo exploratório do município
de Castro**



USO DA MÍDIA NA ESCOLA – UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO TELEJORNAL EM SALA DE AULA

Castro 2014

Apresentação do Estudo Exploratório e da Pesquisa

O presente estudo é parte do projeto de pesquisa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, desenvolvido pelo aluno Everton Luiz Renaud de Paula, orientado pela Prof^a Dr^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. A pesquisa contempla o uso da mídia em sala de aula, com foco na recepção do telejornal, mediado pela escola e pelo professor.

O questionário foi redirecionado aos professores com apoio da Secretaria Municipal de Educação. A participação ocorreu via internet de forma voluntária. O objetivo foi a produção de dados sobre as escolas que estão na área de abrangência da pesquisa. Além de ser base para identificar uma escola e uma turma para realização da observação no primeiro semestre de 2015. O presente relatório é oferecido em atenção e agradecimento pela colaboração e tempo dedicado pelos professores em participar da pesquisa. São apresentados os principais resultados acompanhados de breve análise das respostas de acordo com as categorias da pesquisa.

Obrigado a todos os participantes!

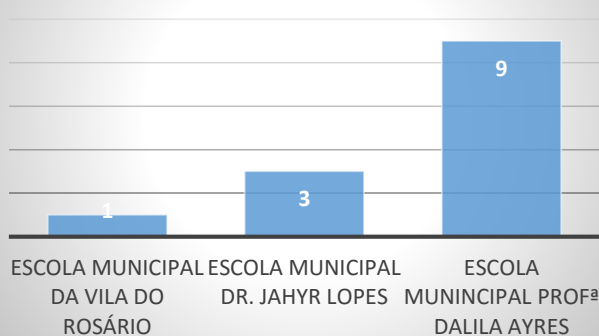
Everton Luiz Renaud de Paula

evertonrenaud@hotmail.com.br

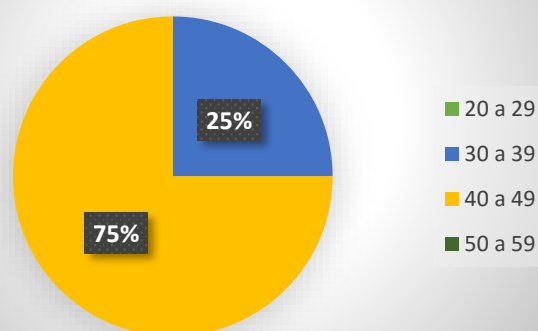
Identificação dos participantes

Para identificar os participantes foram utilizados os dados Cidade; Data de nascimento; Sexo; Nome da escola em que leciona; Turma (s) em que leciona. Participaram da pesquisa em Castro 12 professoras e 1 professor, divididos entre as funções de professor, coordenador e diretor. A predominância de idade está na faixa de 40 a 49 anos, e as turmas de atuação vão desde o 1º até o 5º ano do Ensino Fundamental Séries Iniciais. A localização da escola e da residência também foram pontos de identificação, em Castro todos os respondentes foram da região urbana, e nenhum deles mora na mesma comunidade onde leciona. Este dado foi utilizado para indicar o vínculo do professor com a comunidade escolar além da sala de aula.

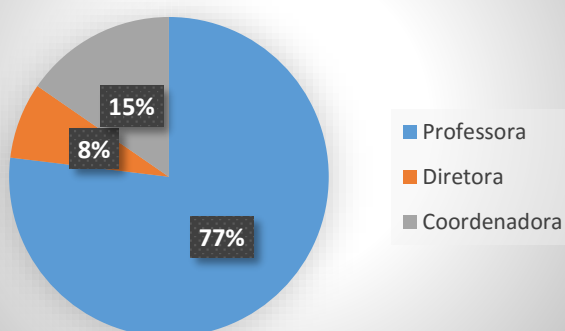
Distribuição dos participantes por escola



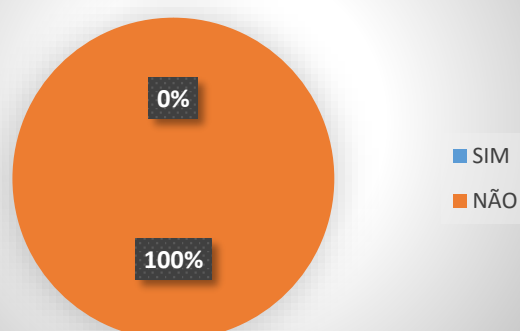
Distribuição etária dos participantes



Distribuição dos participantes por função

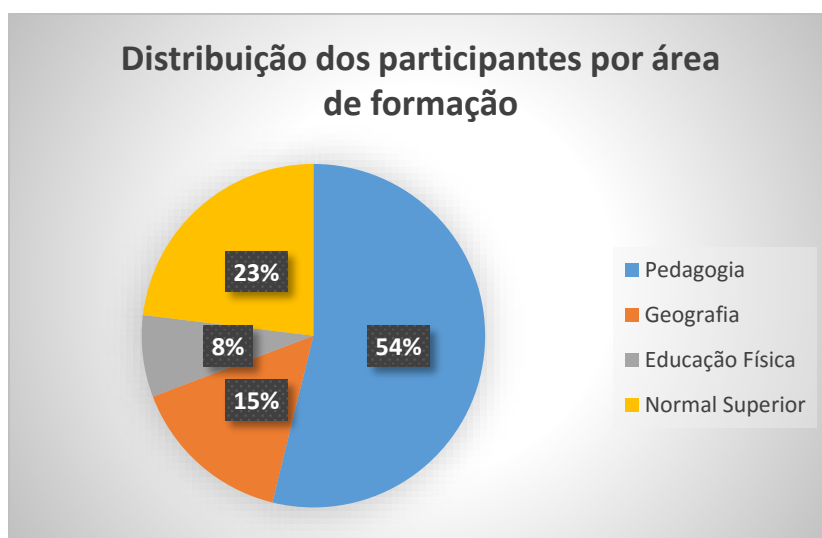


Mora na comunidade onde leciona?



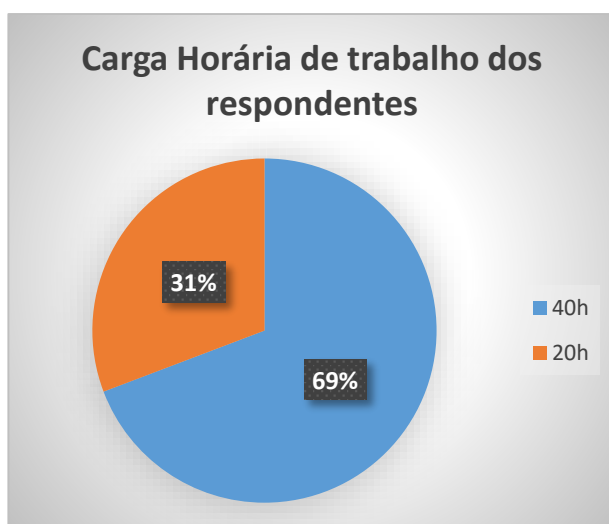
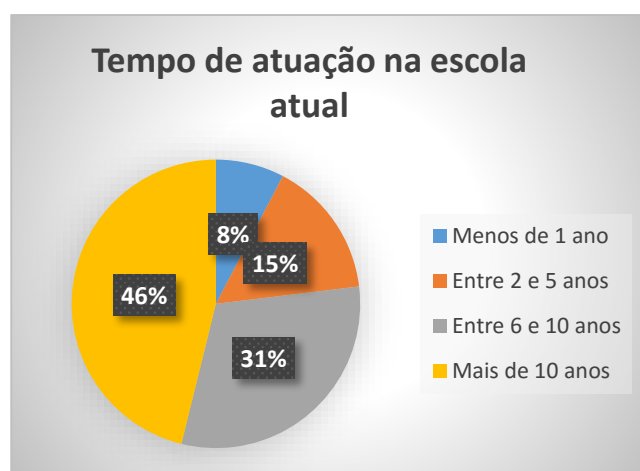
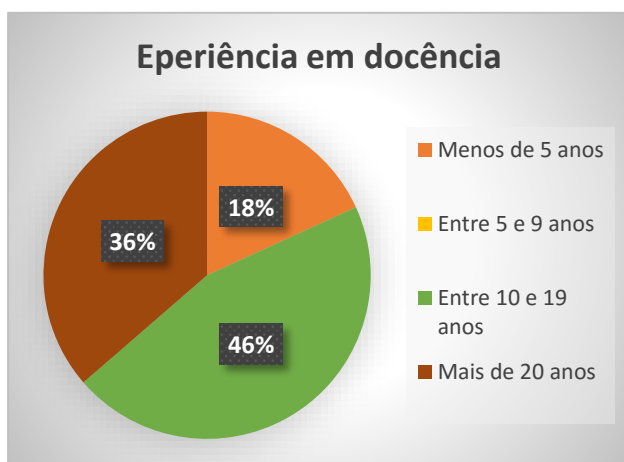
Escolaridade

Em Castro, a predominância de formação entre os respondentes está em Pedagogia e Normal Superior. Na maioria dos casos certificadas pela UEPG, instituição da região dos campos gerais. 50% dos respondentes possui pós graduação em nível de especialização. Não houve participação de mestres ou doutores na pesquisa.



Sobre a docência

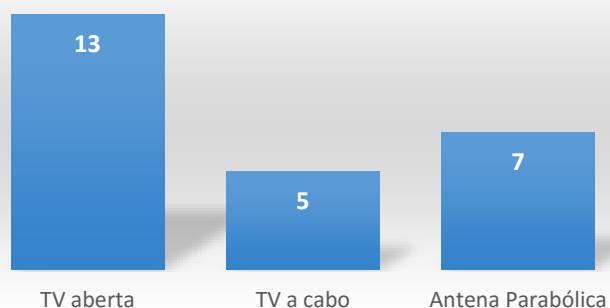
Para conhecer a condição de trabalho docente por sua carga horária, tempo dedicado. A predominância entre os respondentes é de professores experientes, com mais de 10 ou 20 anos de docência, o que possibilita trabalhos já consolidados com vastidão e personalização de metodologias. A maioria atua, também, por mais de 6 ou 10 anos na mesma escola, o que indica aproximação e vivência intensa com a comunidade. A maior parte trabalha 40h semanais, e entre seus hábitos de lazer estão atividades, como: leitura, cinema, passeio com a família, artesanato, ver TV, ficar em casa.



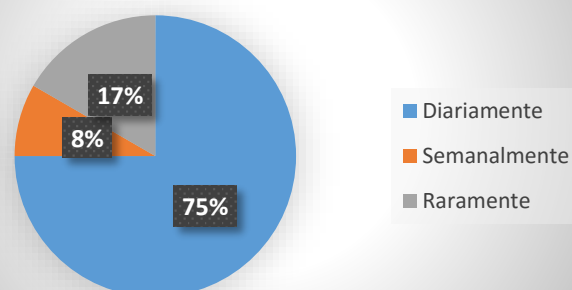
Consumo de Mídia - Acesso

Estas informações representam a penetração da TV nos domicílios e o vínculo permitido, pois TV a cabo e Antena Parabólica geram outros vínculos que não os locais, em especial no telejornal. Indica a cultura com maior penetração entre as audiências. Todos os participantes possuem TV em seu domicílio, e alguns possuem TV a cabo, metade possui antena parabólica. A predominância do que assistem está na programação da TV aberta e Antena parabólica, seguida de TV a cabo. A frequência é diária, e a intensidade (medida em horas) retrata a média nacional 1h a 3h tanto durante a semana quanto durante os finais de semana.

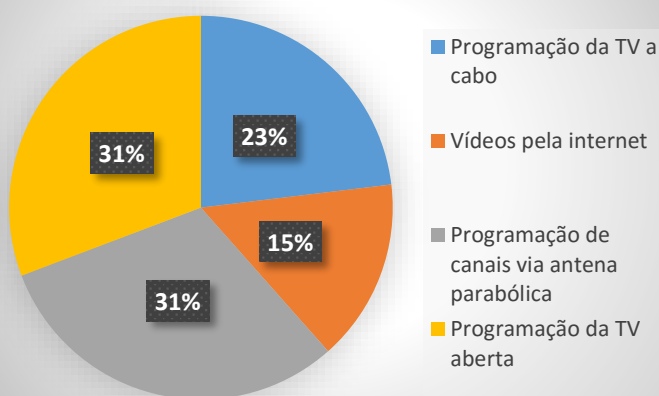
Acesso televisivo



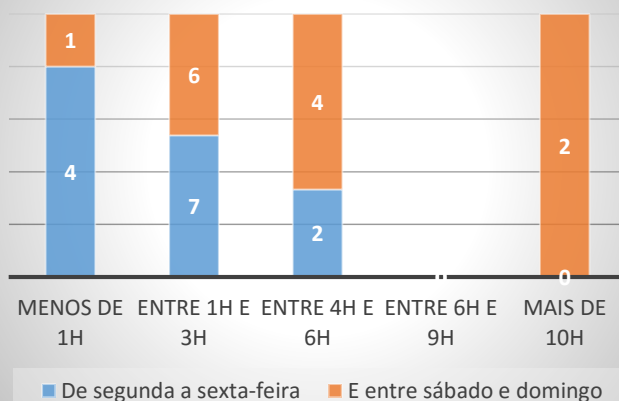
Frequência ao assistir TV



Predominância de acesso

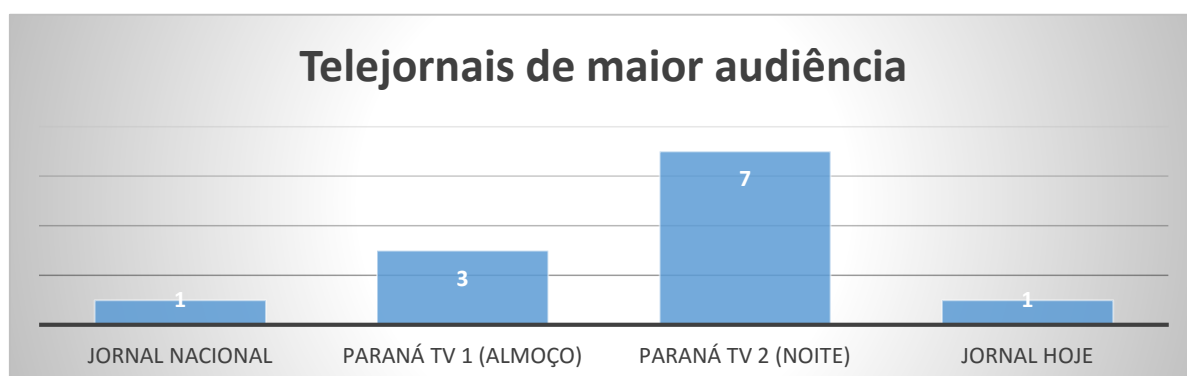
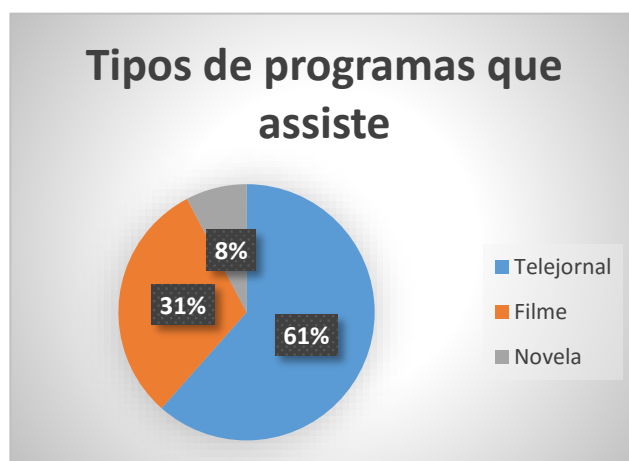
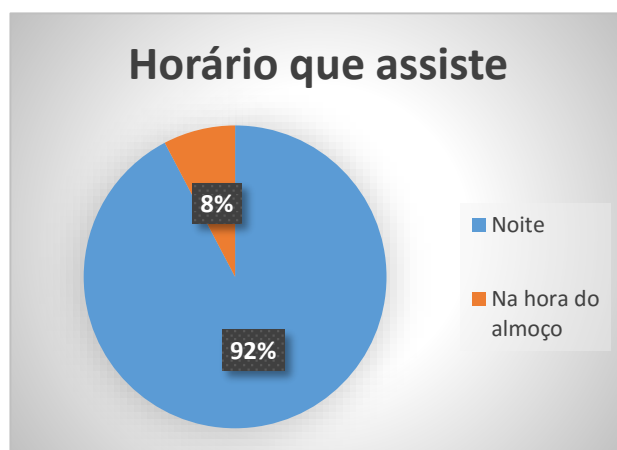


Intensidade de uso



Consumo de Mídia - Programação

com a frequência diária de audiência televisiva, os professores participantes da pesquisa assistem TV majoritariamente no período da noite, em casa, na hora do jantar com a família, e o tipo de programa predominante é o telejornal. O Paraná TV 2ª edição é o telejornal de maior audiência entre os participantes.

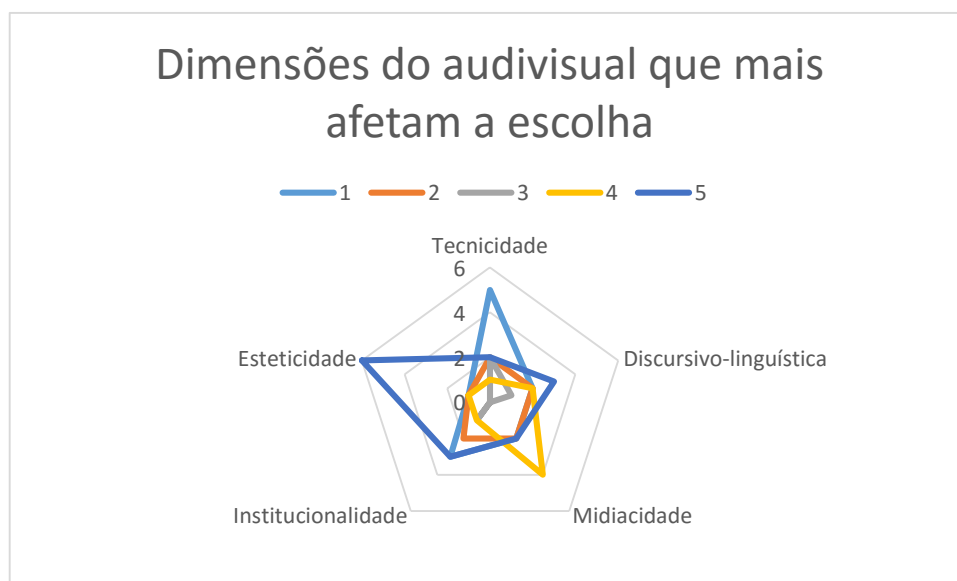


Consumo de Mídia – Escolha

Esta questão identifica quais dimensões do audiovisual mais influenciam na escolha que os professores fazem da emissora e do programa que vão assistir. Predominam a Técnica e a institucionalidade, indicando que a escolha ocorre pela capacidade técnica da TV em reproduzir o que acontece, e os valores presentes na linha editorial da emissora.

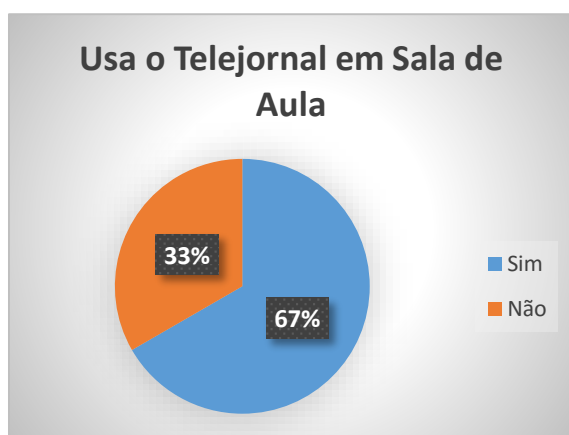
Técnica	As notícias mostram os fatos da forma mais fiel
Discursivo-linguística	É mais fácil de entender os assuntos quando se tem som, imagem, movimento e efeitos visuais.
Midiacidade	A TV é mais atraente que outros meios, como jornal e rádio.
Institucionalidade	Me identifico com os valores sociais, culturais e políticos da emissora e programa que escolho.
Esteticidade	As imagens, o som e os efeitos são mais bonitos e têm alta qualidade visual.

** Escala de 1 a 5, onde 1 representa a alternativa que mais explica a escolha.



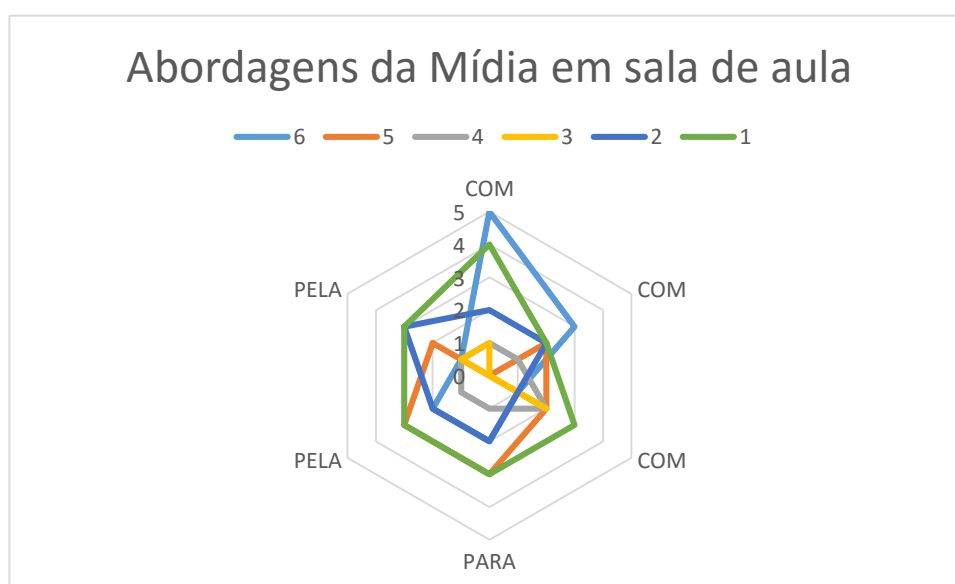
Uso do Telejornal em Sala de Aula

Em relação ao uso do telejornal em sala de aula, 67% dos participantes informaram levar efetivamente este recurso para suas atividades. A abordagem de maior predominância é o uso da mídia como recurso didático, a educação COM a mídia, tendo em segundo lugar o PARA a mídia, no campo das discussões e análises críticas.



Comento com a turma os assuntos que vi no telejornal.	COM
Falo de matérias que assisti para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	COM
Apresento matérias para que os alunos assistam para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	COM
Apresento matérias para desencadear discussão sobre assuntos importantes	PARA
Depois de fazer discussão sobre o assunto assistido peço para que os alunos produzam algum conteúdo sobre o foi falado	PELA
Incentivo que os alunos produzam seu próprio material informativo	PELA

** Escala de 1 a 6, onde 6 representa a abordagem mais realizada.



APÊNDICE III

**Relatório de resultados da pesquisa de estudo exploratório do município de
Palmeira**



USO DA MÍDIA NA ESCOLA – UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO TELEJORNAL EM SALA DE AULA

PALMEIRA 2014

Apresentação do Estudo Exploratório e da Pesquisa

O presente estudo é parte do projeto de pesquisa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, desenvolvido pelo aluno Everton Luiz Renaud de Paula, orientado pela Prof^a Dr^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. A pesquisa contempla o uso da mídia em sala de aula, com foco na recepção do telejornal, mediado pela escola e pelo professor.

O questionário foi redirecionado aos professores com apoio da Secretaria Municipal de Educação. A participação ocorreu via internet de forma voluntária. O objetivo foi a produção de dados sobre as escolas que estão na área de abrangência da pesquisa. Além de ser base para identificar uma escola e uma turma para realização da observação no primeiro semestre de 2015. O presente relatório é oferecido em atenção e agradecimento pela colaboração e tempo dedicado pelos professores em participar da pesquisa. São apresentados os principais resultados acompanhados de breve análise das respostas de acordo com as categorias da pesquisa.

Obrigado a todos os participantes!

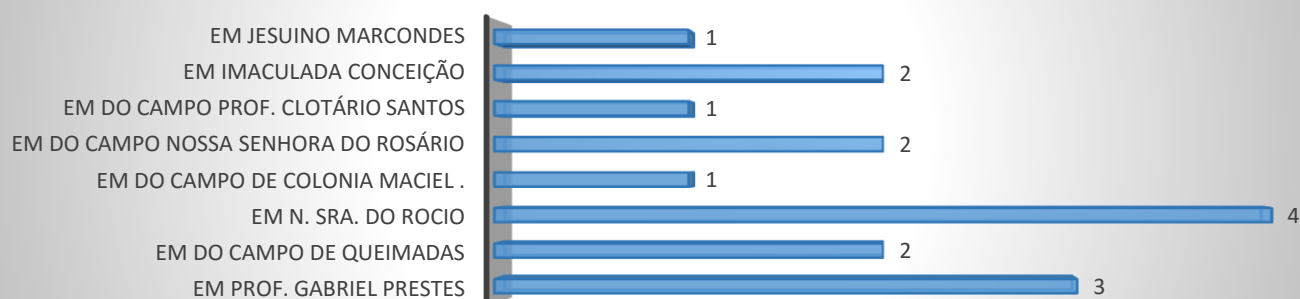
Everton Luiz Renaud de Paula

evertonrenaud@hotmail.com.br

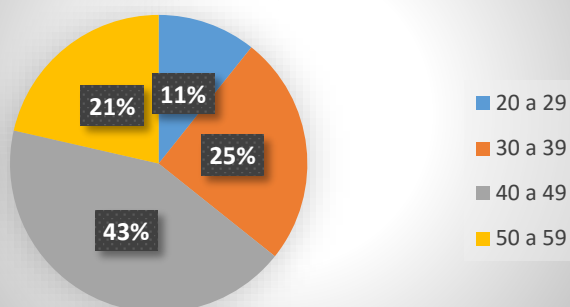
Identificação

Para identificar os participantes foram utilizados os dados Cidade; Data de nascimento; Sexo; Nome da escola em que leciona; Turma (s) em que leciona. Participaram da pesquisa em Palmeira 29 professoras, público 100% feminino, Todas professoras de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental Séries Iniciais. A predominância de idade está na faixa de 40 a 49 anos. A localização da escola e da residência também foram pontos de identificação, em Palmeira, metade dos respondentes são de escolas urbanas, e a outra metade de escolas do campo. Contudo, a maioria mora da região urbana, e 79% dos respondentes leciona em comunidade diferente daquela onde reside. Este dado foi utilizado para indicar o vínculo do professor com a comunidade escolar além da sala de aula.

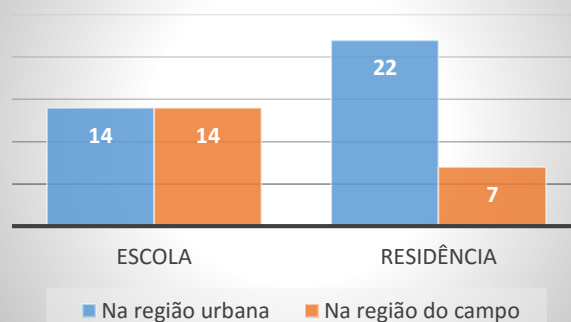
Distribuição dos participantes por escola



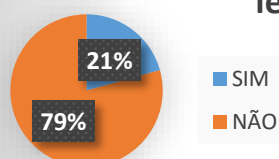
Distribuição etária dos participantes



Região Escola/Residência

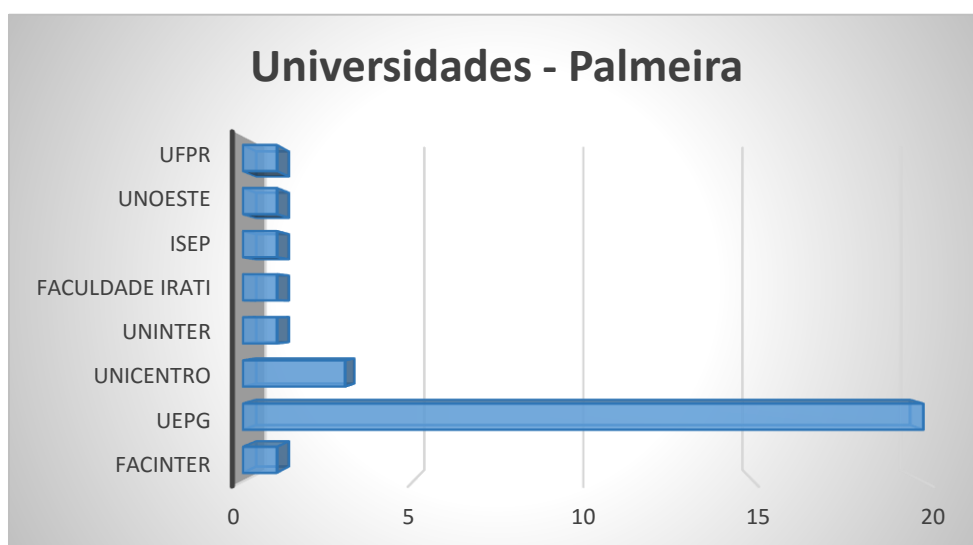
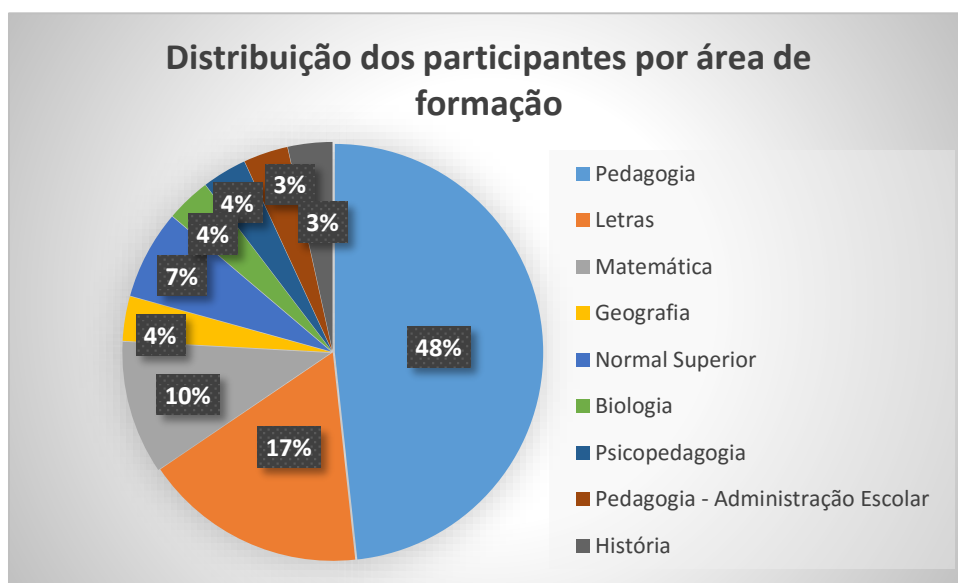


Mora na comunidade onde leciona



Escolaridade

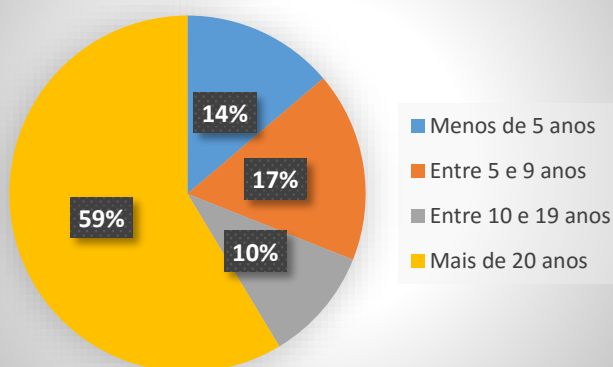
Em Palmeira, a predominância de formação entre os respondentes é de Pedagogia e Letras, na maioria das vezes cursada na UEPG, instituição predominante entre os diplomas, que tem forte atuação na região dos Campos Gerais. 93% dos respondentes possui pós graduação em nível de especialização. Não houve participação de mestres ou doutores na pesquisa.



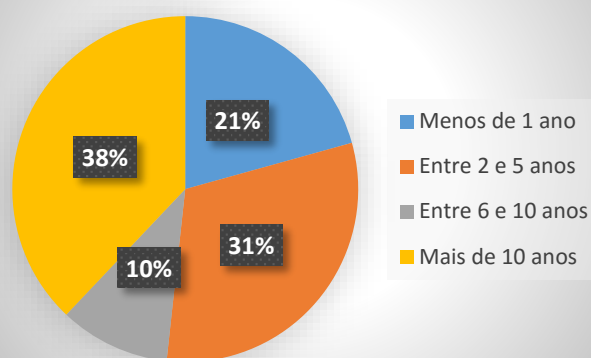
Sobre a docência

Para conhecer a condição de trabalho docente por sua carga horária, tempo dedicado. A predominância entre os respondentes é de professores experientes, com mais de 10 ou 20 anos de docência, o que possibilita trabalhos já consolidados com vastidão e personalização de metodologias. A maioria atua, também, por mais de 6 ou 10 anos na mesma escola, o que indica aproximação e vivência intensa com a comunidade. A maior parte trabalha 20h semanais, e entre seus hábitos de lazer estão atividades, como: leitura, cinema, passeio com a família, navegar na internet, ver TV, ficar em casa e praticar esportes.

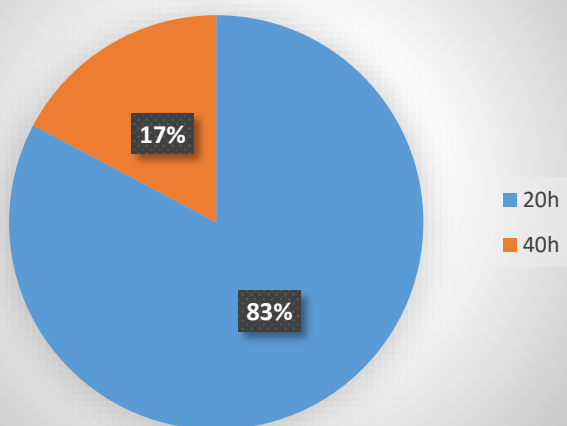
Experiência em docência



Experiência na escola atual



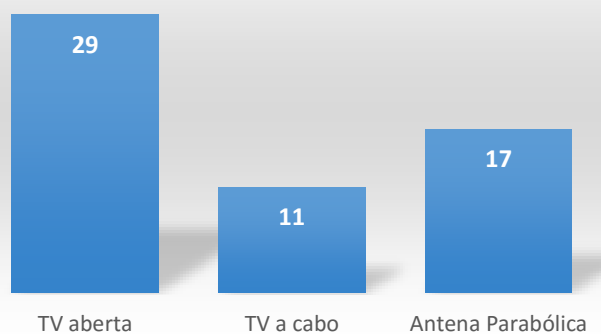
Carga horária



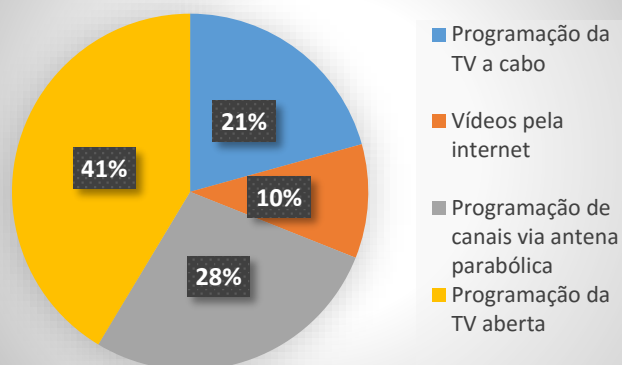
Consumo de Mídia - Acesso

Estas informações representam a penetração da TV nos domicílios e o vínculo permitido, pois TV a cabo e Antena Parabólica geram outros vínculos que não os locais, em especial no telejornal. Indica a cultura com maior penetração entre as audiências. Todos os participantes possuem TV em seu domicílio, e alguns possuem TV a cabo, metade possui antena parabólica. A predominância do que assistem está na programação da TV aberta, seguida da antena parabólica. A frequência é diária, e a intensidade (medida em horas) retrata a média nacional 1h a 3h tanto durante a semana quanto durante os finais de semana.

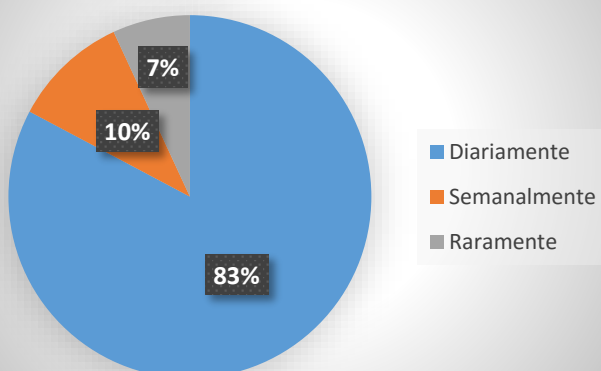
Acesso Televisivo



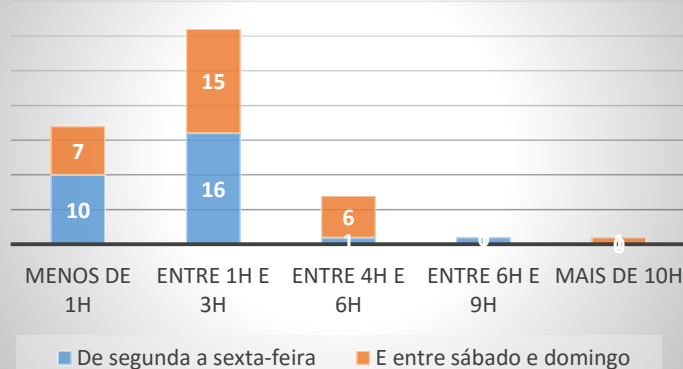
Predominância de acesso



Frequência com que assiste TV

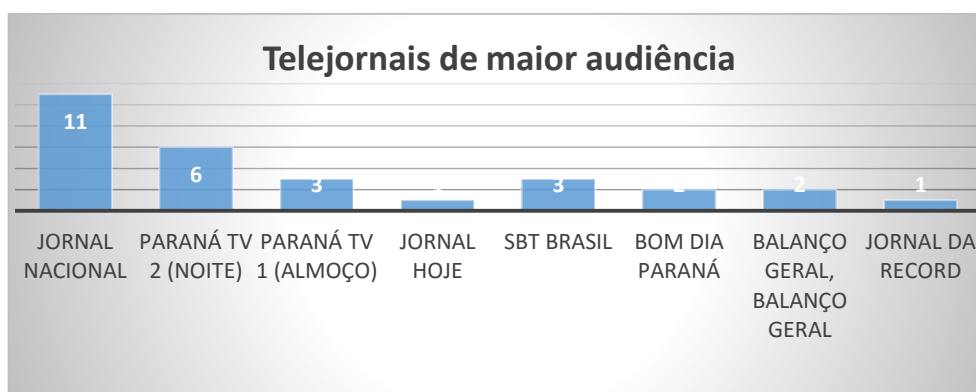
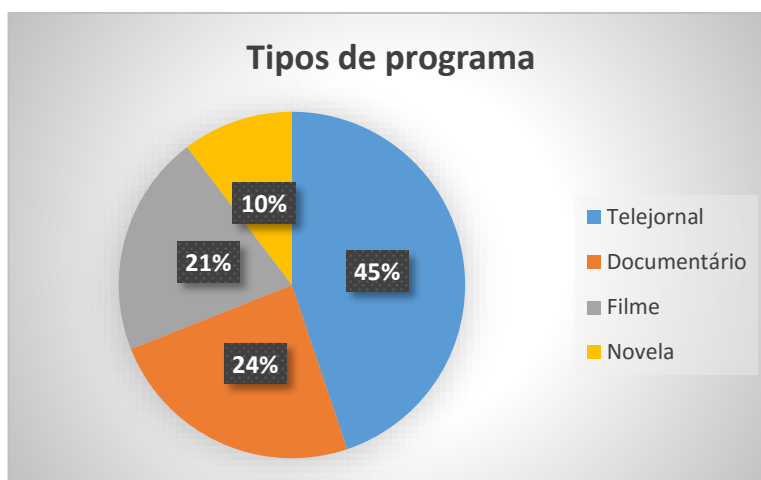
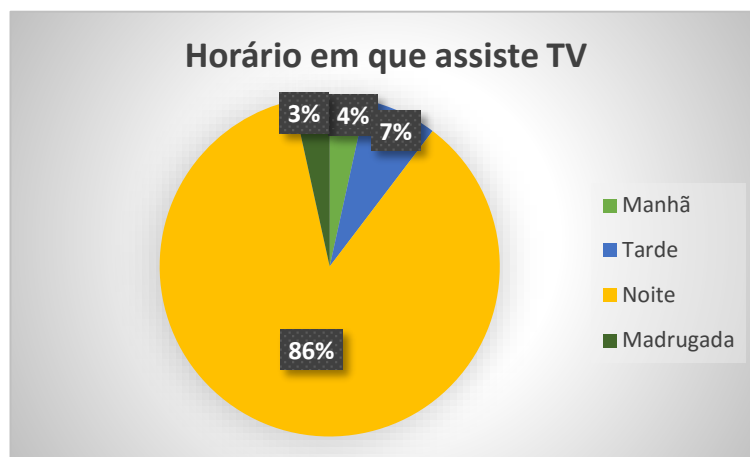


Intensidade com que assiste TV



Consumo de Mídia - Programação

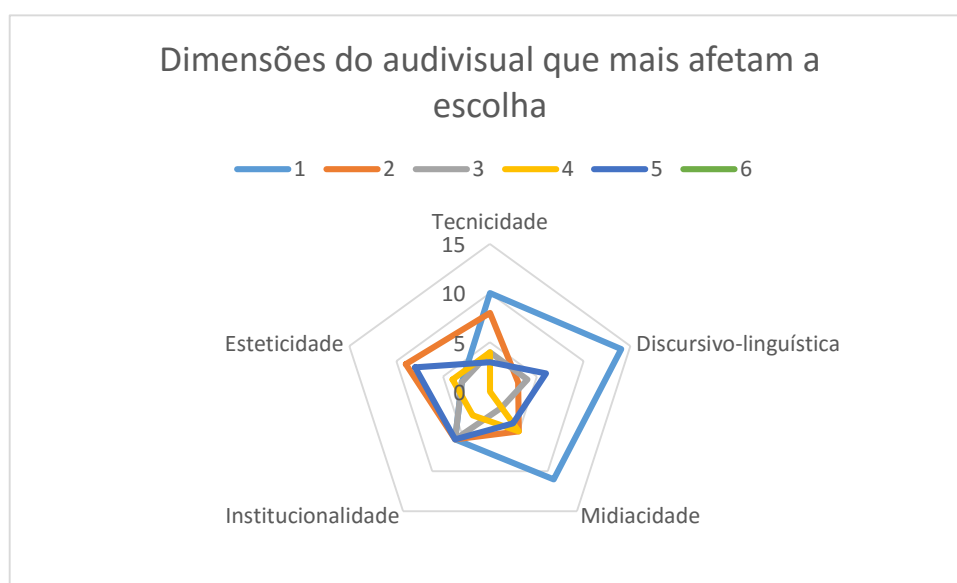
Com a frequência diária de audiência televisiva, os professores participantes da pesquisa assistem TV majoritariamente no período da noite, em casa, na hora do jantar com a família, e o tipo de programa predominante é o telejornal. O Jornal Nacional e o Paraná TV 2ª edição são os telejornais de maior audiência entre os participantes.



Consumo de Mídia – Escolha

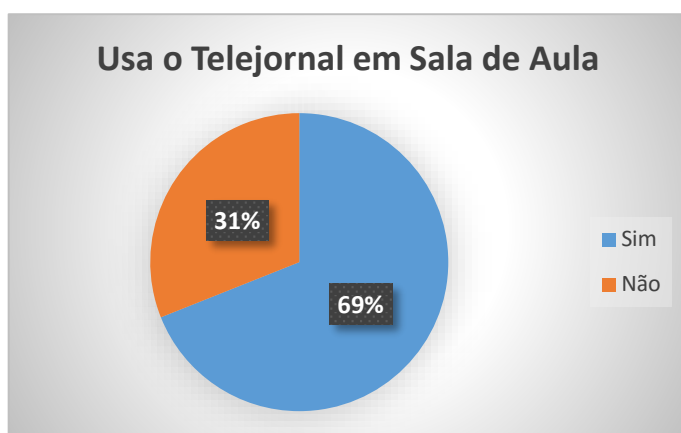
Esta questão identifica quais dimensões do audiovisual mais influenciam na escolha que os professores fazem da emissora e do programa que vão assistir. As 3 primeiras predominam, indicando que a escolha ocorre pela capacidade técnica da TV em reproduzir o que acontece, a união das diferentes linguagens e as características próprias da TV em relação aos outros meios.

Tecnicidade	As notícias mostram os fatos da forma mais fiel
Discursivo-linguística	É mais fácil de entender os assuntos quando se tem som, imagem, movimento e efeitos visuais.
Midiacidade	A TV é mais atraente que outros meios, como jornal e rádio.
Institucionalidade	Me identifico com os valores sociais, culturais e políticos da emissora e programa que escolho.
Esteticidade	As imagens, o som e os efeitos são mais bonitos e têm alta qualidade visual.

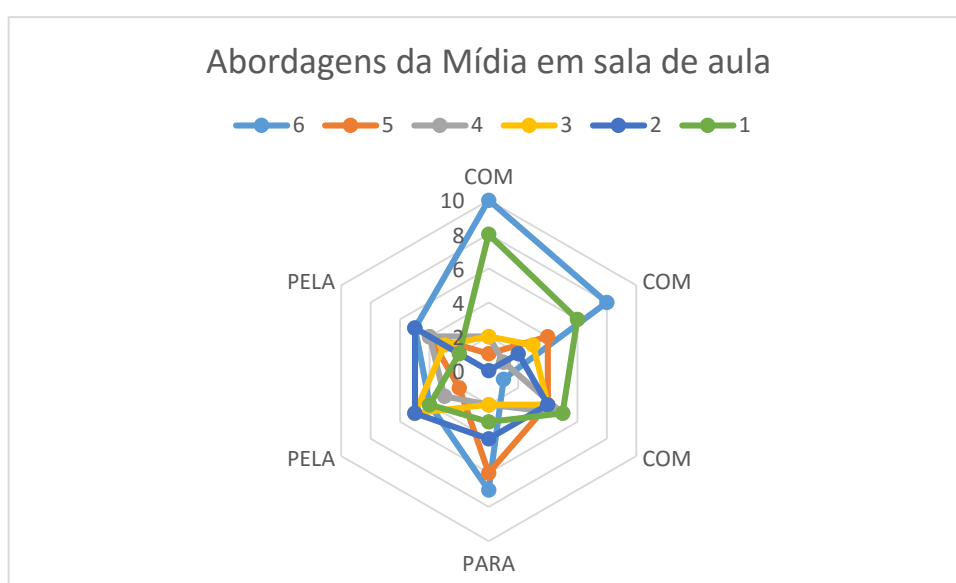


Uso do Telejornal em Sala de Aula

Em relação ao uso do telejornal em sala de aula, 69% dos participantes informaram levar efetivamente este recurso para suas atividades. A abordagem de maior predominância é o uso da mídia como recurso didático, a educação COM a mídia, tendo em segundo lugar o PARA a mídia, no campo das discussões e análises críticas.



Comento com a turma os assuntos que vi no telejornal.	COM
Falo de matérias que assisti para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	COM
Apresento matérias para que os alunos assistam para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo	COM
Apresento matérias para desencadear discussão sobre assuntos importantes	PARA
Depois de fazer discussão sobre o assunto assistido peço para que os alunos produzam algum conteúdo sobre o foi falado	PELA
Incentivo que os alunos produzam seu próprio material informativo	PELA



APÊNDICE IV

Quadro de análise da primeira entrevista com a professora colaboradora

QUESTÃO	CATEGORIA DE ANÁLISE	RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO	PERGUNTA NORTEADORA PARA ENTREVISTA	TRECHOS DA ENTREVISTA	CLASSIFICAÇÃO
PERFIL					
Nome	Identificação e seleção da amostra	Eliane Hornes Borges	1.Já atuou em outros níveis de ensino? Quais? 2. Como veio para a escola atual?	Eu trabalho no Ensino Fundamental 1 e 2...<i>Eu sempre fui professora alfabetizadora.</i> Durante a maior parte da minha carreira de professora eu fiquei somente com a parte da alfabetização... Mas daí, já tive segundo ano, terceiro ano, quarto ano - que tenho esse ano. E eu tenho também o 6º ao 9º ano e trabalho também com CEBEJA.	Professora experiente, não somente pelo tempo de docência superior a 20 anos. Mas também pela atuação em várias faixas de ensino.
Cidade		Palmeira			
Data de nascimento		23/12/1967			
IDADE		47			
Sexo		Feminino			
Nome da escola em que leciona:		Escola Municipal Nossa Senhora do Rocio			
Função		Professora			
Turma (s) em que leciona:		4º ano		eu já trabalhei nesta escola ... E eu trabalho de manhã nesta escola, que é a Escola [Estadual] Amadeu Mário Margraf, no Ensino Fundamental 2.... já estava com vontade de sair da escola onde eu estava.	
Escola	Para verificar o possível vínculo do professor com aquela comunidade escolar e cultura local.	Na região urbana	3. Entre sua casa e a escola a distância é muito grande? 4. O que você conhecer a respeito da comunidade escolar?	E isso me favoreceu bastante, porque eu fico o dia todo na mesma escola.	Embora não seja residente na mesma comunidade da escola, tem vivência com esta comunidade, nas relações profissionais e familiares, o que permite compreensão e
		ROCIO II		Fica bem longe. O acesso dela é de outro lado da BR 277. Na verdade, entre a escola que eu estava e essa, eu moro no meio. Mas o acesso é tranquilo.	

Residência		Na região urbana	<p>5. Como fez para conhecer as características da comunidade?</p> <p>6. Você se identifica com aquela comunidade?</p>	<p>Então, esta comunidade escolar é bastante itinerante. A escola atende diversas comunidades. Ela não atende só o entorno, sabe. A escola, por exemplo, é da cidade mas usa transporte escolar. Nós temos mais 60% dos alunos que vêm de ônibus, porque ela atende uma clientela bem diversificada, e que vem de vários outros bairros.</p> <p>Todo o pessoal que mora da imediação da 277, do lado da escola, é atendido pela escola, e as outras [comunidades] também.</p>	aproximação com a comunidade.
		JD CRISTINE II		<p>Ah, sim... Nossa! Muito, muito, muito! Já faz 17 anos que eu trabalho na parte da manhã com a clientela do Ensino Fundamental 2.</p> <p>Isso, bastante! E eu tenho familiares que moram ali, sabe. Então, eu me identifico bastante com eles.</p>	

ESCOLARIDADE					
Você possui Graduação?	Para conhecer a escolaridade dos respondentes e a área de formação.	Sim	<p>7. Porque escolheu esta graduação? E esta especialização?</p> <p>8. Teve ou tem interesse em seguir com a formação? Porque não seguiu?</p> <p>9. Que outra formação já teve?</p> <p>10. Já fez os cursos do TF? Quais?</p> <p>11. Qual foi a principal destas atividades de formação na sua prática pedagógica?</p>	<p>Isso, História. Então, quando eu me formei no magistério eu não tinha, assim, muitas opções. Mas eu sempre me afeiçoei mais às disciplinas da área de humanas. E eu sempre gostei de história. Sempre! Aí eu tive um professor que me incentivou a fazer história. Inclusive ele fez vestibular comigo, e nós dois passamos.</p>	<p>A formação é vista como uma oportunidade de seguir naquilo que gosta. Aproveita todas as oportunidades de aprendizagens e as relaciona com sua prática docente.</p>
Se sim, em que você possui Graduação?		História		<p>E depois, quando veio a pós, foi uma primeira pós que veio para Palmeira. Então, foi uma primeira oportunidade, sabe.Era da Faculdade Espírita, mas era a primeira oportunidade que eu tinha de fazer aqui próximo, sem precisar me locomover. Na época eu trabalhava na zona rural - sempre gostei de trabalhar na zona rural. E quando surgiu esta oportunidade eu fui fazer mesmo.</p>	
Em qual instituição foi realizada?		UEPG		<p>Então, eu fiz geografia também. Uma licenciatura curta. Eu achava, assim, que história, para ficar completa precisava de geografia. E trabalhei muitos anos com geografia, sabe. E amei trabalhar com Geografia. Eu achava, assim, que eu para eu ser uma professora</p>	

				completa de história eu precisava saber geografia também....	
Você possui Especialização?		Sim		E também sempre me identifiquei em estudar história, especialmente local - gosto muito, e em 2012 eu fiz PDE, do Estado, na área da Cultura Afro. E amei trabalhar com a Cultura Afro. Foi um trabalho, assim, ma-ra-vi-lho-so pra mim. Me consagrou...	
Se sim, em que você possui especialização?		Metodologia e Prática de Ensino de 1º e 2º Graus			
Em qual instituição foi realizada?		Campus Universitário Bezerra de Menezes Faculdades Integradas "Espírita"		Sim, já fez vários cursos lá. [no Televisando o Futuro] ...agora eu não vou lembrar o nome.	
SOBRE A DOCÊNCIA					
Há quanto tempo dá aula?	Para conhecer a condição de trabalho docente por sua carga horária, tempo	Mais de 20 anos	12. Quando começou a dar aula? 13. Qual é a experiência docente mais marcante na sua	1986!	Forte história na docência, muito relacionada com seus próprios valores e suas mediações. Se posiciona

Leciona em mais de uma escola?	dedicado, e também hábitos de lazer.	Sim	carreira? 14. Fora da escola, faz atividades relacionadas ao ensino, pensando nos alunos? Se sim, quais? 15. Que tipos de passeios, de leitura e filmes te atraem nas horas de lazer?	Mas em 85, antes de me formar no magistério, eu já comecei a trabalhar. Veja, em 85 eu tive a minha primeira turma de adultos, pelo tão famoso e antigo, MOBRAL. Eu fui professora do MOBRAL. Foi uma experiência incrível para mim, com adultos. Trabalhava a noite com eles, que era a disponibilidade deles, e a minha também.	como uma professora apaixonada pelo que faz. Com uma condição docente de ficar na mesma escola o dia todos, ocupa-se nos momentos fora de sala de aula com a criação dos seus instrumentos de ensino.
Há quanto tempo dá aula na escola atual?		Entre 6 e 10 anos		Ah, a parte da alfabetização! Ah, ver as crianças lendo e escrevendo!	
Quantas horas semanais dedica à escola atual?		20h		A parte da alfabetização ela exige muito e é muito difícil. É uma doação muito grande, mas a compensação depois, a gratificação... De você pegar um aluno que não conhece uma letra e no final do ano ler e escrever para você. Isso não tem preço! É uma coisa que a gente carrega para o resto da vida! É emocionante ensinar alguém a ler e a escrever. Ainda mais em tempos que não havia acesso à comunicação, né.	

Atividades fora da escola:		Ler, internet		<p>...a minha prática fora da sala de aula é construir. Quando não estou dentro de sala de aula eu gosto de construir aquilo que vou usar para trabalhar. Eu gosto muito da parte da lúdica, então eu transformo tudo aquilo que eu vou ensinar em lúdico. Isso é uma coisa muito forte para mim. ... Isso eu acho fascinante, provocar essas emoções na criança. Por que acho que é isso que vai levar aquele se frustrou a buscar novas alternativas para ele corrigir o erro, ou ficar melhor no que está fazendo. E aquele que acertou a ter mais incentivo para ficar melhor. A gente tem que provocar essas emoções. Porque o aluno não vai para a sala de aula para criar apatia. Ele vai para se transformar!... E é dessa forma, e o aluno gosta de ser desafiado. E eu acho que é através dos desafios que você vai conseguir as coisas com ele. Não é impondo, exigindo, implorando para que ele faça. Porque quando você desperta estas emoções, provoca isso, você tem um leque para trabalhar em</p>	
----------------------------	--	---------------	--	---	--

				sala de aula. ... Mas eu amo, amo, amo o que eu faço.	
CONSUMO DE MÍDIA					
Você tem TV em casa?	Saber a penetração da TV nos domicílios e vínculo permitido, pois TV e Ant. Parabólica geram outros vínculos que não os locais, em especial no telejornal. Indica a cultura com maior penetração.	Sim	16. Embora com TV a cabo e Parabólica, assiste mais TV Aberta, por quê? 17. Você se identifica mais com a programação da TV aberta?		
Você tem TV a cabo?		Não			
Você tem antena parabólica?		Sim			
Na maior parte das vezes você assiste:		Programação da TV aberta			
Com que frequência você assiste TV:	Identificar a frequência (em dias) e a intensidade (em horas) do consumo de TV.	Diariamente		Então, eu só assisto da RPC e eu já não coloquei parabólica na minha televisão porque eu gosto de saber as coisas mais perto de mim. Proque na internet você vai ter acesso ao que está mais distante, né. Então, eu gosto de assistir muito os telejornais. Eu sou fã dos telejornais. Gosto também do Casos e Causos, gosto muito de assistir na revista RPC. A gente não tem aquela disponibilidade muito de ficar na frente da TV, mas eu	
De segunda a sexta-feira, quantas horas você assiste TV?		Entre 1h e 3h por dia			
E entre sábado e domingo, quantas horas você assiste TV?		Entre 1h e 3h por dia			

Qual é o período do dia em que você mais assiste TV?		Noite		vejo. Eu assisto o telejornal das 7 [19h], e depois... Toda a programação da RPC. Gosto do PLUG também, quando eu tenho oportunidade é um programa que eu gosto. Então, das 7 em diante, tudo que eu posso assistir, no sábado também gosto de ver algumas programações. No domingo não tem muita opção, é mais o que vem da Globo mesmo. Mas os telejornais eu não perco.	
O que você prefere ver na TV?	Identificar os programas mais assistidos pelos professores. Filtrar aqueles que assistem na maioria telejornal.	Telejornal			
Qual emissora você mais assiste? [RPC TV (afiliada TV Globo)]	Identificar a linha editorial a que mais têm contato, e filtrar os professores que mais assistem o polo emissor que analisarei em função	1	Refazer a resposta no questionário.		
Qual emissora você mais assiste? [RIC TV (afiliada TV Recordo)]		4			

Qual emissora você mais assiste? [Rede Massa (Afiliada SBT)]	do campo escolhido para estudo.	4			
Qual emissora você mais assiste? [Band]		4			
Qual Telejornal você mais assiste?		Paraná TV 2 (noite)			
Onde você costuma assistir ao Telejornal?	Identificar a que micromediações (recepção televisiva de primeira e segunda ordens) segundo o proposto por Guillermo Orozco. Entender, na entrevista, o ritual da recepção, como se identificam e os aspectos de mediação que entram em jogo neste momento.	Em casa	18. Quem são as pessoas da família que estão presentes neste momento, e quais idades têm? 19. O telejornal está ligado para saber das notícias ou para ser um pano de fundo para o jantar? (falar do sanduíche entre uma novela e outra) 20. Você chega a comentar durante a refeição sobre o que está sendo noticiado?	Eu assisto sozinha, não tenho companhia para assistir TV.	
Como assiste?		sozinha, enquanto almoça/janta		Meus filhos. Só que eles têm a programação deles, e eu tenho a minha programação. Então, eles assistem as coisas deles na TV deles, e eu assisto na minha. Eu sempre dou um jeitinho de fazer com eles vejam. Eles gostam de ver porque sempre aparece algo de Palmeira que está no jornal. Ah, isso sempre. Eles sempre me contam o que eles veem e eu sempre com o que eu vejo. Isso a	

				gente sempre faz. Ele sempre vem "mão, você viu tal coisa na TV?". Ou quando eu não posso ver o telejornal, eu sempre peço para que eles vejam e me contem depois.	
motivos que o levam a fazer esta escolha. [As notícias mostram os fatos da forma mais fiel.] - TECNICIDADE	Identificar entre as 5 dimensões da TV que se apresentam como primeira mediação para a recepção, segundo Orozco, qual é predominante entre o respondentes.	2	Confirmar escala: Qual a importância da capacidade técnica... E da estética...?		
[É mais fácil de entender os assuntos quando se tem som, imagem, movimento e efeitos visuais.] - DISCURSIVO LINGUÍSTICA		1	21. O que mais te leva a escolher a programação é o fato dos valores da emissora ou do programa combinarem com os seus? Como você faz para descobrir isso?		

[A TV é mais atraente que outros meios, como jornal e rádio.] - MIDIACIDADE		1			
[Me identifico com os valores sociais, culturais e políticas da emissora e programa que escolho.] - INSTITUCIONALIDADE		1			
[As imagens, o som e os efeitos são mais bonitos e têm alta qualidade visual.] ESTETICIDADE		2			
RELAÇÃO DA TV E TELEJORNAL COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA					
Você usa o Telejornal em sala de aula?	Identificar se o professor se	Não*	Explicar o que significam as questões. Questionar que	Eu sempre gosto de trabalhar com eles coisas que causam polêmica. E coisas que eles possam vivenciar	

classifique as atividades que realizou de 1 a 6 sendo 1 o que você menos faz/fez e 6 o que mais faz/fez:	reconhece como alguém que promove esta mediação ou não, e classificar os usos entre educação com a mídia (a,b,c), para a mídia (e) e através da mídia (f), conceitos de educomunicação.		trabalho já foi feito, ver algum que a professora tenha trazido. 22. Como aprendeu estas abordagens e em que momentos aplicou? 23. Qual foi a aceitação dos alunos?	na prática deles. Isso é evidente. Eu gosto muito de trabalhar a parte ambiental. Porque o jornal está sempre trazendo coisas sobre o meio ambiente. É uma necessidade e uma consciência que tem que se criar a cada dia. Então, a parte ambiental para mim é muito importante. Dentro da escola, na sala de aula, em casa e na cidade mesmo já trabalhei com esta parte. Gosto de trabalhar a parte da violência. Porque são necessidades! São coisas que podem não estar lá no conteúdo programático mas que você não pode deixar de trabalhar. E a parte que é minha paixão, claro, que é a história. Eu acho que as memórias, o patrimônio, coisas do passado eles têm de saber. Acho muito importante eles saberem como as coisas já forma. Como eles nasceram neste tempo, acho importantíssimo eles saberes lá para trás. E pouca gente conta isso para eles. Que antes do celular tinha um telefone que discava... A TV te ajuda a reconstruir esta história? Ajuda bastante. Ajuda	
[Comento com a turma os assuntos que vi no telejornal.]					
[Falo de matérias que assisti para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo]			24. Quais foram os principais resultados da aplicação destas abordagens?		
[Apresento matérias para que os alunos assistam para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo]					

[Apresento matérias para desencadear discussão sobre assuntos importantes]				<p>muito. Mesmo trazendo o hoje, eu me encarrego de trazer o passado. Nesse sentido, a TV ajuda muito. Por exemplo, quando teve um acidente aqui em Palmeira e veio um helicóptero socorrer a criança e levou para Curitiba. Eles ficaram sabendo e ficaram entusiasmados. Eles faram "nossa, professora, veio um helicóptero em Palmeira!". E eu disse, "pois então, fosse em outros tempos, como seria?". O trânsito, os carros, a distância, o transporte... então estamos sempre aliando o passado ao presente. E até os valores morais. Até estes são importantes de serem lembrados.</p>	
[Depois de fazer discussão sobre o assunto assistido peço para que os alunos produzam algum conteúdo sobre o foi falado]					
[Incentivo que os alunos produzam seu próprio material informativo]					
Seus alunos assistem telejornal em casa?	Filtrar os professores atentos para este fato e as turmas com maior indicativo de aproximação com o telejornal.	Sim	25. Que tipos de comentários surgem? Onde mais ocorrem, em sala ou fora? Como a professora aproveita esta predisposição da turma?	<p>Bom, eles comentam mais assuntos sobre a violência. Eles trazem muito para a sala de aula. Eu percebo que a TV foca bastante isso também, né. Pode ver que de 20 notícias, sempre tem umas 10 que são a respeito disso.</p>	Percepção sobre a pauta jornalística
Seus alunos comentam o que assistiram em casa		Sim			Percepção do papel crítico de sua profissão

em algum telejornal?				Mas eles comentam política também. Porque eu sempre falo de política, de impostos, de serviços públicos. Eles sempre reclamam da fila do posto de saúde, no atendimento do hospital. Eles reclamam quando não tem coleta de lixo. Reclamam da falta de água - que o que mais falta em Palmeira. Então, tudo isso abre para eu trabalhar impostos, política, corrupção... Eles são inteirados sobre isso.	
Você conhece o Projeto Televisando o Futuro?	O projeto é uma iniciativa formal de educomunicação reconhecido na pesquisa como campo de estudo onde há incentivo para que a escola e o professor sejam mediadores no processo de recepção. Conhecer, reconhecer-se parte (pois os respondentes serão escolhidos entre os cadastrados no projeto) e estar participando há pelo menos 2 anos serão critérios para escolher a turma.	Sim		<p>Porque eu sou uma professora de histórica crítica. E eles criticam muito o governo. Esse ano teve eleições, então trabalhamos muito isso. A escolha, e depois o trabalho das pessoas que a gente escolheu. Então eles são bastante críticos a esse respeito.</p> <p>E a gente sai muito de sala de aula. A gente vem muito pro centro, apesar de ser longe. Esse ano a gente esteve na prefeitura duas vezes visitando. Ver como tudo funciona. Eu tive alunos que nunca tinham entrado na prefeitura e já estão no quarto ano. Lá não é lugar que criança entra, os pais não levam. Então, a</p>	Faz relação entre conhecimento e prática. Pressupõe a existência de certa dicotomia e tenta superar. Contudo, sua atuação mostra o trabalho em sala de aula como produto da sua vivência. Um teoria sistematizada de sua prática.
Você desenvolve o Projeto Televisando o Futuro em sua escola?		Sim			
Desde quando você desenvolve o projeto?		2012			
Como você ficou sabendo do projeto?		Iniciativa própria			Sair de sala de aula é mais do que estar fora do espaço físico, mostra o estilo profundo de atuação, que busca transcender o óbvio.
O projeto Televisando o Futuro contribui com sua prática pedagógica?		Sim			
Se sua escola for escolhida para a pesquisa, você aceita receber o pesquisador em sua sala de aula para observação?		Sim			

				<p>gente teve uma reunião com o prefeito, visitamos o prédio. A gente veio até a secretaria de educação para ver como a merenda chega na escola, como as coisas funcionam aqui, quem cuida das escolas, como cuida.</p> <p>Na parte de história a gente esteve no museu, a gente visitou várias praças da cidade. Viu como as coisas estão, e depois na sala de aula eu mostrei como era a praça, como a Igreja foi construída e daí a gente transformou isso tudo em lúdico em sala de aula. Eu acho que essa construção de transformar o conhecimento em uma coisa prática é inesquecível. Acho que sempre temos que aliar o conhecimento a uma prática. E que isso desperte o gosto. Então, eu gosto sempre de vivenciar com os meus alunos as coisas. Nunca passar as coisas por passar. Que eles lembrem que eles aprenderam. Que alguma marca você tem que deixar.</p>	
--	--	--	--	---	--

APÊNDICE V

Quadro de análise da entrevista com diretor de jornalismo RPCTV

PERGUNTA	CATEGORIA DE ANÁLISE	Justificativa	Trechos da Resposta	Comentários
GERAL TELEJORNALISMO RPC TV				
Pensando no telejornalismo da RPC TV, se nós pudéssemos resumir, ou explicar, em uma palavra, que palavra seria essa?	Valores do emissor		...AMIGO CONFIÁVEL DO TELESPECTADOR. Essa é a imagem que queremos passar para o telespectador. De um amigo confiável ... que ele possa acreditar ... feita para o bem dele.	Respeito, reciprocidade, relação com próxima, amizade, confiança.
Então esta é a crença que sustenta o jornalismo da RPC? A confiança que o telespectador tem?			...amizade pressupõe aproximação, pressupõe confiança. Quer dizer um amigo confiável não é aquele amigo que entra no boteco para contar piada e todo mundo dá risada. É aquele em quem você confia e mesmo quando te dá um puxão de orelha você vê que ele está fazendo isso para o seu bem. ... te trata bem, com respeito e que você respeita .	

<p>No caso, estes valores...esta crença, eles precisam passar também pelos jornalistas. Que estão na linha de frente, são os profissionais que fazem o jornal. Como isso chega até eles? Como funciona esta relação no perfil do jornalista?</p>	<p>Valores do emissor</p>	<p>Perceber a autonomia do jornalista</p>	<p>...carta de princípios e normas éticas ... treinamento, um trabalho de conversa. E conversamos sempre para deixar tudo alinhado. pergunta muito comum é “o que eu quero com esta matéria? O que eu quero com este trabalho? Qual a reação ou a motivação que isto vai causar?” ... A gente não dá uma informação só porque ela dá audiência. Ela tem que agregar algum valor, algum sentido, alguma contribuição para quem está assistindo. Então o editor de cada praça tem autonomia de hierarquizar as matérias de forma diferente. Desde de que ele respeite isso aqui (mostra a carta de princípios). E a gente tem acesso aqui a tudo que vai pro ar no Paraná inteiro. Então a gente vai monitorando. E todos eles são profissionais conscientes, e quando têm alguma dúvida eles ligam e pedem orientação e a gente discute. Até porque duas pessoas juntas pensam melhor do que uma sozinha.</p>	
<p>E essa pessoa que está assistindo. Essa que está do lado de lá [da tela]. Se a gente pudesse colocar uma palavra para ele também para mostrar como a RPC o vê, que palavra seria essa?</p>	<p>Percepção acerca do público</p>		<p>É o nosso patrão. A gente trabalha para ele. ...o nosso jornalismo não é feito pensando em agradar um desagradar algum poder político, econômico... nós não temos vínculo comercial dentro do jornalismo. ... Não estamos contra ou a favor de ninguém do lado de poderes. Nós estamos do lado do telespectador, nosso público. Esse é que é em última instância o nosso patrão, ... Ele é o nosso patrão.</p>	

E neste caso, pensando no cenário do Paraná, como a RPC TV e o jornalismo vê o seu papel no cenário do Estado do Paraná, e em seguida como vê o seu papel no cenário da educação?	Percepção de seu papel na sociedade		O Paraná é um estado ímpar ... Então nós temos vários estados dentro do Paraná. E a RPC imaginou um dia tentar construir esse estado único. E nós vimos que é o seguinte, a gente iria tirar essa própria identidade. Nós temos que aprender a trabalhar com a diversidade. Invés de fazermos uma comunicação centralizada, que era a ideia anterior, ... nós começamos agora um trabalho de descentralização.... Mas não é um local restrito. ...É um noticiário de Estado... todos os editores têm o material do Paraná inteiro. E eles pegam este material e editam de acordo com a necessidade e o interesse da sua população local. O curitibano é mais conservador. O pessoal do norte é mais descontraido. O pessoal do extremo oeste gosta muito de segurança. Então a gente trabalha de acordo com a necessidade da população local.	
E no cenário educacional?			... todo processo de educação começa por um exercício de cidadania... São pequenas atitudes cidadãs que acabam contribuindo para uma educação mais ampla da população. Quando se adquire essa consciência se tem um grande passo na educação. Eu não estou falando de uma educação institucional, a educação escolar, mas sim de uma educação cidadã. Um exercício comum de cidadania abre “N” portas. ... Este é o nosso trabalho de valorizar estas pessoas que tentam transformar o mundo em um lugar melhor para se viver.	
Em 2015 a emissora apresentou nova marca e um novo slogan "Vamos Juntos". A matéria no site reforça os valores de acreditar no poder das pessoas para mudar o Paraná. No cenário da Educação, onde está o projeto Televisando o Futuro, que mudanças a RPC TV acredita promover?	Valores do emissor		Mais ou menos. Na verdade essa ideia de fazer junto com as pessoas... já está um pouco introjetado na filosofia da casa. O que faltava era unificar estas ações. Essa mudança de marca é uma forma de juntar estas bandeiras todas para que elas não sejam percebidas de forma isolada mas como o ideal de uma casa.	

CRITÉRIOS DE PRODUÇÃO E NOTICIABILIDADE				
Essa questão do tempo e do horário dos telejornais são definidos pela Globo, a emissora não tem autonomia para trocar de horário ou alterar o tempo de produção, certo?	Lógica de produção (Barbero)		Certo.	
Tem alguns livros de pessoas que estudaram o jornal sempre falam que ele surgiu na ideia do sanduíche, está entre duas novelas para pegar o fluxo transitório de audiência para que as pessoas assistam. Alguns estudos de recepção mostraram que as pessoas estão assistindo enquanto estão à mesa, durante o jantar, enquanto esperam a outra novela. Ainda é esta a mesma a lógica de manter os jornais nestes horários?		(Verificar se é uma determinação da programação de rede e se os motivos, portanto, seriam os mesmos da Rede Globo - por exemplo o sanduíche com outros programas)	<p>Não. Graças a Deus isso mudou....Quando eu entrei em televisão ...a televisão era uma coisa muito nova, e era vista como entretenimento, unicamente... Porque televisão era um subjornalismo, televisão não era coisa para jornalista. Jornalismo na televisão não tinha força. As pessoas ligavam a televisão para ver filmes e ver novela. ... E foi assim no começo. ... com o tempo a TV deixou de ser um produto só de entretenimento e passou a ser também de informação. As pessoas começaram a ver na TV um veículo de informação. Tanto que hoje pesquisas apontam isso. O Governo Federal publicou agora a pesquisa de mídia, Mídia Brasil 2015, que mostrou que mais de 70% das pessoas que veem TV, veem TV para se informar, muito mais do que se entreter e passar o tempo. ... Tanto que hoje ... o Paraná TV 2ª edição ...tem mais audiência do que as duas novelas. ...o jornalismo agrega audiência à televisão. Outro exemplo recente,"Hora 1 da notícia" às cinco horas da manhã.colocando o jornalismo teve um acréscimode audiência de 50%....a TV está virando um veículo de informação, e não mais um veículo de entretenimento.</p>	

<p>E para atrair a atenção do “patrão”, do telespectador, quais estratégias o telejornalismo usa aqui?</p>	<p>Gerenciamento do nível de atenção</p>		<p>Olha, a televisão está evoluindo. Há dez anos atrás ela era diferente. A comunicação, de um modo geral, mudou muito. A comunicação era feita de um para muitos. ...Agora, com o advento das redes sociais, da internet e tudo mais a gente está percebendo um interesse da população de participar mais. De participar da informação, de participar do telejornal e da própria programação da televisão de um modo geral. Então o primeiro passo foi transformar o texto em um texto mais conversado.... E também que dá pra ele a oportunidade de participar... A TV funciona, de certa maneira, recebendo contribuições desta população com sugestões, críticas e até materiais prontos. Tem gente que grava no celular uma reportagem e manda pra gente. Se for interessante, de interesse público e abrangente a gente põe no ar. O que já aconteceu. ... a cidade ficou isolada e um cidadão gravou um vídeo mostrando a casa das pessoas, entrevistou as pessoas... e mandou para nós essas imagens ... Não tivemos problema nenhum, colocamos no ar o material dele, ele entrevistando as pessoas, ele mostrando as cenas... era o discurso da pessoa que estava lá, que estava vivendo o drama, que estava com “água nas canelas”.</p>	
<p>E neste caso como fica a relação do jornalismo com a parte comercial da emissora?</p>	<p>Lógica de produção (Barbero)</p>	<p>Relação do jornalismo e rentabilidade da emissora</p>	<p>Totalmente independente. Não é porque nós temos toda essa independência que vamos radicalizar. Vamos imaginar que a gente tenha em uma situação econômica uma empresa que comete uma fraude. Não nos interessa se é anunciante ou não. ... No aspecto político é a mesma coisa. Acima do poder político existe o direito do cidadão, o dinheiro do cidadão que está sendo aplicado.</p>	

<p>Essa questão do horário é bem interessante, porque dos telejornais o Paraná TV 1 e 2, que têm a maior abrangência, há diferenças de público entre os horários (1 e 2) e em cada região há diferença de público e faixa etária que estão assistindo. No guia de orientação do professor do Televisando o Futuro a justificativa das matérias estarem no telejornal 1 é o tempo, porque ele tem o maior tempo de exibição. Mas em relação ao público, ele não deveria ser considerado nesta escolha? Para quem a RPC que mostrar as matérias do Televisando neste horário?</p>	<p>Lógica de produção (Barbero)</p>	<p>(observar o olhar da emissora acerca do telejornal onde disponibiliza as reportagens do projeto e o critério para disponibilização)</p>	<p>Cada jornal tem o seu público, seu formato, seu estilo. O Paraná TV 2ª edição ...pega boa parte da população chegando em casa, ele tem que ser um jornal rápido. ...não tem possibilidade de detalhar ... para que uma criança perceba mais e tenha mais argumento para desenvolver um trabalho... No jornal da hora do almoço... permite discussões. Ele permite até o controverso. Pelo tempo dele, 45 minutos, ele permite um trabalho mais detalhado, o que permite que uma criança possa entender mais e se aprofundar mais em um trabalho.</p>	
<p>Em relação ao que vai ao ar no jornalismo da RPC. Para que um fato vire notícia na RPC TV o que ele tem que ter?</p>	<p>Critérios de noticiabilidade</p>		<p>Interesse público, acima do interesse do público. ...Tem aquele jornalismo feito só para dar audiência, que a gente chama de “interesse do público”. É o bizarro, o sensacional, o impactante, o chocante... e infelizmente a gente tem uma grande parcela da população em quem isso desperta interesse.... Na televisão a gente trabalha, sim, com o que é interesse do público, mas não como ponto principal, mas acima de tudo como que é de interesse público, que é o serviço, é a contribuição para uma solução de algum eventual problema. A gente não mostra sangue – eu sei que tem uma parte do público que gosta disso, mas pela nossa linha editorial nós cuidamos disso. A gente provoca sempre uma coisa dentro do interesse coletivo, mais dialógico. Se nós quiséssemos fazer um jornalismo só para ter audiência nós teríamos um jornalismo completamente diferente</p>	

<p>E esses seriam os critérios para hierarquizar as matérias no telejornal.</p> <p>Sim.</p> <p>Segue o interesse começando do maior interesse, como a pirâmide invertida?</p>	<p>Critérios de hierarquização</p>	<p>Não, não. A televisão tem um processo diferente do jornal impresso. ...a posição de uma matéria no começo, no fim ou no meio do jornal, ela não altera muito. Se for um jornal grande, tipo o praça 1 (Paraná TV 1ª edição), que tem 45 minutos ao meio dia então você vai tentando segurar as pessoas....A gente dá o destaque pelo tempo, talvez. O assunto que é mais importante você dá mais detalhes, o assunto que é menos importante você passa rapidinho.</p>	
<p>Neste caso, pensando que é o amigo do telespectador e tem usado da estratégia de estar mais próximo, de ser mais conversado, e pensando também neste interesse público, como fica a questão da neutralidade? O jornalismo da RPC TV se pressupõe neutro?</p>	<p>Critérios de objetividade/neutralidade - função ideológica e persuasiva</p>	<p>Essa coisa de neutralidade não existe, né. Neutralidade, eu sei lá, alguém inventou isso alguns anos atrás de que o jornalismo tem que ser neutro, tem que ser imparcial. Veja. Paraná TV 2ª edição, ele 12 a 13 minutos, só na hora que você pega o noticiário todo do Paraná e põe isso em 12 ou 13 minutos você já começa a selecionar, e aí já começa a ser parcial e já começa a perder a sua neutralidade. Você não tem como agradar todo mundo para ser neutro. Então, o que a gente tem feito. ... Tem que ver a amplitude para ver o interesse de um número maior de pessoas e não fazer uma coisa apelativa só para ter audiência. ...Nós estamos juntos com as pessoas, mas não bitolando, não puxando.</p>	
TELEVISANDO O FUTURO			

Pensando nestas características todas aplicadas ao Televisando o Futuro. O que tem, se tem alguma coisa diferente, entre as matérias produzidas para o Televisando o Futuro destas outras matérias?	Função ideológica e persuasiva		Sinceridade? Nenhuma! (risos). É óbvio que a gente tem alguns cuidados. O Televisando o Futuro tem um direcionamento de temas. Ele é casado com um programa educacional,....você vai procurar um assunto que se relacione com este tema, que permita que os professores façam algum trabalho didático e pedagógico com estas crianças na escola. Agora, o cuidado que a gente tem ...na produção de alguma matéria... é o mesmo. ... como a gente sabe que ela vai estar dentro de um pacote de um programa que tem sua função social, sua função cidadão, você vai procurar fazer um texto mais acessível para as crianças. Mas o tratamento e o cuidado editorial é o mesmo. Em alguns casos, para marcar o projeto, como estratégia do Instituto e do marketing da empresa sempre tem uma vinheta para que a criança identifique aquela matéria como a matéria que ela vai ter que desenvolver o trabalho.	
E o posicionamento desta matéria no telejornal também vai ser como as outras, segundo os critérios que já falamos?	Função ideológica e persuasiva		Como as outras!	
E aí, no caso, estas equipes que fazem a produção. O repórter, o produtor, o editor... nas praças eles têm autonomia de escolha em relação ao tema? Dentro dos princípios eles podem escolher a pauta?	Critérios de produção		Podem... podem. Mas veja, aqui a gente conversa muito. 3 a 4 reuniões por dia...todo jornal tem uma videoconferência antes e depois com todo mundo para discutir, pra conversar. Então, a gente conversa muito aqui. E é nestas conversas que a gente decide. Todo mundo tem sua autonomia, sim. Mas, as coisas são conversadas. ...mas todo mundo tem uma boca e dois ouvidos e tem que aprender a ouvir também, porque eu acho que a opinião de uma pessoa vai sempre ajudar a melhorar e a construir uma coisa sempre melhor.	

<p>E estas equipes são fixas na praça para acompanhar todas as reportagens do Televisando naquele ano ou muda a cada reportagem?</p>	<p>Critérios de produção</p>	<p>Identificar a importância dada para as pautas e a produção.</p>	<p>Não... muda, sim. Como nós trabalhamos todas as matérias dentro da grade nos mesmos critérios, então as equipes podem mudar.</p> <p>Tem algum critério em relação ao tempo de experiência do repórter, do produtor?</p> <p>Não, não... O que tem é... na televisão, por sua característica, todo mundo é generalista, ... a gente procura distribuir as reportagens de acordo com as preferências das pessoas, para que elas façam mais bem feito e com mais ânimo. A gente procura, na distribuição das pautas distribuir de acordo com o jeito e perfil de cada repórter.</p>	
<p>E em relação a questão de “dar imagem”. Para própria questão da informação na televisão o grande diferencial é você trabalhar com a imagem que fala muito por si mesma. O Eugênio Bucci tem o livro dele que fala sobre a TV no Brasil e fala que o jornalismo precisa prender a atenção. E na linguagem do jornalismo tem aquela história: “O que não ‘dá imagem’ dificilmente vai pro ar”. Aí eu pergunto, como fica a relação conteúdo e imagem? Sempre aquilo que tem um conteúdo bastante relevante dá imagem pra entrar no ar?</p>	<p>Função ideológica e persuasiva</p>		<p>Fundamental é a informação. O ideal é informação e imagem,...na TV não tem isso, o único critério que dá a entender na televisão mais ou menos destaque é a questão do tempo. Se eu tenho imagem, uma sequência de imagem para descrever, essa descrição ocupa um certo tempo, se eu não tenho essas imagens para descrever, óbvio que o material vai ficar mais curto. Mas isso não quer dizer que eu estou sonhando informação. ... (exemplo da greve de ônibus decisão e desenrolar).... Mas não é por causa disso que o desenrolar da greve seja mais importante do que o anúncio dela. É aí que eu acho que tem essa confusão de achar que é “só imagem”. Não, a imagem ajuda, sim, até porque as pessoas estão sentadas no sofá vendo TV e não ouvindo TV. Mas não é só isso não, são as duas coisas, você tem que trabalhar em conjunto. Não pode sonegar informação.</p>	

<p>E no caso da agenda? Tem a agenda social, ou agenda pública como a gente conversou aqui, antes, e tem a agenda da educação. E quando a gente fala do Televisando o Futuro que está levando as notícias para dentro da escola para que os professores trabalhem, essa agenda da educação, que muitas vezes é mais curta ou mais segmentada. Tem espaço no telejornal?</p>	<p>Função ideológica e persuasiva</p>		<p>Tem, tem sim. É óbvio que não temos uma agenda formal. Mas sempre que a gente recebe informação de alguma ação de uma escola que agregue valor a uma comunidade a gente tem procurado dar. O que a gente sente às vezes – talvez por deficiência nossa, porque não temos conseguido chegar lá – é falta de informação. Talvez por esta falta de conhecimento da nossa parte. O jornalista precisa frequentar mais as escolas, não para aprender o que se ensina lá, mas para entender, para conviver e ter ideias. A gente precisa aprender um pouco mais disso aí. Hoje a gente só vai para escola quando bateram em professor, quando a escola está desabando, quando falta merenda, que ligam pra gente informando que faltou merenda. Mas raramente nós recebemos informação, ou procuramos – e aí é uma deficiência quando a gente não procura, de iniciativas das próprias escolas para construir uma situação melhor. Exato. E a gente tem este desafio de fazer esta avenida de duas mãos. O jornal também com a educação.</p>	
---	---------------------------------------	--	--	--

<p>E para o jornalismo, o Televisando o Futuro, que é um projeto diretamente ligado ao telejornal, seria a ponte para fazer a junção de toda essa realidade com a educação cidadã?</p>			<p>Sim, o Televisando tem a melhor matéria prima do mundo, que são as crianças e os adolescentes. Normalmente se escolhem temas que estimulam a participação cidadã. E a criança quando faz um desenho, uma redação, ou mesmo uma reportagem – vi reportagens maravilhosas feitas pelas crianças, mostrando bons exemplos, superação de problemas, ao mesmo tempo que elas ao exercitarem esse trabalho acabam absorvendo essa informação e essa vontade de participar, como elas transmitem para as outras crianças essa cultura. O Televisando ...é uma construção de um cidadão melhor no futuro.</p>	
<p>O Televisando o Futuro tem iniciativas de formação de professores para uso das mídias, e não é só ele, existem outras instituições que formam os professores para isso, para entender a mídia e a televisão e para entender um pouco mais sobre este cenário que a gente estava conversando. Do outro lado, existe uma preparação dos profissionais do jornalismo que vão trabalhar com a educação para entender mais daquele lado?</p>			<p>Nós não temos condição, pela estrutura nossa, de ter profissionais focados exclusivamente na educação, a gente tem generalistas que a gente procura distribuir de acordo com suas preferências. Então a gente não tem nenhuma área específica para trabalhar com educação... Então vamos trabalhando de acordo com estas preferências. Na educação tem um grupo que mais ou menos sabe trabalhar, mas não temos ninguém altamente especializado, é deficiência nossa.</p>	

APÊNDICE VI

Transcrição da primeira entrevista com professora colaboradora

Entrevista 1 - Professora Eliane Hornes Borges

Data 10/12/2014

Horário: 11h - 11h33

Local: Sala de reuniões da Secretaria Municipal de Educação de Palmeira



Transcrição

Everton Então vamos lá, professora. Professora, nós vamos conversar aqui para o projeto de mestrado. A nossa conversa vai ser gravada, tá bom?

Profa. Eliane Uhum

Bom. Professora, a professora trabalha hoje com 4º ano, né?

Sim

Na Escola Nossa Senhora do Rocio.

É

A senhora já trabalhou com outras séries?

Sim

Mas sempre no Ensino Fundamental?

Não. Eu trabalho no Ensino Fundamental 1 e 2, né. Já trabalhei desde o primeiro ano. Eu sempre fui professora alfabetizadora. Durante a maior parte da minha carreira de professora eu fiquei somente com a parte da alfabetização. Já trabalhei desde o antigo pré escolar, né. Dei aula no pré escolar. Depois no primeiro ano. Meu foco sempre era o primeiro ano para alfabetizar. Mas daí, já

tive segundo ano, terceiro ano, quarto ano - que tenho esse ano. E eu tenho também o 6º ao 9º ano e trabalho também com CEBEJA.

Olha, bastante, hein! Todas as fases, então!

Todas as fases!

E, como a professora veio para a escola atual? Agora a professora está na escola do Rocio, e vai ficar nesta escola?

Vou ficar nesta escola.

Como veio parar nela e porque decidiu ficar?

Bom, eu já trabalhei nesta escola há 7 anos. Tive 7 anos lá. E eu trabalho de manhã nesta escola, que é a Escola [Estadual] Amadeu Mário Margraf, no Ensino Fundamental 2. Então, eu já estava lá pela manhã. E a escola estava como necessidade de professoras e eu, que já estava com vontade de sair da escola onde eu estava. E aí, tudo deu certo. Eu pedi para sair de lá, e a escola do Rocio estava precisando de alguém. E eu prontamente atendi esse pedido, e mudei pra lá. E isso me favoreceu bastante, porque eu fico o dia todo na mesma escola.

Isso melhora a sua locomoção...tudo, né?

Uhum!

E aí professora, a professora não mora no mesmo bairro, mas a escola fica na cidade também. Fica longe da sua casa?

Fica bem longe. O acesso dela é de outro lado da BR 277. Na verdade, entre a escola que eu estava e essa, eu moro no meio. Mas o acesso é tranquilo.

E sobre esta comunidade, da escola que a professora está agora e que vai ficar, o que a professora conhece sobre esta comunidade escolar?

Então, esta comunidade escolar é bastante itinerante. A escola atende diversas comunidades. Ela não atende só o entorno, sabe. A escola, por exemplo, é da cidade mas usa transporte escolar. Nós temos mais 60% dos alunos que vêm de ônibus, porque ela atende uma clientela bem diversificada, e que vem de vários outros bairros. Todo o pessoal que mora da imediação da 277, do lado da escola, é atendido pela escola, e as outras [comunidades] também.

E tem uma variação cultural, a professora diria? Tem realidades muito diferentes entre os alunos?

Bastante. Muito diferentes! E a comunidade do entorno escolar é bastante itinerante, como eu te disse, por quê? Porque eles saem e mudam bastante.

Mudam a residência?

Isso, porque ali tem um núcleo residencial no entorno da escola, sabe, e aí eles mudam muito. As mais distantes não tanto. Mas as dali mudam bastante. Vem muita gente de fora. Os alunos são transferidos com bastante facilidade.

E isso acontece durante o ano com frequência?

Sim, com frequência.

E, a professora se sente identificada de alguma forma com esta comunidade?

Ah, sim... Nossa! Muito, muito, muito! Já faz 17 anos que eu trabalho na parte da manhã com a clientela do Ensino Fundamental 2.

Então, tem bastante conhecimento.

Isso, bastante! E eu tenho familiares que moram ali, sabe. Então, eu me identifico bastante com eles.

Bacana, professora! Agora, perguntando um pouco sobre sua formação. A professora é graduada em história pela UEPG, e tem uma especialização em metodologia do ensino de 1º e 2º grau. Por que a professora escolheu fazer esta graduação e esta especialização?

Isso, História. Então, quando eu me formei no magistério eu não tinha, assim, muitas opções. Mas eu sempre me afeiçoei mais às disciplinas da área de humanas. E eu sempre gostei de história. Sempre! Aí eu tive um professor que me incentivou a fazer história. Inclusive ele fez vestibular comigo, e nós dois passamos. E depois, quando veio a pós, foi uma primeira pós que veio para Palmeira. Então, foi uma primeira oportunidade, sabe. Por isso que eu resolvi fazer, porque era aqui em Palmeira. Era da Faculdade Espírita, mas era a primeira oportunidade que eu tinha de fazer aqui próximo, sem precisar me locomover. Na época eu trabalhava na zona rural - sempre gostei de trabalhar na zona rural. E quando surgiu esta oportunidade eu fui fazer mesmo.

E a professora quis continuar estudo para outras formações, outras especializações, ou mestrado... Alguma coisa assim?

Então, eu fiz geografia também. Uma licenciatura curta. Eu achava, assim, que história, para ficar completa precisava de geografia. E trabalhei muitos anos com geografia, sabe. E amei trabalhar com Geografia. Eu achava, assim, que eu para eu ser uma professora completa de história eu precisava saber geografia também. Porque as duas se aliam. E também sempre me identifiquei em estudar história, especialmente local - gosto muito, e em 2012 eu fiz PDE, do Estado, na área da Cultura Afro. E amei trabalhar com a Cultura Afro. Foi um trabalho, assim, ma-ra-vi-lho-so pra mim. Me consagrou. E a gente vem estudando, sempre, uma coisa ou outra, aquilo que está mais em evidência, a gente vai se dedicando a esses estudos.

E no projeto Televisando o Futuro, a professora já fez os cursos que são oferecidos lá?

Sim, já fez vários cursos lá.

E que cursos a professora já fez?

Olha, agora eu não vou lembrar o nome.

A professora lembra o tema que mais aprendeu nos cursos?

Olha, eu não lembro agora pra te dizer.

Em que ano foi?

2012. Foi o ano que eu me dediquei mais, porque estava fazendo PDE e ainda achei um tempinho para fazer o projeto.

Muito bom! E aí, professora, pensando agora um pouco sobre a sua carreira de docente. Quando a professora começou a dar aula?

1986!

Que bacana!

Mas em 85, antes de me formar no magistério, eu já comecei a trabalhar. Veja, em 85 eu tive a minha primeira turma de adultos, pelo tão famoso e antigo, MOBRAL. Eu fui professora do MOBRAL. Foi uma experiência incrível para mim, com adultos. Trabalhava a noite com eles, que era a disponibilidade deles, e a minha também. E, em 86 eu já iniciei a minha primeira turma de primeiro ano como alfabetizadora.

Que bacana, professora. Esta é uma história que a professora gosta de lembrar.

Sim. Hoje são 27 anos de magistério.

27 anos?

27!

É bastante tempo, não é mesmo! O que mais te marcou? Se a professora olhar hoje para os 27 anos de magistério, qual foi a experiência do magistério mais marcante?

Ah, a parte da alfabetização! Ah, ver as crianças lendo e escrevendo! Ver hoje alunos que você, poxa, deu aula lá no primeiro ano e hoje estão até dando aula também, são professores já. A parte da alfabetização ela exige muito e é muito difícil. É uma doação muito grande, mas a compensação depois, a gratificação... De você pegar um aluno que não conhece uma letra e no final do ano ler e escrever para você. Isso não tem preço! É uma coisa que a gente carrega para o resto da vida! É emocionante ensinar alguém a ler e a escrever. Ainda mais em tempos que não havia acesso à comunicação, né. Que não havia um jornal, que não havia uma televisão, tão fácil, né. Muito menos um celular. No tempo, uma era, que só tinha o livro mesmo, só a cartilha. Ele só tinha aquilo para ler. Como era o meu tempo, né. Só tinha a cartilha. Não tinha sequer outro livro para você ler. Só tinha aquilo. Em casa não havia outros meios para ler. Os pais não incentivavam a ler. A leitura não era o foco, né. Então, isso é muito gratificante.

Sensacional! E com essa experiência toda, fora da sala de aula e fora da escola, tem alguma outra atividade que a professora faça que se relacione com o ensino?

Bom, eu gosto de ler! Eu gosto muito de ler. Mas a minha prática fora da sala de aula é construir. Quando não estou dentro de sala de aula eu gosto de construir aquilo que vou usar para trabalhar. Eu gosto muito da parte da lúdica, então eu transformo tudo aquilo que eu vou ensinar em lúdico. Isso é uma coisa muito forte para mim. Porque eu sei que os alunos aprendem muito brincando. Inclusive o projeto que eu estou encerrando hoje se chama "conhecer a história de Palmeira através da brincadeira". Em casa, a gente sabe que são raríssimos os pais que compram um jogo para a criança. Em casa ele não joga quebra-cabeça, ele não joga um dominó, não joga um jogo da memória. Porque o tempo que ele está em casa, ele está assistindo. A criança assiste, ou joga lá os games. E eu acho tão importante a parte lúdica da aprendizagem. Eu acho fun-da-mental. E em sala de aula muitos professores não se atém a este detalhe. Porque o jogo causa tumulto, causa ansiedade. Ele causa disputa. E muitos professores acham isso muito barulho, desconforto em sala de aula. E eu não. Eu gosto de ver ele quebrar a cabeça para montar. Ou ele se concentrar, ou ele discutir. Ou ele gritar que acertou. Isso eu acho fascinante, provocar essas emoções na criança. Por que acho que é isso que vai levar aquele se frustrou a buscar novas alternativas para ele corrigir o erro, ou ficar melhor no que está fazendo. E aquele que acertou a ter mais incentivo para ficar melhor. A gente tem que provocar essas emoções. Porque o aluno não vai para a sala de aula para criar apatia. Ele vai para se transformar! Eu gosto de provocar estas reações para ver de que forma eu vou conduzir o meu trabalho na área da geografia, da história, do português, da matemática, ciências... E é dessa forma, e o aluno gosta de ser desafiado. E eu acho que é através dos desafios que você vai conseguir as coisas com ele. Não é impondo, exigindo, implorando para que ele faça. Porque quando você desperta estas emoções, provoca isso, você tem um leque para trabalhar em sala de aula.

Falando em emoções e despertar a curiosidade, a televisão é uma que faz isso, não é?

Exatamente!

Como a professora se relaciona com a televisão em casa? O que mais assiste, como assiste...

Então, eu só assisto da RPC e eu já não coloquei parabólica na minha televisão porque eu gosto de saber as coisas mais perto de mim. Porque na internet você vai ter acesso ao que está mais distante, né. Então, eu gosto de assistir muito os telejornais. Eu sou fã dos telejornais. Gosto também do Casos e Causos, gosto muito de assistir na revista RPC. A gente não tem aquela disponibilidade muito de ficar na frente da TV, mas eu vejo.

Que horas a professora mais assiste TV?

Eu assisto o telejornal das 7 [19h], e depois... Toda a programação da RPC. Gosto do PLUG também, quando eu tenho oportunidade é um programa que eu gosto. Então, das 7 em diante, tudo que eu posso assistir, no sábado também

gosto de ver algumas programações. No domingo não tem muita opção, é mais o que vem da Globo mesmo. Mas os telejornais eu não perco.

E como acontece em casa. Assiste em família, todos juntos? Quem está em casa assistindo com você?

Eu assisto sozinha, não tenho companhia para assistir TV.

Porquê? Quem mais está em casa, normalmente, quando a senhora está assistindo TV?

Meus filhos. Só que eles têm a programação deles, e eu tenho a minha programação. Então, eles assistem as coisas deles na TV deles, e eu assisto na minha.

A professora convida eles para assistir o telejornal, ou percebe se eles assistem?

Eu sempre dou um jeitinho de fazer com eles vejam. Eles gostam de ver porque sempre aparece algo de Palmeira que está no jornal.

Sendo telejornal, telenovela, ou casos e causos, qualquer programa que a professora assista, ou eles também, até mesmo desenhos. Vocês chegam a comentar dentro de casa sobre o que assistem?

Ah, isso sempre. Eles sempre me contam o que eles veem e eu sempre conto o que eu vejo. Isso a gente sempre faz. Ele sempre vem "mãe, você viu tal coisa na TV?". Ou quando eu não posso ver o telejornal, eu sempre peço para que eles vejam e me contem depois.

Tem troca!

Essa troca sempre tem!

Sobre o trabalho com o telejornal dentro de sala de aula e as possibilidades variadas de trabalho com a mídia. Que possibilidades a professora mais usa? E que aceitação percebe por parte dos alunos?

Eu sempre gosto de trabalhar com eles coisas que causam polêmica. E coisas que eles possam vivenciar na prática deles. Isso é evidente. Eu gosto muito de trabalhar a parte ambiental. Porque o jornal está sempre trazendo coisas sobre o meio ambiente. É uma necessidade e uma consciência que tem que se criar a cada dia. Então, a parte ambiental para mim é muito importante. Dentro da escola, na sala de aula, em casa e na cidade mesmo já trabalhei com esta parte. Gosto de trabalhar a parte da violência. Porque são necessidades! São coisas que podem não estar lá no conteúdo programático mas que você não pode deixar de trabalhar. E a parte que é minha paixão, claro, que é a história. Eu acho que as memórias, o patrimônio, coisas do passado eles têm de saber. Acho muito importante eles saberem como as coisas já forma. Como eles nasceram neste tempo, acho importantíssimo eles saberes lá para trás. E pouca gente conta isso para eles. Que antes do celular tinha um telefone que discava...

A TV te ajuda a reconstruir esta história?

Ajuda bastante. Ajuda muito. Mesmo trazendo o hoje, eu me encarrego de trazer o passado. Nesse sentido, a TV ajuda muito. Por exemplo, quando teve um acidente aqui em Palmeira e veio um helicóptero socorrer a criança e levou para Curitiba. Eles ficaram sabendo e ficaram entusiasmados. Eles faram "nossa, professora, veio um helicóptero em Palmeira!". E eu disse, "pois então, fosse em outros tempos, como seria?". O trânsito, os carros, a distância, o transporte... então estamos sempre aliando o passado ao presente. Por coisas bem mais simples na cada, como usar o chuveiro. Eu conto para eles que o que temos hoje é luxo, antes não tinha. Esse ano eu fiz eles viverem várias atividades concretas nesse sentido, também para valorizarem o que têm hoje. Tudo deve ficar mais fácil. Coisas que antes não tínhamos quem resolvesse. Hoje tem soluções. Antes não tinha energia elétrica, tínhamos que dar aula de liquinho. Eu dei aula de liquinho. E até os valores morais. Até estes são importantes de serem lembrados.

E a professora percebe envolvimento da parte dos alunos em tudo isso?

Eles se apaixonam! Porque quando a gente trabalha com emoção e com amor eles se apaixonam. Esse ano eu fiz eles se apaixonarem por literatura. Foi novo até para mim, porque na verdade eu comecei com história, com o lúdico. Mas eu contava com a colaboração de um escritor aqui de Palmeira, Professor Aroldo Monteiro, autor de vários livros. Nós fomos visitar o sítio dele, que é um museu histórico aqui em Palmeira. E ele, como é professor também, me cedeu alguns livros dele para ler com os alunos. E eles se apaixonaram. E de se apaixonaram de uma maneira, que a equipe pedagógica e a direção da escola não acreditam que eu consegui isso. Todo final de aula eles pedem para ler, de tanto que gostaram.

E sobre o que eles fazem fora de sala, se leem um livro, se assistem TV, eles comentam em sala o que fizeram?

Comentam! Demais, demais! Especialmente da TV.

E sobre o que eles comentam mais?

Bom, eles comentam mais assuntos sobre a violência. Eles trazem muito para a sala de aula. Eu percebo que a TV foca bastante isso também, né. Pode ver que de 20 notícias, sempre tem umas 10 que são a respeito disso.

Mas eles comentam política também. Porque eu sempre falo de política, de impostos, de serviços públicos. Eles sempre reclamam da fila do posto de saúde, no atendimento do hospital. Eles reclamam quando não tem coleta de lixo. Reclamam da falta de água - que o que mais falta em Palmeira. Então, tudo isso abre para eu trabalhar impostos, política, corrupção... Eles são inteirados sobre isso.

Porque eu sou uma professora de histórica crítica. E eles criticam muito o governo. Esse ano teve eleições, então trabalhamos muito isso. A escolha, e depois o trabalho das pessoas que a gente escolheu. Então eles são bastante críticos a esse respeito.

E a gente sai muito de sala de aula. A gente vem muito pro centro, apesar de ser longe. Esse ano a gente esteve na prefeitura duas vezes visitando. Ver como tudo funciona. Eu tive alunos que nunca tinham entrado na prefeitura e já estão no quarto ano. Lá não é lugar que criança entra, os pais não levam. Então, a gente teve uma reunião com o prefeito, visitamos o prédio. A gente veio até a secretaria de educação para ver como a merenda chega na escola, como as coisas funcionam aqui, quem cuida das escolas, como cuida.

Na parte de história a gente esteve no museu, a gente visitou várias praças da cidade. Viu como as coisas estão, e depois na sala de aula eu mostrei como era a praça, como a Igreja foi construída e daí a gente transformou isso tudo em lúdico em sala de aula. Eu acho que essa construção de transformar o conhecimento em uma coisa prática é inesquecível. Acho que sempre temos que aliar o conhecimento a uma prática. E que isso desperte o gosto. Então, eu gosto sempre de vivenciar com os meus alunos as coisas. Nunca passar as coisas por passar. Que eles lembrem que eles aprenderam. Que alguma marca você tem que deixar.

Com certeza a professora está deixando boas marcas.

Mas eu amo, amo, amo o que eu faço!

Que legal, professora!

Obrigado pelo tempo disponível, professora. Eu vou parar agora a nossa gravação.

APÊNDICE VII

Transcrição da entrevista com diretor de jornalismo RPCTV

Entrevista com Wilson Serra – Diretor de Jornalismo da RPC TV

Data: 09.01.2015

Horário: 15h-15h47

Local: Redação da RPC TV em Curitiba

Transcrição

Everton: A gente vai ter três blocos na conversa: primeiro sobre o telejornal – o telejornalismo da RPC; depois a questão de produção e da noticiabilidade; e, depois sobre o Televisando o Futuro.

Serra: ok.

Pensando no telejornalismo da RPC TV, se nós pudéssemos resumir, ou explicar, em uma palavra, que palavra seria essa?

Bom, é sonho, tá. Mas a palavra seria um AMIGO CONFIÁVEL DO TELESPECTADOR. Essa é a imagem que queremos passar para o telespectador. De um amigo confiável em que ele possa acreditar no que está sendo dito e ver no que está sendo apresentado uma coisa verdadeira feita para o bem dele.

Então esta é a crença que sustenta o jornalismo da RPC? A confiança que o telespectador tem?

Exatamente.

E aproximação... porque amizade prevê isso, não é?

Aproximação, amizade pressupõe aproximação, pressupõe confiança. Quer dizer um amigo confiável não é aquele amigo que entra no boteco para contar piada e todo mundo dá risada. É aquele em quem você confia e mesmo quando te dá um puxão de orelha você vê que ele está fazendo isso para o seu bem. É um camarada que te trata bem, com respeito e que você respeita. Que haja uma amizade verdadeira, é esta a imagem que queremos construir. A gente está se refazendo, se reinventando todos os dias.

No caso, estes valores...esta crença, eles precisam passar também pelos jornalistas. Que estão na linha de frente, são os profissionais que fazem o jornal. Como isso chega até eles? Como funciona esta relação no perfil do jornalista?

Bem, nós temos uma carta de princípios e normas éticas que mais ou menos detalha – não tem esta frase do amigo confiável, mas tem a linha editorial da casa. E com todo mundo que vem pra cá nós temos um trabalho de treinamento, um trabalho de conversa. E conversamos sempre para deixar tudo alinhado. Uma pergunta aqui que é muito comum, e que é feita pelo editor, pelo repórter, pelo produtor, é “o que eu quero com esta matéria? O que eu quero com este trabalho? Qual a reação ou a motivação que isto vai causar?”. Se esta resposta se desviar um pouquinho da nossa linha editorial, então você para pra pensar. A

gente não dá uma informação só porque ela dá audiência. Ela tem que agregar algum valor, algum sentido, alguma contribuição para quem está assistindo.

E essa pessoa que está assistindo. Essa que está do lado de lá [da tela]. Se a gente pudesse colocar uma palavra para ele também para mostrar como a RPC o vê, que palavra seria essa?

É o nosso patrão. A gente trabalha para ele. É um outro diferencial do grupo, o nosso jornalismo não é feito pensando em agradar um desagradar algum puder político, econômico... nós não temos vínculo comercial dentro do jornalismo. Não temos interferência comercial e interferência política nenhuma, certo. Não estamos contra ou a favor de ninguém do lado de poderes. Nós estamos do lado do telespectador, nosso público. Esse é que é em última instância o nosso patrão, e nós temos que ser um amigo confiável para ele para ele estar sempre com a gente. Ele é o nosso patrão.

E neste caso como fica a relação do jornalismo com a parte comercial da emissora?

Totalmente independente. Não é porque nós temos toda essa independência que vamos radicalizar. Vamos imaginar que a gente tenha em uma situação econômica uma empresa que comete uma fraude. Não nos interessa se é anunciante ou não. Da mesma forma que para o comercial também não interessa ter o nome de uma empresa que fraudava na nossa tela. O comercial também tem seus cuidados. Não é todo anúncio que vai para o ar. O anúncio - a propaganda comercial, também é um serviço, uma informação, e não adianta colocar uma propaganda enganosa no ar. No aspecto político é a mesma coisa. Acima do poder político existe o direito do cidadão, o dinheiro do cidadão que está sendo aplicado. Mesmo na área comercial há um entendimento comum sobre esta maneira de pensar.

E para atrair a atenção do “patrão”, do telespectador, quais estratégias o telejornalismo usa aqui?

Olha, a televisão está evoluindo. Há dez anos atrás ela era diferente. A comunicação, de um modo geral, mudou muito. A comunicação era feita de um para muitos. Era o Cid Moreira, que sentava na bancada, dava boa noite e o Brasil inteiro respondia boa noite pra ele. Agora, com o advento das redes sociais, da internet e tudo mais a gente está percebendo um interesse da população de participar mais. De participar da informação, de participar do telejornal e da própria programação da televisão de um modo geral. Então o primeiro passo foi transformar o texto em um texto mais conversado. A gente não mais informa o nosso cidadão. A gente conversa com ele sobre o que está acontecendo, para que ele sinta que está diante de alguém que conversa com ele e não que dita o que está acontecendo. E essa conversa de amigo. E também que dá pra ele a oportunidade de participar. A gente tem percebido muito sucesso nas redes sociais. As pessoas querem se mostrar, contar suas coisas e tudo mais. Ela funciona para nós como base de informação e forma de interatividade. A TV funciona, de certa maneira, recebendo contribuições desta

população com sugestões, críticas e até materiais prontos. Tem gente que grava no celular uma reportagem e manda pra gente. Se for interessante, de interesse público e abrangente a gente põe no ar. O que já aconteceu.

É, eu vi recentemente em Foz eles disponibilizaram o número para a comunidade e a comunidade manda no celular a informações.

Exato, todas as emissoras estão fazendo isso. Nós tivemos um caso recente aqui. Teve uma enchente na região metropolitana de Curitiba, Rio Branco do Sul, em que a cidade ficou isolada e um cidadão gravou um vídeo mostrando a casa das pessoas, entrevistou as pessoas... e mandou para nós essas imagens – e um detalhe, a nossa equipe até aquela hora não tinha conseguido chegar lá pois a cidade estava isolada. Não tivemos problema nenhum, colocamos no ar o material dele, ele entrevistando as pessoas, ele mostrando as cenas... era o discurso da pessoa que estava lá, que estava vivendo o drama, que estava com “água nas canelas”. E teve um efeito maravilhoso.

É uma boa aproximação, não é. E neste caso, pensando no cenário do Paraná, como a RPC TV e o jornalismo vê o seu papel no cenário do Estado do Paraná, e em seguida como vê o seu papel no cenário da educação?

O Paraná é um estado ímpar. Aliás acho que o Paraná não é um estado, pois tem vários estados, várias identidades aqui. Não tem uma identidade própria. Talvez a identidade seja que o Paraná é uma Babilônia. Tanto no aspecto de colonização, né. Você tem o norte do estado colonizado por paulistas, mineiros, baianos... a nossa região tradicional e centenária, com uma colonização mais europeia que avança para a região de Guarapuava e campos gerais. E o Oeste com uma colonização de gaúchos e alemães... Então nós temos vários estados dentro do Paraná. E a RPC imaginou um dia tentar construir esse estado único. E nós vimos que é o seguinte, a gente iria tirar essa própria identidade. Nós temos que aprender a trabalhar com a diversidade. Invés de fazermos uma comunicação centralizada, que era a ideia anterior, de fazer um jornalismo centralizado em Curitiba, passando uma informação única para todo mundo com uma visão curitibana, nós começamos agora um trabalho de descentralização. Já tínhamos uma experiência do jornal da hora do almoço ser local em Londrina e Foz do Iguaçu, e começamos agora, no final de 2014, a fazer isso com o Paraná TV segunda edição. Desde de novembro ele é local.

100% local?

100% local. E em julho do ano que vem vamos fazer isso também no praça 1 (Paraná TV 1ª edição). Vai ficar somente o Bom dia como jornal estadual. Mas não é um local restrito. Pego o exemplo de Londrina. O jornal é feito pelo povo de Londrina, com o jeito do povo de Londrina, com a necessidade da população de Londrina, mas o noticiário que vai ao ar não é de Cambé e Ibiporã, que são as cidades mais próximas. É um noticiário de Estado. Nós fizemos uma rede com as 8 emissoras. O material que é produzido em Cascavel nós temos aqui na hora, o que é produzido em Curitiba, Paranavaí tem na hora. Então, todos os editores têm o material do Paraná inteiro. E eles pegam este material e editam

de acordo com a necessidade e o interesse da sua população local. O curitibano é mais conservador. O pessoal do norte é mais descontraído. O pessoal do extremo oeste gosta muito de segurança. Então a gente trabalha de acordo com a necessidade da população local.

Então o editor de cada praça tem autonomia de hierarquizar as matérias de forma diferente.

Desde de que ele respeite isso aqui (mostra a carta de princípios). E a gente tem acesso aqui a tudo que vai pro ar no Paraná inteiro. Então a gente vai monitorando. E todos eles são profissionais conscientes, e quando têm alguma dúvida eles ligam e pedem orientação e a gente discute. Até porque duas pessoas juntas pensam melhor do que uma sozinha.

E como vocês identificam este perfil da comunidade de cada região? Afinal, ele é dinâmico.

Ele é dinâmico. Basicamente pela sua colonização. Mas tem fatores que interferem. O resultado de uma eleição, por exemplo, te dá uma tendência do comportamento de uma população. Uma competição esportiva te dá uma preferência de uma população. Vamos imaginar, porque Maringá hoje tem um super time de voleibol? Porque tem público. Está compensando o investimento de um grupo de empresários de Maringá que está mantendo o time senão eles não entrariam nisso. Então, são informações que nós vamos captando, interagindo com a população, vai colocando no ar, tendo retorno e avaliando. E vamos trabalhando com este público que é o nosso patrão.

Entendi. E no cenário da Educação? Que se o do Estado todo é uma Babilônia, o da educação poder ser ainda mais vasto.

Pois é, eu acho que todo processo de educação começa por um exercício de cidadania. Quando nós trabalharmos para termos uma população que respeita as leis, que cuida do dinheiro público, que cuida do patrimônio público, que respeita o seu vizinho, que não é aquele que passa no radar a 60 e acelera logo em seguida, ou oferece dinheiro para o guarda de trânsito para evitar multa, que joga bituca de cigarro no chão. São pequenas atitudes cidadãs que acabam contribuindo para uma educação mais ampla da população. Quando se adquire essa consciência se tem um grande passo na educação. Eu não estou falando de uma educação institucional, a educação escolar, mas sim de uma educação cidadã. Um exercício comum de cidadania abre “N” portas. Vou te dar o exemplo de uma ação nossa – foi nossa como provocação – que foi há dois anos em Paranavaí. Lá teve um surto de dengue gigante e na Televisão se começou um trabalho de conscientização das pessoas para não deixar lixo em casa, para recolher lixo, para cuidar de pneus, de vasos de planta, de higiene. E foi um trabalho que acabou mobilizando prefeituras, associação de moradores... faziam mutirão na cidade, a equipe ia lá, cobria e colocava no ar. Mostrava quem estava fazendo em um trabalho de agregar esforços e dar visibilidade a estas pessoas. Parece que tinham sido dez mil casos de dengue, no ano seguinte este número caiu para cem. E aí o prefeito da cidade veio para cá e veio entregar uma

comenda, Comenda Casa Verde para a RPC pelo resultado da campanha. E ele disse que não é uma só uma questão da população, pois teve um fator econômico gigante neste assunto, pois só a prefeitura de Paranavaí “economizou” dois milhões e meio de reais que ela tinha gasto no ano anterior com médico, sanitarista, remédio em posto de saúde... eles contabilizaram e tiveram esta economia de um ano para outro. Quer dizer, é dinheiro da população que pode ser aplicado em outras coisas na cidade. Este é o nosso trabalho de valorizar estas pessoas que tentam transformar o mundo em um lugar melhor para se viver.

E de mobilização, pois um caso como esse ocorre pelas telas, mas fora delas também, não é mesmo?

Exatamente. Dentro e fora.

E você conversa com todos os agentes sociais para que eles se envolvam.

Dentro e fora. O Instituto GRPCOM é um grande parceiro nesse tipo de trabalho, e a equipe de programação também. O jornalismo dá visibilidade. O instituto e a programação se associam a entidades, ONGs e ao próprio poder público, se necessário, para fazer as ações em benefício da população e o jornalismo dá visibilidade para isso. E acaba servindo de modelo para outras ações em outras situações. E assim vamos disseminando uma cultura de cidadania.

E é esse o espírito dessa nova “cara” da RPC TV que entrou esse ano, com o lema “Vamos Juntos!” e que está convidando a população para uma mudança?

Mais ou menos. Na verdade essa ideia de fazer junto com as pessoas – tivemos o caso da dengue em Paranavaí, o caso do lixão em Londrina, a reabertura de postos na região central de Ponta Grossa, Maringá fez uma campanha gigante de exercícios físicos e saúde da população, fizemos a campanha do voto consciente... várias campanhas. Isso já está um pouco introjetado na filosofia da casa. O que faltava era unificar estas ações. Essa mudança de marca é uma forma de juntar estas bandeiras todas para que elas não sejam percebidas de forma isolada mas como o ideal de uma casa.

E para o jornalismo, o Televisando o Futuro, que é um projeto diretamente ligado ao telejornal, seria a ponte para fazer a junção de toda essa realidade com a educação cidadã?

Sim, o Televisando tem a melhor matéria prima do mundo, que são as crianças e os adolescentes. Normalmente se escolhem temas que estimulam a participação cidadã. E a criança quando faz um desenho, uma redação, ou mesmo uma reportagem – vi reportagens maravilhosas feitas pelas crianças, mostrando bons exemplos, superação de problemas, ao mesmo tempo que elas ao exercitarem esse trabalho acabam absorvendo essa informação e essa vontade de participar, como elas transmitem para as outras crianças essa cultura. O Televisando é uma ferramenta fantástica, muito mais do que audiência – até porque as matérias estão no telejornal que fica no horário que as crianças

estão indo ou voltando da escola, é uma construção de um cidadão melhor no futuro.

Essa questão do horário é bem interessante, porque dos telejornais o Paraná TV 1 e 2, que têm a maior abrangência, há diferenças de público entre os horários (1 e 2) e em cada região há diferença de público e faixa etária que estão assistindo. No guia de orientação do professor do Televisando o Futuro a justificativa das matérias estarem no telejornal 1 é o tempo, porque ele tem o maior tempo de exibição. Mas em relação ao público, ele não deveria ser considerado nesta escolha? Para quem a RPC que mostrar as matérias do Televisando neste horário?

Cada jornal tem o seu público, seu formato, seu estilo. O Paraná TV 2ª edição – que é o principal jornal da casa, ele é também o mais curto de todos. Ele tem às vezes 12 ou 13 minutos de produção divididos em 3 blocos. E por ser um jornal que pega boa parte da população chegando em casa, ele tem que ser um jornal rápido. E por ser um jornal rápido, ele não tem possibilidade de detalhar mais uma história para que uma criança perceba mais e tenha mais argumento para desenvolver um trabalho em cima daquela reportagem. No praça 1, que é o jornal da hora do almoço, ele pode não ser o mais importante pelo horário, mas é o mais importante por tempo de exibição e característica de produção. Ele permite discussões. Ele permite até o controverso. Pelo tempo dele, 45 minutos, ele permite um trabalho mais detalhado, o que permite que uma criança possa entender mais e se aprofundar mais em um trabalho.

Essa questão do tempo e do horário dos telejornais são definidos pela Globo, a emissora não tem autonomia para trocar de horário ou alterar o tempo de produção, certo?

Certo.

Tem alguns livros de pessoas que estudaram o jornal sempre falam que ele surgiu na ideia do sanduíche, está entre duas novelas para pegar o fluxo transitório de audiência para que as pessoas assistam. Alguns estudos de recepção mostraram que as pessoas estão assistindo enquanto estão à mesa, durante o jantar, enquanto esperam a outra novela. Ainda é esta a mesma a lógica de manter os jornais nestes horários?

Não. Graças a Deus isso mudou. (Risos). Eu sou velho neste ramo (Risos). Quando eu entrei em televisão – todo mundo veio de jornal impresso, os mais antigos – a televisão era uma coisa muito nova, e era vista como entretenimento, unicamente. E quando eu fui para a televisão eu até senti um pouco de discriminação dos companheiros de jornalismo. Porque televisão era um subjornalismo, televisão não era coisa para jornalista. Jornalismo na televisão não tinha força. As pessoas ligavam a televisão para ver filmes e ver novela. E então, para poder fazer com que essas pessoas vissem o jornal colocava entre duas novelas, porque enquanto eu saía de uma novela e esperava para a outra era obrigado a ver este “jornalzinho”. E foi assim no começo. Se você lembrar, o primeiro jornal nosso da noite era o jornal das sete que era a novela das seis e

a novela das sete. Jornal nacional era entre a novela das sete e a novela das oito. Então, era tudo “ensanduichado” de forma que entre uma novela e outra você vê também notícia. Com o tempo – e eu acho que neste ponto a Globo tem uma contribuição gigante, que é uma empresa de jornalistas, a família Marinho é uma família de jornalistas, tradicionalmente, independentemente de qualquer outra coisa – ela investiu muito no jornalismo e com o tempo a TV deixou de ser um produto só de entretenimento e passou a ser também de informação. As pessoas começaram a ver na TV um veículo de informação. Tanto que hoje pesquisas apontam isso. O Governo Federal publicou agora a pesquisa de mídia, Mídia Brasil 2015, que mostrou que mais de 70% das pessoas que veem TV, veem TV para se informar, muito mais do que se entreter e passar o tempo. Então ela adquiriu uma força muito grande. Tanto que hoje, nós temos aqui o controle sobre o Paraná TV 2ª edição, que fica no meio de duas novelas – das seis e das sete. O Paraná TV 2ª edição tem mais audiência do que as duas novelas. Então, há uma curva de audiência que sobe (durante o jornal) e depois desce. Há uma mudança de público, mas o jornalismo agrega audiência à televisão. Outro exemplo recente, em outra faixa de horário, a Globo lançou recentemente o “Hora 1 da notícia” às cinco horas da manhã. Ela está ficando hoje, com noticiário ao vivo, das cinco da manhã até as nove. E das cinco às seis e meia da manhã tinha filme, telecurso e globo rural que é informação, mas uma informação específica. Então ela fez esta alteração, o “Bom dia Paraná” que entrava às seis e meia passou a entrar às seis, e essa alteração de programação colocando o jornalismo teve um acréscimo – o índice é pequeno porque tem pouca gente vendo TV às cinco horas da manhã – mas houve um crescimento de audiência de 50%.

Bastante, hein!

Bastante! Bastante mesmo! Então a TV está virando um veículo de informação, e não mais um veículo de entretenimento.

Interessante. Isso é muito bacana saber dessa mudança. Em relação ao que vai ao ar no jornalismo da RPC. Para que um fato vire notícia na RPC TV o que ele tem que ter?

Interesse público, acima do interesse do público.

Como assim?

(risos)

Tem duas vertentes, né. Tem aquele jornalismo feito só para dar audiência, que a gente chama de “interesse do público”. É o bizarro, o sensacional, o impactante, o chocante... e infelizmente a gente tem uma grande parcela da população em quem isso desperta interesse. Aliás, um grande desvio da internet. Se você pegar os sites mais consultados e as matérias mais lidas nos portais se pode ver que são sempre as matérias mais bizarras que são as mais importantes. Na televisão a gente trabalha, sim, com o que é interesse do público, mas não como ponto principal, mas acima de tudo como que é de interesse público, que é o serviço, é a contribuição para uma solução de algum

eventual problema. A gente não mostra sangue – eu sei que tem uma parte do público que gosta disso, mas pela nossa linha editorial nós cuidamos disso. A gente provoca sempre uma coisa dentro do interesse coletivo, mais dialógico. E você pode perguntar: como vocês sabem disso? Por uma questão de carta de princípios, por pesquisa de opinião, por retorno do público por e-mail e tudo mais. Se nós quiséssemos fazer um jornalismo só para ter audiência nós teríamos um jornalismo completamente diferente – como existe alguns casos na TV aberta, e mesmo na TV fechada.

Neste caso, pensando que é o amigo do telespectador e tem usado da estratégia de estar mais próximo, de ser mais conversado, e pensando também neste interesse público, como fica a questão da neutralidade? O jornalismo da RPC TV se pressupõe neutro?

Essa coisa de neutralidade não existe, né. Neutralidade, eu sei lá, alguém inventou isso alguns anos atrás de que o jornalismo tem que ser neutro, tem que ser imparcial. Veja. Paraná TV 2ª edição, ele 12 a 13 minutos, só na hora que você pega o noticiário todo do Paraná e põe isso em 12 ou 13 minutos você já começa a selecionar, e aí já começa a ser parcial e já começa a perder a sua neutralidade. Você não tem como agradar todo mundo para ser neutro. Então, o que a gente tem feito. Tentado fazer uma seleção - com erros, pois são coisas subjetivas - de acordo com o seu interesse coletivo e sua abrangência, certo? Eu não posso mostrar um buraco na frente da casa do “sr. Antônio”, pois só o “sr. Antônio” vai se interessar por isso, o cara da outra rua não. Tem que ver a amplitude para ver o interesse de um número maior de pessoas e não fazer uma coisa apelativa só para ter audiência. Não vamos estimular a população a vandalismo só para dizer que nós tomamos a frente de alguma coisa. Nós estamos juntos com as pessoas, mas não bitolando, não puxando.

E esses seriam os critérios para hierarquizar as matérias no telejornal.

Sim.

Segue o interesse começando do maior interesse, como a pirâmide invertida?

Não, não. A televisão tem um processo diferente do jornal impresso. No jornal você tem a primeira página e o cara vai consumir depois. Na televisão é uma coisa mais horizontal. É óbvio que aquilo que tem maior interesse você deixa pro final do jornal porque você pode ir chamando isso durante a programação, é um jeito de segurar as pessoas. Mas, a posição de uma matéria no começo, no fim ou no meio do jornal, ela não altera muito. Se for um jornal grande, tipo o praça 1 (Paraná TV 1ª edição), que tem 45 minutos ao meio dia então você vai tentando segurar as pessoas. O praça 2 (Paraná TV 2ª edição) é muito rápido, então a posição da matéria dentro do jornal, primeiro, segundo ou terceiro bloco não altera muito o sentido. A gente dá o destaque pelo tempo, talvez. O assunto que é mais importante você dá mais detalhes, o assunto que é menos importante você passa rapidinho. Vamos imaginar que comece amanhã o pagamento do

IPTU, mas é um assunto que você já vem batendo há bastante tempo. Você só vai dar a informação, não precisa desenvolver muita coisa.

Então, além do interesse coletivo e da amplitude, é também o quanto já está exposto daquele assunto?

Exato.

Pensando nestas características todas aplicadas ao Televisando o Futuro. O que tem, se tem alguma coisa diferente, entre as matérias produzidas para o Televisando o Futuro destas outras matérias?

Sinceridade? Nenhuma! (risos). É óbvio que a gente tem alguns cuidados. O Televisando o Futuro tem um direcionamento de temas. Ele é casado com um programa educacional, então, vamos imaginar que fizemos “meio ambiente”. Então vamos procurar e direcionar alguma pauta que tenha este tema. Outro foi diversidade, por exemplo. Então você vai procurar um assunto que se relacione com este tema, que permita que os professores façam algum trabalho didático e pedagógico com estas crianças na escola. Agora, o cuidado que a gente tem é, na produção de alguma matéria, seja ela de meio ambiente, diversidade, esportes ou de polícia, é o mesmo. Neste caso, como a gente sabe que ela vai estar dentro de um pacote de um programa que tem sua função social, sua função cidadão, você vai procurar fazer um texto mais acessível para as crianças. Mas o tratamento e o cuidado editorial é o mesmo.

E o posicionamento desta matéria no telejornal também vai ser como as outras, segundo os critérios que já falamos?

Como as outras!

Não tem alguma diferenciação por ser do projeto?

Não. Em alguns casos, para marcar o projeto, como estratégia do Instituto e do marketing da empresa sempre tem uma vinheta para que a criança identifique aquela matéria como a matéria que ela vai ter que desenvolver o trabalho. Vamos imaginar que estamos fazendo uma matéria que o tema seja ecologia. Você pode ter duas matérias de ecologia no jornal. Só que uma delas está direcionada para o trabalho pedagógico do projeto, outra não, outra é de projeto, sonho ou um serviço, ou ainda direcionada para alguma pessoa que está desligada deste trabalho do Televisando.

Que neste caso a própria do Televisando se diferencia pelo texto mais apropriado às crianças...

Exato, o texto mais direcionado e aquela vinheta caracterizando que a matéria é do Televisando o Futuro.

E aí, no caso, estas equipes que fazem a produção. O repórter, o produtor, o editor... nas praças eles têm autonomia de escolha em relação ao tema? Dentro dos princípios eles podem escolher a pauta?

Podem... podem. Mas veja, aqui a gente conversa muito. Estão mudando o sistema de videoconferência aqui, e ontem vieram conversar comigo sobre o uso de videoconferência e eu disse “esse ano de 2015 nós vamos diminuir um pouco as reuniões porque os jornais estão virando locais...” Aí ele me perguntou quantas vamos fazer, e eu disse “Ah, vamos fazer só umas três ou quatro por dia”, o cara caiu de costas (risos). Mas é que hoje a gente faz seis por dia. Todo jornal tem uma videoconferência antes e depois com todo mundo para discutir, pra conversar. Então, a gente conversa muito aqui. E é nestas conversas que a gente decide. Todo mundo tem sua autonomia, sim. Mas, as coisas são conversadas. Tudo o que um está fazendo, está colocando no sistema e os outros estão vendo e dando sugestão. Então, eles têm autonomia, sim, mas todo mundo tem uma boca e dois ouvidos e tem que aprender a ouvir também, porque eu acho que a opinião de uma pessoa vai sempre ajudar a melhorar e a construir uma coisa sempre melhor.

E estas equipes são fixas na praça para acompanhar todas a reportagens do Televisando naquele ano ou muda a cada reportagem?

Não... muda, sim. Como nós trabalhamos todas a matérias dentro da grade nos mesmos critérios, então as equipes podem mudar.

E o profissional que vai acompanhar também vai ser como as outras matérias...

Vai ser como as outras matérias...

Tem algum critério em relação ao tempo de experiência do repórter, do produtor?

Não, não... O que tem é... na televisão, por sua característica, todo mundo é generalista, mas a gente tem alguns casos, tomando como exemplo mais prático de repórteres. Eu tenho repórteres que não gostam de fazer polícia, mas fazem, mas não gostam muito. Tem repórter que não gosta de cobrir show, tem repórter que não gosta de fazer matéria sobre moda, tem repórter que não gosta de futebol, tem repórter que não gosta de assembleia, de política. E, por outro lado, tem aqueles que gostam. Tem repórter que em matéria de polícia ele adora. Tem outros que gostam de fazer futebol, que conhecem tudo de futebol e gostam. Então, a gente procura distribuir as reportagens de acordo com as preferências das pessoas, para que elas façam mais bem feito e com mais ânimo. A gente procura, na distribuição das pautas distribuir de acordo com o jeito e perfil de cada repórter. Se eu não entendo nada de política não vou colocar alguém assim para fazer assembleia. Por outro lado você tem alguém que é fanático por determinado artista, sabe tudo sobre a vida dele, esse determinado artista vem para Curitiba e eu vou pegar outro repórter para cobrir? Que vai ter que pesquisar, estudar a vida do cara? Não. Então a gente procurar observar as tendências e as preferências de cada para cada um fazer o que gosta.

Impacta em tempo e qualidade, não é?

Exato, exato!

E em relação a questão de “dar imagem”. Para própria questão da informação na televisão o grande diferencial é você trabalhar com a imagem que fala muito por si mesma. O Eugênio Bucci tem o livro dele que fala sobre a TV no Brasil e fala que o jornalismo precisa prender a atenção. E na linguagem do jornalismo tem aquela história: “O que não ‘dá imagem’ dificilmente vai pro ar”. Aí eu pergunto, como fica a relação conteúdo e imagem? Sempre aquilo que tem um conteúdo bastante relevante dá imagem pra entrar no ar?

Olha... nem pra lá e nem pra cá. Fundamental é a informação. O ideal é informação e imagem, certo. Eu tenho informação de que o Sindicato dos motoristas e cobradores de ônibus fez uma assembleia agora a noite e decidi que amanhã cedo não tem ônibus na cidade. Não tem imagem. Mas é uma informação extremamente importante. Eu tenho que dá.

E neste caso, como resolve?

Vai dar a informação sem imagem mesmo. Nesse caso, um dos critérios, o que dá um pouco de confusão na história, no jornal (impresso) você coloca o principal assunto acima da dobra, menor interesse abaixo da dobra, o assunto mais interessante você põe na página ímpar, o menos na página par, e na TV não tem isso, o único critério que dá a entender na televisão mais ou menos destaque é a questão do tempo. Se eu tenho imagem, uma sequência de imagem para descrever, essa descrição ocupa um certo tempo, se eu não tenho essas imagens para descrever, óbvio que o material vai ficar mais curto. Mas isso não quer dizer que eu estou sonhando informação.

Entendi.

Vamos imaginar, tomando como exemplo a greve dos ônibus. No dia da decisão, o que você tem? Uma imagem geral de um monte de cobrador levantando a mão e aprovando a greve. Isso dá o que? 20 segundos. Eu não posso mostrar o rosto de cada um, o crachá... para esticar o material. A informação é só esta: os ônibus vão parar amanhã. No dia seguinte, todo mundo já perdeu o ônibus, você tem piquete em porta de garagem, você tem gente que foi trabalhar, não achou ônibus e voltou pra casa e perdeu dia de trabalho, pessoal que estava levando gente para o hospital e não achou, gente que está se virando com carona. Você tem “N” situações de imagens e personagens para você dar mais tempo a este material. Mas não é por causa disso que o desenrolar da greve seja mais importante do que o anúncio dela. É aí que eu acho que tem essa confusão de achar que é “só imagem”. Não, a imagem ajuda, sim, até porque as pessoas estão sentadas no sofá vendo TV e não ouvindo TV. Mas não é só isso não, são as duas coisas, você tem que trabalhar em conjunto. Não pode sonegar informação.

E no caso da agenda? Tem a agenda social, ou agenda pública como a gente conversou aqui, antes, e tem a agenda da educação. E quando a gente fala do Televisando o Futuro que está levando as notícias para dentro da escola para que os professores trabalhem, essa agenda da educação,

que muitas vezes é mais curta ou mais segmentada. Tem espaço no telejornal?

Tem, tem sim. É óbvio que não temos uma agenda formal. Mas sempre que a gente recebe informação de alguma ação de uma escola que agregue valor a uma comunidade a gente tem procurado dar. O que a gente sente às vezes – talvez por deficiência nossa, porque não temos conseguido chegar lá – é falta de informação. Talvez por esta falta de conhecimento da nossa parte. O jornalista precisa frequentar mais as escolas, não para aprender o que se ensina lá, mas para entender, para conviver e ter ideias. A gente precisa aprender um pouco mais disso aí. Hoje a gente só vai para escola quando bateram em professor, quando a escola está desabando, quando falta merenda, que ligam pra gente informando que faltou merenda. Mas raramente nós recebemos informação, ou procuramos – e aí é uma deficiência quando a gente não procura, de iniciativas das próprias escolas para construir uma situação melhor.

Afinal, essa agenda tem muita convergência com a ideia de educação cidadã e formação da sociedade.

Exato. E a gente tem este desafio de fazer esta avenida de duas mãos. O jornal também com a educação. O que nós recebemos hoje e o que ficamos sabendo é problemas. Escola assaltada, escola que pegou fogo, escola que não tem água, escola que não tem merenda, briga em porta de escola... isso a gente fica sabendo. Raramente sabemos do restante e a gente não tem conseguido buscar, não sei se o volume é tão pequeno, mas acredito que um pouco é falha nossa, mesmo.

O Televisando o Futuro tem iniciativas de formação de professores para uso das mídias, e não é só ele, existem outras instituições que formam os professores para isso, para entender a mídia e a televisão e para entender um pouco mais sobre este cenário que a gente estava conversando. Do outro lado, existe uma preparação dos profissionais do jornalismo que vão trabalhar com a educação para entender mais daquele lado?

Nós não temos condição, pela estrutura nossa, de ter profissionais focados exclusivamente na educação, a gente tem generalistas que a gente procura distribuir de acordo com suas preferências. Então a gente não tem nenhuma área específica para trabalhar com educação. A única área que temos uma equipe específica é o esporte, que está lá, e é quase um outro departamento. Não temos ninguém exclusivo para polícia, não temos para agricultura, para economia e política... Então, assembleia, quem gosta de cobrir assembleia e entende tudo é Malu Mazza e Cristina Graeml, quem gosta e sabe trabalhar com comportamento na rua, Jasson Goulart é campeão nisso. Então vamos trabalhando de acordo com estas preferências. Na educação tem um grupo que mais ou menos sabe trabalhar, mas não temos ninguém altamente especializado, é deficiência nossa.

Obrigado Serra, pelo seu tempo e disponibilidade. Vou encerrar a gravação.

APÊNDICE VIII

Perfis dos professores selecionados no Estudo Exploratório

CASTRO

Professora, 36, Graduada em Pedagogia (UEPG)
Escola Municipal Profª Dalila Ayres, 4º ano
Escola na região urbana (Vila Rio Branco)
Residência na região urbana (Jardim Araucária 2)
Tem entre 10 e 19 anos de docência, mais de 10 anos na mesma escola, com 40h (Prof. Experiente – MARCELO)

Seu lazer é visitar a família

Não tem TV a cabo e nem antena parabólica, assiste programação da TV aberta, diariamente entre 1h e 3h por dia, a noite e entre 4h e 6h por dia nos finais de semana. Sua preferência é assistir Telejornal.

Assiste RPC TV, Jornal Nacional, Em casa, Com a família, enquanto almoça/janta.

Escolhe a emissora e a programação pela tecnicidade.

Usa o Telejornal em sala na perspectiva da educação COM a mídia.

Está atenta ao que os alunos assistem, participa do TF desde 2012 – por orientação da escola, (mediação institucional) e aceita receber observação.

PALMEIRA

1
Professora, 50, Graduada em Letras (UEPG), Especialista Metodologia e Prática de Ensino de 1º e 2º Graus/ Formação de Tutores (IBPEX).
Escola Municipal do Campo Pedro Gross Filho, 5º ano (tem aluno vencedor do concurso nesta escola 2014)

Escola na região do campo (PINHEIRAL DE BAIXO)

Residência na região urbana (CENTRO)

Tem mais e 20 anos de carreira, dá aula a menos de 1 na escola atual (jubilamento - MARCELO)

Seu lazer é Assistir TV, Passeio, Leitura, Cinema

Tem TV a cabo e antena parabólica, assiste Programação da TV aberta, diariamente, entre 1h e 3h por dia, noite, e entre 4h e 6h por dia nos finais de semana. Sua preferência é Telejornal.

Assiste RPC TV, PRTV2, Em casa, Com a família, enquanto almoça/janta.

Maior peso da escolha está na esteticidade e institucionalidade da TV.

Usa o telejornal em sala de aula na perspectiva COM, PARA e PELA mídia.

Está atenta ao que os alunos assistem, participa do TF desde 2013 – por orientação da escola, (mediação institucional) e aceita receber observação.



2
Professora, 39, Graduada em Pedagogia (UEPG), Especialista em Psicopedagogia (SOCIESC)
Escola Mun. Profª Anna Ferreira de Freitas, 4º ano
Escola na região urbana (Centro)

Residência na região urbana (Núcleo João Paulo II)

Tem entre 10 e 19 anos de docência, menos de 1 ano na mesma escola, (Prof. Experiente – MARCELO)

Seu lazer é leitura

Tem TV a cabo e não antena parabólica, assiste programação da TV aberta, diariamente, entre 6h e 9h por dia, a noite, e entre 4h e 6h por dia nos finais de semana. Sua preferência é Filme.

Assiste RPC TV, Jornal Nacional, em casa, na hora do descanso.

Maior peso de escolha na tecnicidade e institucionalidade

Usa o telejornal em sala de aula mais na perspectiva COM e PARA a mídia. tá atenta ao que os alunos assistem, participa do TF desde 2012 – por orientação da secretaria, (mediação institucional) e aceita receber observação.



3

Professora, 47, Graduada em História (UEPG), Especialista Metodologias do Ensino de 1º e 2º Graus (Faculdades Integradas "Espírita")
Escola Municipal Nossa Senhora do Rocio, 4º ano
Escola na região urbana (ROCIO II)

Residência na região urbana (JD CRISTINE II)

Tem mais e 20 anos de carreira, dá aula entre 6 e 10 anos na escola atual (jubilamento - MARCELO)

Seu lazer é Leitura e Internet

Não tem TV a cabo, MAS tem Antena Parabólica. Assiste programação da TV aberta, diariamente entre 1h e 3h por dia, a noite, e entre 1h e 3h por dia nos finais de semana. Sua preferência é Telejornal

Assiste RPC TV, Paraná TV 2 (noite), Em casa, Sozinho, enquanto almoça/janta

Institucionalidade e midiaticidade são os principais pesos para escolha

Não usa o telejornal em sala de aula, mas está atenta para o que os alunos assistem, faz o projeto desde 2012, e buscou por iniciativa própria.

APÊNDICE IX

Relatório completo de resultados do Estudo Exploratório

42 respostas

[Visualizar todas as respostas](#)

Resumo

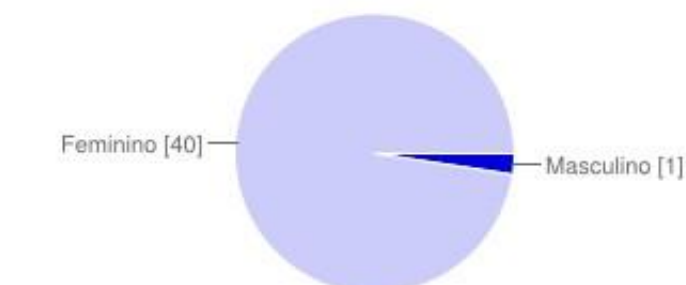
Identificação

Cidade

PALMEIRA

CASTRO

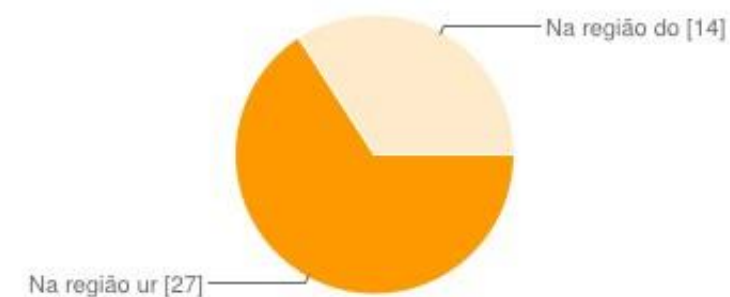
Sexo



Masculino	1	2%
-----------	---	----

Feminino	40	95%
----------	----	-----

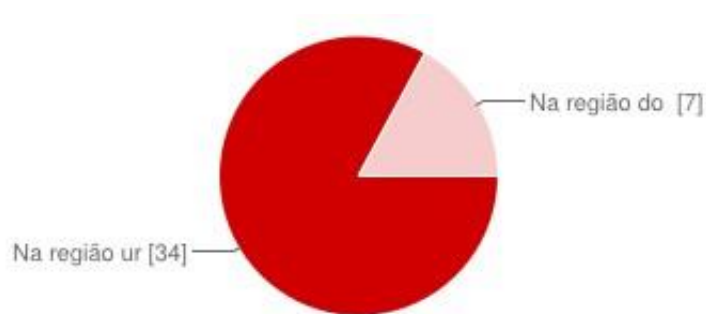
A escola está situada:



Na região urbana	27	64%
------------------	----	-----

Na região do campo	14	33%
--------------------	----	-----

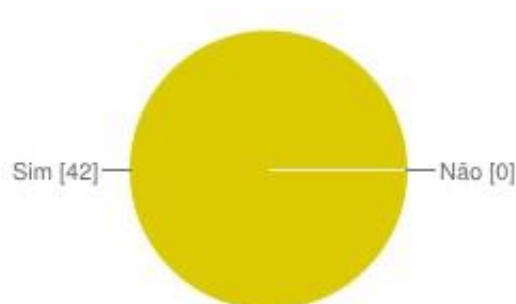
Sua residência está localizada:



Na região urbana	34	81%
Na região do campo	7	17%

Escolaridade

Você possui Graduação?



Se sim, em que você possui Graduação?

Biologia
 Educação Física
 Licenciatura em Geografia
 Psicopedagogia
 Licenciatura em História
 Normal superior
 LICENCIATURA EM MATEMÁTICA
 LETRAS - PORTUGUÊS
 Em Letras.
 LETRAS
 Licenciatura em Letras
 Pedagogia
 Normal Superior
 Licenciatura em Pedagogia
 Letras

NORMAL SUPERIOR

Pedagogia -

Administração Escolar

pedagogia

Matemática

Pedagogia

PEDAGOGIA

Em qual instituição foi realizada?

Unicentro

UNICS

Universidade Castelo Branco

FAFIT Itararé

UFPR

FACINTER

Fafit

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Fundação Faculdade de Educação, Ciências e Letras

de Irati Faculdade de Pinhais .

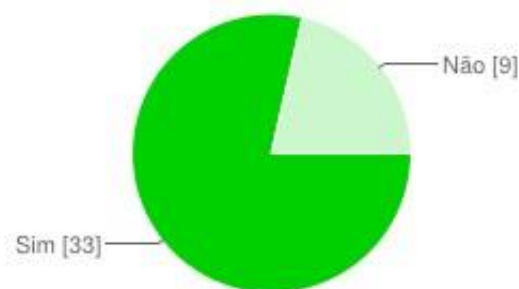
ISEP

UEPG

UEPG - Ponta Grossa

Uninter

Você possui Especialização?



Se sim, em que você possui especialização?

psicopedagogia

Educação do campo, Educação Especial Interprete e Tradutor de Libras, Gestão

Escolar, Educação Especial e Psicopedagogia Clínica e Institucional

GESTÃO ESCOLAR

Psicopedagogia

Educação Infantil e Coordenação Pedagógica

Metodologi

a de ensino

Literatura

Portuguesa.

Metodologias do Ensino de 1º e 2º Graus

Alfabetização

Educação do Campo

METODOLOGIA E PRÁTICA DE ENSINO DE 1º E 2º GRAUS/ FORMAÇÃO DE

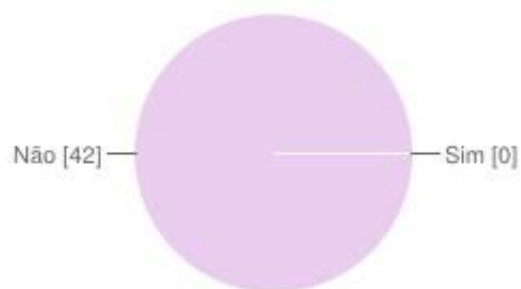
TUTORES

Educação Especial

Gestão Pública

Educação Especial, Psicopedagogia, Educação do Campo, História-arte e cultura e
 Coordenação Pedagógica
 Educação Ambiental
 Ensino Especial
 EDUCAÇÃO INFANTIL E SÉRIES INICIAIS
 Educação Infantil
 EDUCAÇÃO ESPECIAL
 Psicopedagogia Institucional
 Matemática/ Educação Especial - Deficiência Mental
 Educação Especial
 Educação Especial e Psicopedagogia
 Didática prática pedagógica
 Pós Graduação em Magistério da Educação Básica com concentração em
 Interdisciplinaridade
 na Escola Deficiência
 Mental
 Em qual instituição foi realizada?
 IBEPEX
 Unicentro
 Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon
 Colégio São Vicente de Paulo na cidade de Irati
 UFPR, Instituto Censupeg e Uninter
 SOCIESC
 FACINTER
 F. São Luis.
 INSTITUTO SUPERIOR TUPY
 Campus Universitário Bezerra de Menezes Faculdades Integradas "Espírita"
 Faculdade São Braz
 ISAL, FACINTER, UEPG e UFPR
 ISEP
 IESDE
 INEC Castro
 Isal
 Sociesc
 Faculdade
 Espirita do
 Paraná isepe
 UEPG
 D. Alberto Gonçalves
 IBEPEX, UFPR
 IBPEX
 CENSUPEG
 ISAL
 Uninter
 Universidade
 Federal do Paraná
 UEPG - Faculdade
 de Irati
 universidade
 Castelo Branco

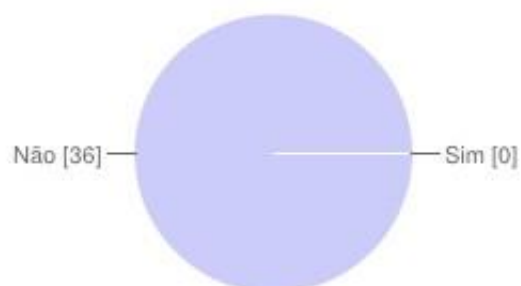
Você possui Mestrado?



Se sim, em que área possui mestrado?

Em qual instituição realizou o mestrado?

Você possui Doutorado?

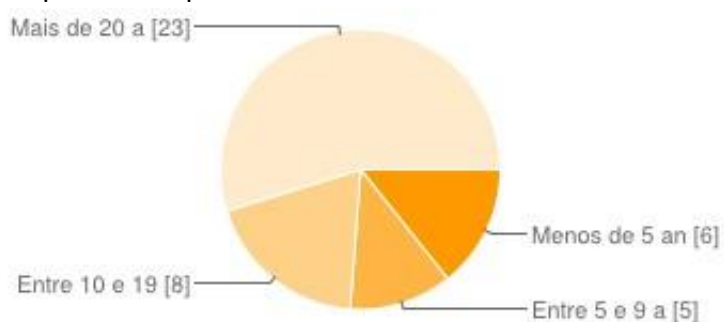


Se sim, em que área possui doutorado?

Em qual instituição realizou o doutorado?

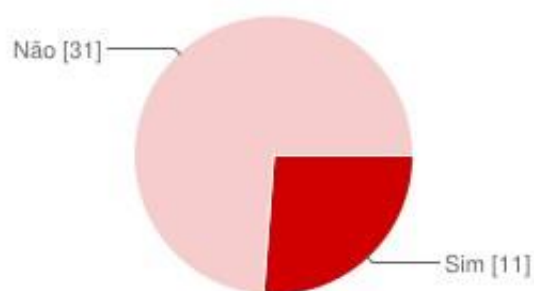
Sobre docência

Há quanto tempo dá aula?

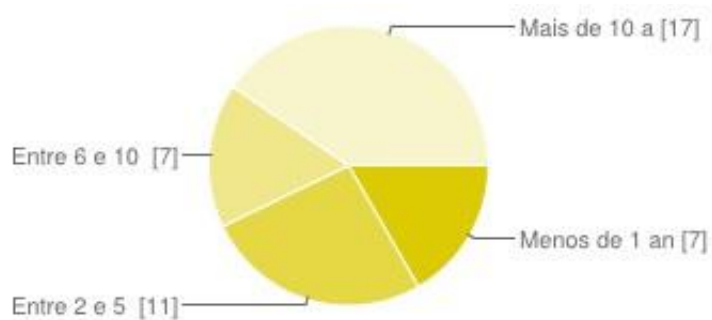


Menos de 5 anos	6	14%
Entre 5 e 9 anos	5	12%
Entre 10 e 19 anos	8	19%
Mais de 20 anos	23	55%

Leciona em mais de uma escola?

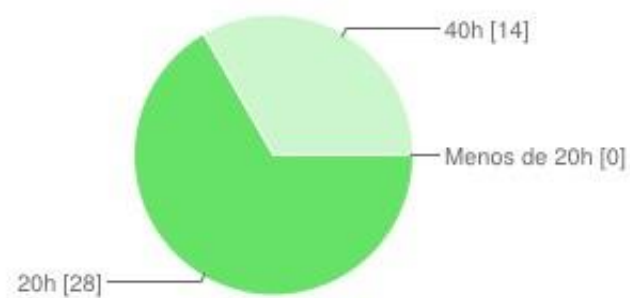


Há quanto tempo dá aula na escola atual?



Menos de 1 ano	7	17%
Entre 2 e 5 anos	11	26%
Entre 6 e 10 anos	7	17%
Mais de 10 anos	17	40%

Quantas horas semanais dedica à escola atual?



Menos de 20h	0	0%
20h	28	67%
40h	14	33%

Quando não está exercendo atividades profissionais, qual seu principal hábito de lazer?

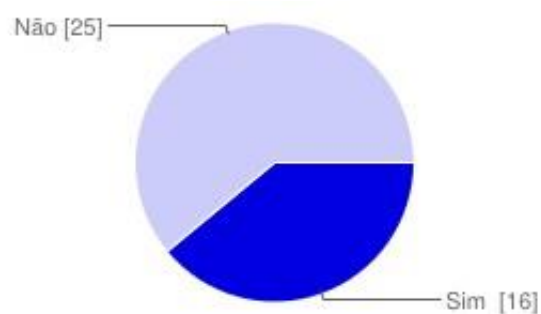
Ver Televisão
 PASSEIOS, LEITURA
 leitura/pesq
 uisa/igreja
 artesanato e
 academia
 NAVEGAR N INTERNET E ASSISTIR TV
 ASSISTIR FILMES
 Assistir TV
 TV; LEITURA; PASSEIO; CINEMA
 Passear e pescar
 Ver televisão ou notícias na internet
 Leitura leituras, filmes
 ASSISTIR TV E PINTAR
 Academia
 Ler livros impressos e artigos via internet.
 LEITURA
 ler, descansar,
 brincar com os
 filhos ler
 passear
 assistir tv
 Artesanato
 Visita a familiares
 passear com o filho, andar de bike
 ESPORTE e VIAGENS
 Casa internet acesso a internet tv e leitura leitura, dar atenção aos filhos e a casa.
 Passeios

Consumo de mídia

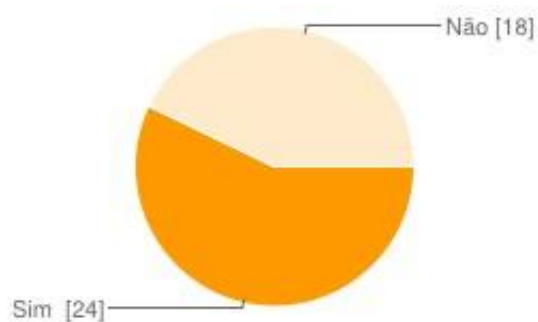
Você tem TV em casa?



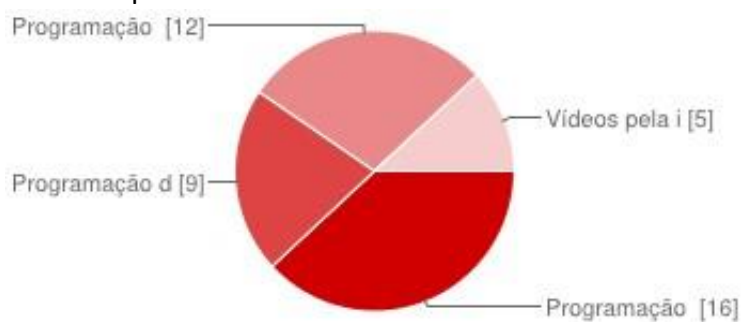
Você tem TV a cabo?



Você tem antena parabólica?

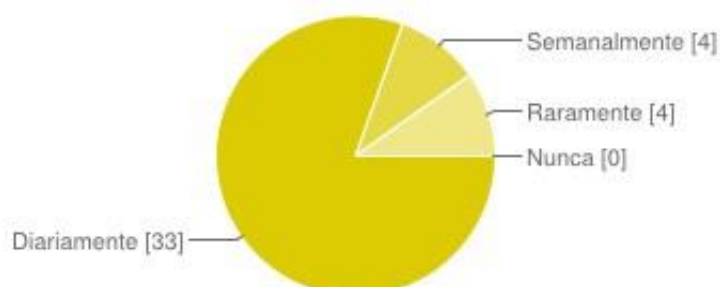


Na maior parte das vezes você assiste:



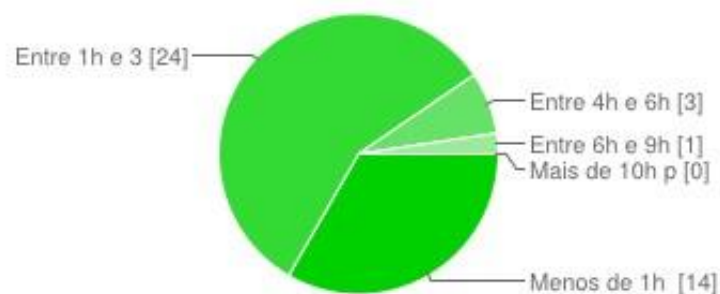
Programação da TV aberta	16	38%
Programação da TV a cabo	9	21%
Programação de canais via antena parabólica	12	29%
Vídeos pela internet	5	12%

Com que frequência você assiste TV:



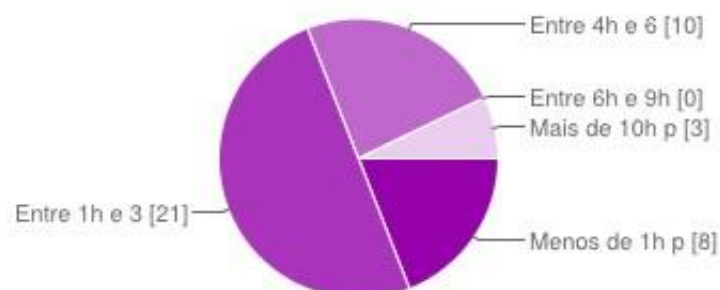
Diariamente	33	79%
Semanalmente	4	10%
Raramente	4	10%
Nunca	0	0%

De segunda a sexta-feira, quantas horas você assiste TV?



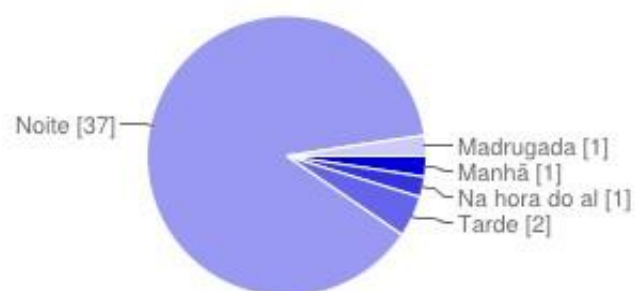
Menos de 1h por dia	14	33%
Entre 1h e 3h por dia	24	57%
Entre 4h e 6h por dia	3	7%
Entre 6h e 9h por dia	1	2%
Mais de 10h por dia	0	0%

E entre sábado e domingo, quantas horas você assiste TV?



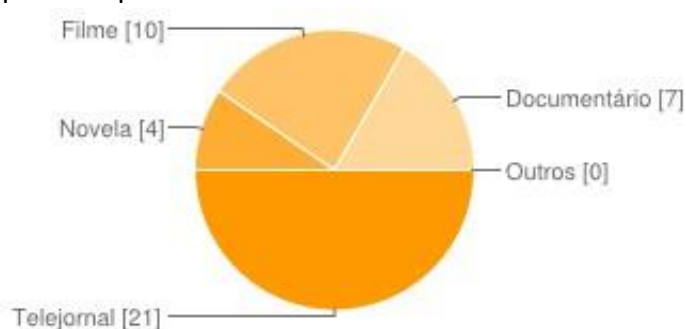
Menos de 1h por dia	8	19%
Entre 1h e 3h por dia	21	50%
Entre 4h e 6h por dia	10	24%
Entre 6h e 9h por dia	0	0%
Mais de 10h por dia	3	7%

Qual é o período do dia em que você mais assiste TV?



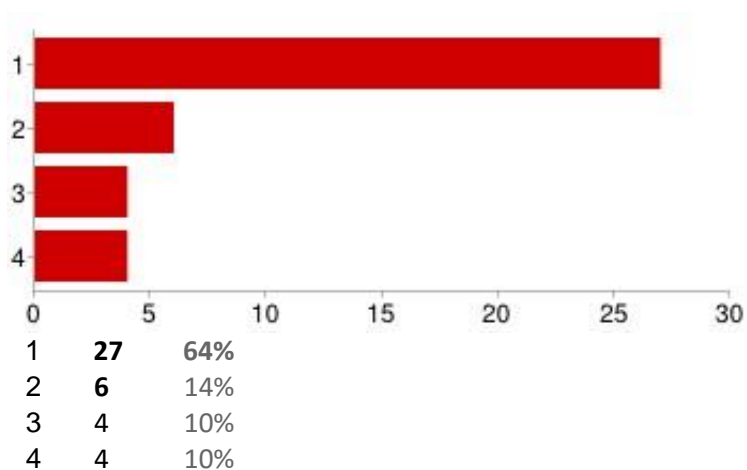
Manhã	1	2%
Na hora do almoço	1	2%
Tarde	2	5%
Noite	37	88%
Madrugada	1	2%

O que você prefere ver na TV?

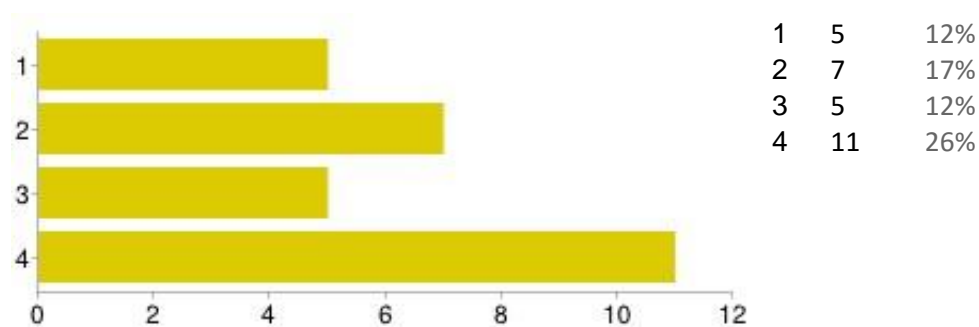


Telejornal	21	50%
Novela	4	10%
Filme	10	24%
Documentário	7	17%
Outros	0	0%

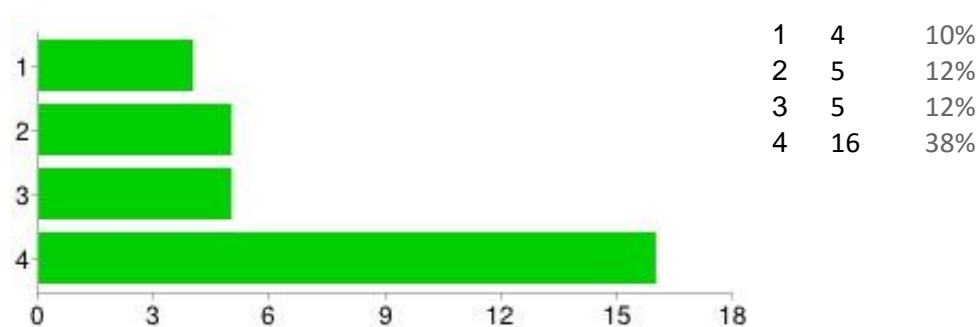
RPC TV (afiliada TV Globo) [Qual emissora você mais assiste?]



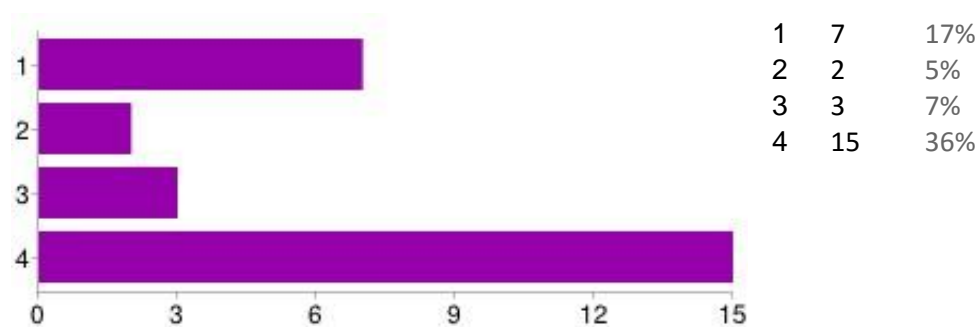
RIC TV (afiliada TV Recordo) [Qual emissora você mais assiste?]



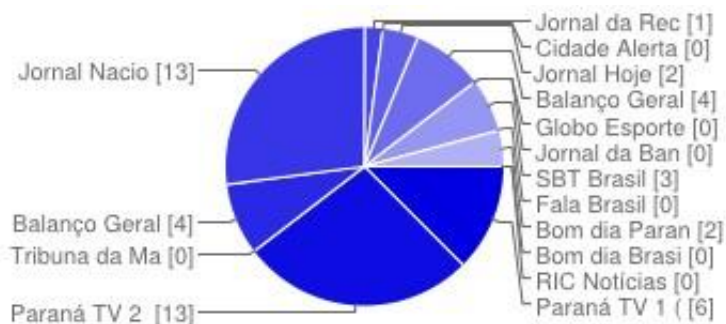
Rede Massa (Afiliada SBT) [Qual emissora você mais assiste?]



Band [Qual emissora você mais assiste?]

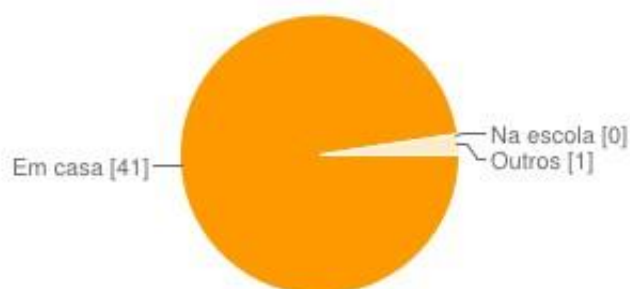


Qual Telejornal você mais assiste?



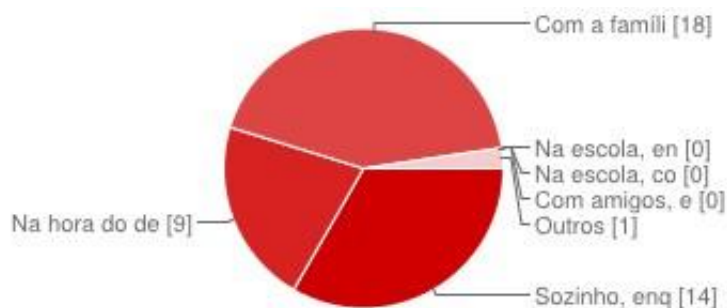
Paraná TV 1 (almoço)	6	14%
Paraná TV 2 (noite)	13	31%
Tribuna da Massa	0	0%
Balanço Geral	4	10%
Jornal Nacional	13	31%
Jornal da Record	1	2%
Cidade Alerta	0	0%
Jornal Hoje	2	5%
Balanço Geral	4	10%
Globo Esporte	0	0%
Jornal da Band	0	0%
SBT Brasil	3	7%
Fala Brasil	0	0%
Bom dia Paraná	2	5%
Bom dia Brasil	0	0%
RIC Notícias	0	0%

Onde você costuma assistir ao Telejornal?



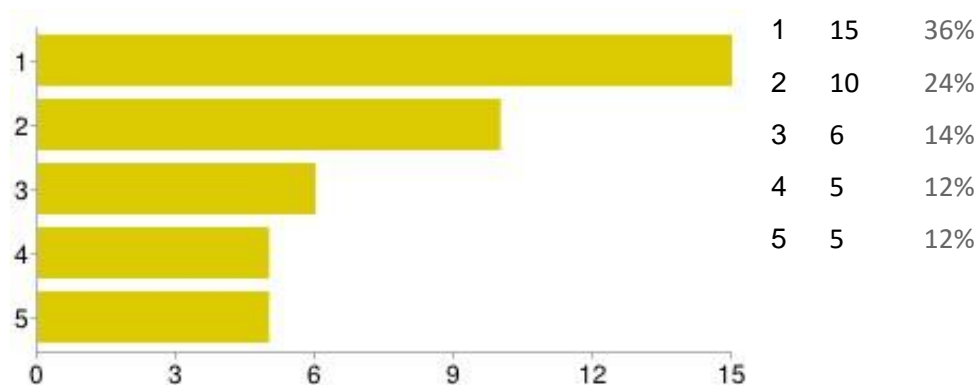
Em casa	41	98%
Na escola	0	0%
Outros	1	2%

Como assiste?

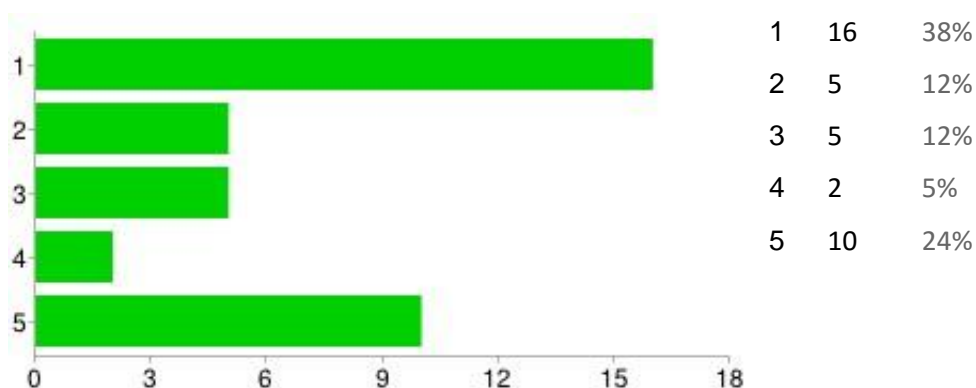


Sozinho, enquanto almoça/janta	14	33%
Na hora do descanso	9	21%
Com a família, enquanto almoça/janta	18	43%
Na escola, enquanto almoça/janta	0	0%
Na escola, com os colegas	0	0%
Com amigos, em outro local	0	0%
Outros	1	2%

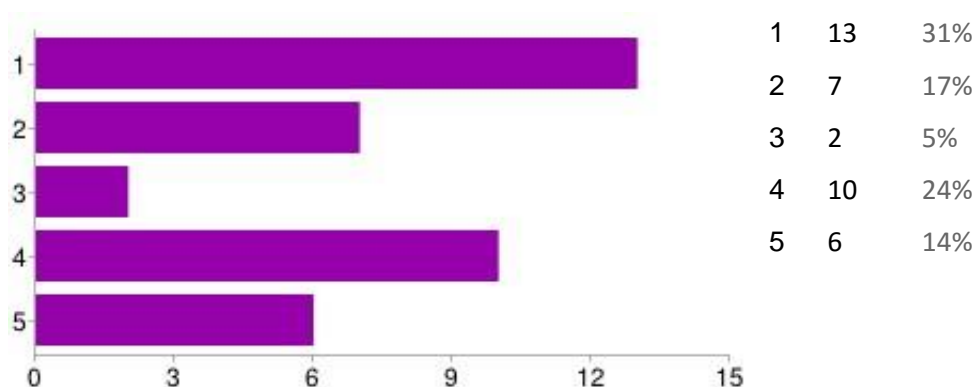
As notícias mostram os fatos da forma mais fiel. [Pensando na emissora e os programas que você mais assiste, classifique de 1 a 5 os motivos que o levam a fazer esta escolha.]



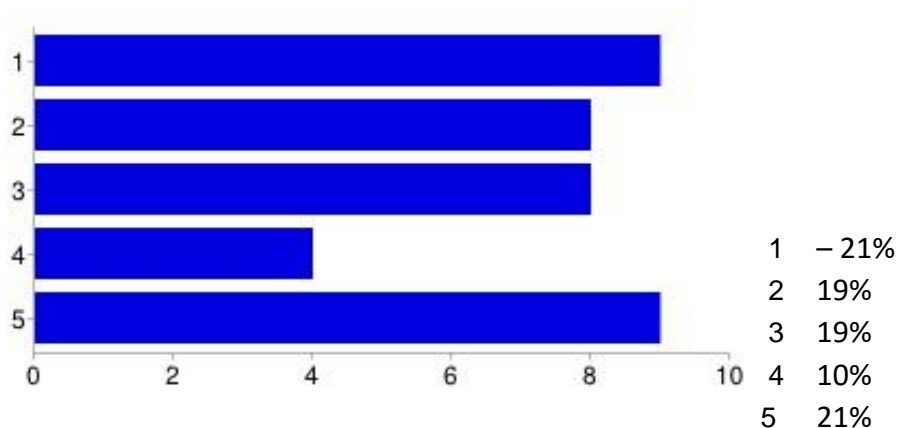
É mais fácil de entender os assuntos quando se tem som, imagem, movimento e efeitos visuais. [Pensando na emissora e os programas que você mais assiste, classifique de 1 a 5 os motivos que o levam a fazer esta escolha.]



A TV é mais atraente que outros meios, como jornal e rádio. [Pensando na emissora e os programas que você mais assiste, classifique de 1 a 5 os motivos que o levam a fazer esta escolha.]

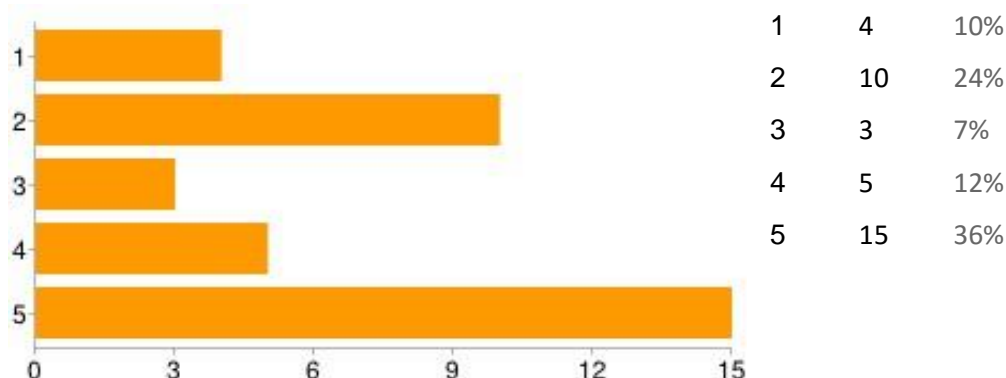


Me identifico com os valores sociais, culturais e políticas da emissora e programa que escolho. [Pensando na emissora e os programas que você mais assiste, classifique de 1 a 5 os motivos que o levam a fazer esta escolha.]



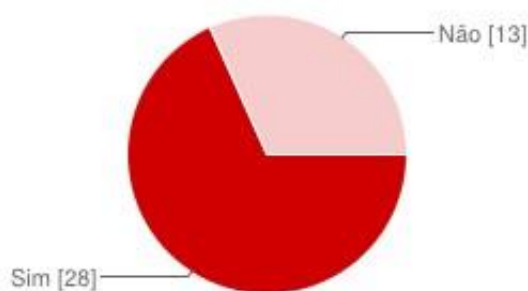
As imagens, o som e os efeitos são mais bonitos e têm alta qualidade visual.

[Pensando na emissora e os programas que você mais assiste, classifique de 1 a 5 os motivos que o levam a fazer esta escolha.]



Relação da TV e Telejornal com a prática pedagógica

Você usa o Telejornal em sala de aula?

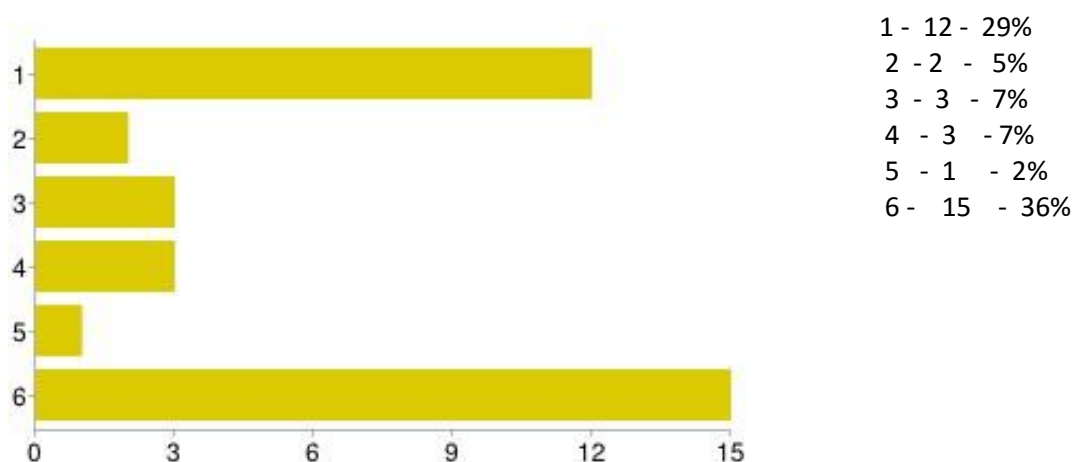


Sim 28 67%

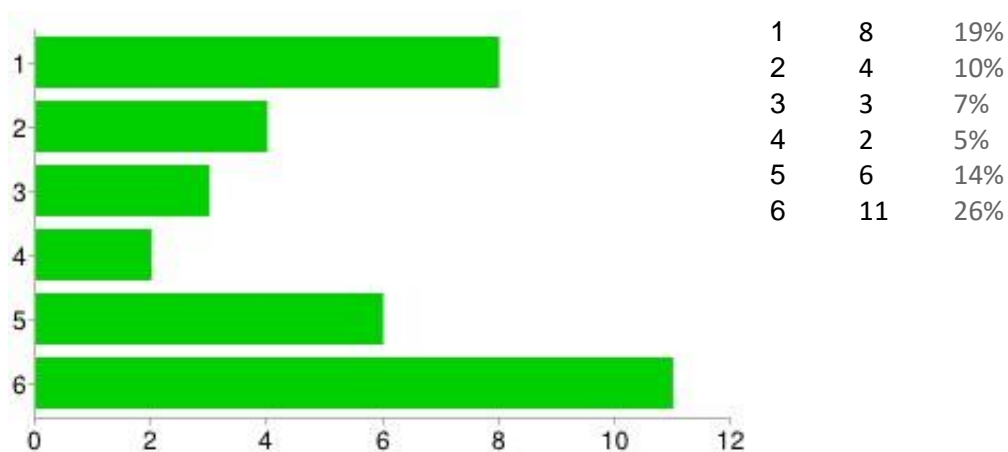
Não 13 31%

Se você utiliza ou já utilizou o telejornal em sala de aula, classifique as atividades que realizou de 1 a 6 sendo 1 o que você menos faz/fez e 6 o que mais faz/fez:

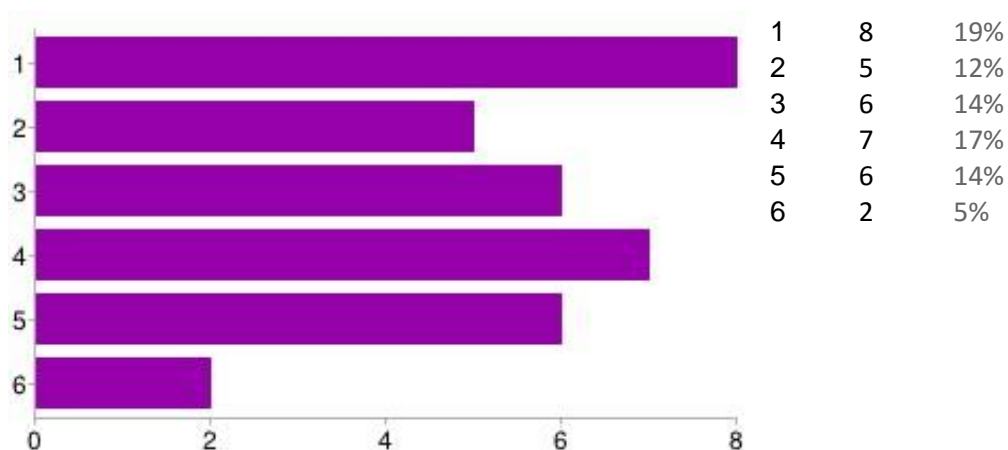
Comento com a turma os assuntos que vi no telejornal.



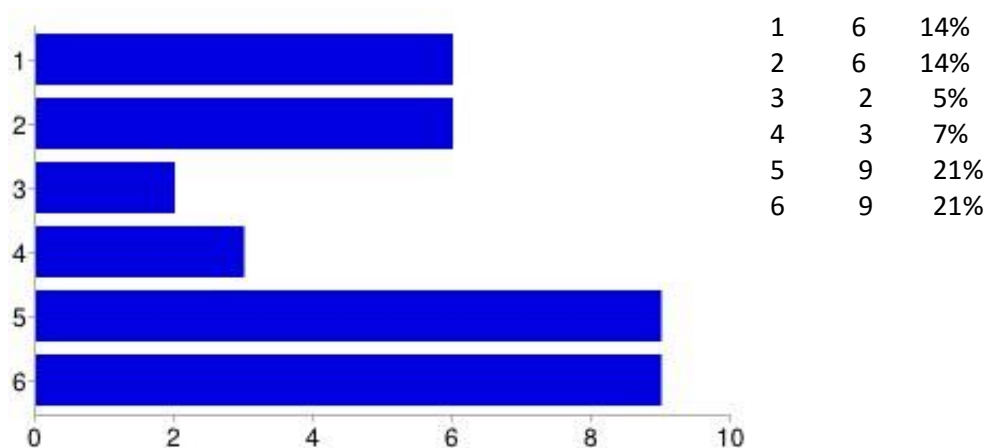
Falo de matérias que assisti para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo



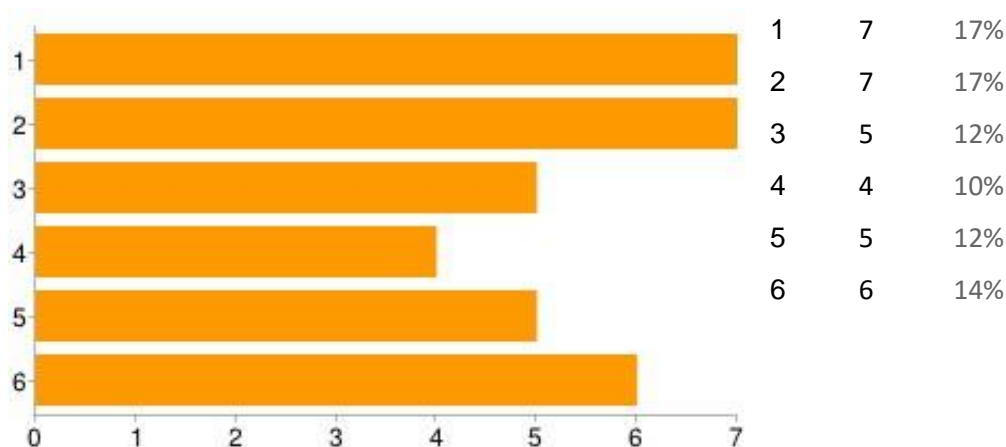
Apresento matérias para que os alunos assistam para dar exemplos do conteúdo curricular que abordo



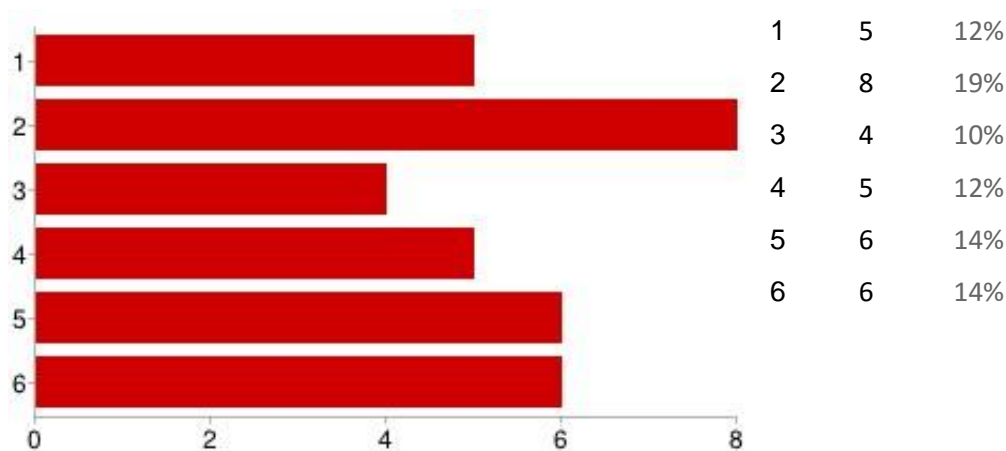
Apresento matérias para desencadear discussão sobre assuntos importantes



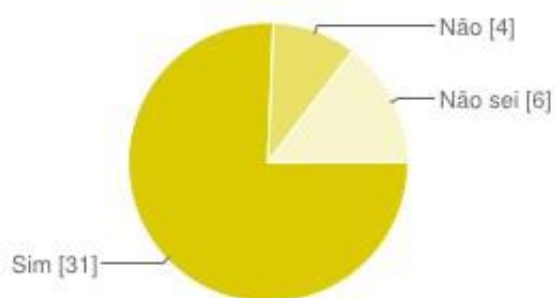
Depois de fazer discussão sobre o assunto assistido peço para que os alunos produzam algum conteúdo sobre o foi falado



Incentivo que os alunos produzam seu próprio material informativo

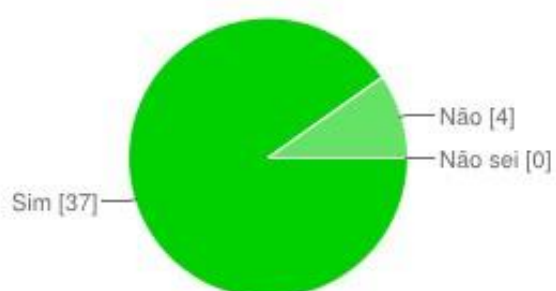


Seus alunos assistem telejornal em casa?



Sim	31	74%
Não	4	10%
Não sei	6	14%

Seus alunos comentam o que assistiram em casa em algum telejornal?



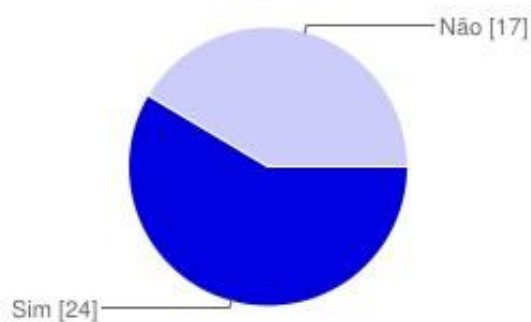
Sim	37	88%
Não	4	10%
Não sei	0	0%

Você conhece o Projeto Televisando o Futuro?



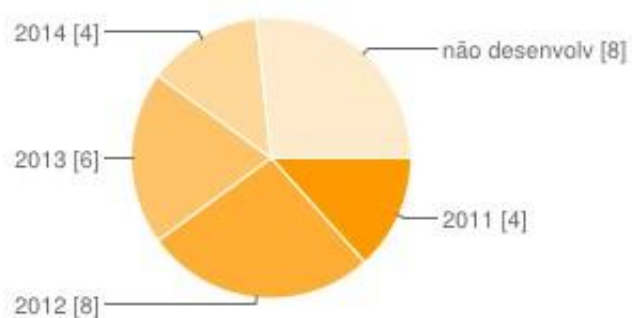
Sim	39	93%
Não	1	2%

Você desenvolve o Projeto Televisando o Futuro em sua escola?



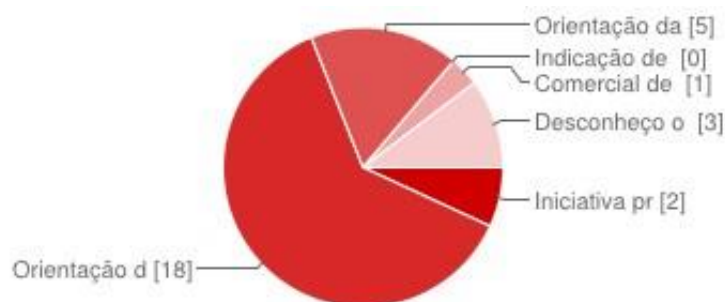
Sim	24	57%
Não	17	40%

Desde quando você desenvolve o projeto?



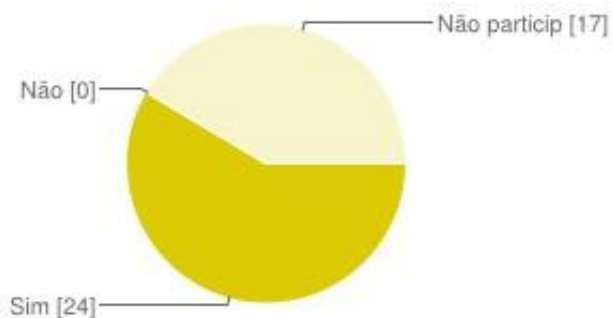
2011	4	10%
2012	8	19%
2013	6	14%
2014	4	10%
Não desenvolvo o projeto	8	19%

Como você ficou sabendo do projeto?



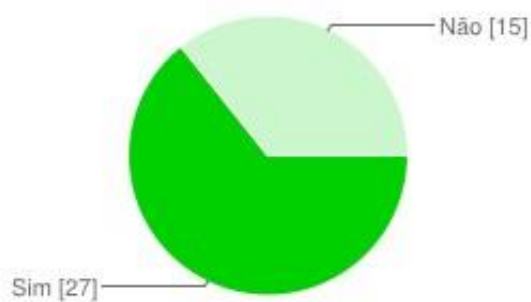
Iniciativa própria	2	5%
Orientação da direção da escola	18	43%
Orientação da SME	5	12%
Indicação de colega	0	0%
Comercial de TV	1	2%
Desconheço o projeto	3	7%

O projeto Televisando o Futuro contribui com sua prática pedagógica?



Sim	24	57%
Não	0	0%
Não participo do projeto	17	40%

Se sua escola for escolhida para a pesquisa, você aceita receber o pesquisador em sua sala de aula para observação?



Sim	27	64%
Não	15	36%

APÊNDICE XII

Termo de Consentimento da Professora Colaboradora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO : MÍDIA E ESCOLA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO TELEJORNAL EM SALA DE AULA

Orientador(a): Profª Drª Rosa Maria Cardoso Dalla Costa
 Pesquisador(a): Everton Luiz Renaud de Paula
 Endereço profissional: Rua Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300, Campo Comprido 81280-330 (Bloco Reitoria).
 Fone: (41) 9605-4489
 e-mail: evertonrenaud@ufpr.br / evertonrenaud@hotmail.com
 Local de estudo: Escola Municipal Nossa Senhora do Rocio

O estudo de recepção busca compreender o processo de produção de sentidos diante da programação televisiva. O objetivo desta pesquisa é compreender e explicar o processo de recepção do telejornal em sala de aula, entendendo como ocorre e que influências possui. Para isso serão caracterizados os principais contextos de mediação cultural, familiar, econômico, social.

O estudo será realizado através de observações e registro de comportamentos dos alunos da turma do 4º ano, aplicação de questionários para alunos e pais e técnica de entrevista direcionada à professora da turma.

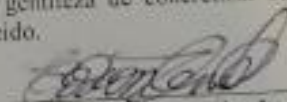
Informamos que a presente pesquisa, além de não apresentar risco aos participantes, busca encontrar conhecimentos que poderão contribuir para compreender e explicar como ocorre o processo de produção de sentido realizado pelos estudantes a respeito do que assistem na TV e as possibilidades de mediação pedagógica realizada pelos professores.

Esclarecemos, ainda, que os dados resultados de cada participante são confidenciais e sua identidade será mantida em sigilo nas divulgações posteriores. Tais informações serão utilizadas para fins acadêmicos, podendo ser apresentadas em congressos, publicações ou outra forma de divulgação nacional ou internacional.

Sendo assim, convido a Sra. Olíane Hernes a participar da presente pesquisa. Neste sentido, solicitamos sua colaboração e participação como voluntária para a produção de dados.

Ressalta-se que você tem todo o direito de não autorizar e em qualquer momento da pesquisa interromper sua participação, devendo somente avisar o pesquisador de sua desistência.

Caso concorde, solicitamos a gentileza de concretizar sua concordância, assinando esse termo de consentimento livre e esclarecido.


 Assinatura do pesquisador responsável

Nome: Everton Luiz Renaud de Paula

Fone: (41) 9605-4489

R.G: 9.584.337-9 SSP PR

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha vontade, aceito participar da pesquisa como professora colaboradora.

A respeito da divulgação do meu nome, declaro que:

- ☒ Autorizo a divulgação do meu nome na pesquisa.
☐ Não autorizo a divulgação do meu nome na pesquisa.

Palmeira, Paraná, 25/02/15

Olíane Hernes
 Assinatura do Sujeito da Pesquisa ou do Responsável

ANEXOS

ANEXO I - Mapa de cobertura da RPC TV Ponta Grossa	300
ANEXO II - Dados das matrículas de infraestrutura, taxa de aprendizagem e distorção idade série da escola do Rocio	302
ANEXO III - Carta de intenção de pesquisa	304
ANEXO IV - Quantidade de professores no projeto Televisando o Futuro em cada escola nas cidades do Estudo Exploratório	306
ANEXO V - Histórico do projeto Televisando o Futuro ano a ano	308
ANEXO VI - Texto Eugênio Bucci.....	310
ANEXO VII - Relatório ODM do município de Palmeira.....	313

ANEXO I

Mapa de cobertura da RPC TV Ponta Grossa

Exibidora:	RPC TV Ponta Grossa
N.º de municípios:	34
População:	942.030
Domicílios com TVs	285.044
Tespectadores potenciais:	912.655
IPC %	0,467

Universos válidos até o último dia do mês, para efeito de planejamento.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO	DTV	TEL. POTENCIAIS	IPC
Antônio Olinto	7311	2285	6874	0,002
Arapoti	26151	7929	25378	0,013
Carambeí	20043	5733	19371	0,011
Castro	67661	19479	64997	0,031
Conselheiro Mairinck	3677	1154	3490	0,002
Figueira	8107	2585	7692	0,004
Guamiranga	7757	2294	7323	0,003
Ibaiti	29162	9164	27917	0,013
Imbaú	11650	3335	10870	0,004
Imbituva	29197	8653	28316	0,011
Ipiranga	14275	4151	13934	0,005
Ivaí	12949	3634	12248	0,004
Jaboti	4969	1513	4586	0,002
Jaguariaíva	32893	9931	31178	0,017
Japira	4903	1492	4620	0,002
Mallet	13007	3980	12617	0,005
Palmeira	32296	9760	31186	0,016
Paulo Frontin	6829	2152	6624	0,003
Piraí do Sul	23724	7240	23081	0,009
Ponta Grossa	318351	97648	314115	0,191
Porto Amazonas	4551	1401	4486	0,002
Reserva	25364	7168	23573	0,008
Salto do Itararé	5066	1657	4808	0,002
Santana do Itararé	5135	1640	4900	0,002
São João do Triunfo	13876	3958	13058	0,004
São José da Boa Vista	6381	2055	6189	0,003
São Mateus do Sul	42209	13067	41239	0,019
Sapopema	6656	1899	6052	0,002
Sengés	18467	5318	17457	0,007
Siqueira Campos	18938	6290	18462	0,009
Telêmaco Borba	71586	21785	69259	0,042
Tibagi	19446	5513	18318	0,007
Ventania	10326	3038	9785	0,004
Wenceslau Braz	19117	6143	18652	0,008

ANEXO II

**Dados das matrículas de infraestrutura, taxa de aprendizagem e distorção
idade série da escola do Rocio**

Dados Gerais

Código INEP	41061560
Localização da Escola	Urbana
Dependência	Municipal
Endereço	RUA JULIO KOSLOSKI Bairro: NUCLEO HABITACIONAL CEP: 84130000
Telefone	(49) 3909-5118
Fax	

Outras Informações

Número de Funcionários da Escola	26
A escola possui organização por ciclos?	Não informado

Alimentação

Alimentação é fornecida aos alunos?	Sim
A escola possui água filtrada?	Sim

Matrículas

Creche	0
Pré escola	0
Anos iniciais (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)	180
Anos finais (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)	0
Ensino Médio	0
Educação de Jovens e Adultos	0
Educação Especial	6

Matrículas por Série

Matrículas 1º ano EF	25
Matrículas 2º ano EF	27
Matrículas 3º ano EF	59
Matrículas 4º ano EF	34
Matrículas 5º ano EF	35
Matrículas 6º ano EF	0
Matrículas 7º ano EF	0
Matrículas 8º ano EF	0
Matrículas 9º ano EF	0
Matrículas 1º ano EM	0
Matrículas 2º ano EM	0
Matrículas 3º ano EM	0

Acessibilidade

A escola é acessível aos portadores de deficiência?	Não
As dependências da escola são acessíveis aos portadores de deficiência?	Não
Os sanitários são acessíveis aos portadores de deficiência?	Não

Infraestrutura (dependências)

Existe sanitário dentro do prédio da escola?	Sim
Existe sanitário fora do prédio da escola?	Não
A escola possui biblioteca?	Sim
A escola possui cozinha?	Sim
A escola possui laboratório de informática?	Sim
A escola possui laboratório de ciências?	Não
A escola possui sala de leitura?	Não
A escola possui quadra de esportes?	Sim
A escola possui sala para a diretoria?	Não
A escola possui sala para os professores?	Sim
A escola possui sala de atendimento especial?	Sim

Equipamentos

Aparelho de DVD	Sim
Impressora	Sim
Copiadora	Sim
Retroprojektor	Sim
Televisão	Sim

Saneamento Básico

Abastecimento de água	Rede pública
Abastecimento de energia	Rede pública
Destino do esgoto	Rede pública
Destino do Lixo	Coleta periódica

Computadores e Internet

Internet	Sim
Banda larga	Não
Computadores para uso dos alunos	17
Computadores para uso administrativo	2

ANEXO III

Carta de intenção de pesquisa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Ao GRPCOM - Grupo Paranaense de Comunicação

Prezados Senhores,

Vimos por meio deste, solicitar autorização para o aluno Everton Luiz Renaud de Paula, regularmente matriculado neste Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado, Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino para realizar pesquisas de campo no Projeto Televisando o Futuro desenvolvido pela RPC TV e Instituto GRPCOM, referente à sua dissertação de Mestrado, orientado por mim, Professora Doutora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. A pesquisa consistirá no desenvolvimento de um estudo de recepção do telejornalismo em sala de aula no contexto do projeto Televisando o Futuro. Será desenvolvida no decorrer de 2014 e 2015, tendo sua defesa no início do ano de 2016. Para tanto, pedimos acesso aos dados referentes ao projeto conforme segue: Histórico do projeto, abrangência, perfil do público participante (educacional, consumo de mídia, trabalho com o projeto), avaliação de resultados do projeto (dados do público, respostas sobre o uso do projeto e do telejornal, benefícios e limitações), dados da formação de professores do projeto (cursos, formados, interesses e conteúdo dos materiais didáticos). Além disso, também pedimos acesso e autorização para utilização na pesquisa das matérias jornalísticas produzidas e distribuídas pela RPC TV no projeto Televisando o Futuro. Será necessário contato com os envolvidos com o projeto no segundo semestre de 2014 e primeiro semestre de 2015. Nesse contexto pedimos autorização para realização de entrevista com o Diretor de Jornalismo RPC TV, com chefe de jornalismo RPC TV PGR, com gerente do Instituto GRPCOM.

Sendo o que se apresenta para o momento, firmamos.

Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

ANEXO IV

**Quantidade de professores no projeto Televisando o Futuro em cada
escola nas cidades do Estudo Exploratório**

Castro	
Escola(18)	Professor(25)
1-EM BernardoLitzinger	0
2- EM Dalila Ayres	02
3- EM de Guararema	0
4- EM de Jardim Bela Vista	0
5- EM Dr.JahyrLopes	05
6- EMDrLineu M. Novaes	0
7- EM Dr. Vicente Machado	0
8- EM Elsa Macedo	02
9- EM Estação do Tronco	02
10-EM José AntônioFlygareTelles	01
11- EM José Nery Napoli	0
12- EM Lourival Leite de Carvalho	03
13-EMProfMariana Garcez Duarte	0
14- EMProfRelindisB.Capilé	0
15- EM SantoLazarinida Silva	08
16- EM SãoSebas	0
17- EM Vila Rosário	02
18- ERM Tanque Grande	0

Palmeira	
Escola (18)	Professor(22)
1-EM BernardoLitzinger	0
2- EM Dalila Ayres	1
3- EM de Guararema	0
4- EM de Jardim Bela Vista	0
5- EM Dr.JahyrLopes	5
6- EMDrLineu M. Novaes	0
7- EM Dr. Vicente Machado	0
8- EM Elsa Macedo	2
9- EM Estação do Tronco	1
10-EM José AntônioFlygareTelles	1
11- EM José Nery Napoli	0
12- EM Lourival Leite de Carvalho	3
13-EMProfMariana Garcez Duarte	0
14- EMProfRelindisB.Capilé	0
15- EM SantoLazarinida Silva	8
16- EM SãoSebas	0
17- EM Vila Rosário	1
18- ERM Tanque Grande	0

ANEXO V

Histórico do projeto Televisando o Futuro ano a ano

	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Nº de cidades	1	2	11	22	38	44
nº de escolas	30		233	508	1017	960
nº de professores				2000	4181	4100
nº de alunos				61000	280000	390000
nº de reportagens		8	6	4	11	16
nº de IES parceiras	0	0	8	8	8	8
acadêmicos envolvidos	0	0	0	171	390	255
Prof. Formados	0	0	0	1124	2138	1733
nº Categorias CC	2	2	4	4	5	5
nº de participantes CC				6128	3167	2687
alunos				5822	3028	2598
prof.es	0			153	139	89
escolas (categoria própria)	0			86	0	0
secretarias	0			0	0	0
Eventos	2			52	9	157
Viagens				cerca de 80	cerca de 40	cerca de 180
Público	EF - 1ª a 4ª	EF - 1ª a 4ª	EF - 1ª a 4ª	EF - 1º ao 9º ano	EF - 1º ao 9º ano	EF - 1º ao 9º ano
Tema	Educação e Família	Valores na educação	Escolha consciente, escola inteligente	Meio ambiente	Cultura da Paz	Cidadania: direitos e deveres

ANEXO VI

Texto Eugênio Bucci

Noticiário de TV não pode fazer política

Publicado em 30/04/94

Ano eleitoral é ano de abrir o olho e, mais do que ver televisão, vigiar televisão. Principalmente a Globo. Em 1989, ela apoiou ostensivamente um candidato, Fernando Collor de Mello. Deu no que deu. Não vou aqui entrar em recapitulações, não vou medir os minutos dedicados a Collor e os minutos dedicados aos outros candidatos nos noticiários da emissora; não vou cair em análises tardias. Tudo isso já foi feito e o próprio Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, admitiu publicamente o favorecimento. Primeiro, no dia 11 de setembro de 1992, num encontro com Luiz Inácio Lula da Silva, que foi noticiado no dia seguinte pelo jornal *O Globo*. Depois, numa entrevista ao repórter Hélio Contreiras, publicada no *Jornal da Tarde* de 6 de abril de 1992. Perguntou o repórter: “mas o senhor reconhece que a Rede Globo e *O Globo* influíram para a eleição do Collor?” Respondeu Roberto Marinho: “Sim, nós promovemos a eleição do Collor e eu tinha os melhores motivos para um grande entusiasmo e uma grande esperança de que ele faria um governo extraordinário”.

Temos no país, hoje, um fenômeno curioso. Uma grande rede de TV, que cresceu com o apoio do regime militar, transformou-se num grande trampolim para aqueles que pretendem ocupar o poder civil. Uma rede que cresceu à sombra do estatismo autoritário se converteu na maior propulsora dos que prometem estimular o liberalismo (como era o caso do Collor). Antes, a Globo dependia dos humores do governo. Atualmente, quem quer ser governo depende de suas câmeras. Com esse instrumento nas mãos, o proprietário da Globo, em lugar de informar com imparcialidade, dedicou-se a “promover” a eleição de alguém.

Na entrevista para o *Jornal da Tarde*, Roberto Marinho contou que seu apoio a Fernando Collor tinha razões de ordem particular: “Conhecer o Fernando Collor desde que ele era um menino”. Reeditando 1989, 1994 começa a dar lugar a esse tipo de proximidade pessoal que gera efeitos eleitorais (a vida privada determinando a vida pública). Agora, a aproximação é com Fernando Henrique Cardoso.

A revista *Caras* – não por acaso dedicada a projetar para o espetáculo público cenas da vida doméstica das celebridades – traz esta semana em suas páginas uma triste passagem da vida privada de Fernando Henrique: o enterro do irmão dele, Antônio Geraldo Cardoso, no último dia 15, no Rio. Não seria um episódio de maior interesse, não fosse a presença do empresário Roberto Marinho, que desfilou de braços dados com o candidato diante dos fotógrafos e, assim, fez da cerimônia um acontecimento eleitoral. Bem significativa foi a chamada de cada da revista, ao lado de uma foto dos dois personagens: “FHC chora a morte do irmão com a solidariedade de Roberto Marinho”.

Surge uma dúvida: a Rede Globo fará com Fernando Henrique o mesmo que fez com Fernando Collor? O *Jornal Nacional* da última quarta-feira dava a entender que sim. O candidato do PSDB apareceu com destaque numa matéria praticamente 50 segundos – dos quais ele falou durante 15, anunciando que sua aliança com o PFL é “para a vitória”. Lula, o candidato do PT – que tem 34% das preferências do eleitorado, o dobro de Fernando Henrique, segundo pesquisas do Ibope divulgadas pelo próprio *Jornal Nacional* – mereceu uma matéria de apenas 12 segundos. Sem direito a microfone. A desproporção é ainda mais gritante quando se leva em conta que Lula estava em Brasília para reuniões decisivas do PT, entre elas o Encontro Nacional, onde seriam decididos alguns dos pontos do programa do partido que mais têm tido destaque no noticiário político.

É certo que ainda estamos muito no começo da campanha tele-eleitoral. Ainda não está definitivamente caracterizado que em 1994 as preferências pessoas de Roberto Marinho definirão a cobertura jornalística de sua emissora, favorecendo escancaradamente um dos candidatos, como aconteceu em 1989. Todos nós temos o direito de escolher candidatos e de trabalhar por eles. Todos nós podemos e devemos expressar opiniões. O que não é ético, nem democrático, é usar um veículo de comunicação tão poderoso como a televisão (que é uma concessão pública) como um instrumento de convencimento a serviço de uma opinião pessoal. Quanto a isso, estou de acordo com Roberto Irineu Marinho, filho de Roberto Marinho e vice-presidente executivo da Globo. Repito aqui um trecho do discurso dele na convenção interna da Globo, em fevereiro deste ano: “Precisamos garantir que nosso jornalismo, nossa programação, nossas ações comerciais e administrativas jamais sejam influenciadas por interesses pessoais, amizade ou motivações não transparentes”. São ótimas palavras. Agora, fiquemos de olho aberto. Aos meios de comunicação cabe informar. Decidir é com o eleitor.

ANEXO VII

Relatório ODM do município de Palmeira



RELATÓRIOS DINÂMICOS
MONITORAMENTO DE INDICADORES



PORTALODM

Olá! Sou **Palmeira - PR**

A partir de agora, você
vai me conhecer um pouco mais.

Vire a página e aproveite.
Com as informações e seu apoio,
posso me tornar um lugar ainda
melhor para se viver!

ACESSE A VERSÃO WEB
WWW.PORTALODM.COM.BR

ARQUIVO GERADO EM 07/12/2014



PERFIL MUNICIPAL



ANO DE INSTALAÇÃO
ANO DE 1.939



ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO - 2.014
33.613 habitantes



CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO - 2.000-2.010
0,41 %



ÁREA
1.457,30 km²



DENSIDADE DEMOGRÁFICA - 2.010
22,04 hab/km²



ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER - 2.010
74,56 anos

POPULAÇÃO - 2.010

32.123 habitantes (51º no ranking estadual)

IDH - 2.010

0,718 (136º no ranking estadual)

URBANIZAÇÃO - 2.010

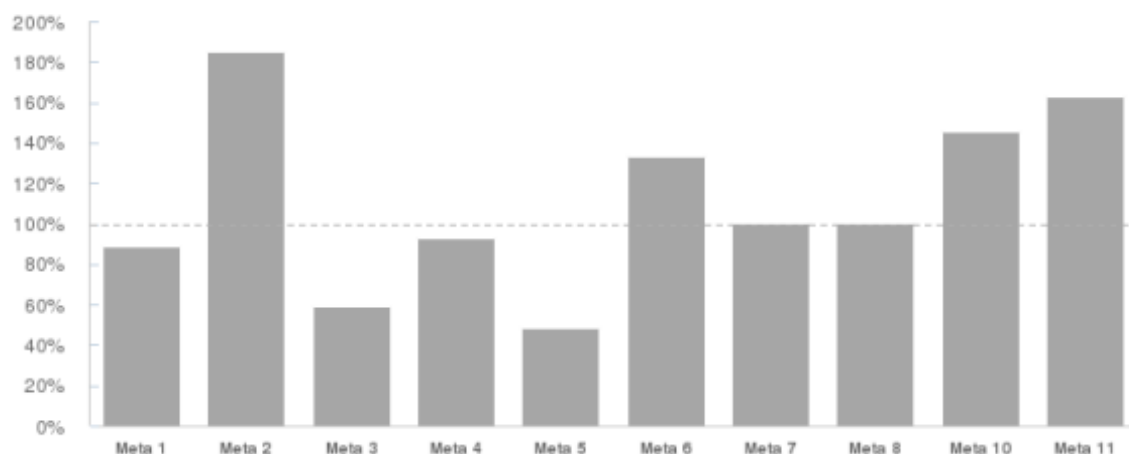
60,32%

ÍNDICE DE GINI - 2.010

0,586 (391º no ranking estadual)



PERCENTUAL DE ALCANCE DAS METAS NO MUNICÍPIO
Palmeira - PR



Meta 1 - Reduzir pela metade, até 2015, a proporção da população com renda abaixo da linha da pobreza

Meta 2 - Reduzir pela metade, até 2015 a proporção da população que sofre de fome

Meta 3 - Garantir que, até 2015, todas as crianças, terminem o ensino fundamental

Meta 4 - Eliminar a disparidade entre os sexos no ensino fundamental e médio até 2015

Meta 5 - Reduzir em dois terços, até 2015, a mortalidade de crianças menores de 5 anos

Meta 6 - Reduzir em três quartos, até 2015, a taxa de mortalidade materna

Meta 7 - Até 2015, ter detido e começado a reverter a propagação do HIV/AIDS

Meta 8 - Até 2015, ter detido e começado a reverter a propagação da malária e de outras doenças

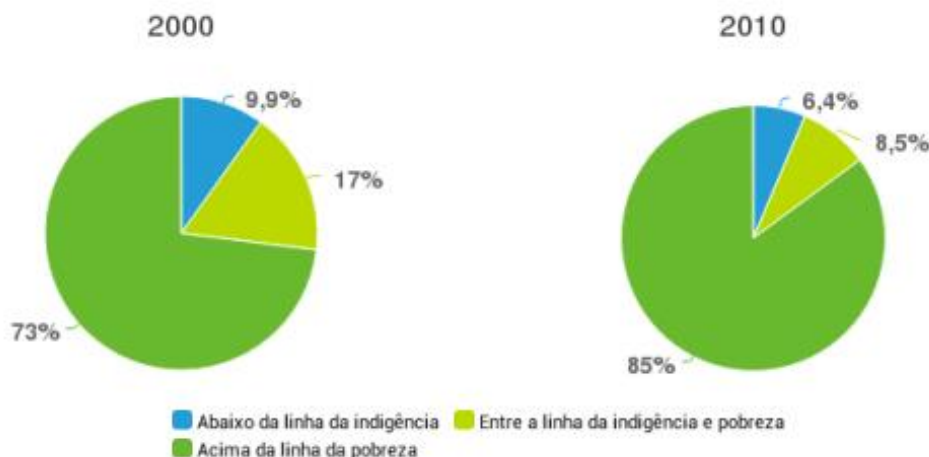
Meta 10 - Reduzir à metade, até 2015, a proporção da população sem acesso sustentável à água potável segura

Meta 11 - Reduzir pela metade, até 2015, a proporção da população sem acesso a saneamento e serviços essenciais



ACABAR COM A FOME E A MISÉRIA

PROPORÇÃO DE PESSOAS ABAIXO DA LINHA DA POBREZA E INDIGÊNCIA - 2000/2010



Fonte: IBGE - Censo Demográfico / Elaboração: IPEA/DISOC/NINSOC - Núcleo de Informações Sociais

Em 2.000, o município tinha 27,0% de sua população vivendo com renda domiciliar *per capita* inferior a R\$ 140,00, percentual que reduziu para 15,0% em 2.010. Mesmo apresentando uma redução de 44,5% no período, são 4.705 pessoas nessa condição de pobreza.

Para estimar a proporção de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza, foi somada a renda de todas as pessoas do domicílio¹, e o total dividido pelo número de moradores, sendo considerado abaixo da linha da pobreza os que possuem renda *per capita* até R\$ 140,00. No caso da indigência, este valor será inferior a R\$ 70,00².

¹ Foram excluídos do cálculo as pessoas com relação de parentesco ou de convivência com a pessoa responsável pelo domicílio: pensionista, empregado doméstico e parente de empregado doméstico.

² Da população com renda igual a zero, foi considerada para cálculo apenas as pessoas com pelo menos um dos seguintes quesitos: habitantes da área urbana com abastecimento de água proveniente de poço ou nascente ou outra forma, habitantes da área rural com abastecimento de água proveniente de outra forma, habitantes com tipo de esgoto: fossa rudimentar, vala, rio ou mar ou outro, habitantes que não possuem iluminação elétrica, habitantes que não possuem banheiro ou habitantes cujo domicílio possui 3 ou mais crianças (14 anos ou menos), 1 ou mais idosos (65 anos ou mais) ou 1 ou mais adultos (15 anos ou mais) analfabetos.

META

Meta 1 - Reduzir pela metade, até 2015, a proporção da população com renda abaixo da linha da pobreza

2000 - 2010

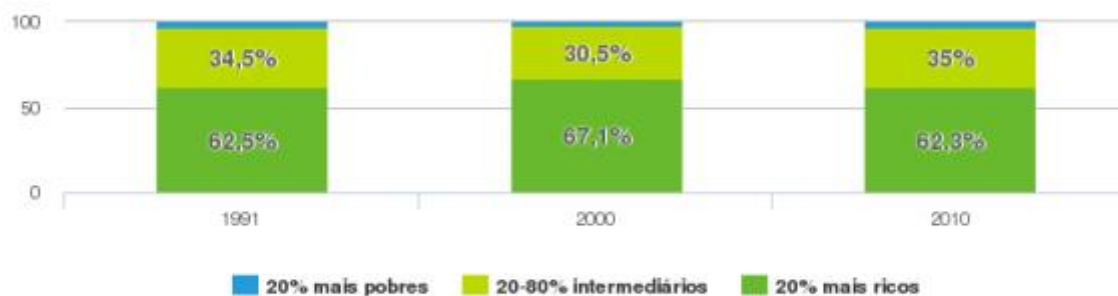




ACABAR COM A FOME E A MISÉRIA



PERCENTUAL DA RENDA APROPRIADA PELOS 20% MAIS POBRES E 20% MAIS RICOS DA POPULAÇÃO - 1991/2000/2010



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

A participação dos 20% mais pobres da população na renda, isto é, o percentual da riqueza produzida no município com que ficam os 20% mais pobres, passou de 3,0%, em 1.991, para 2,7%, em 2.010, aumentando os níveis de desigualdade.

Em 2.010, analisando o oposto, a participação dos 20% mais ricos era de 62,3%, ou 23,3 vezes superior à dos 20% mais pobres.

PROPORÇÃO DE CRIANÇAS MENORES DE 2 ANOS DESNUTRIDAS - 2001-2013



Fonte: SIAB - DATASUS

Em 2.013, o número de crianças menores de 2 anos pesadas pelo Programa Saúde da Família era de 67,5%; destas, 1,3% estavam desnutridas.

No Município, em 2.010, 24,9% das crianças de 0 a 14 anos de idade estavam na condição de pobreza¹, ou seja, viviam em famílias com rendimento *per capita* igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais.

¹ Proporção dos indivíduos com até 14 anos de idade que tem renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais, em reais de agosto de 2010. O universo de indivíduos é limitado àqueles com até 14 anos e que vivem em domicílios particulares permanentes.

META

Meta 2 - Reduzir pela metade, até 2015 a proporção da população que sofre de fome

2001 - 2013

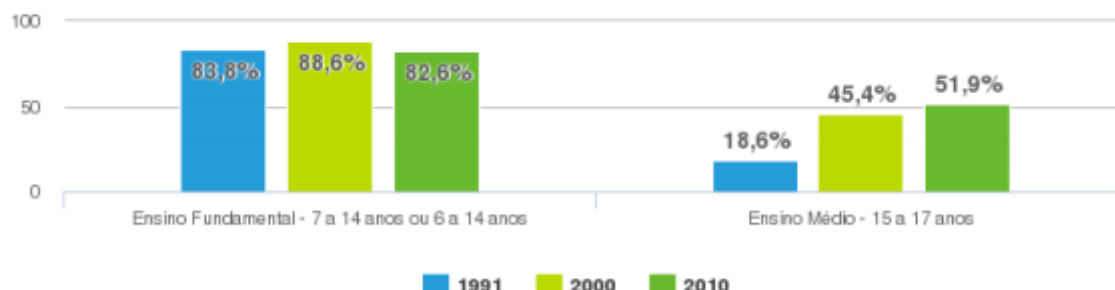




EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE PARA TODOS



TAXA DE FREQUÊNCIA LÍQUIDA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - 1991/2000/2010



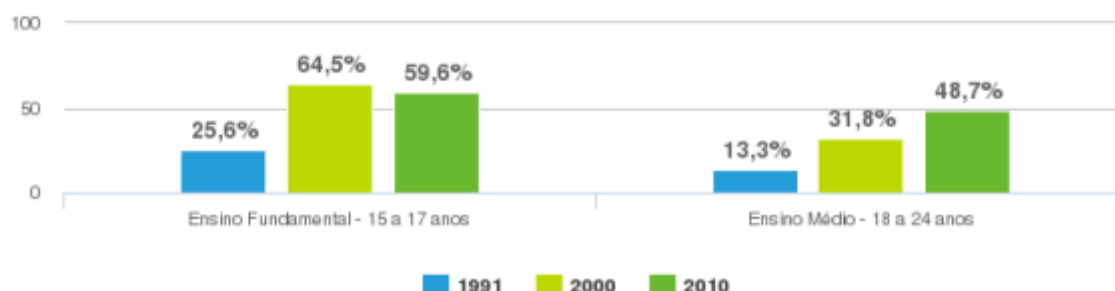
A partir de 2010, considerou-se para o ensino fundamental nove anos de estudos.
Fonte: IBGE - Censo Demográfico

No Município, em 1.991, 16,2% das crianças de 7 a 14 anos não estavam cursando o ensino fundamental.

Em 2.006, o Ministério da Educação, como uma das providências para melhorar a qualidade da educação, estabeleceu a implantação do ensino fundamental de nove anos no País. Assim, passou a ser considerada a faixa etária de 6 a 14 anos para o ensino fundamental; em 2.010, verificou-se que 17,4% destas crianças não estavam na escola.

Nas últimas décadas, a frequência de jovens de 15 a 17 anos no ensino médio melhorou. Mesmo assim, em 2.010, 48,1% estavam fora da escola.

TAXA DE CONCLUSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - 1991/2000/2010



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Apesar de ainda precisarmos avançar em relação à frequência escolar, o maior desafio está na conclusão.

A taxa de conclusão do fundamental, entre jovens de 15 a 17 anos, era de 25,6% em 1.991. Em 2.010, este percentual passou para 59,6%.

Quando analisado o ensino médio, os percentuais de conclusão caem significativamente. Em 1.991, dos jovens de 18 a 24 anos, apenas 13,3% acabavam o ensino médio. Em 2.010, este valor aumenta para 48,7%.

Caso queiramos que em futuro próximo não haja mais analfabetos e que a qualidade da educação melhore, é preciso garantir que todos os jovens cursem o ensino fundamental e sintam-se estimulados a continuar na escola. O percentual de alfabetização de jovens e adolescentes entre 15 e 24 anos, em 2.010, era de 99,1%.

META

Meta 3 - Garantir que, até 2015, todas as crianças, terminem o ensino fundamental

2010



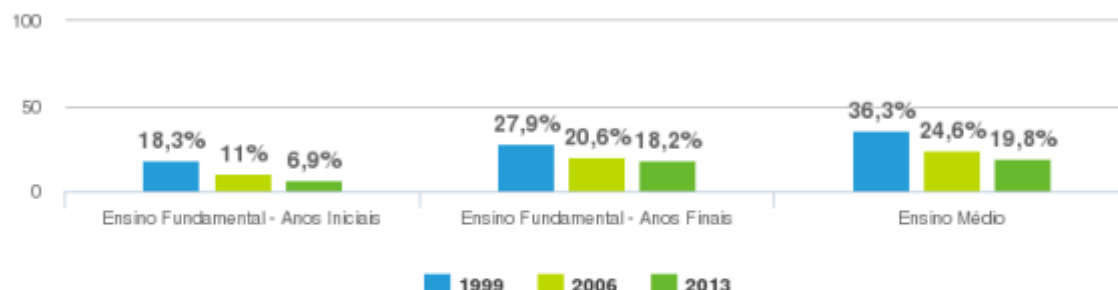


2

EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE PARA TODOS



DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - 1999/2006/2013

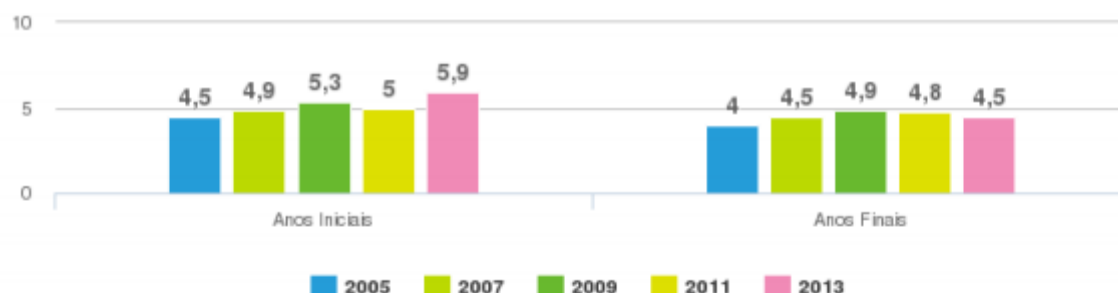


Fonte: Ministério da Educação - INEP

O aluno é considerado em situação de distorção idade-série quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais. Percebe-se que a distorção idade-série eleva-se à medida que se avança nos níveis de ensino.

Em 2013, entre alunos do ensino fundamental, 6,9% estão com idade superior à recomendada nos anos iniciais e 18,2% nos anos finais. A defasagem chega a 19,8% entre os que alcançam o ensino médio.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA - IDEB - 2005/2007/2009/2011/2013



Fonte: Ministério da Educação - IDEB

O IDEB é um índice que combina o rendimento escolar às notas do exame Prova Brasil, aplicado no último ano das séries iniciais e finais do ensino fundamental, podendo variar de 0 a 10.

Este município, em 2013, está na 1.159ª posição, entre os 5.565 municípios do Brasil, quando avaliados os alunos dos anos iniciais, e na 1.549ª, no caso dos alunos dos anos finais. Quando analisada a sua posição entre os 399 Municípios de seu Estado, Palmeira está na 112ª posição nos anos iniciais e na 80ª, nos anos finais.

O IDEB nacional, em 2013, foi de 4,9 para os anos iniciais em escolas públicas e de 4,0 para os anos finais. Nas escolas particulares, as notas médias foram, respectivamente, 6,7 e 5,9.

Ainda considerando o IDEB de 2013, nos anos iniciais, somente 1.158 municípios brasileiros obtiveram nota acima de 6,0; a situação é ainda mais crítica quando se verificam os anos finais: apenas 23 municípios brasileiros conseguiram nota acima de 6,0. Ao analisar apenas os municípios do Estado, 111 deles nos anos iniciais e 1 nos anos finais obtiveram nota igual ou superior a 6,0.

1 Possíveis motivos: 1) Número de participantes na Prova Brasil insuficiente para que os resultados sejam divulgados; 2) Solicitação de não divulgação conforme Portaria Inep nº 410;

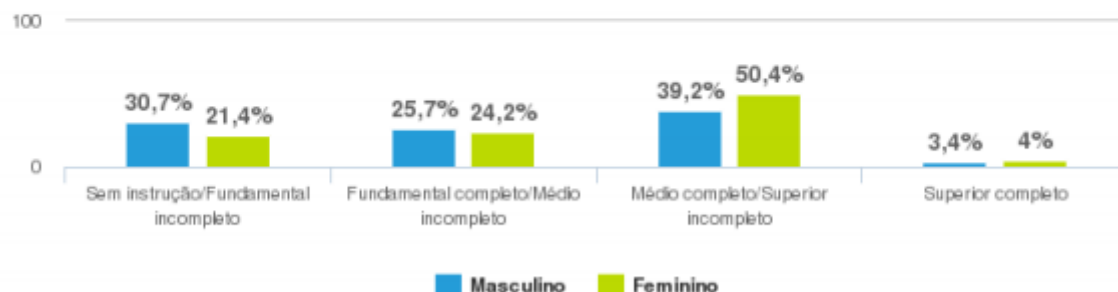
3) Sem média na Prova Brasil 2011.



IGUALDADE ENTRE SEXOS E AVALIAÇÃO DA MULHER



PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 18 A 24 ANOS, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO E SEXO - 2010



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Em 2.010, neste município, o percentual de pessoas de 18 a 24 anos sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, do sexo feminino, era de 21,4% e do sexo masculino 30,7%; com ensino fundamental completo e médio incompleto, 24,2% feminino e 25,7% masculino; ensino médio completo e superior incompleto, 50,4% feminino e 39,2% masculino; com ensino superior completo, 4% feminino e 3,4% masculino.

O gráfico demonstra, também, que as mulheres têm mais anos de estudos que os homens.

A razão entre mulheres e homens alfabetizados na faixa etária de 15 a 24 anos era de 100,8% em 2.010.

META

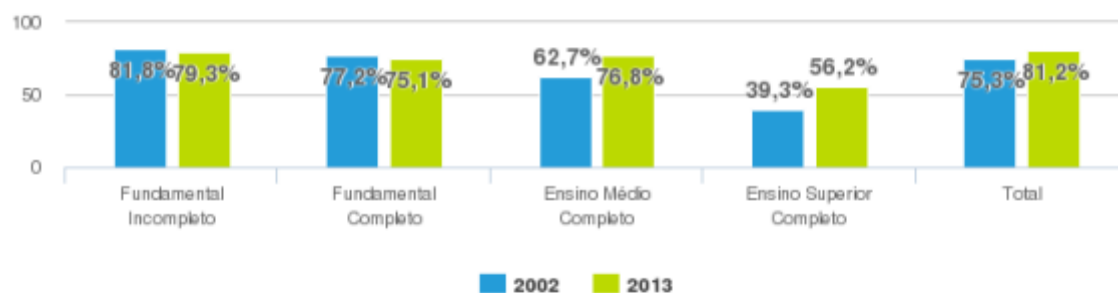
Meta 4 - Eliminar a disparidade entre os sexos no ensino fundamental e médio até 2015

2010



Para a meta ser alcançada, considera-se uma diferença menor que 5% entre os percentuais de pessoas do sexo masculino e feminino, com ensino médio concluído ou mais.

PERCENTUAL DO RENDIMENTO FEMININO EM RELAÇÃO AO MASCULINO SEGUNDO OCUPAÇÃO FORMAL E ESCOLARIZAÇÃO - 2002/2013



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - RAIS

Com relação à inserção no mercado de trabalho, havia menor representação das mulheres.

A participação da mulher no mercado de trabalho formal era de 41,9% em 2.013.

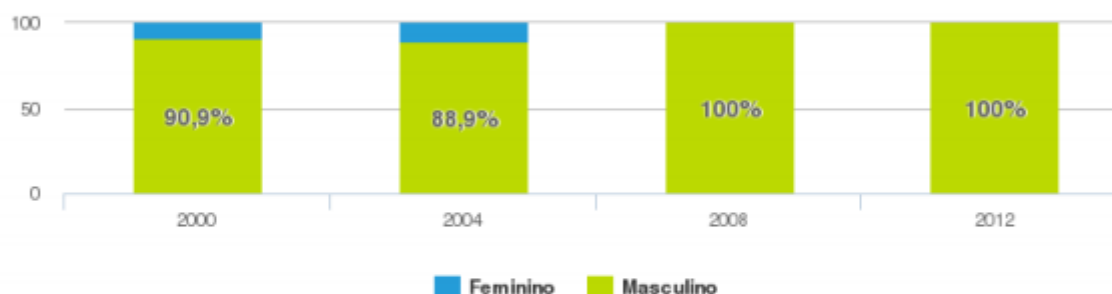
O percentual do rendimento feminino em relação ao masculino era de 81,2% em 2.013, independentemente da escolaridade. Entre os de nível superior, a desigualdade salarial aumenta: o percentual passa para 56,2%.



IGUALDADE ENTRE SEXOS E VALORIZAÇÃO DA MULHER



PERCENTUAL DE VEREADORES ELEITOS, SEGUNDO O GÊNERO - 2000/2004/2008/2012



Fonte: TSE - Tribunal Superior Eleitoral

A participação feminina na política é muito restrita. No município, apenas 32,0% dos candidatos para a Câmara de Vereadores, em 2012, eram mulheres. A proporção de mulheres eleitas para a Câmara de Vereadores no município foi de 0%.

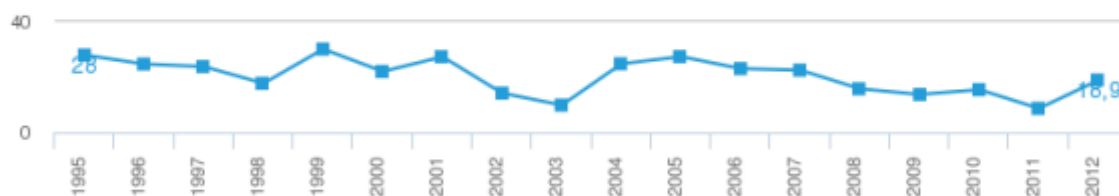


4

REDUZIR A MORTALIDADE INFANTIL



TAXA DE MORTALIDADE DE CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS A CADA MIL NASCIDOS VIVOS - 1995-2012



— Taxa de mortalidade de crianças menores de 5 anos a cada mil nascidos vivos

Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

A taxa de mortalidade de crianças menores de 5 anos, em 1.995, era de 28,0 óbitos a cada mil nascidos vivos; em 2.012, este percentual passou para 19,0 óbitos a cada mil nascidos vivos, representando redução de 32,4% da mortalidade.

O número total de óbitos de crianças menores de 5 anos no município, de 1.995 a 2.012, foi 209.

A taxa de mortalidade de crianças menores de um ano para o Município, estimada a partir dos dados do Censo 2.010, é de 16,0 óbitos a cada mil crianças menores de um ano.

Das crianças até 1 ano de idade, em 2.010, 0,5 % não tinham registro de nascimento em cartório. Este percentual cai para 0,3% entre as crianças até 10 anos.

META

Meta 5 - Reduzir em dois terços, até 2015, a mortalidade de crianças menores de 5 anos

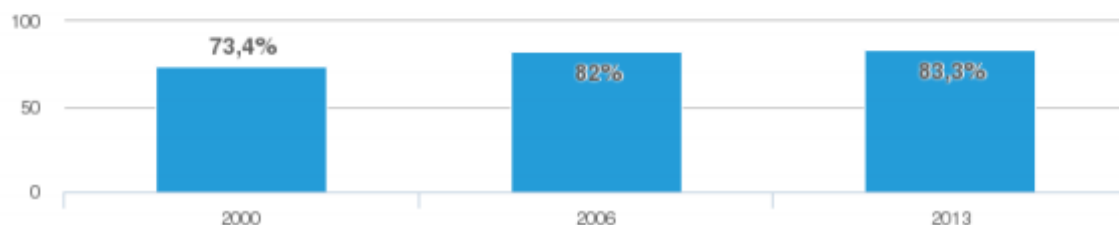
1995 - 2012

48,3%

100%

Meta Alcançado

PERCENTUAL DE CRIANÇAS MENORES DE 1 ANO COM VACINAÇÃO EM DIA - 2000/2006/2013



■ Percentual de crianças menores de 1 ano com vacinação em dia

Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

A imunização é considerada uma das ações que contribuem para a redução da mortalidade infantil. Em 2.013, 83,3% das crianças menores de 1 ano estavam com a carteira de vacinação em dia.

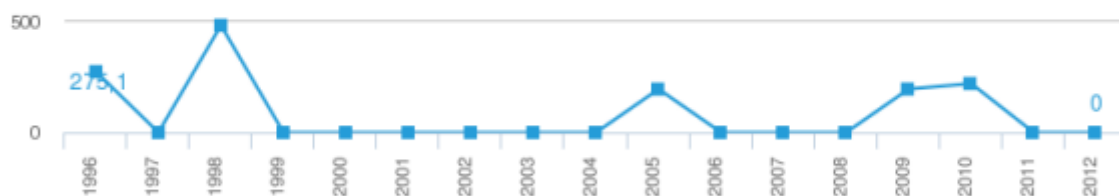


5

MELHORAR A SAÚDE DAS GESTANTES



TAXA DE MORTALIDADE MATERNA A CADA 100 MIL NASCIDOS VIVOS - 1996-2012



— Taxa de mortalidade materna a cada 100 mil nascidos vivos

Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

O número de óbitos maternos no município, de 1.996 a 2.012, foi 8.

A meta do Objetivo 5 refere-se a taxa de mortalidade materna a cada 100 mil nascidos vivos, porém a taxa pode sofrer fortes variações em função do número reduzido de crianças nascidas em alguns municípios. Por isso, o importante ao analisar se esta meta está sendo atingida é verificar o número de óbitos maternos e o número de nascidos vivos e fazer as correlações segundo os critérios de saúde adotados.

A taxa de mortalidade materna máxima recomendada pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS) é de 20 casos a cada 100 mil nascidos vivos. A meta estabelecida para o Brasil é de 35 casos.

No Brasil, em 2011, esse número foi de 55,3; mas devido a subnotificações, estaria próximo de 64,8 óbitos a cada 100 mil nascidos vivos, segundo a estimativa da Rede Interagencial de Informações para a Saúde - RIPSa.

Óbito materno é aquele decorrente de complicações na gestação, geradas pelo aborto, parto ou puerpério (até 42 dias após o parto).

É importante que cada município tenha seu Comitê de Mortalidade Materna, inclusive ajudando no preenchimento da declaração de óbito, para evitar as subnotificações e melhorar o entendimento das principais causas das mortes.

META

Meta 6 - Reduzir em três quartos, até 2015, a taxa de mortalidade materna

1996 - 2012

133,3%

100%

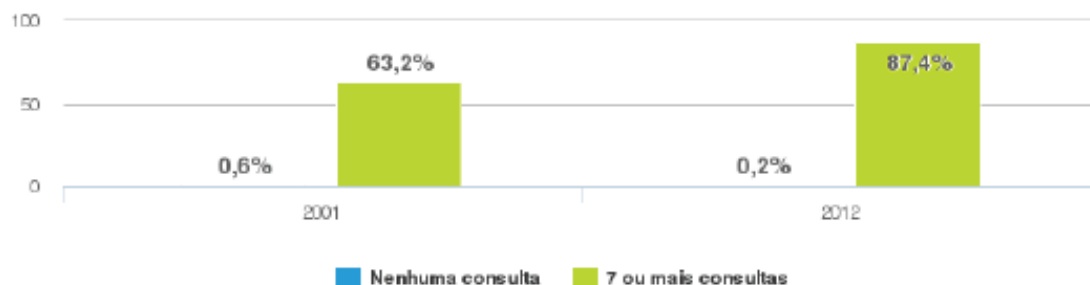
Meta Alcançado



MELHORAR A SAÚDE DAS GESTANTES



PERCENTUAL DE CRIANÇAS NASCIDAS VIVAS POR NÚMERO DE CONSULTAS PRÉ-NATAIS - 2001/2012



Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

O Ministério da Saúde recomenda, no mínimo, seis consultas pré-natais durante a gravidez.

Quanto maior o número de consultas pré-natais, maior a garantia de uma gestação e parto seguros, prevenindo, assim, a saúde da mãe e do bebê.

A proporção de gestantes sem acompanhamento pré-natal, em 2012, neste Município, foi de 0,2%. As gestantes com 7 ou mais consultas representavam 87,4%.

PROPORÇÃO DE CRIANÇAS NASCIDAS VIVAS POR TIPO DE PARTO - 2001-2012



Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

Embora a cesariana seja indicada em alguns casos, o método natural continua sendo o mais seguro para mãe e bebê. Percebe-se que no País são registradas muito mais cesarianas do que os 15% recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Neste Município, em 2012, 57,5% dos partos realizados foram cesarianas e 42,5% normais.

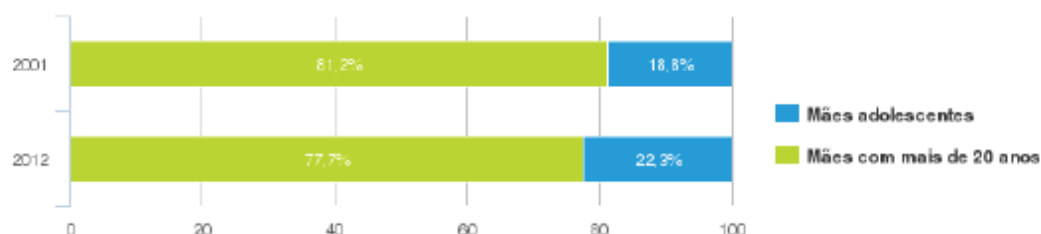
Em 2012, no Município, 99,8% dos nascidos vivos tiveram seus partos assistidos por profissionais qualificados de saúde.



MELHORAR A SAÚDE DAS GESTANTES



PERCENTUAL DE CRIANÇAS NASCIDAS DE MÃES ADOLESCENTES - 2001/2012

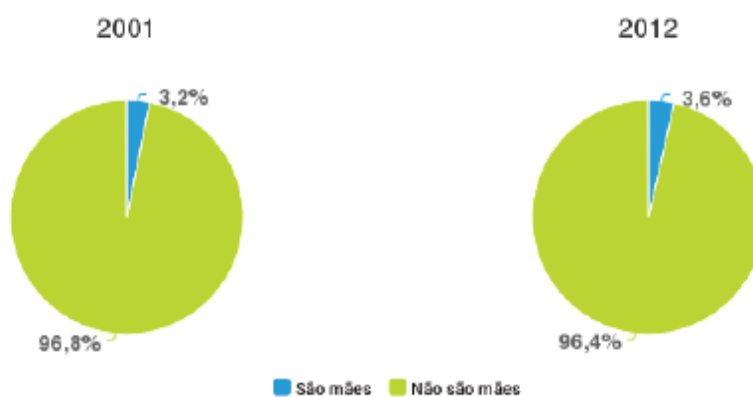


Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

O percentual de mães com idades inferiores a 20 anos é preocupante. Na maioria dos casos, as meninas passam a enfrentar problemas e a assumir responsabilidades para as quais não estão preparadas, com graves consequências para elas mesmas e para a sociedade.

Em 2001, 18,8% das crianças que nasceram no Município eram de mães adolescentes; este percentual passou para 22,3%, em 2012, o que representa 1 a cada 5 nascidos vivos.

PERCENTUAL DA POPULAÇÃO FEMININA DE 10 A 19 ANOS QUE SÃO MÃES - 2001/2012



Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

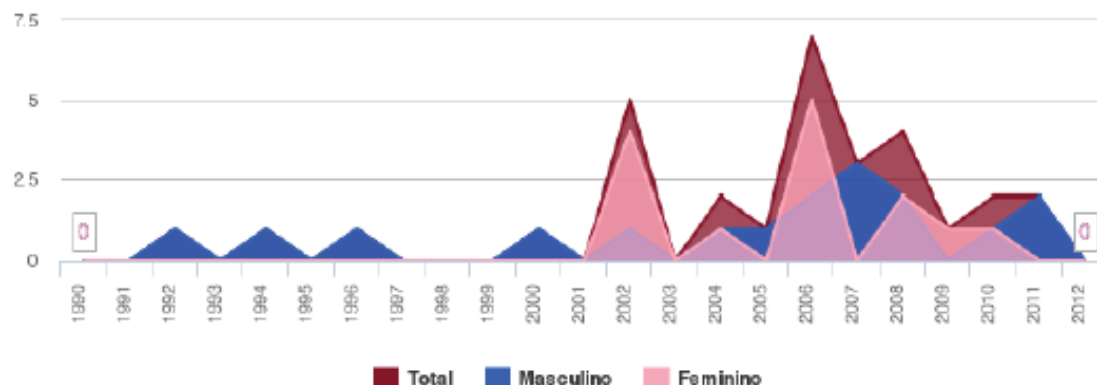
Ao analisar a população de 10 a 19 anos, percebe-se que, neste Município, ocorreu aumento do percentual de adolescentes que são mães.



6 COMBATER A AIDS, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS



NÚMERO DE CASOS DE AIDS REGISTRADOS POR ANO DE DIAGNÓSTICO, SEGUNDO GÊNERO - 1990-2012



Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

O Município teve de 1.990 a 2.012, 31 casos de AIDS diagnosticados; destes, 14 femininos e 17 masculinos.

Entre 1.990 e 2.012, dos 399 municípios do Estado, 376 já apresentaram casos de AIDS. A doença que antes estava restrita aos grandes centros, ganha praticamente todo o território.

No Município, a taxa de incidência, em 2.012, era de 0 casos a cada 100 mil habitantes, e a mortalidade, em 2.012, 0 óbitos a cada 100 mil habitantes.

META

Meta 7 - Até 2015, ter detido e começado a reverter a propagação do HIV/AIDS



Atingiu a meta.

Para a meta ser alcançada, considera-se ter diminuído ou mantido constante o número de casos de AIDS nos três últimos anos.



6 COMBATER A AIDS, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS



NÚMERO DE CASOS DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS POR MOSQUITOS - 2001-2011



Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS

Algumas doenças são transmitidas por insetos, chamados vetores, como as espécies que transmitem malária, febre amarela, leishmaniose, dengue, dentre outras doenças.

No Município, entre 2001 e 2011, houve 6 casos de doenças transmitidas por mosquitos, dentre os quais nenhum caso confirmado de malária, nenhum caso confirmado de febre amarela, 2 casos confirmados de leishmaniose, 6 notificações de dengue.

A taxa de mortalidade associada às doenças transmitidas por mosquitos no Município, em 2012, foi de 0 óbitos a cada 100 mil habitantes.

META

Meta 8 - Até 2015, ter detido e começado a reverter a propagação da malária e de outras doenças



Attingiu a meta.

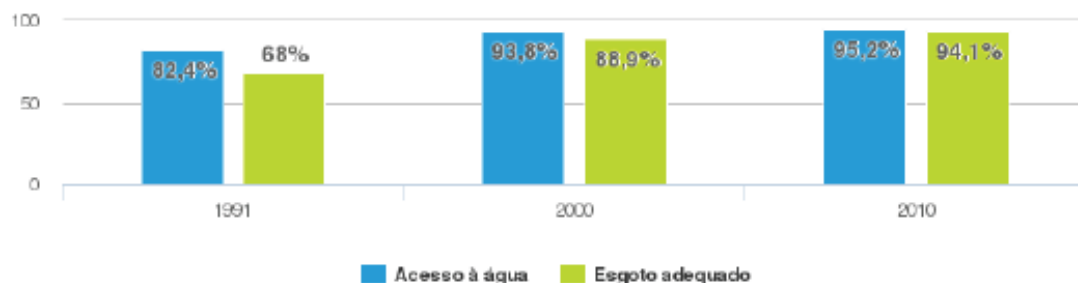
Para a meta ser alcançada, considera-se ter diminuído ou mantido constante o número de casos de doenças transmissíveis por mosquitos nos três últimos anos.



QUALIDADE DE VIDA E RESPEITO AO MEIO AMBIENTE



PERCENTUAL DE MORADORES URBANOS COM ACESSO A ÁGUA LIGADA À REDE E ESGOTO SANITÁRIO ADEQUADO - 1991/2000/2010



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

O abastecimento de água potável, o esgoto sanitário e a coleta de resíduos são alguns serviços que melhoram a qualidade de vida das comunidades.

Neste município, em 1.991, 82,4% dos moradores urbanos tinham acesso à rede de água geral com canalização em pelo menos um cômodo. Em 2.010, esse percentual passou para 95,2%.

Em 1.991, 68,0% dos moradores urbanos tinham acesso à rede de esgoto adequada (rede geral ou fossa séptica), passando para 94,1% em 2.010.

META

Meta 10 - Reduzir à metade, até 2015, a proporção da população sem acesso sustentável à água potável segura

1991 - 2010



Meta 11 - Reduzir pela metade, até 2015, a proporção da população sem acesso a saneamento e serviços essenciais

1991 - 2010

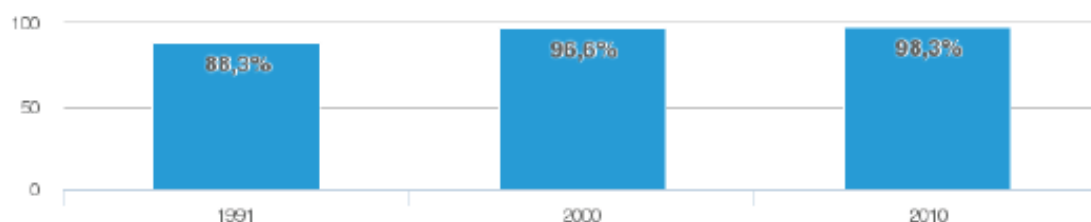




QUALIDADE DE VIDA E RESPEITO AO MEIO AMBIENTE



PERCENTUAL DE MORADORES URBANOS COM SERVIÇO DE COLETA DE RESÍDUOS - 1991/2000/2010



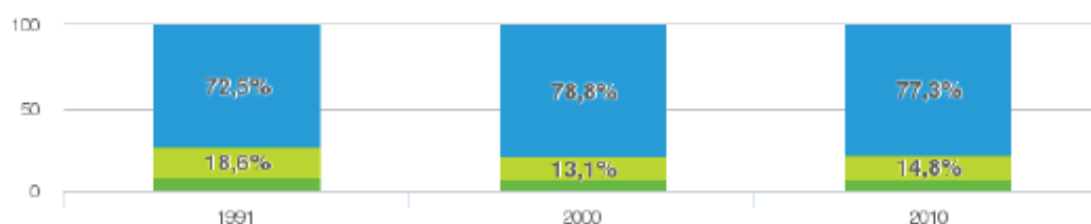
■ Percentual de moradores urbanos com serviço de coleta de resíduos

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Em 1.991, 88,3% dos moradores urbanos contavam com o serviço de coleta de resíduos. Em 2.010, este percentual aumentou para 98,3%.

Em 2.010, 84,9% dos moradores urbanos tinham energia elétrica distribuída pela companhia responsável (uso exclusivo).

PROPORÇÃO DE MORADORES URBANOS SEGUNDO A CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO - 1991/2000/2010



■ Próprio ■ Alugado ■ Cedido ■ Outra condição

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Em 2.010, não havia moradores urbanos vivendo em aglomerados subnormais (favelas e similares).

Para ser considerado proprietário, o residente deve possuir documentação de acordo com as normas legais que garantem esse direito, seja ela de propriedade ou de aluguel. A proporção de moradores, em 2.010, com acesso ao direito de propriedade (própria ou alugada) atingiu 92,2%.

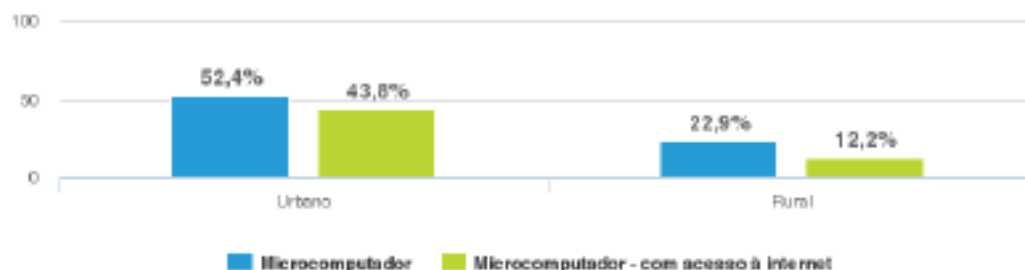


8

TODO MUNDO TRABALHANDO PELO DESENVOLVIMENTO



PROPORÇÃO DE MORADORES COM ACESSO A MICROCOMPUTADOR E INTERNET - 2010



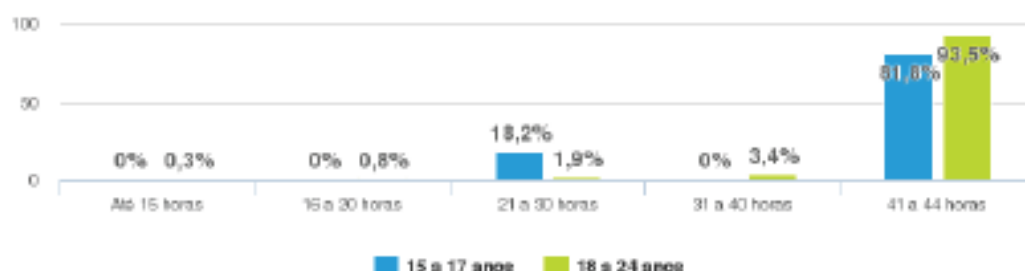
Fonte: IBGE - Censo Demográfico

As desigualdades sociais também se refletem no acesso aos meios de comunicação. Por isso, o Objetivo 8 trata desta questão.

No Município, em 2010, a proporção de moradores urbanos com acesso a microcomputador era de 52,4%; essa proporção diminui para 43,8% se considerado o acesso a microcomputador com internet. No meio rural, 22,9% tinham acesso a microcomputador e 12,2% acesso a microcomputador com internet.

A proporção de moradores com acesso a telefone celular, em 2010, no meio urbano, era de 90,5%; no meio rural, 69,6%.

PERCENTUAL DOS TRABALHADORES FORMAIS COM IDADE DE 15 A 24 ANOS SEGUNDO AS HORAS SEMANAIS TRABALHADAS - 2013



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

Muitos jovens preocupam-se em conciliar estudos e trabalho. Ao analisar os jovens de 15 a 17 anos que estavam trabalhando, percebe-se que, em 2013, 81,8% deles trabalhavam de 41 a 44 horas semanais, o que pode influenciar negativamente nas horas disponíveis aos estudos. Quando analisada a faixa etária de 18 a 24 anos, esse percentual vai para 93,5%.

O rendimento médio mensal dos jovens de 15 a 17 anos era de R\$ 862,1, em 2013, enquanto que entre jovens de 18 a 24 anos o rendimento era de R\$ 1.085,8.